



AS CRÔNICAS VAMPIRESCAS

ANNE RICE

MERRICK

ROCCOJENNIN



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.Info](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



ANNE RICE

MERRICK
CRÔNICAS VAMPIRESCAS — VOLUME VII

Tradução de Waldéa Barcellos
Formatação de LeYtor

A stylized, handwritten-style logo of the word "Rocco" in a bold, cursive script.

Rio de Janeiro — 2000

Neste fascinante romance, Anne Rice, autora das Crônicas Vampirescas e da Saga das Bruxas Mayfair, confirma seu talento para hipnotizar o leitor, em uma narrativa inspirada, criando um mundo de mitos e magia.

Este volume das Crônicas Vampirescas narra a história da bela e invencível Merrick, uma das personagens mais poderosas já criadas pela sagaz mente da autora. Descendentes distantes das Bruxas Mayfair, os antepassados de Merrick pertenceram a *gens de couleur libres*, uma sociedade secular, freqüentada pelos ricos e influentes de Nova Orleans, imersa nas tradições e nos cerimoniais do vodu, unindo, assim, duas raças antagonicas: o francês e o africano, o branco e o negro, o que resulta não apenas em uma miscigenação entre as raças como também em uma forma de poder avassaladora.

A esse reino exótico, chega David Talbot — o herói aventureiro, que, desde sua passagem para o Reino das Trevas, pelas mãos do lendário vampiro Lestat, se encarrega de compilar as histórias dos Filhos da Noite. A pedido de seu velho amigo Louis Pointe du Lac, David recorre a Merrick e a seus poderes aparentemente infinitos na tentativa de trazer Cláudia, a cruel vampira criança, único e eterno amor de Louis, de volta à vida.

A busca pelo espírito de Cláudia e pela própria essência de Merrick nos conduz através da misteriosa e um tanto decadente Nova Orleans do passado e do presente até a selva da Guatemala, passando pelas ruínas Maias e por civilizações ainda não estudadas. Uma viagem eletrizante, conduzida através de uma atmosfera misteriosa, onde a morte e a magia caminham lado a lado.

Anne Rice tece com mórbida maestria um conto que une suas maiores criações: as sombrias Bruxas Mayfair e os trágicos e sensuais Filhos da Noite das Crônicas Vampirescas. Merrick é mais uma obra-prima da autora, que novamente nos convida para uma dança de sedução, morte, sangue e renascimento, provando que o que faz os Seres das Trevas parecerem monstros diante dos mortais não é a sua natureza predatória e, sim, a sua alma demasiadamente humana.

Anne Rice
MERRICK

Título original MERRICK
2000 *by* Anne O'Brien Rice
preparação de originais HENRIQUE DRUMMOND

PARA *Stan Rice*
E *Christopher Rice*
E *Nancy Rice Diamond*

PREÂMBULO



A TALAMASCA

Investigadores do Paranormal

Nós observamos

E estamos sempre presentes.

LONDRES – AMSTERDÃ – ROMA

CHAMO-ME DAVID TALBOT.

Será que algum de vocês se lembram de mim como o superior geral da Talamasca, a Ordem de detetives da paranormalidade cujo lema era “Nós observamos e estamos sempre presentes”?

Esse lema tem seu encanto, não é mesmo?

A Talamasca existe há mais de mil anos.

Não sei como a Ordem teve início. Na realidade, não conheço todos os segredos da Ordem. O que sei mesmo é que passei a maior parte da minha vida mortal a seu serviço.

Foi na casa matriz da Talamasca, na Inglaterra, que o Vampiro Lestat se apresentou diante de mim pela primeira vez. Entrou no meu escritório uma noite de inverno e me pegou totalmente desprevenido.

Aprendi rápido que uma coisa era ler e escrever sobre o sobrenatural e outra, bem diferente, era vê-lo com meus próprios olhos.

Mas isso foi há muito tempo.

Agora estou em outro corpo físico.

E esse corpo físico foi transformado pelo poderoso sangue vampírico de Lestat.

Figuro entre os mais perigosos dentre os vampiros, e sou um dos de maior confiança. Mesmo o arisco Armand me relatou a história da sua vida. Talvez vocês tenham lido a biografia de Armand que eu lancei ao mundo.

Quando aquela história terminou, Lestat havia acordado de um longo sono em Nova Orleans para escutar música belíssima e sedutora.

Foi a música que o embalou levando-o de volta a uma mudez ininterrupta, à medida que se recolhia ainda mais uma vez a um prédio de convento para deitar-se num piso de mármore empoeirado.

Havia naquela ocasião muitos vampiros na cidade de Nova Orleans: vagabundos, moleques, jovens bobos que tinham vindo pelo menos ver de relance Lestat no seu aparente estado indefeso. Eles ameaçavam a população mortal.

Irritavam os mais velhos de nós que queriam a invisibilidade e o direito de caçar em paz. Agora todos esses invasores se foram.

Alguns foram destruídos; outros, apenas afugentados. E os mais velhos, que vieram oferecer algum lenitivo ao Lestat adormecido, também seguiram cada um seu caminho.

No momento em que começa esta história, restam somente três de nós em Nova Orleans. E nós três somos o adormecido Lestat e suas duas crias fiéis — Louis de Pointe du Lac e eu, David Talbot, autor deste relato.

CAPÍTULO 1



— POR QUE ME PEDE PARA FAZER ISSO?

Estava sentada diante de mim à mesa de mármore, de costas para as portas abertas do café.

Eu lhe parecia um prodígio. Mas minha solicitação a deixara perturbada. Não mais olhava para mim com espanto, mas mergulhava o olhar nos meus olhos.

Era alta e a vida inteira havia mantido longo e solto o cabelo castanho-escuro, preso apenas por uma fivela de couro, como a que usava agora, que segurava apenas os cachos puxados para trás de modo que lhe caíssem livres pelas costas. Usava argolas de ouro nos pequenos lóbulos das orelhas, e sua roupa de verão, branca e macia, tinha algo de cigano, talvez pela faixa vermelha atada à cintura da saia rodada de algodão.

— E fazer uma coisa dessas para uma criatura dessas? — perguntou em tom afetuosamente, sem raiva de mim. Não, mas tão abalada que não conseguia disfarçar, nem mesmo com sua voz suave, irresistível. — Invocar um espírito que pode estar cheio de ira e desejo de vingança, fazer isso, você está me pedindo... para Louis de Pointe du Lac, alguém que já está ele próprio fora desta vida?

— A quem mais eu posso recorrer, Merrick? — respondi. — Quem mais faria uma coisa dessas? — Pronunciei seu nome com simplicidade, ao estilo americano, muito embora anos atrás, quando nos conhecemos, ela o soletrasse Merrique e o pronunciasse com o leve sotaque do seu antigo francês.

Ouviu-se um ruído forte da porta da cozinha, o rangido de dobradiças sem manutenção. Um garçom espectral, de avental sujo, surgiu ao nosso lado, arrastando os pés nas lajes empoeiradas do piso.

— Rum — disse ela. — St. James. Traga uma garrafa.

Ele murmurou algo que eu, mesmo com minha audição vampírica, não me dei ao trabalho de ouvir. E lá se foi, arrastando os pés, deixando-nos a sós na sala mal iluminada, com suas altas portas abertas para a Rue St. Anne.

Era pura Nova Orleans, o pequeno estabelecimento. Ventiladores de teto giravam preguiçosos, e o piso não havia sido limpo nos últimos cem anos.

O crepúsculo ia desbotando lentamente, o ar impregnado com as fragrâncias do Quarter e o encanto da primavera. Que delicado milagre que ela tivesse escolhido um lugar como aquele e que, de forma tão estranha, estivesse vazio num entardecer tão divino.

Seu olhar era firme, mas sem nunca deixar de ser carinhoso.

— Quer dizer que Louis de Pointe du Lac agora quer ver um espírito — disse ela, ensimesmada —, como se seu sofrimento ainda não lhe bastasse.

Não só suas palavras eram compreensivas, mas todo o seu tom baixo e discreto. Ela sentia pena dele.

— Ah, é mesmo — disse ela, sem permitir que eu falasse. — Sinto pena dele e sei como é forte seu desejo de ver o rosto dessa criança vampiro morta que ele amava tanto. — Ergueu as sobrancelhas, pensativa. — Você me vem com nomes que são quase lendas. Sai do segredo, sai de um milagre, chega perto e vem com um pedido.

— Se não for lhe causar mal, Merrick, faça o que peço — disse eu. — Não estou aqui para prejudicá-la. Deus me livre. Sem dúvida, isso você sabe.

— E o que dizer do mal que possa se abater sobre Louis? — perguntou ela, pronunciando as palavras pausadamente enquanto refletia. — Um espírito pode dizer coisas horribéis a quem o chama; e esse é o espírito de uma criança monstro cuja morte foi violenta. O que você pede é terrível e tem enorme potencial.

Fiz que sim. Tudo o que ela dizia era verdade.

— Louis é um ser dominado por uma obsessão — disse eu. — Sua obsessão levou anos para erradicar toda a razão. Agora ele não pensa em mais nada.

— E se eu realmente a trouxer do mundo dos mortos? Você acha que haverá uma solução para a dor de um ou do outro?

— Não tenho essa esperança. Realmente não sei. Mas qualquer coisa é preferível à dor pela qual Louis está passando agora. É claro que eu não tenho nenhum direito de lhe pedir uma coisa dessas, nenhum direito sequer de recorrer a você.

“E no entanto estamos todos enredados: a Talamasca, Louis e eu. E o vampiro Lestat também. Foi do mais íntimo da Talamasca que Louis de Pointe du Lac ouviu uma história sobre o espírito de Claudia. Foi a um dos nossos membros, a uma mulher chamada Jesse Reeves — você a encontrará nos arquivos mortos — que esse espírito de Claudia supostamente apareceu pela primeira vez.”

— Conheço a história — disse Merrick. — Aconteceu na Rue Royale. Vocês enviaram Jesse Reeves para investigar os vampiros. E Jesse Reeves retornou com um punhado de tesouros que eram prova bastante de que uma criança chamada Claudia, uma menina imortal, tinha um dia morado no apartamento.

— Exato — respondi. — Foi um erro mandar Jesse. Jesse era muito nova. Jesse nunca foi... — Eu estava com dificuldades para terminar a frase. — Jesse nunca chegou a ter a inteligência que você tem.

— As pessoas lêem isso nas histórias publicadas sobre Lestat e acham que é fantasia — disse ela, refletindo, pensativa — toda aquela história de diário, rosário, não é mesmo? E uma boneca antiga. E esses objetos estão conosco, não estão? Estão nos cofres na Inglaterra. Naquela época, não tínhamos uma casa matriz na Louisiana. Foi você mesmo quem os guardou no cofre.

— Você vai poder fazer? — perguntei. — Você se dispõe? Essa é a

verdadeira questão. Sei sem a menor dúvida que você pode.

Ela não estava pronta para responder. Mas ela e eu tínhamos tido um começo promissor ali.

Ai, como eu tinha sentido sua falta! Entabular conversa com ela estava sendo uma tortura maior do que eu jamais imaginara. E com prazer eu me deliciava com as mudanças nela: que seu sotaque francês agora tinha desaparecido totalmente, que ela parecia quase britânica, e isso por seus longos anos de estudo no exterior. Alguns desses anos, havia passado na Inglaterra comigo.

— Você sabe que Louis a viu — disse eu, baixinho. — Sabe que ele me enviou para fazer o pedido. Sabe que ele percebeu seus poderes pelo aviso que vislumbrou nos seus olhos?

Ela não respondeu.

— “Vi uma bruxa de verdade”, disse ele quando me procurou. “Ela não teve medo de mim. Disse que invocaria os mortos para se defender se eu não a deixasse em paz.”

Ela fez que sim, encarando-me com expressão extremamente séria.

— É, isso tudo é verdade — respondeu entre dentes. — Ele cruzou meu caminho, por assim dizer. — Ela estava meditando sobre o assunto. — Mas já vi Louis de Pointe du Lac muitas vezes. Eu era criança quando o vi pela primeira vez, e agora você e eu tocamos nesse assunto pela primeira vez.

Meu assombro foi total. Eu deveria ter imaginado que ela me surpreenderia de imediato.

Minha admiração por ela era imensa, e eu não conseguia disfarçá-la. Eu adorava a simplicidade da sua aparência, sua blusa branca de algodão, de decote redondo e mangas curtas e simples, e o colar de contas negras no pescoço.

Contemplando seus olhos verdes, de repente enchi-me de vergonha pelo que tinha feito, ao me revelar a ela. Louis não me forcara a abordá-la. Isso eu tinha feito por minha própria conta. Mas não pretendo começar esta narrativa detendo-me nessa vergonha.

Digo apenas que juntos fomos mais do que meros colegas na Talamasca. Éramos mentor e aluna, eu e ela, e quase amantes, há muito tempo, por um curto período. Um período bem curto.

Ela nos chegara menina, uma descendente aleatória do clã Mayfair, originária de uma ramificação afro-americana daquela família, proveniente de bruxos brancos que mal conhecia, uma oitavona de beleza excepcional, menina descalça quando foi entrando na casa matriz na Louisiana, e disse: “Ouvi falar de vocês, preciso de vocês. Eu vejo coisas. Consigo falar com os mortos.”

Isso acontecera havia mais de vinte anos, ao que me parecia agora.

Eu era o superior geral da Ordem, acomodado na vida de um administrador distinto, com todos os confortos e inconvenientes da rotina. Um telefonema me acordara à noite. Era do meu amigo e colega de estudos, Aaron Lightner.

— David — disse ele —, você precisa vir até aqui. Estou falando de algo genuíno. Trata-se de uma bruxa com tantos poderes que não tenho palavras para descrever. David, você precisa vir...

Naquela época não havia ninguém por quem eu sentisse um respeito mais profundo que por Aaron Lightner. Em todos os meus anos de vida, tanto como humano quanto como vampiro, amei três criaturas. Aaron Lightner foi uma delas. Outra era, e é, o Vampiro Lestat. O Vampiro Lestat trouxe-me milagres com seu amor, e destruiu para sempre minha vida mortal. O Vampiro Lestat tornou-me imortal e extraordinariamente forte, sem par entre os vampiros.

Quanto à terceira, foi Merrick Mayfair, embora Merrick tenha sido a que eu me esforcei ao máximo para esquecer.

Mas estamos falando de Aaron, meu velho amigo Aaron, com seu cabelo branco e ondulado, os olhos cinzentos e perspicazes, e sua queda por ternos sulistas de tecido *seersucker* listrado de azul e branco. Estamos falando dela, daquela menina Merrick do passado, que parecia tão exótica quanto a exuberante flora e fauna tropical da sua terra.

— Muito bem, meu camarada, vou até aí, mas isso não poderia ter esperado até amanhecer? — Lembrei-me da minha atitude pesadona e do riso bem-humorado de Aaron.

— David, o que houve com você, meu amigo? — respondeu ele. — Não me diga o que está fazendo agora, David. Deixe-me lhe dizer. Você adormeceu enquanto lia algum livro do século XIX sobre fantasmas, algo cheio de evocações e reconfortante. Deixe-me adivinhar. A autora é Sabine Baring-Gould. Você não sai da casa matriz há uns seis meses, certo? Nem mesmo para um almoço na cidade. Não negue, David. Você vive como se sua vida tivesse terminado.

Eu ri. Aaron falava com um tom muito delicado. Não era Sabine Baring-Gould que eu estava lendo, mas poderia ter sido. Acho que era algum conto sobre o sobrenatural de Algernon Blackwood. E Aaron havia acertado o período em que eu não pusera os pés fora dos nossos muros santificados.

— E sua paixão, David, onde está? Sua dedicação? — Insistira Aaron. — David, a menina é uma bruxa. Você acha que eu uso uma palavra dessas com levandade? Esqueça o nome da família por um instante, e tudo que sabemos sobre eles. Isso aqui é algo que deixaria estarrecidos mesmo os membros da família Mayfair que conhecemos, apesar de que eles nunca terão conhecimento da existência dela se minha opinião for ouvida. David, essa menina invoca espíritos. Abra sua Bíblia no Livro de Samuel. Essa é a Pitonisa de Endor. E você está tão irritado quanto o espírito de Samuel quando a pitonisa o despertou do seu sono. Levante-se e atravesse o Atlântico. Estou precisando de você aqui agora.

A Pitonisa de Endor. Eu não precisava consultar minha Bíblia. Todos os membros da Talamasca conheciam muito bem aquela história.

O rei Saul, com medo do poderio dos filisteus, antes da batalha temida, recorre a “uma mulher com um espírito” e pede que ela desperte dos mortos Samuel, o profeta. “Por que me inquietaste, fazendo-me vir cá?”, pergunta o espectro do profeta, e sem mais delongas prevê que o rei Saul e seus dois filhos virão ter com ele na morte no dia seguinte.

A Pitonisa de Endor. E assim eu tinha sempre pensado em Merrick, por mais íntimo que me tornasse dela mais tarde. Ela era Merrick Mayfair, a

Pitonisa de Endor. Às vezes eu me dirigia a ela desse modo em memorandos semi-oficiais e com frequência em recados curtos.

No início, ela havia sido um delicado assombro. Eu cumprira o pedido de Aaron e fizera as malas para voar até a Louisiana e pôr os pés pela primeira vez em Oak Haven, a esplêndida sede da fazenda que se tornara nosso refúgio nas proximidades de Nova Orleans, na antiga estrada do rio.

Como tudo havia parecido um sonho. No avião, li meu Velho Testamento. Os filhos do rei Saul foram mortos em combate. Saul caiu sobre a própria espada. Será que eu era supersticioso no final das contas? Dedicara minha vida à Talamasca, mas mesmo antes de começar meu aprendizado já tinha visto e dado ordens a espíritos por mim mesmo. Não eram fantasmas, vejam bem. Eram anônimos, jamais corpóreos, e para mim estavam entrelaçados com os nomes e rituais da magia do candomblé brasileiro, no qual eu havia mergulhado de modo tão imprudente na minha juventude.

No entanto, eu havia deixado aquele poder arrefecer dentro de mim à medida que o estudo e a devoção a outros me faziam mais exigências. Abandonara os mistérios do Brasil pelo mundo igualmente assombroso de arquivos, relíquias, bibliotecas, organização e orientação de estudos, atraindo outros a uma reverência empoeirada pelos nossos métodos e nossos costumes meticulosos. A Talamasca era muito grande, muito antiga, muito amorosa no seu abraço. Nem mesmo Aaron tinha idéia alguma dos meus antigos poderes, não naquela época, embora muitas mentes fossem abertas à sua sensibilidade paranormal. Eu discerniria perfeitamente a natureza da menina.

Tinha chovido quando chegamos à casa matriz, com nosso carro mergulhando na longa avenida de carvalhos gigantes que levava da estrada do dique até as imensas portas duplas. Como aquele mundo era verde mesmo na escuridão, com ramos retorcidos de carvalhos inclinando-se pelo capim alto adentro. Creio que as grandes tiras cinzentas de barba-de-velho tocavam o teto do automóvel.

Disseram-me que a energia elétrica tinha acabado naquela noite, com a tempestade.

— Tem seu encanto — dissera Aaron ao me cumprimentar. Naquela época, ele já tinha a cabeça branca, o perfeito senhor de idade, sempre de bom humor, quase meigo. — Permitte que a gente veja as coisas como eram nos velhos tempos, você não acha?

Somente lâmpões de óleo e velas iluminavam os grandes aposentos quadrados. Eu tinha visto o bruxuleio na bandeira acima da porta de entrada à medida que nos aproximávamos. Lanternas dançavam ao vento nas varandas profundas, que envolviam o casarão quadrado no térreo e no primeiro andar.

Antes de entrar, demorei-me, sem me importar com a chuva, para examinar essa maravilhosa mansão tropical, impressionado com suas colunas simples. Outrora, havia canaviais por quilômetros em toda a sua volta. Lá atrás, depois dos canteiros de flores, ainda ligeiramente coloridos no temporal, havia anexos maltratados pelo tempo, onde um dia viveram escravos.

Ela desceu descalça para me conhecer, num vestido lilás estampado com flores cor-de-rosa, com quase nada de bruxa.

Seus olhos não poderiam ter sido mais misteriosos mesmo que ela tivesse usado o *kohl* de uma princesa hindu para lhes realçar a cor. Via-se o verde da

iris, o círculo escuro em torno, bem como a pupila negra no centro. Um olho maravilhoso, ainda mais intenso em contraste com a pele sedosa, de um leve bronzeado. O cabelo tinha sido penteado para trás a partir da testa, e as mãos esguias estavam apenas relaxadas de cada lado do corpo. Como parecia estar à vontade naqueles primeiros momentos.

— David Talbot — disse-me ela em tom quase formal. Fiquei encantado com a confiança em sua voz delicada.

Não conseguiam lhe tirar o hábito de andar descalça. Era uma terrível tentação, aqueles pés descalços no tapete de lã. Pensei que tivesse sido criada no campo, mas não, disseram, tinha sido só numa região velha e decrépita de Nova Orleans, onde não havia mais calçadas, as casas destruídas pelas intempéries estavam abandonadas, e a venenosa espiroleira floria e crescia do tamanho de árvores.

Tinha morado lá com sua madrinha, Grande Nananne, a bruxa que lhe ensinara tudo o que sabia. Sua mãe, uma poderosa vidente, que conheci apenas pelo misterioso nome de Sandra Gelada, tinha sido apaixonada por um explorador. Não havia nenhuma lembrança de um pai. Nunca freqüentara uma escola de verdade.

— Merrick Mayfair — disse eu, com carinho, dando-lhe um abraço. Era alta para os catorze anos, com seios primorosos, ao natural, sob o vestido solto de algodão, e o cabelo macio e seco caía solto pelas costas. Poderia ter sido uma beldade espanhola aos olhos de qualquer um de fora dessa parte absurda do sul, na qual a história dos escravos e seus descendentes livres era repleta de alianças complexas e romances eróticos. Mas qualquer pessoa natural de Nova Orleans poderia perceber o sangue africano no adorável *café au lait* da sua pele.

Dito e feito. Quando servi o leite no forte café de chicória que me deram, entendi aquela expressão.

— Toda a minha gente é de cor — disse ela, com o francês na voz naquela época. — Os que conseguem se passar por brancos vão embora, para o norte. É assim desde sempre. Eles não querem que Grande Nananne lhes faça visitas. Não querem que ninguém saiba. Eu poderia me passar por branca. Mas e a família? E tudo o que herdamos? Eu nunca abandonaria Grande Nananne. Vim aqui porque ela mandou.

Tinha uma postura sedutora ali sentada, na enorme *bergère* de couro vinho, com a tentação de uma finíssima pulseira de ouro em volta do tornozelo e outra, com uma pequena cruz cravejada de diamantes, no pescoço.

— Estão vendo esses retratos? — disse, em tom cativante. Estavam numa caixa de sapatos que ela pusera no colo. — Não há bruxaria nenhuma neles. Podem olhar à vontade.

Ela os dispôs sobre a mesa para mim, daguerreótipos — fotografias extremamente nítidas em vidro, cada uma encaixada num pequeno porta-retratos esfarelado de guta-percha, com uma pesada decoração em relevo de guirlandas de flores ou folhagem de parreira, muitos dos quais podiam ser dobrados e fechados como livrinhos.

— São da década de 1840 — disse ela — e todos eles são nossa gente. Um dos nossos tirou esses retratos. Era conhecido por tirar retratos. Eles o adoravam.

Ele deixou algumas histórias, e eu sei onde elas estão. Estão todas escritas numa bela caligrafia. Numa caixa no sótão da casa de Grande Nananne.

Tinha avançado para a beira da poltrona, com os joelhos saindo pela bainha acanhada. A cabeleira formava uma grande massa de sombras às suas costas. O contorno do couro cabeludo era uma linha perfeita, e sua testa era lisa e linda. Embora a noite estivesse apenas fresca, a lareira estava acesa, e o ambiente da sala, com suas prateleiras de livros e uma ou outra escultura grega, estava perfumado e agradável, propício a um encantamento.

Aaron a estivera observando com orgulho, embora cheio de preocupação.

— Estão vendo, essa é a minha gente dos velhos tempos. — Ela poderia estar dispozo as cartas de um baralho. Era lindo o lampejo das sombras no seu rosto oval e nos mlares fortes. — Vejam só, eles se mantiveram unidos. Mas como eu disse, os que puderam se foram há muito tempo. E renunciaram a tudo isso, imaginem só, todo esse passado. Estão vendo essa aqui? Examinei o pequeno retrato, que reluzia à luz do lampião.

— Essa é Lucy Nancy Marie Mayfair. Era filha de um homem branco, mas nunca soubemos muito a respeito dele. O tempo todo, seriam homens brancos. Sempre homens brancos. O que essas mulheres fizeram pelos homens brancos. Minha mãe foi à América do Sul com um homem branco. En fui junto. E me lembro da selva. — Será que ela havia hesitado, tendo captado algo dos meus pensamentos, talvez, ou teria sido apenas minha expressão abobalhada de adoração?

Eu nunca me esqueceria dos meus próprios anos de juventude em exploração no Amazonas. Imagino que não quisesse me esquecer deles, embora nada me conferisse uma consciência mais dolorosa da velhice do que pensar naquelas aventuras com arma e máquina fotográfica, vividas na metade de baixo do mundo. Naquela ocasião, não me passou pela cabeça que eu fosse retornar a selvas inexploradas na companhia dela.

Voltei a fixar o olhar naqueles velhos daguerreótipos de vidro. Nenhum entre todos esses indivíduos parecia nada menos que rico — cartolas e saias rodadas de tafetá tendo como pano de fundo no estúdio cortinas e plantas exuberantes. Via-se aqui uma jovem linda como Merrick era agora, sentada tão ereta e empertigada numa cadeira gótica de espaldar alto. Como explicar os sinais extraordinariamente claros de sangue africano em tantos deles? Em alguns parecia não ser mais que um brilho raro no olhar em contraste com um rosto caucasiano amorenado. No entanto, estava lá.

— Essa aqui é a mais velha — disse ela. — Angélique Marybelle Mayfair. — Uma mulher majestosa, com o cabelo escuro repartido no meio, um xale florido a lhe cobrir os ombros e mangas bufantes. Segurava nos dedos um par de óculos quase invisíveis e um leque fechado.

— É o retrato mais antigo e melhor que eu tenho. Era uma bruxa secreta, pelo que me disseram. Tem bruxas secretas e bruxas que as pessoas procuram. Ela era das secretas, mas era inteligente. Dizem que foi amante de um Mayfair branco que morava no Garden District, e que ele era seu próprio sobrinho, de sangue. Eu descendo dela e dele. Oncle Julien, era como se chamava. Ele deixava os primos de cor o chamarem de Oncle Julien, em vez de Monsieur

Julien, como outros homens brancos poderiam ter preferido.

Aaron ficou tenso, mas procurou disfarçar. Talvez conseguisse ocultar dela a reação, mas não de mim.

Quer dizer que ele não lhe disse nada a respeito daquela perigosa família Mayfair. Não tocaram nesse assunto — os temíveis Mayfair do Garden District, uma tribo dotada de poderes sobrenaturais, que ele vinha investigando havia anos. Nossos arquivos sobre a família Mayfair remontavam a séculos. Membros da nossa Ordem tinham morrido pelas mãos dos Bruxos Mayfair, como costumávamos chamá-los. Mas essa criança não deveria tomar conhecimento deles por meio de nós. Disso me dei conta de repente, pelo menos não enquanto Aaron não tivesse certeza de que uma intervenção dessa natureza seria benéfica a ambas as partes e não causaria nenhum mal.

O que houve foi que essa hora nunca chegou. A vida de Merrick foi totalmente isolada da vida da família Mayfair branca. Não há nada da história deles nestas páginas que escrevo agora.

No entanto, naquela noite distante, Aaron e eu fizemos um esforço tremendo para esvaziar nossa mente diante da bruxinha, ali sentada à nossa frente.

Não me lembro se Merrick olhou ou não de relance para nós antes de prosseguir.

— Agora mesmo alguns Mayfair moram naquela casa do Garden District — disse ela em tom des preocupado —, gente branca, que nunca teve muito a ver conosco, a não ser por meio dos advogados deles. — Como era sofisticado esse seu risinho, do jeito que as pessoas riem quando falam de advogados.

— Os advogados chegavam da cidade trazendo dinheiro — disse ela, abanando a cabeça. — E alguns desses advogados também tinham o sobrenome Mayfair. Os advogados mandaram Angelique Marybelle Mayfair para o norte para uma boa escola, mas ela voltou para casa, para viver e morrer aqui. Eu nunca iria procurar aqueles brancos. — O comentário tinha sido quase arrogante. Ela prosseguiu.

— Mas Grande Nananne fala de Oncle Julien como se ele ainda estivesse vivo. E quando eu era criança todo o mundo dizia que Oncle Julien era uma boa pessoa. Parece que ele conhecia todos os parentes de cor, e diziam que ele podia matar os próprios inimigos ou os de outra pessoa só com o olhar. Era um *houng'an* como só ele. Com o tempo, vou ter mais a dizer sobre ele.

Ela olhou inesperadamente para Aaron, e eu o vi afastar o olhar quase com timidez. Ainda me pergunto se ela previa o futuro — que o Arquivo da Talamasca sobre os Bruxos Mayfair tralaria a vida de Aaron com a mesma certeza que o Vampiro Lestat trouxe a minha.

Eu me perguntava qual era sua opinião sobre a morte de Aaron mesmo agora, enquanto estávamos sentados à mesa do café, e eu falava baixinho com a mulher bela e segura que a menina se tornara.

O garçom velho e debilitado trouxe-lhe a garrafa de rum pedida, o St. James da Martinica, escuro. Senti o perfume forte enquanto ela enchia o copinho pesado, octogonal. Fui invadido por lembranças. Não do início com ela, mas de outras ocasiões.

Ela bebeu exatamente como eu sabia que beberia, do jeito que eu me lembrava, como se não fosse nada mais do que água. O garçom voltou para seu esconderijo, arrastando os pés. Ela ergueu a garrafa antes que eu o fizesse para ela, e voltou a encher o copo.

Vi que passava a língua pela parte interna dos lábios. Vi que seus olhos grandes e penetrantes voltavam a me encarar.

— Você se lembra de beber rum comigo? — perguntou, quase sorrindo, mas ainda não. Estava tensa demais, alerta demais para sorrir, por enquanto. — Você se lembra? Estou falando daquelas poucas noites na selva. Ah, como você tem razão quando diz que o vampiro é um monstro humano. Você ainda é tão humano. Dá para perceber na sua expressão. Nos seus gestos. Quanto ao corpo, ele é totalmente humano. Não há um sinal...

— Há sinais — disse eu, discordando dela. — E com o passar do tempo, você os verá. Vai se sentir constrangida, depois temerosa e acabará se acostumando. Pode acreditar em mim, eu sei.

Ela ergueu as sobrancelhas e então aceitou o que eu disse. Tomou mais um gole, e eu imaginei como era delicioso para ela. Eu sabia que ela não bebia todos os dias e que, quando de fato bebia, gostava muito mesmo.

— Tantas lembranças, bela Merrick — murmurei. Parecia essencial que eu não cedesse a elas, que eu me concentrasse naquelas recordações que com mais certeza venerassem sua inocência e me lembrassem uma confiança sagrada.

Até o final da vida, Aaron sempre sentira total admiração por ela, embora raramente falasse nisso comigo. O que ela teria descoberto sobre o trágico acidente com fuga que tinha apanhado Aaron de surpresa? Naquela época eu já tinha saído da Talamasca, da preocupação de Aaron e da vida.

E imaginar que tivéssemos levado uma vida tão longa como estudiosos, Aaron e eu. Deveríamos estar fora do alcance de todo e qualquer infortúnio. Quem teria sonhado que nossas pesquisas nos enredariam e, de modo tão dramático, desviariam nosso destino da dedicação daqueles longos anos de lealdade? Mas o mesmo não tinha acontecido com outro membro fiel da Talamasca, minha querida aluna Jesse Reeves?

Naquela época, quando Merrick era a menina sensual e eu, o estupefato superior geral, eu não pensava que os poucos anos que me restavam reservassem qualquer surpresa de importância.

Por que eu não havia aprendido com a história de Jesse? Jesse Reeves tinha sido minha aluna ainda com maior confiança do que Merrick jamais se tornaria, e os vampiros tragaram Jesse por inteiro.

Com enorme dedicação, Jesse me enviara uma última carta, coalhada de eufemismos, e sem nenhum valor verdadeiro para mais ninguém, na qual me informava que nunca mais me veria. Eu não tinha considerado o destino de Jesse um aviso para mim. Pensei apenas que, para o estudo profundo dos vampiros, Jesse Reeves era nova demais.

Tudo isso era passado agora. Nada restava daquela mágoa. Nada restava daqueles erros. Minha vida mortal tinha sido destruída, minha alma alçando vôo para depois cair, minha vida de vampiro apagando todas as pequenas

realizações, todos os pequenos consolos do homem que eu tinha sido outrora. Jesse era uma de *nós*. Eu conhecia seus segredos e sabia que ela sempre estaria distante de mim.

O que importava agora era o espírito que Jesse tinha apenas vislumbrado durante suas investigações, a história macabra que assombrava Louis e o pedido absurdo que eu agora fazia à minha adorada Merrick, de que ela, com seu talento extraordinário, invocasse o espírito de Claudia.



NO CAFÉ APÁTICO, OBSERVEI ENQUANTO MERRICK TOMAVA MAIS UM BOM gole do rum. Deleitei-me enquanto ela passava os olhos devagar pela sala empoeirada.

Deixei que meu pensamento voltasse àquela noite distante em Oak Haven, quando a chuva batia nas vidraças. O ar estava aquecido e pesado com o cheiro dos lampiões e o fogo forte na lareira. A primavera estava chegando, mas a tempestade tinha esfriado o ar. Merrick estivera falando da família branca de sobrenome Mayfair, de quem sabia muito pouco, dizia ela.

— Nenhum de nós com um mínimo de juízo faria uma coisa dessas — prosseguiu ela —, ir procurar os primos brancos, esperando deles qualquer coisa só por causa de um nome. — Ela rejeitava tudo aquilo. — Não sou eu quem vai procurar gente branca para tentar lhes dizer que sou do seu sangue.

Aaron olhou para mim, os olhos cinzentos e vivazes ocultando suas emoções mais ternas, mas eu sabia que ele queria que eu desse uma resposta.

— Não há necessidade, minha filha — disse eu. — Você agora é nossa responsabilidade, se quiser ficar conosco. Nós somos sua gente. Ora, já está acertado. Esta é sua casa para sempre. Só você poderá mudar isso, se quiser.

Senti um calafrio, presságio de algo grave e significativo, quando lhe dirigi essas palavras. E me permiti o prazer.

— Nós vamos sempre cuidar de você — insisti e poderia ter-lhe dado um beijo se ela não fosse tão bonita e apetitosa, com os pés descalços sobre o tapete florido e os seios nus por baixo do vestido solto.

Ela não respondeu.

— Todos senhores e senhoras, ao que parece — disse Aaron, examinando os daguerreótipos. — E como estão em excelentes condições, *esses* pequenos retratos. — Ele deu um suspiro. — Ah, o assombro que deve ter sido em 1840, quando aprenderam a fazer essas imagens.

— É mesmo, meu tio-bisavô escreveu muito a respeito disso — comentou Merrick. — Não sei se ainda seria possível alguém ler aquelas páginas. Já estavam se esfarelando quando Grande Nananne me mostrou pela primeira vez. Mas, como eu ia dizendo, todos esses retratos foram tirados por ele. Aqui, as ferrotípias, foi ele quem fez também. — Seu suspiro tinha um quê de tédio feminino, como se ela já tivesse passado por tudo. — Morreu com muita idade, dizem, com a casa cheia de retratos, até os sobrinhos brancos chegarem para quebrar tudo, mas eu vou chegar lá.

Fiquei escandalizado e aturdido com uma revelação dessas, sem conseguir encontrar desculpa. Daguerreótipos quebrados. Rostos perdidos para sempre. Ela prosseguiu, erguendo os pequenos retângulos metálicos, muitos sem moldura mas nítidos, da sua arca do tesouro de papelão.

— Às vezes abro caixas dos aposentos de Grande Nananne e encontro o papel todo em pedacinhos. Acho que são os ratos que vêm comer o papel. Grande Nananne diz que os ratos comem o dinheiro da gente, e é por isso que é preciso guardar o dinheiro numa caixa de ferro. O ferro é mágico, vocês sabem. As irmãs, quer dizer, as freiras não sabem. É por isso que na Bíblia não se podia construir com uma pá de ferro, porque o ferro era poderoso, e não se podia pôr uma pá de ferro sobre os tijolos do templo do Senhor. Nem naquela época, nem agora.

Parecia ser uma estranha informação secreta, embora ela estivesse corretíssima em tese.

Merrick deixara as palavras fluírem.

— O ferro e as pás. Isso vem de muito longe. O rei da Babilônia segurava na mão uma pá, com a qual assentou os tijolos do templo. E os maçons hoje em dia mantêm essa idéia na sua Ordem; e na nota de um dólar a gente vê aquela pirâmide de tijolos em ruínas.

Eu estava assombrado. A facilidade com que ela tocava nesses conceitos complexos. O que ela havia conhecido na vida, perguntei-me, Que tipo de mulher acabaria sendo?

Lembro-me de que estava olhando para mim, enquanto proferia aquelas palavras, avaliando minha reação, talvez, e foi só então que ficou claro para mim como Merrick sentia necessidade de falar do que lhe ensinaram, do que achava, do que tinha ouvido.

— Mas por que vocês são tão bons? — perguntou, examinando minha expressão com bastante delicadeza. — Sei por que os padres e as freiras são bons para nós. Chegam trazendo mantimentos e roupas para nós. Mas vocês, por que são tão bons? Por que me deixaram entrar e me deram um quarto aqui? Por que me permitem fazer o que quiser? No sábado, passei o dia inteiro olhando revistas e ouvindo rádio. Por que me dão comida e tentam me fazer calçar sapatos?

— Minha filha — contrapôs Aaron. — Somos tão velhos quanto a Igreja de Roma. Somos tão antigos quanto as ordens de irmãs e de padres que as visitaram. É, eu diria que somos mais velhos que quase todas elas.

Mesmo assim, ela recorreu a mim para uma explicação.

— Nós temos nossas crenças e nossas tradições — disse eu. — É comum ser mau, ganancioso, corrupto e egoísta. É raro amar. Nós amamos.

Mais uma vez, eu apreciava nosso sentido de objetivo, nosso compromisso de que éramos a imaculada Talamasca, de que nos importávamos com os excluídos, de que abrigávamos o mago e o vidente, de que havíamos salvado bruxas da fogueira e estendíamos a mão até mesmo aos espíritos errantes, isso mesmo, até às sombras que os outros temem. Isso vínhamos fazendo havia bem mais de mil anos.

— Mas esses pequenos tesouros, sua família, sua herança cultural — eu me apressei a explicar —, eles têm importância para nós porque têm para você. E

eles sempre serão seus.

Ela fez que sim. Eu acertara o tom.

— A bruxaria é meu cartão de apresentação, Sr. Talbot — disse ela, com astúcia —, mas tudo isso vem junto.

Apreciei o entusiasmo efêmero que lhe iluminou o rosto.

E agora, uns vinte anos depois, o que eu estava fazendo, procurando por ela, descobrindo que sua velha casa em Nova Orleans estava abandonada, espiando seus passos em Oak Haven, enquanto caminhava pelas largas varandas do sobrado como se fosse um velho vampiro de histórias de horror, olhando pela janela do seu próprio quarto até ela se sentar na cama e falar meu nome na escuridão.

Eu lhe fizera mal, eu sabia, e isso era empolgante, e eu precisava dela, e era egoísta, e sentia sua falta, e era só isso.

Fazia só uma semana desde que lhe escrevi.

Sozinho na casa geminada na Rue Royale, eu lhe escrevera à mão num estilo que não havia mudado com minha sorte.

Cara Merrick,

É, fui eu quem você viu na sacada do lado de fora do seu quarto. Não era minha intenção assustá-la, mas apenas me confortar, brincando de anjo da guarda, devo confessar, se você me perdoar, enquanto eu pairava junto à sua janela durante uma boa parte da noite.

Tenho um pedido que lhe faço da minha alma para a sua. Não posso expor o que é nesta carta. Peço-lhe que venha se encontrar comigo em algum lugar público, onde você se sinta segura, protegida de mim, um lugar que você mesma escolha. Ponha sua resposta nesta caixa de correio, e eu lhe responderei prontamente, Merrick, perdoe-me. Se você informar os Anciãos ou o superior geral a respeito deste contato, é extremamente provável que eles a proibam de vir ao meu encontro. Peço-lhe por favor que me conceda um pouco de tempo para falar com você antes que você tome tal atitude.

Seu na Talamasca para sempre,

David Talbot.

Quanta audácia e egoísmo eu ter escrito um bilhete desses e tê-lo posto na caixa de correspondência no início da entrada de carros nas horas que antecedem o amanhecer.

Ela respondeu, com um bilhete tentador nos detalhes, repleto de afeto imerecido.

Mal posso esperar para falar com você. Fique tranquilo, quaisquer que sejam os choques que esse encontro possa me reservar, eu procuro você dentro do David do mistério, a quem sempre amei. Você foi meu pai quando precisei, e meu amigo desde então. E eu já o avistei depois de sua metamorfose, talvez mais vezes do que você saiba.

Sei o que lhe aconteceu. Tenho conhecimento daqueles com quem você vive. O Café do Leão. Rue St. Anne. Você se lembra? Anos atrás, antes de irmos à América Central, fizemos lá uma refeição rápida. Você estava muito preocupado com a ideia da nossa partida para aquela selva. Você se lembra de como discutimos? Acho que usei os encantos de uma bruxa para convencê-lo. Sempre achei que você soubesse. Por alguns dias estarei lá no início do entardecer na esperança de que você apareça.

Ela assinara o bilhete exatamente como eu assinara o meu.

“Sua na Talamasca para sempre.”

Ela colocara meu interesse adiante do meu amor por ela, e do meu dever a ela. Agora sentia alívio por já ter agido.

No passado, quando ela era a órfã na tempestade, algo semelhante teria sido impensável. Ela estava sob minha responsabilidade, aquela pequena andarilha que uma noite viera sozinha, de modo tão surpreendente, bater na nossa porta.

— Nossos motivos são os mesmo que os seus — dissera-lhe Aaron, de forma extremamente direta naquela noite distante em Oak Haven. Ele estendeu o braço e lhe afastou do ombro a cabeleira castanha e macia, como se fosse seu irmão mais velho. — Queremos preservar o conhecimento. Queremos salvar a história. Queremos estudar e esperamos compreender.

Ele suspirou baixinho mais uma vez, de um modo tão atípico.

— Ah, aqueles primos brancos, a família Mayfair do Garden District, como você os chamou, e com muito acerto, sim, nós temos conhecimento deles — admitiu ele, para minha surpresa —, mas nós guardamos nossos segredos a menos que o dever nos leve a revelá-los. O que significa a longa história deles para você neste momento? As vidas daquelas pessoas estão enredadas para sempre como trepadeiras espinhentas dando voltas e mais voltas na mesma árvore. Sua vida, Merrick, pode não ter nada a ver com aquela luta ferrenha. O que nos interessa aqui e agora é o que podemos fazer por você. Não estou falando por falar quando lhe digo que você pode confiar em nós para sempre. Como David disse, você é nossa responsabilidade.

Ela refletiu. Não lhe era fácil aceitar tudo isso. Estava muito acostumada a ficar sozinha com Grande Nananne e, no entanto, algo poderoso a impelira a confiar em nós mesmo antes de vir até ali.

— Grande Nananne confia em vocês — disse ela, como se eu lhe tivesse perguntado. — Grande Nananne disse que eu os devia procurar. Grande Nananne teve um dos seus muitos sonhos, acordou antes do amanhecer e tocou a campainha para eu vir. Eu estava dormindo na varanda telada. Entrei e a encontrei em pé na sua camisola de flanela branca. Ela sente frio o tempo todo, sabe, sempre usa flanela, mesmo nas noites em que faz mais calor. Disse para eu me sentar e ouvir com atenção o que ela havia sonhado.

— Diga o que foi, minha filha — pediu Aaron. Será que eles não tinham tocado nesse assunto antes da minha chegada?

— Ela sonhou com o Sr. Lightner, com o senhor — disse ela, olhando para Aaron —, e no sonho o senhor lhe aparecia com Oncle Julien, o Oncle Julien branco do clã da cidade alta. E vocês dois se sentaram ao lado da cama dela.

“Oncle Julien contou piadas e histórias, e disse que estava feliz de aparecer no sonho dela. Ela disse que Oncle Julien recomendou que eu viesse procurar o senhor, aqui, Sr. Lightner, e que o Sr. Talbot viria. Oncle Julien falava em francês e o senhor mesmo estava sentado na cadeira de encosto de palhinha, sorrindo e fazendo que sim para ela. E o senhor lhe trouxe uma xícara de café com leite do jeito que ela gosta, com meia xícara de açúcar e uma das suas Colheres de prata preferidas. Nos sonhos e fora deles, Grande Nananne tem mil Colheres de

prata.” O sonho continuava.

— Afinal o senhor se sentou na cama dela, na sua melhor colcha de retalhos, ao seu lado, e lhe segurou a mão. E ela estava com todos os seus melhores anéis, que ela nem usa mais, sabe? E o senhor lhe disse no sonho: “Mande a pequena Merrick me procurar.” Disse que ia cuidar de mim e disse que ela ia morrer.

Aaron não tinha ouvido esse estranho relato e pareceu muito abalado, perplexo. Em tom carinhoso, ele contrapôs.

— Deve ter sido Oncle Julien que disse uma coisa dessas no sonho. Como eu poderia conhecer um segredo desses?

Nunca me esqueci desse seu protesto, porque não era do seu feito comprometer-se mesmo que fosse uma admissão de ignorância, nem insistir com tanta veemência num ponto desses.

— Não, não, foi o senhor quem contou — disse a criança encantada. — O senhor lhe deu o dia da semana e a hora, e isso ainda está por vir. — Ela olhou mais uma vez para os retratos, pensativa. — Não se preocupe com isso. Eu sei quando é que vai acontecer. — De repente, seu rosto estava cheio de tristeza. — Não posso ficar com Grande Nananne para sempre. *Les mystères* não querem esperar.

Les mystères. Ela queria dizer os antepassados, os deuses do vodú, ou apenas os segredos do destino? Eu não conseguia penetrar nos seus pensamentos de modo algum.

— São Pedro está esperando — murmurou ela, enquanto a tristeza visível aos poucos recuava por trás do seu véu de calma.

Subitamente ela me lançou um olhar e murmurou algo em francês. Papa Legba, deus das encruzilhadas no vodú, para quem uma imagem de São Pedro serviria perfeitamente.

Percebi que Aaron não conseguia chegar a lhe fazer mais nenhuma pergunta com relação a seu papel no sonho, a data de morte iminente de Grande Nananne. No entanto, ele fazia que sim e mais uma vez com as duas mãos afastou o cabelo da menina do pescoço úmido, onde alguns fios rebeldes estavam grudados à sua pele macia.

Aaron a encarava com autêntico assombro enquanto ela prosseguia seu relato.

— A primeira coisa que aconteceu depois desse sonho foi que um velho mulato apareceu com uma caminhonete, pronto para me levar, e ele disse que eu não precisava levar bolsa, que viesse como estava. Eu embarquei na caminhonete, e ele me trouxe até aqui, sem sequer falar comigo, só escutando no rádio alguma estação que tocava *blues* antigos e fumando cigarros o tempo todo. Grande Nananne sabia que era Oak Haven porque o Sr. Lightner disse isso para ela no sonho...

“Grande Nananne conhecia a Oak Haven dos velhos tempos, quando era um tipo diferente de casa com um nome diferente. Oncle Julien lhe contou um monte de outras histórias, mas ela não me disse do que se tratava. Só disse: ‘Vá até eles, a Talamasca. Eles vão cuidar de você, e esse vai ser o melhor caminho para você e para todas as coisas que sabe fazer.’”

Deu um calafrio: *todas as coisas que sabe fazer*. Lembro-me da tristeza na expressão de Aaron. Ele abanou a cabeça só de leve. Não a deixe preocupada agora, pensei um pouco irritado, mas a criança não se perturbara.

Oncle Julien, famoso na tradição Mayfair, não me era nenhum desconhecido. Eu tinha lido muitos capítulos sobre a carreira desse poderoso bruxo e vidente, o único homem daquela família estranha a se opor ao tormento de um espírito masculino e de suas bruxas ao longo de muitos séculos. Oncle Julien — mentor, louco, garanhão, lenda, pai de bruxas —, e a menina dissera que descendia dele.

Tinha de ser magia poderosa, mas Oncle Julien era do campo de Aaron, não do meu.

Ela me observava atentamente enquanto falava.

— Não estou acostumada a que as pessoas acreditem em mim — disse —, mas já me habituei a deixar as pessoas com medo.

— Como assim, minha filha? — perguntei. Mas ela já me assustara o bastante com sua extraordinária tranquilidade e com seu olhar penetrante. O que será que ela sabia fazer? Será que eu um dia descobriria? Naquela primeira noite, era válido ponderar essa questão, pois não era nosso costume incentivar nossos órfãos a dar rédea solta a seus perigosos poderes. Em todos os aspectos dessa natureza, éramos religiosamente passivos.

Afastei minha curiosidade inconveniente e passei a gravar na memória sua aparência, como era meu costume naquela época, olhando com atenção para cada aspecto do seu rosto e do seu corpo.

Os braços e pernas eram lindamente torneados; os seios já eram excessivamente sedutores; e as feições eram grandes, todas elas sem absolutamente nenhum indício de africanos — grande a boca bem desenhada; grandes os olhos amendoados e o longo nariz; esguio e extremamente gracioso o pescoço. Havia uma harmonia no seu rosto mesmo quando ela estava mergulhada em pensamentos.

— Podem guardar seus segredos sobre os brancos da família Mayfair — disse ela. — Talvez um dia possamos trocar segredos, vocês e eu. Nestes nossos tempos, eles nem sabem que estamos aqui. Grande Nananne disse que Oncle Julien morreu antes de ela nascer. No sonho, ele não disse uma palavra sequer sobre os brancos da família Mayfair. Disse para eu vir para cá. — Ela fez um gesto na direção das velhas fotografias de vidro. — Essa é a minha gente. Se fosse para eu ir procurar os brancos da família Mayfair, Grande Nananne já teria visto isso há muito tempo. — Ela fez uma pausa, pensativa. — Vamos só conversar sobre os velhos tempos.

Com carinho, ela espalhou os daguerreótipos sobre a mesa de mogno. Formou uma fileira bem arrumada, limpando com a mão os fragmentos esfarelados. E, ao mesmo tempo, eu percebi que todas as pequenas figuras estavam de cabeça para baixo do ponto de vista dela e na posição correta para Aaron e para mim.

— Já houve gente branca do meu sangue que veio até aqui e tentou destruir documentos — disse ela. — Sabe como é, arrancar direto do registro da igreja a página que diz que a bisavó deles era de cor. *Femme de couleur libre*, é isso o que

consta em alguns registros antigos em francês.

“Imagine destruir tanta história, a página inteira do registro da igreja com todos aqueles nascimentos, mortes e casamentos, sem nem querer saber. Imagine entrar na casa do meu tio-bisavô e quebrar aqueles retratos, retratos que deveriam estar em algum local seguro para um monte de gente ver.”

Ela deu um suspiro, muito parecido com o de uma mulher enfasiada, enquanto contemplava a caixa de sapatos desgastada e os tesouros ali dentro.

— Agora eu tenho essas fotografias. Tenho tudo e estou com vocês. Eles não têm como me encontrar e não podem jogar tudo fora.

Ela enfiou a mão de novo na caixa de sapatos e tirou as *cartes de visite* — velhas fotografias sobre papelão das últimas décadas do século XIX. Dava para ver as letras longas e inclinadas num roxo desbotado no verso desses retratos mais recentes, enquanto ela os virava para lá e para cá.

— Estão vendo, este aqui é Oncle Vervain — disse ela. Olhei para o rapaz magro, de boa aparência, de cabelo escuro, pele morena e olhos claros como os dela. Era um retrato bastante romântico. Num terno bem cortado, com colete, ele estava em pé com o braço pousado numa coluna grega tendo como fundo um céu pintado. O retrato era em sépia forte. O sangue africano estava nítido na boca e no nariz bem-feitos do homem.

— Agora essa aqui é de 1920. — Ela virou a fotografia uma vez e mais outra antes de dispô-la na mesa para que nós a vissemos. — Oncle Vervain era um curandeiro do vodu, e eu o conheci bem antes que morresse. Eu era pequena, mas nunca vou me esquecer dele. Ele podia dançar e cuspir o rum por entre os dentes diante do altar e deixar todo mundo apavorado, eu lhe garanto.

Ela demorou, mas acabou encontrando o que queria. O próximo retrato.

— É esse aqui, estão vendo? — Tinha posto sobre a mesa mais uma antiga fotografia, desta vez de um homem de cor, idoso e grisalho, sentado numa imponente cadeira de madeira. — O Velho é como sempre o chamavam. Eu nem mesmo o conheço por nenhum outro nome. Ele voltou para o Haiti para estudar magia e ensinou a Oncle Vervain tudo o que sabia. Às vezes, tenho a impressão de que Oncle Vervain está falando comigo. Às vezes tenho a impressão de que ele está do lado de fora da nossa casa tomando conta de Grande Nananne. Uma vez eu vi o Velho num sonho.

Eu queria tanto fazer perguntas, mas aquela não era a hora adequada.

— Estão vendo? Esta aqui é a Linda Justine — disse ela, pondo na mesa talvez o retrato mais impressionante de todos, uma foto de estúdio impressa em cartão grosso numa moldura de cartão sépia. — Linda Justine deixava todo mundo com medo. — A moça era de fato bonita, sem busto no estilo da década de 1920, o cabelo cortado curto, a pele morena de uma beleza perfeita, os olhos e a boca ligeiramente sem expressão, ou talvez demonstrando uma certa dor.

Agora vinham os instantâneos modernos, finos e encurvados, obra de câmeras portáteis bem comuns nos tempos atuais.

— Esses eram os piores, os filhos dele — disse ela, enquanto apontava para a fotografia em preto-e-branco, de pontas encurvadas. — Eram netos de Linda Justine, todos brancos, moradores de Nova York. Esses queriam pôr as mãos em tudo que dissesse que eles eram de cor e rasgar. Grande Nananne sabia o que

eles queriam. Ela não se deixou enganar pelas boas maneiras, pelo seu jeito de me levar até o centro da cidade para comprar roupas bonitas. Eu ainda tenho essas roupas. Vestidinhos que ninguém nunca usou e sapatinhos com a sola ainda limpa. Quando eles foram embora, não deixaram endereço. Estão vendo, olhem só para eles no retrato. Vejam como estão ansiosos. Mas eu fiz maldades com eles.

Aaron abanou a cabeça, examinando os rostos desconhecidos e tensos. Como os retratos me perturbaram, não tirei os olhos da criança-mulher.

— O que você fez, Merrick? — perguntei, sem deixar que a prudência me tolhesse.

— Ah, vocês sabem. Li segredos na palma das suas mãos e lhes disse coisas desagradáveis que eles sempre tentaram encobrir. Não foi generoso agir assim, mas foi o que fiz só para forçá-los a ir embora. Disse que nossa casa estava cheia de espíritos. Fiz os espíritos aparecerem. Não, eu não fiz com que aparecessem. Só chamei, e eles vieram como eu pedi. Grande Nananne achou engraçado. Eles diziam: “Faça cora que ela pare”, e Grande Nananne respondia: “E o que os leva a pensar que eu tenho poderes para isso?”, como se eu fosse algum animal selvagem que ela não conseguisse controlar.

Mais uma vez, aquele suspiro de leve.

— Grande Nananne está morrendo de verdade — disse ela, erguendo os olhos para mim, os olhos verdes que nunca hesitavam. — Ela diz que não resta mais ninguém, e que eu preciso guardar esses objetos, seus livros, seus recortes. Estão vendo aqui esses recortes? O jornal é tão frágil que está se esfarelando. O Sr. Lightner vai me ajudar a preservar tudo isso. — Ela olhou para Aaron de relance. — Por que tem tanto medo por mim, Sr. Talbot? Vocês não têm força suficiente? Não acha que é tão ruim assim ser de cor, acha? O senhor não é daqui, é de muito longe.

Medo. Será que eu estava sentindo um medo tão forte assim? Seu tom era de autoridade, e eu procurei a verdade nele, mas passei rápido à minha própria defesa e talvez também à dela.

— Pode ler meu coração, minha filha. Não tenho nenhum pensamento semelhante acerca da cor da pele, embora talvez possa ter havido ocasiões em que considereei que isso poderia ter sido falta de sorte num caso especial. — Ela ergueu ligeiramente as sobrancelhas, pensativa. Continuei, talvez ansioso, mas sem medo. — Estou triste porque você diz que não tem mais ninguém, e estou feliz porque sei que você tem a nós.

— É mais ou menos isso o que Grande Nananne diz — respondeu ela. E, pela primeira vez, sua boca larga e carnuda formou um sorriso de verdade.

Minha mente se desviara, com lembranças das incomparáveis mulheres de cor morena que eu havia visto na Índia, apesar de Merrick ser um assombro de tons diferentes, a densa cabeleira de mogno e os olhos claros tão visíveis e tão expressivos. Voltou a me ocorrer que aos olhos de muitos ela devia parecer exótica, essa menina descalça no camisão florido.

Ocorreu então um instante de puro sentimento, que deixou sua marca irracional e indelével. Passei os olhos pelos muitos rostos sobre a mesa, e me pareceu que todos me fitavam. Foi uma impressão forte. Os pequenos retratos

estavam vivos aquele tempo todo.

Deve ser a luz do fogo e os lampiões, pensei, sonhador, mas não consegui me livrar da impressão. Aquelas pequenas pessoas tinham sido arrumadas ali para olhar para Aaron e para mim. Mesmo a disposição parecia proposital e astuciosa, ou assombrosamente significativa, conjecturei, enquanto passava tranqüilamente da suspeita para uma sensação calma e amena de estar em audiência com uma hoste de mortos.

— E eles parecem mesmo que estão olhando — eu me lembro de Aaron ter murmurado, apesar de eu ter certeza de não ter falado. O relógio tinha parado de bater seu tique-taque, e eu me volvei para olhar para ele, sem saber onde ele se encontrava. No consolo da lareira, isso mesmo, e os ponteiros estavam parados. As vidraças davam aqueles estalos abafados que costumam dar quando o vento lhes dá cutucadas, e a casa me envolvia bem protegido na sua própria atmosfera de calor e segredos, de segurança e inviolabilidade, de sonho e poder coletivo.

Pareceu que um longo intervalo tinha passado no qual nenhum de nós falou, e Merrick olhava fixamente para mim e depois para Aaron, as mãos imóveis, o rosto reluzente com aquela iluminação.

Despertei de repente para me dar conta de que nada tinha mudado na sala. Eu teria adormecido? Grosseria imperdoável. Aaron estava ao meu lado como antes. E as fotografias estavam novamente inertes e tristonhas, um testemunho formal da mortalidade tão certo quanto se ela tivesse disposto diante de mim para exame uma caveira retirada de um cemitério em ruínas. Mas a inquietação que eu tinha sentido permaneceu comigo muito depois de todos nós termos ido cada um para seu quarto.

Agora — depois de vinte anos e de muitos outros momentos estranhos — ela estava sentada diante de mim a essa mesa de café na Rue St. Anne, uma beleza de mulher contemplando um vampiro, e conversávamos por cima da vela bruxuleante, uma luz que era excessivamente semelhante à luz daquela noite remota em Oak Haven, embora hoje esse final de entardecer de primavera estivesse apenas agradavelmente úmido, não sufocante com a chegada de uma tempestade.

Ela tomou um gole do rum, fazendo-o rolar um pouco pela boca antes de engoli-lo. Mas ela não me enganava. Logo começaria de novo a beber rápido. Pôs de lado o copo, deixando os dedos bem abertos sobre o mármore manchado. Anéis. Aqueles eram os muitos anéis de Grande Nananne, belas filigranas em ouro com várias pedras extraordinárias. Ela os usara até mesmo na selva, quando eu considerava isso tão imprudente. Ela nunca fora dada a medos de qualquer espécie.

Pensei em como ela era no calor daquelas noites tropicais. Pensei em como ela era durante aquelas horas sufocantes sob o alto dossel de folhas verdes. Pensei na difícil caminhada pelas trevas do antigo templo. Pensei nela subindo a encosta suave à minha frente, em meio aos roncoss e borrifos da cascata.

Eu era velho demais para aquilo, para nossa aventura tremenda e secreta. Pensei em objetos preciosos feitos de jade, verde como seus olhos.

Sua voz fez com que eu despertasse desse devaneio.

— Por que você está me pedindo para fazer isso? — Ela voltou a me fazer a pergunta. — Estou aqui sentada olhando para você, David; e, a cada segundo que passa, percebo ainda mais o que você é e o que lhe aconteceu. Reúno todos os tipos de peças da sua mente aberta, e sua mente está tão aberta quanto sempre, David, você sabe disso, não sabe?

Como sua voz era resoluta. É, o francês tinha desaparecido totalmente. Dez anos antes, já havia desaparecido. Mas agora havia uma espécie de mutilação nas suas palavras, por mais baixo que ela falasse.

Seus olhos grandes cresciam facilmente acompanhando a expressividade dos seus ritmos verbais.

— Você não conseguiu manter a mente muda nem mesmo na varanda no outro dia — disse ela, em tom de repreensão. — Você me acordou. Eu o ouvi exatamente como se você estivesse dando batidinhas na vidraça. Você dizia: “Merrick, será que você pode fazer isso? Será que pode invocar os mortos para Louis de Pointe du Lac?” E sabe o que eu ouvia por trás da pergunta? Eu ouvia: “Merrick, eu preciso de você. Preciso falar com você. Merrick, meu destino está destroçado. Merrick, estou procurando compreensão. Não me ignore.”

Senti uma dor aguda no coração.

— O que você está dizendo é verdade — confessei.

Tomou mais um grande gole do rum, e o calor dançava no seu rosto.

— Mas você quer essa história para Louis — disse ela. — Você quer isso o suficiente para que sua vontade abafe seus próprios escrúpulos e você venha à minha janela. Por quê? A você, eu compreendo. Dele, conheço histórias contadas pelos outros e só muito pouco vi com meus próprios olhos. Um belo rapaz, é o que ele é, não é?

Eu estava confuso demais para responder, confuso demais para forçar a cortesia a criar uma ponte temporária de mentiras bem educadas.

— David, dê-me sua mão, por favor — ela pediu, de repente. — Preciso tocar em você. Preciso sentir essa sua pele estranha.

— Ai, querida, se ao menos você pudesse abrir mão disso — murmurei. Os grandes brincos dourados balançavam aninhados no cabelo negro e encostando na longa linha de seu belo pescoço. Tudo o que a menina prometera ser se concretizara nela. Os homens sentiam enorme admiração por ela. Isso eu já sabia havia muito tempo.

Ela estendeu a mão, graciosa. Com audácia, em desespero, dei-lhe minha mão.

Eu queria o contato. Queria aquela intimidade. Sentia-me tremendamente estimulado. E, me deleitando com a sensação, deixei que seus dedos se demorassem ali enquanto ela examinava a palma da minha mão.

— Por que ler essa palma, Merrick? — perguntei. — O que ela pode lhe dizer? Este corpo pertenceu a outro homem. Você quer ler o mapa do seu destino interrompido? Dá para você ver aí que ele foi assassinado e o corpo roubado? Dá para você ver aí minha própria invasão egoísta de um corpo que deveria ter morrido?

— Conheço a história, David — respondeu ela. — Eu a encontrei nos papéis de Aaron. Troca de corpos. Algo altamente hipotético no que diz respeito

à posição oficial da Ordem. Mas você foi um enorme sucesso.

Seus dedos faziam disparar calafrios pela minha coluna que percorriam as raízes do meu cabelo.

— Depois da morte de Aaron, eu li tudo — disse ela, enquanto passava as pontas dos dedos pelo desenho de linhas bem marcadas. Recitou então o texto.

— “David Talbot não mais se encontra em seu próprio corpo. Durante uma experiência malfadada com projeção astral, ele foi expulso de sua própria forma por um Ladrão de Corpos experiente e foi forçado a apoderar-se do jovem troféu de seu antagonista, um corpo roubado de uma alma destroçada que, ao que sabemos, seguiu seu caminho.”

Estremeci ao ouvir o velho estilo da Talamasca que eu conhecia.

— Não era para eu encontrar aqueles papéis — prosseguiu ela, com os olhos fixos na palma da minha mão. — Mas Aaron morreu aqui, em Nova Orleans, e eu estava com eles nas mãos antes de qualquer outra pessoa. Eles ainda estão comigo, David; nunca foram arquivados com os Anciãos, e talvez nunca venham a ser. Eu não sei.

Fiquei perplexo com sua audácia, de ter guardado segredos dessa natureza da Ordem à qual tinha devotado ávida. Quando eu havia tido uma independência dessas, a não ser talvez bem no final?

Seus olhos moviam-se rápidos de um lado para o outro enquanto ela examinava minha palma. Ela apertou minha carne de leve com o polegar. Os calafrios eram insuportavelmente excitantes. Eu queria abraçá-la, não me alimentar, não, não feri-la, mas apenas beijá-la, apenas cravar meus caninos só um pouquinho, apenas provar seu sangue e seus segredos, mas isso era terrível, e eu não permitiria que continuasse.

Recolhi a mão estendida.

— O que você viu, Merrick? — perguntei rápido, contendo a fome do corpo e da mente.

— Desastres, grandes e pequenos, meu amigo, uma linha da vida que prossegue mais que qualquer outra, estrelas de força e toda uma família de descendentes.

— Pare com isso. Eu não aceito. A mão não é minha.

— Você agora não tem nenhum outro corpo — retrucou ela. — Você não acha que o corpo irá se harmonizar à sua nova alma? A palma da mão muda ao longo do tempo. Mas não quero deixá-lo zangado. Não vim aqui para estudá-lo. Não vim aqui para ficar olhando para um vampiro com um fascínio impassível. Já vi vampiros de relance. Já estive perto deles, nestas mesmas ruas. Vim aqui porque você pediu e porque senti vontade de... estar com você.

Eu fiz que sim, comovido e por um instante sem conseguir falar. Com gestos rápidos, implorei-lhe que se calasse. Ela esperou.

— Você pediu permissão aos Anciãos para este encontro? — perguntei afinal.

Ela riu, mas sem crueldade.

— Claro que não.

— Então quero que saiba o seguinte — disse eu. — Começou do mesmo jeito comigo e com o Vampiro Lestat. Eu não contei aos Anciãos. Não os

informei da frequência com que eu o via, de que o deixei entrar na minha casa, de que me tornei seu amigo, viajei com ele, ensinei-o a resgatar seu corpo sobrenatural quando o Ladrão de Corpos o expulsou dele por meio de ardil.

Ela procurou me interromper, mas eu não consenti.

— E você se dá conta do que me aconteceu? — perguntei. — Eu achava que era inteligente demais para que Lestat chegasse a me seduzir. Achava que eu, na minha idade, era sábio demais para ser seduzido pela imortalidade.

Achava que eu era superior em termos morais, e agora você está vendo o que eu sou.

— Você não vai jurar para mim que nunca vai me ferir? — perguntou ela, com uma linda cor subindo-lhe ao rosto. — Você não vai me assegurar que Louis de Pointe du Lac nunca me causaria nenhum mal?

— É claro que vou. Mas ainda resta um pouco de correção em mim, e é essa correção que me força a lhe lembrar que sou uma criatura de apetite sobrenatural.

Mais uma vez, ela tentou interromper, mas eu não permiti.

— Minha mera presença, com todos os sinais de poder, pode solapar sua própria tolerância pela vida, Merrick. Ela pode corroer sua fê numa ordem moral. Pode prejudicar sua disposição de morrer uma morte comum.

— Ah, David — disse ela, repreendendo-me por meu tom oficial. — Fale abertamente. O que o seu coração lhe diz? — Empertigou-se na cadeira, olhando para mim dos pés à cabeça. — Você parece infantil e sábio nesse seu corpo jovem. Sua pele está morena, como a minha! Mesmo suas feições têm a marca da Ásia. Mas você é mais David do que jamais foi!

Não respondi.

Fiquei olhando, assombrado, enquanto ela bebia mais rum. O céu escurecia às suas costas, mas lâmpadas elétricas fortes e quentes enchiam a noite lá fora. Só o próprio café estava imerso numa sombra lúgubre, com suas poucas lâmpadas empoeiradas atrás do balcão do bar.

Sua tranqüila confiança me causava pavor. Pavor por ela ter me tocado tão sem medo, por nada na minha natureza de vampiro lhe ser repugnante, mas então me lembrei muito bem de como Lestat em toda a sua glória reprimida me atraía. Ela estava sendo atraída? Será que o fascínio fatal havia começado?

Ela mantinha os pensamentos ocultos, como sempre. Pensei em Louis. Pensei no seu pedido. Ele queria desesperadamente que ela acionasse sua magia negra. Mas Merrick tinha razão. Eu precisava dela. Eu precisava do seu testemunho e da sua compreensão.

Quando falei, minhas palavras estavam repletas de mágoa e assombro, até para mim mesmo.

— É algo que tem sido magnífico — disse eu. — E insuportável. É a mais pura verdade que eu estou à margem da vida, e ao mesmo tempo não posso fugir dela. Não tenho a quem transmitir o que aprendo.

Ela não discutiu comigo nem me questionou. Seus olhos de repente pareciam estar cheios de solidariedade, tendo desaparecido sua máscara de serenidade. Muitas vezes eu tinha visto nela esse tipo de mudança brusca. Ela costumava ocultar suas emoções a não ser por esses momentos silenciosos e

eloqüentes.

— Se você não estivesse incorporado no corpo jovem — perguntou ela —, você acha que Lestat o teria forçado como forçou? Se você ainda fosse velho, nosso David, nosso *David abençoado*, de setenta e quatro anos de idade, não era isso? Se você ainda fosse nosso respeitado superior geral naquela época, acha que Lestat o teria atraído para seu lado?

— Não sei — disse eu, em poucas palavras, mas não sem emoção. — Já me fiz muitas vezes essa mesma pergunta. Sinceramente, não sei. Esses vampiros... ah, quer dizer, nós... nós vampiros adoramos a beleza; nós nos alimentamos dela. Nossa definição de beleza tem uma amplitude enorme; você não pode imaginar sua extensão. Por mais que sua alma seja amorosa, você não tem como saber até que ponto consideramos belo o que os mortais não consideram belo; mas nós nos propagamos de fato pela beleza, e este corpo possui uma beleza que eu usei para propósitos malévolos inúmeras vezes.

Ela ergueu o copo num pequeno brinde. E bebeu fundo.

— Se tivesse se aproximado de mim sem nenhum preâmbulo — disse ela —, falando baixinho no meio de uma multidão ao me tocar, eu o teria reconhecido, teria reconhecido quem você era. — Uma sombra passou um instante por seu rosto e então sua expressão se tornou serena. — Meu velho amigo, eu amo você — disse ela.

— É o que você acha, minha querida? — perguntei. — Já fiz muitas coisas para alimentar este corpo, e não é nem um pouco agradável pensar nisso.

Ela terminou o copo, devolveu-o à mesa e, antes que eu pudesse me adiantar, apanhou novamente a garrafa.

— Você quer os papéis de Aaron? — perguntou ela. Fiquei totalmente perplexo.

— Você quer dizer que está disposta a me entregar esses papéis?

— David, sou leal à Talamasca. O que eu seria se não fosse a Ordem?

— Ela então hesitou. — Mas também tenho uma profunda lealdade a você.

— Ficou pensativa alguns segundos. — Você era a Ordem para mim, David. Dá para você imaginar o que eu senti quando me disseram que você tinha morrido?

Dei um suspiro. Que resposta eu poderia lhe dar?

— Aaron lhe contou como nós choramos por você, todos nós a quem não foi confiada uma migalha sequer da verdade?

— Do fundo do coração, Merrick, sinto muito. Achávamos que estávamos guardando um segredo perigoso. O que mais eu posso dizer?

— Você morreu aqui nos Estados Unidos, em Miami Beach. Essa era a história. E levaram seu corpo de avião para a Inglaterra antes mesmo de me telefonarem para dizer que você tinha morrido. Sabe o que foi que eu fiz, David? Mandeí que segurassem o caixão para mim. Ele estava lacrado quando cheguei a Londres, mas fiz com que o abrissem. Forcei-os a abri-lo. Gritei e fiz escândalo até eles cederem. Depois, mandei que saíssem da sala e fiquei sozinha com aquele corpo, David, aquele corpo todo empoado, maquiado e acomodado no cetim. Fiquei ali talvez uma hora. Eles batiam na porta. Acabei dizendo que prosseguissem.

Não havia raiva no seu rosto, somente uma leve expressão de estranheza.

— Eu não podia deixar que Aaron lhe contasse — disse eu —, não naquela ocasião, não quando eu ainda não sabia se sobreviveria no novo corpo, não quando eu não compreendia o que a vida me reservava. Eu não podia. E depois, já era tarde demais.

Ela ergueu as sobrancelhas e fez um pequeno gesto de dúvida com a cabeça. Tomou um golinho do rum.

— Eu entendo — disse ela.

— Graças a Deus — respondi. — Com o tempo, Aaron teria lhe falado da troca de corpos — insisti. — Sei que teria. Não era para você a história da minha morte.

Ela fez que sim, restando a primeira resposta que lhe ocorreu.

— Acho que você deve mandar aqueles papéis de Aaron para os arquivos — disse eu. — Você deve arquivá-los direto com os Anciãos e mais ninguém. Ignore o superior geral em exercício.

— Pare com isso, David — respondeu ela. — Você sabe que é muito mais fácil discutir com você agora que está no corpo de um homem muito jovem.

— Você nunca teve dificuldade para discutir comigo, Merrick — retruquei.

— Você não acha que Aaron teria arquivado os papéis, se não tivesse morrido?

— Pode ser que sim — disse ela —, pode ser que não. Talvez Aaron tivesse querido mais que você fosse deixado em paz para seguir seu próprio destino. Talvez Aaron tivesse preferido que você fosse deixado em paz, não importava em que você tivesse se transformado.

Eu não tinha idéia do que ela estava dizendo. A Talamasca era tão passiva, tão reticente, tão decidida a não interferir no destino de ninguém. Eu não conseguia entender o que ela queria dizer.

Ela deu de ombros, tomou mais um golinho do rum e rolou a borda do copo no lábio inferior.

— Talvez não faça diferença — disse ela. — Só sei que Aaron nunca enviou por si mesmo essas páginas para os arquivos. — E prosseguiu.

— Na noite depois que ele foi morto, fui até sua casa em Esplanade Avenue. Você sabe que ele se casou com uma Mayfair branca, que não era bruxa, por sinal, mas uma mulher forte e generosa. Beatrice Mayfair é como se chama. Ela ainda está viva, e a seu pedido aceitei os papéis com a indicação “Talamasca”. Ela nem mesmo sabia o que havia neles.

“Disse-me que Aaron no passado lhe dera meu nome. Se algo acontecesse, ela deveria me chamar. Portanto, ela havia cumprido seu dever. Além do mais, ela não conseguiria ler os documentos. Estavam todos em latim, sabe? No velho estilo da Talamasca.

“Havia diversos arquivos, e meu nome e número estavam escritos na frente de cada um, na letra de Aaron. Um arquivo era totalmente dedicado a você, embora apenas a inicial D fosse usada o tempo todo. Os papéis sobre você, eu traduzi para o inglês. Ninguém nunca os viu. Ninguém — disse ela com ênfase. — Mas eu os conheço quase de cor.”

De repente, pareceu ser um consolo ouvi-la falar desses assuntos, dessas

questões secretas da Talamasca, que no passado tinham sido nossa conversa costumeira. É, um consolo, como se o afeto de Aaron voltasse a estar de fato conosco.

Ela parou para mais um gole de rum.

— Acho que você deveria saber essas coisas — disse ela. — Nós nunca escondemos nada um do outro, você e eu. Não que eu saiba, mas é claro que meu trabalho era no estudo da magia negra e eu realmente viajava muito.

— Até que ponto Aaron sabia? — perguntei. Achei que meus olhos estivessem se enchendo de lágrimas. Eu me sentia humilhado. Mas queria que ela continuasse. — Nunca mais vi Aaron depois da metamorfose em vampiro — confessei, deprimido. — Não pude me forçar a procurá-lo. Você consegue adivinhar o motivo? — Senti um forte aumento da confusão e dor mental. Minha tristeza por Aaron nunca terminaria, e havia anos eu a suportava sem dizer uma palavra a respeito a nenhum dos dois vampiros meus companheiros, Louis e Lestat.

— Não — disse ela. — Não consigo adivinhar o motivo. Posso lhe dizer... — e nesse instante ela hesitou, com delicadeza, para que eu pudesse interrompê-la, mas eu não o fiz. — Posso lhe dizer que ele ficou decepcionado e que o perdoou até o final.

Abaixei a cabeça. Apertei minha testa com a mão gelada.

— Nas próprias palavras dele, ele orava todos os dias, pedindo que você o procurasse — explicou ela, devagar —, que ele tivesse a oportunidade de uma última conversa com você: sobre tudo o que vocês dois passaram juntos e sobre o que acabara acontecendo para afastar um do outro.

Devo ter estremecido. No entanto, eu merecia essa infelicidade; eu a merecia mais do que Merrick jamais poderia saber. Tinha sido abominável não lhe escrever uma carta! Meu Deus, até mesmo Jesse, quando desapareceu da Talamasca, tinha escrito para mim!

Merrick continuou a falar. Se estava lendo algum pensamento meu, não deu a menor pista.

— É claro que Aaron relatou toda a sua Troca de Corpos Faustiana, como a chamou. Descreveu você no corpo jovem e fez muitas referências a algum tipo de investigação do corpo, algo em que vocês dois estiveram envolvidos, para se certificarem de que a alma sem dúvida tinha passado adiante. Vocês fizeram experiências, não fizeram, você e Aaron, na tentativa de alcançar a alma legítima, mesmo correndo o risco de que você morresse?

Fiz que sim, sem conseguir falar, sentindo desespero e vergonha.

— Quanto ao miserável Ladrão de Corpos, Raglan James, o pequeno demônio que tinha dado início àquele espetáculo sobrenatural, Aaron estava convencido de que sua alma tinha partido para a eternidade, como ele dizia, totalmente fora do nosso alcance.

— É verdade — concordei. — O arquivo a respeito dele está encerrado, quer esteja incompleto quer não. Disso tenho total convicção.

Um ar sombrio se insinuou em sua expressão triste e respeitosa. Algum sentimento espontâneo tinha aflorado, e por um instante ela se calou.

— E o que mais Aaron escreveu? — perguntei-lhe.

— Ele se referiu ao fato de que a Talamasca tinha ajudado extra-oficialmente o “novo David” a reivindicar a posse dos seus substanciais bens e investimentos — respondeu ela. — Tinha uma forte convicção de que uma pasta sobre a Segunda Juventude de David jamais deveria ser criada ou confiada aos arquivos em Londres ou era Roma.

— Por que ele não queria que a troca fosse estudada? — perguntei. — Fizemos tudo o que foi possível pelas outras almas.

— Aaron escreveu que toda a questão da troca era perigosa demais, sedutora demais. Ele temia que o material caísse em mãos erradas.

— Naturalmente — respondi —, embora nos velhos tempos nós nunca tivéssemos dúvidas dessa natureza.

— Mas o arquivo não estava acabado — prosseguiu ela. — Aaron tinha certeza de que o veria de novo. Achava que às vezes sentia sua presença em Nova Orleans. Flagrava-se procurando seu novo rosto em meio a multidões.

— Deus me perdoe — murmurei. Quase me virei para o outro lado. Abaixei a cabeça e protegi meus olhos por um bom tempo. Meu velho amigo, meu amigo querido. Como eu tinha podido abandoná-lo com tanta frieza? Por que a vergonha e o ódio a si mesmo se transformam em crueldade para com os inocentes? Por que isso costuma acontecer com tanta frequência?

— Continue, por favor — disse eu, recobrando o equilíbrio. — Quero que você me conte tudo isso.

— Você quer ler com seus próprios olhos?

— Em breve — respondi.

Ela continuou. A fala mais descontraída pelo rum e a voz mais melodiosa, com só um pouquinho do antigo sotaque francês de Nova Orleans voltando a transparecer.

— Aaron viu uma vez o Vampiro Lestat na sua companhia. Ele descreveu a experiência como excruciante, palavra que Aaron apreciava muito, mas que raramente usava. Disse que foi na noite em que foi identificar o velho corpo de David Talbot e se certificar de que fosse enterrado condignamente. Lá estava você, o rapaz, e o vampiro estava parado ao seu lado. Ele sabia que vocês eram amigos íntimos, você e aquela criatura. Sentiu mais medo por você naquela ocasião do que em qualquer outra hora.

— E o que mais? — perguntei.

— Mais tarde — disse ela, com a voz baixa e respeitosa —, quando você desapareceu totalmente, Aaron teve certeza de que você tinha sido transformado à força por Lestat. A não ser isso, nada poderia explicar sua súbita falta de comunicação, associada às claras informações dos seus bancos e agentes de que decididamente você ainda estava vivo. Aaron sentia uma falta louca de você. Com a vida dedicada aos problemas da família Mayfair branca, dos Bruxos Mayfair, ele precisava de seus conselhos. Muitas vezes e de muitas formas, ele escreveu que tinha certeza de você jamais ter pedido o sangue vampírico.

Por muito tempo, não pude falar para lhe dar uma resposta. Não chorei porque não choro. Desviei o olhar, passeando os olhos pelo café vazio até não ver mais nada, a não ser talvez o borrão indistinto dos turistas que enchem a rua ali fora, a caminho de Jackson Square. Eu sabia perfeitamente como me isolar

durante alguma ocasião terrível, não importando onde exatamente ela transcorresse. Eu agora estava só.

Deixei então meu pensamento voltar até ele, meu amigo Aaron, meu colega, meu companheiro. Captei recordações muito maiores do que incidentes isolados. Visualizei sua pessoa, o rosto simpático, os olhos cinzentos inteligentes. Vi-o caminhando ao longo de Ocean Avenue em Miami Beach, com sua forte iluminação, parecendo maravilhosamente deslocado: um luxo, como algum esplêndido ornamento daquele cenário estranho, com seu terno de colete de algodão de listras finas.

Deixei que a dor me dominasse. Assassinado por conta dos segredos dos Bruxos Mayfair. Assassinado por renegados no íntimo da Talamasca. Era natural que ele não tivesse entregado à Ordem seu relatório a meu respeito. Aqueles tempos haviam sido difíceis, não é mesmo? E ele acabara sendo traído pela Ordem. Com isso, nos lendários arquivos, minha história permaneceria para sempre incompleta.

— E houve mais alguma coisa? — perguntei finalmente a Merrick.

— Não. Só a mesma melodia com ritmos diferentes. Só isso. — Ela tomou mais um gole. — Você sabe que ele estava muito feliz no final?

— Pode me contar.

— Beatrice Mayfair, ele a amava. Nunca pensou que um dia teria um casamento feliz, mas foi o que aconteceu. Era uma bela mulher, extremamente sociável, como se fossem três ou quatro pessoas reunidas em uma. Ele me disse que nunca tinha se divertido tanto na vida quanto se divertia com Beatrice. E é claro que ela não era bruxa.

— Como estou feliz por saber — disse eu, com a voz trêmula. — Então Aaron tornou-se um deles, por assim dizer.

— Isso — respondeu ela. — Sob todos os aspectos.

Ela deu de ombros, com o copo vazio na mão. Eu não sabia ao certo por que motivo estava esperando para se servir, talvez para me dar a impressão de não ser a famosa bebedora que eu sabia que era.

— Mas não sei nada sobre a família Mayfair branca — disse ela afinal. — Aaron sempre me manteve afastada deles. Meu trabalho ao longo dos últimos anos tem sido com o vodu. Fiz viagens ao Haiti. Escrevi muito. Você sabe que eu sou um dos poucos membros da Ordem que está investigando seus próprios poderes paranormais, com uma autorização dos Anciãos para usar a magia condenável, como o superior geral a chama agora? Isso eu não sabia. Nunca chegou a me ocorrer que ela tivesse voltado ao vodu, que lhe havia toldado a juventude com sua ampla sombra. Na minha época, nunca havíamos incentivado uma bruxa a praticar magia negra. Somente o vampiro em mim conseguia tolerar uma idéia dessas.

— Veja bem — disse ela —, não importa que você não tenha escrito a Aaron.

— Ah, não importa? — perguntei, com um sussurro áspero. Mas depois me expliquei. — Eu simplesmente não conseguia escrever para ele. Não conseguia falar ao telefone. Quanto a vê-lo ou permitir que ele me visse, isso estava fora de cogitação! — disse, baixinho.

— E foram necessários cinco anos — disse ela — para você finalmente vir me procurar.

— Aí, acertou direto! — respondi. — Cinco anos ou mais para isso. E, se Aaron ainda estivesse vivo, quem sabe o que eu teria feito? Mas o fator crucial era o seguinte: Aaron estava velho, Merrick. Estava velho e poderia ter me pedido o sangue. Quando se está velho e receoso, quando se está cansado e doente, quando se começou a suspeitar que a vida não significa nada... Bem, é nessa hora que se começa a sonhar com pactos vampíricos. É nessa hora que se pensa que de algum modo a maldição vampírica não pode ser assim tão terrível, não, não em troca da imortalidade. É nessa hora que se pensa que se ao menos se tivesse a oportunidade, seria possível transformar-se em algum tipo de testemunha principal da evolução do mundo em volta. Os desejos egoístas são disfarçados como algo grandioso.

— E você acha que eu nunca tive esse tipo de pensamento? — Ela ergueu as sobrancelhas, com os olhos verdes grandes e cheios de luz.

— Você é jovem e linda — disse eu. — Você nasceu e foi criada para a coragem. Seus órgãos e seu corpo estão tão sólidos quanto sua mente. Você nunca foi derrotada, nunca por nada, e está em perfeita saúde.

Eu tremia por inteiro. Não poderia agüentar muito mais daquilo. Tinha sonhado com o consolo e a intimidade, e isso era intimidade, mas a um preço terrível.

Como era mais fácil passar horas na companhia de Lestat, que não falava mais, que jazia imóvel, semi-adormecido, escutando música, tendo sido despertado por ela e agora sendo embalado por ela, um vampiro que não cobiçava mais nada?

Como era mais fácil perambular pela cidade na companhia de Louis, meu companheiro mais fraco e sempre encantador, em busca de vítimas e aperfeiçoando o “golinho” de tal modo que deixávamos nossa presa aturdida e incólume? Como era mais fácil permanecer no interior do santuário da casa no French Quarter, lendo com a velocidade de um vampiro todos os volumes sobre história ou história da arte, cuja leitura era tão lenta e trabalhosa quanto eu era mortal?

Merrick apenas olhava para mim com evidente compaixão, e então estendeu a mão para segurar a minha.

Evitei o contato porque o desejava demais.

— Não recue diante de mim, meu amigo — disse ela. Eu estava confuso demais para falar.

— O que você quer que eu saiba — prosseguiu ela — é que nem você nem Louis de Pointe du Lac jamais me darão o sangue, nem mesmo se eu lhes implorar; que o sangue não pode fazer parte de nenhuma transação entre nós.

— Transação. Não se trataria de nenhuma transação! — murmurei. Ela bebeu mais um pouco.

— E vocês nunca vão tirar minha vida — disse ela. — É esse compromisso o que torna isso tudo uma transação, creio eu. Vocês nunca vão me ferir como poderiam ferir alguma outra mulher mortal que cruzasse seu caminho.

A questão de quem cruzava meu caminho era para mim perturbadora

demais para qualquer resposta razoável. Pela primeira vez desde que nos reunimos, eu tentei de fato adivinhar seus pensamentos, mas não consegui ler nada. Como vampiro, eu tinha um enorme poder para isso. Louis quase não tinha nenhum. Lestat era magistral.

Observei enquanto ela bebia o rum mais devagar e vi seus olhos se tornarem vidrados de prazer. Sua expressão se suavizava de uma forma maravilhosa à medida que o rum ia exercendo seu efeito nas suas veias. As bochechas estavam ligeiramente coradas. A pele, perfeita.

Calafrios voltaram a me atravessar, percorrendo meus braços, meus ombros e subindo pelo lado do meu rosto.

Eu tinha me alimentado antes de chegar ali, ou o perfume do seu sangue teria nublado meu discernimento ainda mais do que a empolgação dessa intimidade o nublava. Não tinha tirado a vida a ninguém, não. Era muito simples alimentar-se sem matar, por mais atraente que fosse a idéia de matar. Eu me orgulhava disso. Sentia-me limpo para ela, embora cada vez estivesse se tornando para mim mais fácil “procurar o malfetor”, como Lestat no passado havia instruído — descobrir algum indivíduo cruel e pernicioso que eu pudesse imaginar ser pior do que eu mesmo.

— Ai, como eu chorei por você — disse ela, com a voz mais acalorada. — E então por Aaron, por toda a sua geração, que nos deixou tão de repente e tão cedo, um após o outro. — De repente, ela curvou os ombros e se inclinou para a frente como se estivesse sentindo alguma dor.

— Os jovens na Talamasca não me conhecem, David — disse ela rápido. — E você não vem me procurar só porque Louis de Pointe du Lac lhe pediu. Você não veio me procurar só para invocar o espírito da criança vampiro. Você me quer, David, você quer que eu seja sua testemunha, David, e eu quero que você seja minha.

— Você tem razão sob todos os aspectos, Merrick — confessei. As palavras simplesmente jorraram da minha boca. — Amo você, Merrick. Amo você como amava Aaron e como amo Louis e Lestat.

Vi o lampejo de intenso sofrimento no seu rosto, como se fosse o lampejo de uma luz que vinha de dentro.

— Não se arrependa de ter me procurado — disse ela enquanto eu estendia a mão para segurá-la. Ela apanhou minhas mãos e as prendeu nas suas, uma prisão úmida e calorosa. — Não se arrependa. Eu não me arrependo. Só me prometa que não vai desanimar e me abandonar sem uma explicação. Não se afaste de mim às pressas. Não ceda a algum sentido desvirtuado de honra. Se fizer isso, eu poderia realmente perder minha sanidade.

— Você está querendo dizer que não devo abandoná-la como fiz com Aaron — disse eu, com a voz embargada. — Não, eu lhe prometo, caríssima. Isso eu não vou fazer. Já é tarde demais para esse tipo de atitude.

— Então, eu amo você — declarou ela, num murmúrio. — Amo como sempre amei. Não, amo ainda mais, acho, porque você traz consigo esse milagre. Mas e o espírito que mora aí dentro?

— Que espírito? — perguntei-lhe.

Mas ela já estava de novo imersa nos próprios pensamentos. Tomou mais

um gole direto da garrafa.

Eu não conseguia suportar a mesa entre nós. Levantei-me devagar, erguendo suas mãos até ela ficar em pé ao meu lado, e então a abracei com carinho. Beijeí sua boca, com seu perfume antigo e conhecido elevando-se até minhas narinas. Beijeí sua testa e então segurei sua cabeça com firmeza junto ao meu coração pulsante.

— Está ouvindo? — sussurrei. — Que espírito poderia haver a não ser o meu? Meu corpo está transformado, e nada mais.

O desejo por ela me dominava, o desejo de conhecê-la totalmente por meio do sangue. Seu perfume me enlouquecia. Mas não havia a mínima chance de eu ceder a esse desejo.

Mas voltei a beijá-la. E não foi um beijo casto.

Por um bom tempo, permanecemos grudados, e acho que cobri seu cabelo com beijinhos de devoção, seu perfume me crucificando com recordações. Eu queria provê-la de proteção contra tudo que fosse tão sórdido quanto eu.

Ela afinal se afastou de mim como se tivesse de se afastar, e estava meio cambaleante.

— Nunca em todos aqueles anos você me tocou desse jeito — disse ela em voz baixa. — E eu o queria tanto. Você se lembra? Você se lembra daquela noite na selva, quando eu acabei conseguindo o que queria? Você se lembra de como estava bêbado, e de como foi esplêndido? Ai, tudo acabou rápido demais.

— Eu era um bobalhão, mas tudo isso já está além da lembrança — murmurei. — Não vamos estragar o que aconteceu. Venha, tenho uma reserva no hotel para você e vou me certificar de que você passe a noite lá em segurança.

— Por que cargas d'água? Oak Haven está exatamente onde sempre estive — disse ela, sonhadora. Abanou a cabeça para desanuviar a visão. — Vou para casa.

— Não vai, não. Você bebeu ainda mais rum do que eu previa. Olhe, bebeu mais da metade da garrafa. E eu sei que vai beber o que sobrou na garrafa assim que entrar no carro.

Ela riu, um risinho debochado.

— Continua sendo o supra-sumo do cavalheirismo — disse ela. — E o superior geral. Você pode me acompanhar até minha velha casa aqui na cidade. Sabe muito bem o endereço.

— Aquele bairro, a esta hora? Nem pensar. Além do mais, o simpático zelador que você tem lá é um idiota incompetente. Minha querida, vou levá-la ao hotel.

— Bobagem — disse ela enquanto quase tropeçava. — Não preciso de quem cuide de mim. Prefiro ir para minha casa. Você está sendo inconveniente. Sempre foi.

— E você é uma bruxa e está bêbada — disse eu, com delicadeza. — Pronto, vamos tampar esta garrafa. — E eu a tampei. — E vamos guardá-la nessa sua bolsa de lona. E eu a acompanho até o hotel. Pegue meu braço.

Por uma fração de segundo, ela pareceu brincalhona e desafiadora, mas depois deu de ombros, lânguida, cedeu a bolsa diante da minha insistência e

enroscou seu braço no meu.

CAPÍTULO 3



MAL TÍNHAMOS COMEÇADO A CAMINHAR, E NOS ENTREGAMOS A ABRAÇOS freqüentes e tórridos. O velho perfume Chanel preferido de Merrick me encantava, levando-me de volta para muitos anos atrás, mas o cheiro do sangue das suas veias era a maior tentação de todas.

Meus desejos estavam mesclados num tormento. Quando chegamos à Rue Decateur, a nada mais do que um quarteirão e meio do café, eu soube que precisávamos de um táxi. E uma vez no interior do automóvel, dediquei-me a beijar todo o rosto e o pescoço de Merrick, regalando-me com a fragrância do sangue dentro dela e com o calor que emanava dos seus seios.

Ela mesma não conseguia se conter mais e me perguntava em cochichos confidenciais se eu ainda podia fazer amor como um homem normal. Eu lhe disse que isso não serviria para mim, que ela precisava se lembrar, embriagada ou sóbria, de que eu era por natureza um predador e nada mais.

— Nada mais? — disse ela, interrompendo os carinhos exaltados para tomar mais um bom gole direto da garrafa de rum. — E o que aconteceu nas selvas da Guatemala? Pode me dizer? Você não se esqueceu. A barraca, o lugarejo, você se lembra. Não minta para mim, David. Eu sei o que existe dentro de você. E quero saber no que você se tornou.

— Não fale mais, Merrick — disse eu, mas não consegui me conter. A cada beijo eu deixava meus dentes tocarem sua carne. — O que aconteceu na selva na Guatemala — disse com esforço — foi um pecado mortal.

Cobri sua boca, beijando-a e devorando sua língua, mas sem deixar que meus dentes maléficos a ferissem. Senti que ela enxugava minha testa com um pano macio, talvez sua echarpe ou um lenço, mas afastei o tecido de mim.

— Não faça isso — disse eu, temeroso de que algumas gotas de suor de sangue pudessem ter brotado. Ela voltou a me beijar e a sussurrar suas palavras de sedução junto à minha pele.

Eu me sentia péssimo. Eu a desejava. Sabia que mesmo o menor gole do seu sangue se revelaria um risco demasiado para mim. Depois disso eu teria a sensação de que ela me pertencia; e ela, apesar de toda a sua aparente inocência na questão, bem poderia se considerar minha escrava.

Vampiros mais velhos tinham me advertido para praticamente todos os aspectos do que poderia me acontecer. E tanto Armand quanto Lestat tinham sido categóricos ao recomendar que o “pequeno gole” não fosse considerado inócuo. De repente, fiquei furioso.

Levei a mão à sua nuca e arranquei a fivela de couro da densa cabeleira castanha, deixando descuidado a fivela e a peça transversal cair. Enterrei os dedos bem fundo no cabelo e a beijei na boca mais uma vez. Ela estava de olhos fechados.

Senti um alívio imenso quando chegamos à espaçosa entrada do Windsor Court Hotel. Ela tomou mais um gole do rum antes que o porteiro a ajudasse a sair do táxi. E, no estilo da maioria dos bebedores experientes, parecia estar perfeitamente sóbria em pé quando na realidade não estava nem um pouco sóbria.

Tendo providenciado a suíte para ela com antecedência, levei-a direto para lá, destranquei a porta e a deitei na cama.

A suíte era muito boa, talvez a melhor da cidade, com sua tradicional decoração de bom gosto e sua iluminação discreta. E eu tinha encomendado uma profusão de vasos de flores para ela.

Não era, porém, nada que um membro da Talamasca não esperasse. Nunca fomos conhecidos pela economia com nossos companheiros em viagem. E todas as minhas numerosas lembranças dela me envolveram como um vapor, sem querer me liberar.

Ela parecia não perceber nada. Bebeu o resto do rum sem cerimônia e se recostou nos travesseiros, com os luminosos olhos verdes se fechando quase que de imediato.

Por muito tempo, apenas fiquei olhando para ela. Parecia ter sido jogada na grossa colcha de veludo e seu ninho de almofadas; com as roupas brancas de algodão, finas e frágeis; os tornozelos longos e esbeltos bem como os pés em sandálias de couro, bastante bíblicos; o rosto com os malarres altos e o maxilar delicado, belíssimo no sono.

Eu não poderia me arrepender de ter feito essa amizade. Não poderia. Mas repeti meu voto solene: David Talbot, você não fará nenhum mal a essa criatura. De algum modo, Merrick sairá melhor de tudo isso; de algum modo, o conhecimento irá aprimorar Merrick; de algum modo a alma de Merrick triunfará por pior que seja o fracasso meu e de Louis.

E então, depois de examinar melhor a suíte, vendo que as flores encomendadas tinham sido devidamente arrumadas na mesinha de centro diante do sofá da sala de estar, na escrivaninha, na penteadeira; que o banheiro continha cosméticos em abundância para satisfazê-la, que um enorme roupão de atalhado grosso e chinelos estavam no devido lugar no *closet*, e que um bar completo de garrafinhas estava à sua espera, junto com uma garrafa do seu rum, que eu fornecera, dei-lhe um beijo, deixei um conjunto de chaves para ela na mesinha-de-cabeceira e fui embora.

Uma breve parada na recepção, com a gorjeta de praxe, garantiu que ela não seria perturbada enquanto desejasse permanecer no hotel e que poderia ter o que quisesse.

Decidi então caminhar até nosso apartamento na Rue Royale. No entanto, antes de sair daquele saguão razoavelmente movimentado e de iluminação belíssima, uma leve tontura me surpreendeu, e eu fui assaltado pela sensação peculiar de que todo mundo ali estava prestando atenção em mim, e que essa

atenção não era gentil.

Parei imediatamente, enfiando a mão no bolso como se eu fosse um homem a ponto de me afastar um pouco para fumar um cigarro, e olhei ao redor.

Não havia nada de anormal no saguão ou nas pessoas que ali se encontravam. Mesmo assim, no instante em que saí, voltou a me dominar a sensação de que na entrada de carros todos estavam olhando para mim, que tinham descoberto meu disfarce mortal, o que não era nem um pouco fácil, e que todos sabiam o que eu era e as atividades nefastas em que eu poderia estar envolvido.

Novamente, verifiquei. Não estava acontecendo nada que se assemelhasse. Com efeito, os mensageiros me deram sorrisos cordiais quando nossos olhos se encontraram.

Segui em frente na direção da Rue Royale.

Mais uma vez, ocorreu a sensação. De fato, a impressão era não só que as pessoas estavam se dando conta de mim, mas que tinham acorrido às portas e janelas das lojas e restaurantes só com esse objetivo. E aumentou a tontura, que eu raramente sentia, se é que chegava a sentir, como vampiro.

Eu estava com uma sensação extremamente desagradável. E me perguntava se isso resultava da intimidade com um ser mortal, porque nunca havia me sentido tão exposto antes. Na realidade, graças à minha pele bronzeada, eu podia me movimentar no mundo mortal com total impunidade. Todos os meus atributos sobrenaturais estavam encobertos pela tez morena; e meus olhos, embora brilhantes demais, eram negros.

No entanto, parecia que as pessoas olhavam para mim com uma atitude sub-reptícia em todo o longo caminho que percorri para ir para casa.

Finalmente, quando estava a uns três quarteirões do apartamento que dividia com Louis e Lestat, parei e me encostei num poste de ferro negro, exatamente como tinha visto Lestat fazer nas noites de antigamente, quando ele ainda se movimentava. Passando os olhos pelos transeuntes, Voltei a me tranqüilizar.

Foi quando algo me causou tanto espanto que comecei a sofrer tremores violentos apesar de tentar controlá-los. Lá estava Merrick à porta de uma loja, de braços cruzados. Olhava para mim com firmeza e censura, e então desapareceu.

É claro que não se tratava absolutamente de Merrick, mas a solidez da aparição era apavorante.

Uma sombra mexeu-se atrás de mim. Voltei-me, desajeitado. Ali também estava Merrick, vestida de branco, lançando seu longo olhar escuro na minha direção, e a figura pareceu desfazer-se nas sombras de um portal de loja.

Eu estava estarrecido. Era óbvio que era bruxaria, mas como poderia atingir os sentidos de um vampiro? E eu não era apenas um vampiro. Eu era David Talbot, que tinha sido pai-de-santo no candomblé na juventude. Ora, como vampiro, vejo fantasmas e espíritos, e conhecia os espíritos e as peças que podiam pregar. Eu também conhecia Merrick muito bem, mas nunca tinha presenciado ou passado pela experiência de um encantamento como aquele.

Num táxi que atravessou a Rue Royale, lá estava Merrick novamente, olhando para mim a partir da janela aberta, com o cabelo solto como eu a

deixara. E, quando dei meia-volta, certo de que ela estava atrás de mim, vi sua silhueta inconfundível lá em cima numa sacada.

A postura da figura era sinistra. Eu tremia. Não estava gostando disso. Sentia-me um pateta.

Não tirei os olhos da figura. Na realidade, nada poderia ter me movimentado. A figura desbotou e desapareceu. Em toda a minha volta, o Quarter de repente parecia totalmente desolado, embora na verdade houvesse turistas por toda parte em grande quantidade, e eu pudesse ouvir a música proveniente da Rue Bourbon. Eu nunca tinha visto tantos vasos de flores derramando seu colorido pelos gradis de ferro trabalhado. Nunca tinha visto tantas trepadeiras bonitas escalando as fachadas desgastadas pelas intempéries e as velhas paredes rebocadas.

Curioso e levemente irritado, entrei na Rue Ste. Anne para ver o café em que havíamos nos encontrado; e, como eu suspeitava, ele estava transbordando de fregueses para bebidas e refeições, e o garçom espectral parecia não conseguir dar conta do recado.

Bem no centro do café, lá estava Merrick sentada, com a saia branca em plena roda, armada, como se tivesse sido recortada em papel cartão. E então, naturalmente, a aparição se desfez, como as outras antes.

Mas a questão era que o café agora estava lotado, como deveria ter estado quando estávamos lá! Como Merrick tinha conseguido manter as pessoas afastadas durante nosso encontro? E o que estava fazendo agora?

Dei meia-volta. O céu lá em cima estava azul, como o céu no sul costuma ser à noite, salpicado de estrelas sem muito brilho. Havia conversa animada e risadas alegres por toda parte. Essa era a realidade das coisas, uma amena noite de primavera em Nova Orleans, quando as lajes das calçadas parecem macias aos nossos pés e os sons, agradáveis aos nossos ouvidos.

E, entretanto, voltei a ter a sensação de que todos por perto estavam me observando. O casal que estava atravessando na esquina fez questão de deixar isso claro. E então vi Merrick bem mais adiante na rua. Dessa vez, a expressão no seu rosto era nitidamente desagradável, como se ela estivesse apreciando meu tormento.

Respirei fundo quando a aparição se dissipou.

— Como ela poderia estar fazendo isso, essa é a questão! — resmunguei em voz alta. — E por que está fazendo isso?

Andei rápido, dirigindo-me à nossa casa, sem ter certeza se entraria ou não, com esse tipo de maldição ao meu redor, mas à medida que eu me aproximava da entrada de automóveis — um grande portão em arco, instalado numa moldura de tijolos — vi a imagem mais assustadora de todas.

Atrás das barras do portão, estava a criança Merrick de muitos anos atrás, no seu mesmo camisão curto lilás, com a cabeça um pouquinho para o lado enquanto ela assentia às confidências que lhe sussurrava no ouvido uma mulher idosa que eu sabia com certeza ser sua avó, falecida tantos anos atrás: Grande Nananne.

A boca fina de Grande Nananne sorria de leve e ela fazia que sim enquanto falava.

De imediato, a presença de Grande Nananne me inundou com recordações e sensações relembradas. Fiquei apavorado, depois cora raiva. Eu estava praticamente desorientado e precisei recuperar o controle sobre mim mesmo.

— Não desapareçam! Não vão embora! — exclamei, dando um salto na direção do portão, mas as figuras derreteram como se meus olhos tivessem perdido o foco, como se minha visão estivesse comprometida.

Eu tinha perdido toda a paciência. A luz estava acesa na nossa casa no andar superior, e veio o som encantador do cravo, Mozart, se eu não estava enganado, sem dúvida do pequeno aparelho de CD de Lestat ao lado da sua cama de dossel. Isso queria dizer que ele nos honrava hoje com uma visita, embora só fosse fazer uma coisa, ficar deitado na cama ouvindo música até pouco antes do amanhecer.

Senti uma vontade desesperada de subir, de estar na nossa casa, de deixar a música acalmar meus nervos, de ver Lestat e cuidar dele, de encontrar Louis e lhe contar tudo o que havia ocorrido.

No entanto, nada seria possível, a não ser voltar imediatamente ao hotel. Eu não poderia entrar no nosso apartamento sob o domínio desse “encantamento”, e devia impedi-lo na fonte.

Apressei-me até a Rue Decateur, procurei um táxi e jurei não olhar para nada nem para ninguém até me deparar com a própria Merrick. Eu estava ficando cada vez mais irritado.

No fundo dos meus pensamentos, eu me flagrava murmurando sortilégios protetores, invocando os espíritos para me proteger em vez de me ferir, mas eu tinha pouca fé nessas antigas fórmulas. Acreditava realmente era nos poderes de Merrick, que eu tinha presenciado no passado distante e dos quais nunca me esqueceria.

Correndo escada acima até a suíte de Merrick, enfiei minha chave na fechadura da sua porta.

Assim que pisei na sala de estar, vi o bruxuleio da luz de velas e senti outro cheiro muito agradável que eu associara a Merrick no passado. Era a fragrância de água-florida, que cheira a laranjas recém-cortadas, um perfume apreciado pela deusa Ezili do vodu e pela deusa do candomblé de nome semelhante.

Quanto à vela, eu a vi em cima de uma bela arca abaulada bem em frente à porta.

Era uma luz votiva, segura bem no fundo de um copo d'água e, atrás dela, com os olhos pousados nela, havia uma primorosa estatueta de gesso de são Pedro com as chaves douradas do Paraíso, uma figura com uns quarenta e cinco centímetros de altura. A tez da imagem era morena, e os olhos eram de vidro da cor de âmbar claro.

Trajava uma túnica de um verde delicado com desenhos gravados em ouro e um manto roxo no qual o dourado era ainda mais trabalhado. Trazia não só as proverbiais chaves do Reino dos Céus, mas também, na mão direita, um livro grande.

Meu choque foi total. Arrepiou-se o cabelo na minha nuca.

É claro que eu sabia que não se tratava só de são Pedro, essa estatueta. Era

o Papa Legba do vodú, o deus das encruzilhadas, o deus que precisa abrir os reinos espirituais para quem quiser conseguir qualquer coisa com a magia negra.

Antes de começar um encantamento, uma oração ou um sacrifício, primeiro deve-se prestar homenagem a Papa Legba. E quem quer que tivesse feito aquela estatua tinha conhecimento disso. Que outra explicação poderia haver para a tez deliberadamente amorenada do santo, que agora aparecia como um homem de cor, ou para o misterioso livro?

Ele tinha seu complemento no candomblé, a quem eu tantas vezes tinha saudado. Esse era o orixá, ou deus, que atendia pelo nome de Exu. E qualquer templo de candomblé teria começado suas cerimônias com uma saudação a ele em primeiro lugar.

Enquanto eu olhava fixamente para a imagem e a vela, os próprios cheiros daqueles templos brasileiros, com seu chão de terra batida, voltaram a me ocorrer. Eu ouvia os tambores. Sentia o aroma da comida pronta disposta em oferendas. Na realidade, deixei que as sensações viessem.

Voltaram também outras recordações, lembranças de Merrick.

— Papa Legba — murmurei em voz audível. Tenho certeza de ter inclinado a cabeça só um pouquinho e de ter sentido o sangue afluir ao meu rosto. — Exu — sussurrei. — Não se ofenda com nada que eu fizer aqui.

Fiz uma pequena prece, mais uma fórmula no português que havia aprendido tanto tempo atrás, pedindo que não me fosse negada a entrada a qualquer reino que ele tivesse acabado de abrir, pois meu respeito era tão forte quanto o de Merrick.

É claro que a estatueta permaneceu imóvel, com os pálidos olhos de vidro fixos diretamente nos meus, mas eu raras vezes tinha visto algo que parecesse tão cheio de vida de uma forma sorradeira e inexplicável.

— Estou perdendo um pouco a razão — pensei. Mas eu tinha vindo procurar Merrick para que ela praticasse sua magia, não era verdade? E eu conhecia Merrick, não conhecia? Só que eu nunca tinha previsto essas peças!

Em pensamento, contemplei mais uma vez o templo no Brasil, onde eu havia sido treinado por meses a fio, aprendendo as folhas certas para as oferendas, aprendendo os mitos dos deuses, aprendendo finalmente, após meses e mais meses de esforço, a dançar no sentido horário com os outros, saudando cada divindade com nossos gestos e passos de dança, até ser atingido um arrebatamento, até eu mesmo sentir a divindade entrar em mim, me possuir... e então havia o despertar depois, sem nenhuma lembrança, ouvindo dizer que a possessão tinha sido poderosa, a sublime exaustão.

É claro... O que eu achava que estávamos fazendo aqui a não ser um convite a essas antigas forças? E Merrick conhecia minhas velhas qualidades e meus pontos fracos, se é que alguém conhecia. Eu mal conseguia afastar meu olhar do rosto da imagem de São Pedro. Mas afinal consegui.

Recuei como faria alguém que está saindo de um local sagrado e passei rápido para o quarto.

Novamente, respirei fundo a fresca fragrância cítrica de água-florída, e também o cheiro de rum.

Onde estava seu perfume preferido, o Chanel nº 22? Ela teria parado de

usá-lo? A água-florida estava muito forte.

Merrick estava dormindo na cama.

Parecia que não tinha se mexido. Agora me ocorria, e só agora, que sua saia e blusa brancas lembravam o traje clássico das mulheres do candomblé. Só lhe faltava um turbante na cabeça para que a imagem se completasse.

A nova garrafa de rum estava aberta na mesa ao seu lado, e cerca de um terço tinha sido consumido. Não havia mais nenhuma alteração que eu pudesse discernir. O perfume era fortíssimo, o que significava que ela devia tê-lo borrifado no ar através dos dentes, uma oferenda aos deuses.

Adormecida, ela parecia perfeita, como costuma acontecer com as pessoas quando estão totalmente relaxadas. Parecia a menina de si mesma. E me ocorreu também que, se fosse transformada em vampiro, ela teria esse semblante impecável.

Eu estava tomado de medo e de repugnância. Também, pela primeira vez em todos aqueles anos, tive a plena consciência de que eu, e eu sem a ajuda de mais ninguém, podia conceder esse ato mágico, a transformação em vampiro, a ela ou a qualquer ser humano. Pela primeira vez, eu compreendia a monstruosa tentação.

É claro que nada dessa natureza aconteceria a Merrick. Merrick era minha criança. Merrick era minha... filha.

— Merrick, acorde! — disse eu com rispidez. Toquei no seu ombro. — Você vai me explicar essas visões. Acorde!

Nenhuma reação. Ela parecia estar nocauteada.

— Merrick, acorde! — voltei a dizer, muito irritado. E dessa vez levantei-lhe os ombros com as duas mãos, mas sua cabeça caiu para trás. A fragrância do perfume Chanel emanou dela. Ah, era isso exatamente o que eu adorava tanto.

Tornei-me dolorosamente consciente dos seus seios, bem visíveis pelo decote aberto da sua blusa de algodão. Deixei-a cair de volta nos travesseiros.

— Por que você fez tudo isso? — perguntei ao corpo inerte da bela mulher deitada na cama. — O que você pretendia com tudo isso? Você acha que deveria me assustar para eu me afastar?

Mas era inútil. Ela não estava fingindo. Estava desacordada. Eu não conseguia adivinhar nenhum sonho ou pensamento subterrâneo nela. E, com um rápido exame no pequeno bar da suíte, vi que ela havia bebido um par de garrafinhas de gim.

— Típico — disse eu, com um pouco de raiva.

Ela sempre havia tido o costume de beber em excesso em ocasiões específicas. Costumava trabalhar muito nos seus estudos ou em campo por meses a fio, e então avisava que ia “fazer uma viagem à Lua”, como dizia, e nesse período armazenava bebida e bebia durante diversos dias e noites. Suas bebidas preferidas eram aquelas com sabor e doçura — rum de cana-de-açúcar, conhaque de damasco, Grand Marnier, *ad infinitum*.

Tornava-se introspectiva quando estava alcoolizada. Cantava, escrevia e dançava muito nesses períodos, e exigia que a deixassem em paz. Se ninguém a contrariasse, não haveria problema. Mas uma discussão poderia causar ataques histéricos, náusea, desnorreamento, um esforço desesperado de reconquistar a

sobriedade e, finalmente, a culpa. Mas isso raramente ocorria. Em geral, ela simplesmente bebia uma semana inteira, sem ser perturbada. E então acordava um dia de manhã, pedia um café da manhã com café forte e, em questão de horas, voltava ao trabalho, aplicando-se talvez de seis a nove meses sem repetir suas pequenas férias.

No entanto, mesmo em ocasiões sociais, caso bebesse, Merrick bebia para se embriagar. Entornava seu rum ou qualquer bebida doce em coquetéis extravagantes. Não tinha nenhuma vontade de beber com moderação. Se déssemos um grande jantar na casa matriz, e dávamos muitos, ou ela se abstinha ou continuava bebendo até perder os sentidos. O vinho a deixava impaciente.

Bem, ela agora estava desacordada. E, mesmo que eu conseguisse despertá-la, poderia haver uma batalha campal.

Fui olhar de novo para São Pedro, ou Papa Legba, no altar de vodú improvisado. Eu precisava erradicar meu medo dessa pequena entidade, imagem gravada ou não importa o que eu percebesse ali.

Ah, fiquei atordoado quando contemplei a imagem pela segunda vez. Meu lenço estava aberto abaixo da imagem e da veia, e ao seu lado estava minha própria caneta-tinteiro antiquada. Eu nem mesmo os tinha visto antes.

— Merrick! — exclamei, furioso.

E ela não tinha enxugado minha testa no carro? Olhei fixamente para o lenço. Com efeito, havia minúsculas manchas de sangue — o suor da minha testa! E ela dispunha dele para seu feitiço.

— Ah, não ficou satisfeita com uma peça de vestuário, meu lenço, mas também precisou colher os fluidos da minha pele.

Voltei ao quarto a passos pesados e fiz mais uma tentativa pouco gentil de despertá-la do seu torpor, pronto para uma alteração, mas de nada adiantou. Deitei-a de volta com carinho, roçando meus dedos no seu cabelo, e observei, apesar da minha raiva, como ela era realmente bonita.

A pele morena e macia se amoldava linda sobre os málares, e os cílios eram tão longos que lançavam sombras nítidas e diminutas sobre seu rosto. Os lábios eram escuros, sem cosméticos. Tirei suas sandálias simples de couro e as dispus ao lado da cama, mas foi só mais um pretexto para tocar nela, não um ato generoso.

Então, afastando-me da cama sem lhe dar as costas, com um olhar de relance até o altar na sala de estar, procurei ver onde estava sua bolsa, sua grande bolsa de lona.

Tinha sido jogada numa cadeira e estava aberta, revelando, como eu tinha esperado, um gordo envelope com a letra inconfundível de Aaron na parte externa.

Bem, Merrick tinha roubado meu lenço e minha caneta, não tinha? Tinha colhido meu sangue, meu próprio sangue, que já amais poderia cair nas mãos da Talamasca, não é mesmo? Ah, mas não tinha sido para a Ordem, não. Ela o roubou para si mesma e para seus feitiços, certo? E todo o tempo eu a beijava como se fosse um rapazinho.

Portanto, eu tinha todo o direito de examinar esse envelope na sua bolsa. Além do mais, ela me perguntara se eu queria esses papéis. E eu me apossaria

deles. Afinal, era sua intenção entregá-los a mim, não era?

Agarrei de uma vez o envelope, abri-o, confirmei que se tratava dos papéis de Aaron acerca de mim e de minhas aventuras e resolvi levá-lo comigo. Quanto ao restante do conteúdo da bolsa de Merrick, ali estava seu diário pessoal, que eu não tinha nenhum direito de ler, e que tinha grande probabilidade de estar escrito num francês impossível de decifrar, uma pistola com cabo perolado, uma carteira cheia de dinheiro, um charuto caríssimo com o rótulo Montecristo e um frasquinho fino da colônia de água-florida.

O charuto fez com que eu hesitasse. Sem dúvida, não era para ela. Era para o pequeno Papa Legba, aquele charuto. Merrick tinha trazido consigo a imagem, a água-florida e o charuto. Tinha vindo preparada para algum tipo de conjuração. Ah, aquilo me deixou furioso, mas que direito eu tinha de fazer sermão?

Voltei para a sala de estar e, evitando os olhos da imagem e sua expressão aparente, retirei minha caneta-tinteiro do altar improvisado. Encontrei o papel de carta do hotel na gaveta do meio de uma elegante escrivaninha francesa, sentei-me e escrevi um bilhete:

Tudo bem, minha cara, estou impressionado. Você aprendeu ainda mais truques desde que nos vimos pela última vez. Mas deve me explicar as razões para este feitiço. Levei as páginas escritas por Aaron. Também recuperei meu lenço e minha caneta-tinteiro. Fique no hotel quanto tempo quiser.

David.

Era um bilhete curto, mas eu não me sentia especialmente expansivo depois daquele pequeno contratempo. Além do mais, tinha a sensação desagradável de que Papa Legba me lançava um olhar penetrante do seu altar violado. Num acesso de ressentimento, acrescentei um P.S.

“Foi Aaron quem me deu esta caneta!” E bastava.

Agora, com considerável apreensão, voltei ao altar. Falei rapidamente em português, primeiro, e depois em latim, mais uma vez saudando o espírito na estatueta, o que abre o reino espiritual. Abra meu entendimento, orei, e não se ofenda com o que eu fizer, pois quero apenas o conhecimento e não tenho nenhuma intenção de desrespeito. Tenha certeza de que compreendo seu poder. Tenha certeza de que sou uma alma sincera.

Remexi então fundo na memória em busca tanto da sensação quanto dos fatos. Disse ao espírito na estatueta que eu era dedicado ao orixá, ou deus, chamado Oxalá, senhor da criação. Expliquei que sempre tinha sido fiel àquela divindade ao meu próprio modo, embora não tivesse cumprido todos os pequenos detalhes que outros me haviam prescrito. Mesmo assim, eu amava esse deus, amava suas histórias e sua personalidade, amava tudo o que pude saber a seu respeito.

Fui acometido por uma terrível sensação. Como pode um sugador de sangue ser fiel ao senhor da criação? Não era cada ato de sugar o sangue um pecado contra Oxalá? Refleti sobre isso. Mas não recuei. Minhas emoções pertenciam a Oxalá, exatamente como pertenciam muitas e muitas décadas atrás no Rio de Janeiro. Oxalá era meu, e eu era dele.

— Proteja-nos naquilo que pretendemos fazer — murmurei.

E então, antes que perdesse a coragem, apaguei a vela, levantei a imagem

e, retirando o lenço, devolvi a imagem ao lugar com cuidado. Disse “Adeus Papa Legba” à imagem e me preparei para sair da suíte.

Descobri-me totalmente imóvel, de costas para o altar, olhando para a porta que levava ao corredor lá fora. Não conseguia me mexer. Ou melhor, parecia que eu não deveria me mexer.

Muito devagar, minha mente foi ficando bem vazia. Concentrando-me nos meus sentidos físicos, pelo contrário, voltei-me e olhei na direção da porta do quarto pela qual havia passado pouco antes.

Era a velha, naturalmente, a pequenina e encarquilhada Grande Nananne, com os dedos no batente, os olhos fixos em mim, e a boca fina e sem lábios num movimento como se ela estivesse resmungando consigo mesma ou com alguém invisível, a cabeça só um pouco inclinada para um lado.

Prendi a respiração e a encarei. Ela não demonstrou sinais de enfraquecimento, aquela minúscula aparição, a velhinha pequena que me olhava direto apesar dos lábios que se moviam. Estava usando uma camisola de flanela com um estampado florido suave, toda manchada de café, talvez, ou de sangue já descorado. Na realidade, tive a forte percepção de que sua imagem estava se tornando cada vez mais sólida e detalhada.

Os pés estavam descalços e as unhas, da cor de osso amarelado. Seu cabelo grisalho estava agora perfeitamente visível e nítido, como se a intensidade da luz sobre ela estivesse sendo aumentada, e eu via o movimento das veias que lhe subiam pelas laterais da cabeça, bem como as veias nas costas de uma das suas mãos, pendente ao lado do corpo. Só gente muito velha tinha aquela aparência. É claro que essa mulher tinha exatamente a mesma aparência que tinha tido quando vi seu espírito na entrada de automóveis mais cedo naquela noite, e exatamente como estava no dia da sua morte. Eu de fato me lembrava da camisola. Lembrava-me das nódoas nela. Lembrava-me de que no seu corpo moribundo, a camisola tinha nódoas, mas era limpa e recém-trocada.

Comecei a suar de verdade enquanto fixava o olhar nela, e não conseguia mover um músculo, a não ser para falar.

— Acha que vou prejudicar Merrick? — sussurrei.

A figura não mudou. A boquinha continuava a se mexer, mas eu só conseguia ouvir um leve ruído de farfalhar seco, como de alguma velha rezando o rosário na igreja.

— Acha que pretendo fazer algo errado? — disse eu.

A figura sumiu. Desapareceu e ponto final. Eu estava falando com ninguém. Dei a volta nos calcanhares e encarei a estatueta do santo. Parecia sólida e nada mais. Considerei seriamente a hipótese de destruí-la, mas minha mente estava em total confusão quanto às minhas intenções e suas implicações, quando de repente ouvi uma batida ensurdecedora na porta do corredor.

Bem, pareceu-me ensurdecedora. Suspeito que tenha sido normal. Levei um susto violento. Mesmo assim abri a porta, falando com irritação.

— Está querendo o quê?

Para surpresa minha e dele também, eu estava me dirigindo a um dos auxiliares comuns e inocentes que trabalhavam no hotel.

— Nada, senhor, desculpe — disse ele, no seu lento estilo sulista. — Era só

isso aqui para a senhora. — Ele apresentou um pequeno envelope branco e simples, que eu apanhei da sua mão.

— Ah, um momento, por favor — disse eu, enquanto remexia no bolso para retirar uma nota de dez dólares. Tinha posto algumas no meu terno exatamente com essa finalidade, e agora dava uma ao mensageiro, que pareceu satisfeito.

Fechei a porta. O envelope continha a fivela de cabelo de duas peças de couro, que eu tinha tirado de Merrick com tanto descuido no táxi. Era uma oval de couro e uma haste forrada de couro, com a qual ela prendia o cabelo e o fixava no lugar.

Eu tremia por inteiro. Isso era terrível demais.

Como era concebível que a peça tivesse chegado ali? Parecia totalmente impossível que o motorista do táxi a tivesse devolvido. Mas, na verdade, como é que eu poderia saber? Na hora, eu tinha tido a noção de que deveria recolher a fivela e guardá-la no bolso, mas me imaginava sob coação.

Fui até o altar, coloquei a fivela diante de Papa Legba, evitando seus olhos enquanto fazia isso, saí direto da suíte, desci pela escada e saí do saguão e do hotel.

Dessa vez, jurei que não observaria nada, não procuraria nada e iria direto para casa.

Se houve espíritos ao longo do caminho, não os vi. Mantendo os olhos fixos no chão, movi-me com a rapidez que me era possível sem causar estranheza entre os mortais, e atravessei direto a entrada de carros, até os fundos do quintal, para então subir pela escada de ferro até o apartamento.

CAPÍTULO 4



O APARTAMENTO ESTAVA ESCURO, COM O QUE EU NÃO ESTAVA CONTANDO. E não encontrei Louis na sala de estar da frente, na dos fundos, nem no seu quarto. Quanto a Lestat, a porta do seu quarto estava fechada, e a música de cravo, muito rápida e belíssima, parecia emanar das próprias paredes, como costuma ser o caso com as gravações modernas em CD.

Acendi todas as lâmpadas na sala de estar da frente e me acomodei no sofá, com os papéis de Aaron nas mãos. Disse a mim mesmo que tinha assuntos importantes a tratar.

De nada adiantava pensar em Merrick, em seus encantamentos e seus espíritos. E de nada adiantava eu me deter a pensar na velhota com seus murmúrios ininteligíveis e seu pequeno rosto enrugado.

Quanto aos meus pensamentos sobre meu orixá, Oxalá, eles eram desanimadores. Os longos anos que passei no Rio foram de estrita dedicação. Eu acreditava no candomblé à medida que eu, David Talbot, conseguia acreditar em alguma coisa. Eu tinha me entregado à religião à medida que podia me entregar com abandono a alguma coisa. E tinha me tornado seguidor e devoto de Oxalá. Tinha sido possuído por ele muitas vezes com pouca ou nenhuma lembrança do transe, e tinha seguido suas normas meticulosamente.

Mas tudo isso tinha sido um desvio na minha vida, um *intermezzo*. Afinal de contas, eu era um estudioso britânico, antes e depois. E uma vez que entrei para a Talamasca, o poder de Oxalá ou de qualquer orixá sobre mim estava destruído para sempre. Mesmo assim, eu sentia confusão e culpa agora que tinha vindo procurar Merrick para conversar sobre magia, imaginando que eu poderia controlar o que acontecesse! E logo a primeira noite tinha sido realmente exemplar.

No entanto, eu precisava alcançar clareza mental. Na realidade, isso eu devia a Aaron, meu velho amigo, recuperar meu controle e examinar seus papéis. Tudo o mais poderia esperar, disse a mim mesmo.

E, no entanto, eu não conseguia tirar da cabeça aquela velha. Ansiava pela chegada de Louis. Queria conversar com ele sobre essas questões. Era importante que Louis entendesse como Merrick era, mas eu não fazia a menor idéia de onde Louis pudesse estar àquela hora.

O som do cravo era uma espécie de lenitivo, como Mozart sempre é, com sua alegria, não importa qual seja a composição; mas mesmo assim eu me sentia inquieto e inseguro naqueles aposentos aquecidos onde estava acostumado a

passar muitas horas tranqüilo sozinho, com Louis ou com Louis e Lestat.

Decidi ignorar tudo aquilo.

Na realidade, aquela era absolutamente a melhor hora para ler os escritos de Aaron. Tirei o paletó, sentei-me à grande escrivaninha convenientemente voltada para a sala inteira (já que nenhum de nós gostava de trabalhar de costas para a sala), abri o envelope e retirei as páginas que pretendia ler.

Não se tratava de muita coisa, e uma breve passada de olhos indicou que Merrick me havia transmitido um quadro completo dos pensamentos de Aaron no final da vida. Mesmo assim, era meu dever para com Aaron ler esses escritos, palavra por palavra.

Demorei apenas alguns momentos para esquecer de tudo a meu respeito à medida que me descobria escutando a conhecida voz de Aaron em inglês, apesar do fato de tudo o que escrevera estar em latim. Era como se ele estivesse ali, fazendo uma revisão completa comigo, ou lendo para mim seu relatório para eu poder comentá-lo antes que ele o enviasse aos Anciãos.

Aaron descreveu como veio se encontrar comigo na Flórida, onde havia encontrado o corpo idoso do seu amigo David Talbot morto e precisando de um enterro adequado, enquanto a alma de David estava firmemente instalada no corpo de um rapaz anônimo.

O rapaz era descendente de anglo-indianos, tinha 1,90 m de altura, o cabelo castanho-escuro ondulado, a pele de bronze e olhos castanho-escuros extremamente grandes e solidários. O rapaz gozava de excelente saúde e estava em perfeitas condições físicas. O jovem tinha a audição aguçada e um bom sentido de equilíbrio. Parecia estar desprovido de absolutamente qualquer espírito a não ser do de David Talbot.

Aaron passou a descrever nossos dias juntos em Miami, período durante o qual eu com frequência projetara meu espírito para que sáísse do corpo que o abrigava, só para recapturar o corpo perfeitamente sem nenhuma resistência invisível de nenhum reino conhecido ou desconhecido.

Por fim, após cerca de um mês de experiências desse tipo, eu me convenci de que poderia permanecer no corpo jovem e comecei a reunir as informações que pude sobre a alma que anteriormente havia reinado ali dentro.

Esses detalhes não relatarei aqui já que estão associados a pessoas que não têm nenhum vínculo com esta narrativa. Basta dizer que Aaron e eu chegamos à conclusão de que a alma que no passado havia governado meu novo corpo tinha desaparecido sem possibilidade de retorno. Os registros hospitalares referentes aos últimos meses de vida daquela alma na terra deixavam sobejamente claro que “a mente” do indivíduo havia sido destruída por catástrofes psicológicas e pela estranha química de certas drogas que ele havia ingerido, muito embora nenhum dano tivesse ocorrido às células do cérebro.

Eu, David Talbot, em plena posse do corpo, não sentia nenhum dano causado ao cérebro.

Aaron tinha sido exaustivo em sua descrição dos fatos, explicando como eu era desajeitado com minha nova altura nos primeiros dias e como ele havia observado esse “corpo estranho” aos poucos ir se “tornando” seu velho amigo, David, à medida que eu me acostumava a sentar em cadeiras com as pernas

cruzadas, a cruzar os braços diante do peito ou a me debruçar sobre meus escritos ou sobre material de leitura no meu estilo conhecido.

Aaron observou que a melhor visão dos olhos novos tinha sido uma bênção para David Talbot, já que David vinha sofrendo de deficiência na visão nos últimos anos. Ah, isso era bem verdade, e nem mesmo tinha me ocorrido. E agora, naturalmente, eu via como um vampiro e não me lembrava sequer daquelas importantes gradações da visão mortal na minha breve juventude faustiana.

Aaron então expôs sua opinião de que o relato completo desse incidente não deveria ser mantido nos arquivos da Talamasca, que eram abertos a todos.

“Pela transformação de David, está claro aos olhos de qualquer um”, escreveu ele sem rodeios, “que a troca de corpos é totalmente possível quando se está falando de indivíduos capacitados, e o que desperta horror em mim não é a atual ocupação desse esplêndido corpo jovem por parte de David, mas a maneira como o corpo foi roubado do seu dono original por aquele que chamaremos de Ladrão de Corpos, com objetivos sinistros do próprio ladrão.”

Aaron explicava então que tentaria entregar essas páginas diretamente às mãos dos Anciãos da Talamasca.

No entanto, por motivos trágicos, era óbvio que isso nunca tinha sido feito.

Vinha em seguida uma série final de parágrafos que cobriam cerca de três páginas, escritos à mão num tom um pouco mais formal do que o texto anterior.

“O Desaparecimento de David” estava escrito no alto. Lestat era meramente designado como VL. E dessa vez, o fraseado de Aaron refletia consideravelmente mais cautela e alguma tristeza.

Ele descrevia como eu desaparecera na ilha de Barbados, sem deixar nenhuma mensagem para ninguém, abandonando minhas malas, minha máquina de escrever, meus livros e escritos que ele, Aaron, tinha ido recolher.

Como isso deve ter sido terrível para Aaron, apanhar o lixo da minha vida, sem uma palavra de desculpas de minha parte.

“Se eu não estivesse tão ocupado com a questão dos Bruxos Mayfair”, escreveu ele, “talvez esse desaparecimento jamais tivesse ocorrido. Eu poderia ter dedicado mais atenção a D. durante esse período de transição. Poderia tê-lo abraçado com mais firmeza no meu afeto e com isso ter conquistado com mais segurança sua total confiança. O fato é que só posso supor o que houve com ele e receio que ele se tenha deparado com uma catástrofe espiritual totalmente contra sua vontade.

“Indubitavelmente ele entrará em contato comigo. Conheço-o muito bem para pensar de outro modo. Ele virá me procurar. Ele virá — não importa qual seja seu estado mental, e eu não tenho a menor condição de imaginá-lo —, virá para me dar algum alívio, se não for para mais nada.”

Foi uma dor tão funda ler isso que parei e deixei as folhas de lado. Por um instante, tive consciência da minha própria fraqueza, da minha terrível fraqueza, da minha fraqueza cruel.

Mas ainda havia mais duas páginas, e eu precisava lê-las. Acabei por apanhá-las e li as últimas anotações de Aaron.

Gostaria de poder apelar diretamente aos Anciãos pedindo ajuda. Depois

dos meus muitos anos na Talamasca, eu gostaria de ter total fê na nossa Ordem e total fê de que a autoridade dos Anciãos é para o bem maior. No entanto, ao que eu saiba, nossa Ordem é composta de homens e mulheres mortais e falíveis. E eu não posso recorrer a ninguém sem pôr nas mãos dessa pessoa um conhecimento que não desejo compartilhar com ninguém.

Nos últimos meses a Talamasca enfrentou uma boa quantidade de problemas internos. E enquanto toda a questão da identidade dos Anciãos, e da certeza de comunicação com eles não estiver resolvida, este relatório deverá permanecer nas minhas mãos.

Enquanto isso, nada pode abalar minha confiança em D. ou minha crença na sua bondade essencial. Qualquer corrupção que possamos ter sofrido na Talamasca jamais conspirou a ética de David, ou a ética dos muitos semelhantes a ele. E, embora eu ainda não possa confiar esses segredos a eles, sem dúvida consola-me o fato de que David possa aparecer a eles se não a mim.

Na realidade, minha fê em David é tamanha que às vezes minha cabeça me prega peças, e acho que o vejo apesar de logo me dar conta do meu erro. Examino multidões em busca dele à noite. Voltei a Miami para procurar por ele. Enviei-lhe meu chamado por meio da telepatia. E não tenho nenhuma dúvida de que uma noite muito em breve David responderá, nem que seja só para se despedir.

A dor que eu sentia era esmagadora. Passaram-se momentos em que eu não fiz nada além de me permitir sentir a enormidade da injustiça que eu tinha feito a Aaron.

Por fim, forcei-me a movimentar os membros.

Dobrei as folhas da forma correta, guardei-as de volta no envelope e me sentei de novo em silêncio, com os cotovelos na escrivaninha, a cabeça baixa.

O cravo tinha parado algum tempo antes e, por mais que eu adorasse a música, ela atrapalhava meus pensamentos até certo ponto. Por isso, eu valorizava o silêncio.

Minha tristeza era mais profunda do que nunca. Eu me sentia mais sem esperanças do que nunca antes. O fato de Aaron estar morto me parecia mais real do que sua vida jamais tinha me parecido. E, com efeito, tanto a vida quanto a morte pareciam um milagre extraordinário.

Quanto à Talamasca, eu sabia que ela curaria suas fendas sozinha. Não sentia nenhum temor de verdade por ela, embora Aaron tivesse tido razão em suas suspeitas das relações com os Anciãos enquanto não fossem resolvidas as questões da sua identidade e autoridade.

Quando deixei a Ordem, a questão da identidade dos Anciãos tinha sido alvo de debates acirrados. E incidentes referentes a segredos tinham causado corrupção e traição. O assassinato de Aaron tinha se tornado parte daquilo. O famoso Ladrão de Corpos que seduziu Lestat tinha sido um dos nossos.

Quem eram os Anciãos? Eles mesmos eram corruptos? Era difícil acreditar nisso. A Talamasca era antiga e autoritária. Ela se movia lentamente no que dizia respeito a questões eternas, muito semelhante a um relógio do Vaticano. Mas agora tudo aquilo estava fechado para mim. Seres humanos tinham de continuar purificando e reformulando a Talamasca, como já haviam começado a fazer. Eu

não poderia fazer nada para ajudar numa empreitada dessas.

No entanto, ao que me fosse dado saber, as dificuldades internas tinham sido resolvidas. Exatamente de que forma e por quem, eu não sabia e no fundo não queria saber.

Eu sabia apenas que aqueles que eu amava, aí incluída Merrick, pareciam estar em paz com a Ordem, muito embora eu de fato tivesse a impressão de que Merrick, bem como aqueles que de vez em quando eu observava em outros locais, tinha uma visão mais “realista” da Ordem e de seus problemas do que eu jamais tivera.

E naturalmente, o que eu tinha feito ao falar com Merrick, isso teria de ser um segredo entre nós dois.

Mas como era possível que eu tivesse um segredo com uma bruxa que me lançara um feitiço com tanta presteza, eficiência e abandono? Só de pensar nisso, voltei a ficar irritado. Gostaria de ter levado comigo a imagem de São Pedro. Teria sido bem feito.

Mas qual teria sido o objetivo de Merrick naquela história toda — advertir-me sobre seu poder, forçar-me a perceber que Louis e eu, como criaturas presas à terra, dificilmente seríamos imunes a ela ou que nosso plano era realmente um plano perigoso?

De repente senti sono. Como já mencionei, eu tinha me alimentado antes de me encontrar com Merrick e não tinha nenhuma necessidade de sangue. Mas eu sentia um enorme desejo, instigado pelo toque físico de Merrick, e muito enredado em fantasias silenciosas com ela. E agora eu estava sonolento do esforço, sonolento da minha dor por Aaron, que tinha sido enterrado sem absolutamente nenhuma palavra de consolo de minha parte.

Eu estava prestes a me deitar no sofá quando ouvi um som muito agradável que reconheci imediatamente, se bem que não o tivesse ouvido de perto havia anos. Era o som de um canário, que cantava e fazia um pequeno alarido metálico numa gaiola. Ouvi a movimentação das asas, o rangido do pequeno trapézio, balanço ou sei lá como se chama, o rangido da gaiola no seu suporte.

E então voltou a música do cravo, muito rápida, na realidade mais rápida que qualquer ser humano poderia chegar a desejar. Era murmurante e enlouquecida, cheia de magia, essa música, como se um ser sobrenatural tivesse o controle das teclas.

Dei-me conta de imediato de que Lestat não estava no apartamento, e nunca tinha estado; que esses sons — a música e o delicado rebuliço dos pássaros — não vinham do seu quarto fechado.

Mesmo assim, eu precisava verificar.

Lestat, por ser poderoso como é, consegue disfarçar sua presença quase completamente, e eu, por ser cria sua, não consigo captar nada da sua mente.

Pus-me de pé, pesado, modorrento, espantado com minha exaustão, e me encaminhei ao corredor até o quarto dele. Bati com respeito, esperei um intervalo razoável e abri a porta.

Tudo estava como deveria estar. A cama gigantesca de quatro colunas no estilo das fazendas coloniais, de mogno tropical com seu dossel empoeirado com guirlandas de rosas e o cortinado de veludo vermelho-escuro, a cor que Lestat

prefere acima de todas as outras. A poeira encobria a mesinha-de-cabeceira, a escrivaninha próxima e os livros na estante. E não se via nenhum aparelho para fazer música.

Voltei-me, com a intenção de retornar à sala de estar, de anotar tudo isso no meu diário, se o conseguisse encontrar, mas me sentia tão pesado e sonolento que dormir me pareceu uma idéia melhor. Depois, ainda havia a questão da música e dos pássaros. Algo a respeito dos pássaros me impressionou. O que era? Algo que Jesse Reeves tinha escrito no seu relatório sobre a ocasião em que foi assombrada décadas atrás nas ruínas desta mesma casa. Passarinhos.

— Quer dizer que começou? — murmurei. Eu me sentia muito fraco, na realidade bem deliciosamente fraco. Perguntei-me se Lestat se incomodaria tanto assim se eu me deitasse um pouco na sua cama. Ele ainda poderia vir nessa noite. Nós nunca sabíamos, não é mesmo? Não era muito correto fazer uma coisa dessas. E, por mais sonolento que estivesse, eu estava movimentando a mão direita no mesmo ritmo rápido da música. Eu conhecia essa sonata de Mozart. Era linda, a primeira que o menino-gênio tinha escrito, e como era excelente. Não surpreendia que os pássaros estivessem tão felizes. Para eles, deveria ser um som familiar, mas era importante que essa música não se precipitasse com tanta velocidade, por mais talentoso que fosse o executante, por mais talentosa que fosse a criança.

Consegui sair do quarto como se estivesse me movimentando dentro d'água e fui procurar o meu, onde eu tinha minha própria cama, perfeitamente confortável. E de repente pareceu imperioso que eu procurasse meu caixão, meu esconderijo, porque eu não poderia me manter consciente até o amanhecer.

— Ah, é mesmo, é essencial que eu vá — disse eu em voz alta, mas sem conseguir ouvir minhas palavras em virtude do clamor da música ligeira, e percebi, com enorme angústia, que eu tinha entrado na sala de estar dos fundos do apartamento, a sala que dava para o pátio, e que tinha me acomodado no sofá.

Louis estava comigo. Louis estava me ajudando a sentar no sofá, por sinal. Louis estava me perguntando o que havia de errado.

Ergui os olhos e tive a impressão de que ele era uma visão da perfeição masculina, trajando um camisa de seda branquíssima e um paletó de veludo negro de corte excelente, com o cabelo negro e encaracolado penteado cora esmero para trás sobre suas orelhas e caindo em cachos sobre o colarinho de uma forma vivaz e encantadora. Eu adorava olhar para ele, exatamente como adorava olhar para Merrick.

Impressionou-me como seus olhos verdes eram diferentes dos olhos dela. Os dele eram mais escuros. Não havia nenhum círculo nítido de tom negro em torno da íris e, de fato, as pupilas não se sobressaíam tanto. Mesmo assim, eram olhos lindos.

O apartamento caiu em absoluto silêncio.

Por um instante, não consegui dizer nem fazer nada.

Olhei então para ele enquanto se sentava numa poltrona de veludo rosa-velho perto de mim, e seus olhos se encheram da luz próxima de uma lâmpada elétrica. Enquanto Merrick tinha algo de leve desafio, mesmo em sua expressão mais descontraída, os olhos de Louis eram pacientes, sossegados, como os olhos

num quadro, fixos e confiáveis.

— Você ouviu? — perguntei.

— Exatamente o quê? — perguntou ele.

— Ai, meu Deus, está começando — disse eu, baixinho. — Você se lembra. Procure se lembrar, meu amigo. Você se lembra do que Jesse Reeves lhe contou. Pense.

Então me abri numa espécie de desabafo — a música do cravo e o som dos pássaros. Décadas antes isso tinha acontecido a Jesse, na noite em que ela encontrou o diário de Claudia num local secreto numa parede destruída. Abateu-se sobre ela com uma visão de lamparinas e figuras em movimento. Aterrorizada, ela fugiu do apartamento, levando uma boneca, um rosário e o diário, sem voltar ali.

O espírito de Claudia a perseguiu até um quarto de hotel às escuras. E a partir dali Jesse havia adoecido, sido sedada, hospitalizada e afinal levada de volta para a Inglaterra, para nunca mais retornar a esse lugar, ao que me fosse dado saber.

Jesse Reeves havia se tornado um vampiro em decorrência do seu destino, não dos erros ou falhas da Talamasca. E a própria Jesse Reeves tinha contado essa história a Louis.

Era tudo perfeitamente conhecido, mas eu não tinha nenhuma lembrança de Jesse um dia ter identificado a peça musical que tinha ouvido nas sombras.

Coube a Louis declarar agora em voz baixa que, sim, sua querida Claudia adorava as primeiras sonatas de Mozart, que as adorava porque ele as havia composto enquanto ainda era criança.

De repente Louis foi tomado de uma emoção incontrolável. Ele se levantou e me virou as costas, olhando lá para fora, aparentemente, através das cortinas de renda, para qualquer céu que aparecesse por trás das cumeeiras e das altas bananeiras que cresciam junto aos muros do pátio.

Eu o observava em silêncio cortês. Sentia que minha energia voltava. Sentia a costureira força sobrenatural, com a qual eu sempre contara desde a primeira noite em que fui suprido com o sangue.

— Ai, eu sei que deve ser uma tortura — disse eu, finalmente. — É tão fácil concluir que estamos chegando perto.

— Não — disse ele, voltando-se com delicadeza para mim. — Você não percebe, David? Você ouviu a música. Eu não a ouvi. Jesse ouviu a música. Eu nunca a ouvi. Nunca. E há anos venho esperando ouvir, pedindo para ouvir, querendo ouvir, mas nunca a ouço.

Seu sotaque francês era forte e preciso, como sempre acontecia quando ele se emocionava, e eu adorava a riqueza que o sotaque conferia à sua fala. Considero que nós, falantes da língua inglesa, somos sábios ao saborear sotaques. Eles nos dão ensinamentos sobre nosso próprio idioma.

Como eu o amava. Amava seus movimentos esguios e graciosos, e seu jeito de mergulhar fundo nas suas reações, ou não apresentar reação nenhuma. Louis tinha demonstrado simpatia por mim desde o primeiro instante era que nos conhecemos, compartilhando essa casa, sua casa, comigo; e sua lealdade a Lestat era inquestionável.

— Se lhe servir de consolo — apressei-me a acrescentar —, estive com Merrick Mayfair. Apresentei-lhe seu pedido, e acho que ela não pretende nos recusar ajuda.

Espantei-me com sua surpresa. Eu me esqueço de como Louis é totalmente humano, por ser o mais fraco de nós, e de que ele não consegue ler pensamentos de modo algum. Eu supunha que ele vinha me observando ultimamente, à distância, mas espionando como só um vampiro ou um anjo consegue, para ver quando o encontro se realizaria.

Ele voltou e se sentou novamente.

— Quero que você me conte tudo — disse ele. Seu rosto corou por um instante. Perdeu sua brancura sobrenatural, e parecia um rapaz de vinte e quatro anos, com feições bonitas e de contorno definido, o rosto magro e bem modelado. Poderia ter sido criado por Deus para ser pintado por Andréa del Sarto, de tão deliberada que parecia ser sua perfeição.

— David, por favor, conte-me tudo — insisti ele, tendo em vista meu silêncio.

— Claro que sim, é o que pretendo. Mas preciso que me dê mais alguns instantes. Alguma coisa está acontecendo, sabe, e eu não tenho certeza se é a perversidade geral dela.

— Perversidade? — perguntou ele em total inocência.

— Não quis falar tão a sério. Veja só. Ela é uma mulher muito forte e muito estranha no seu jeito de ser. Vou lhe contar tudo, sim.

No entanto, antes de começar, examinei-o mais uma vez e reparei que nenhum de nós, ou seja, nenhum dos vampiros ou sugadores imortais de sangue com quem eu me havia deparado, era nem um pouco parecido com ele.

Nos anos que tinha passado com ele, presenciamos assombros juntos. Tínhamos visto os seres antiqüíssimos da espécie e fomos totalmente humilhados por essas visitas, que de uma forma cansativa faziam troça da longa busca de Louis, típica do século XIX, por respostas que não existiam.

Durante nossas recentes assembléias, muitos dos mais velhos tinham oferecido a Louis o poder do seu sangue antigo. Com efeito, a antiqüíssima Maharet, que agora era vista como gêmea da Mãe absoluta de todos nós, tinha insistido ao extremo com Louis para que se alimentasse das suas veias. Eu observara aquilo com considerável apreensão. Maharet pareceu ofendida por alguém tão fraco.

Louis recusou sua oferta. Louis a rejeitou. Nunca me esquecerei da conversa.

— Não valorizo minhas fraquezas — explicou-lhe. — Seu sangue confere poder, não questiono esse ponto. Só um tonto questionaria. Mas sei pelo que aprendi com vocês todos que a capacidade de morrer é importantíssima. Se eu tomar seu sangue, vou me tornar forte demais para um simples ato de suicídio, exatamente como você neste momento. E isso eu não posso permitir. Deixem-me continuar sendo o humano em meio a vocês. Deixem-me adquirir minha força lentamente, como você adquiriu no passado, a partir do tempo e do sangue humano. Eu não gostaria de me tornar o que Lestat se tornou graças ao sangue dos antigos. Eu não gostaria de ser tão forte e de me distanciar tanto de um fim

fácil.

Na época fiquei assombrado com o evidente desagrado de Maharet. Nada acerca de Maharet é simples exatamente porque tudo é. Com isso, quero dizer que ela é tão antiga que está isolada de todo da expressão comum de emoções ternas, a não ser talvez pela intenção deliberada de ser misericordiosa.

Ela perdeu todo o interesse por Louis no momento em que ele a rejeitou; e, ao que eu saiba, nunca mais olhou para ele ou mencionou seu nome. Naturalmente, ela não lhe fez mal, e não lhe faltaram oportunidades. Mas ele tinha deixado de ser um ser vivo, não era mais um de nós, para ela. Ou era o que eu supunha.

Mas na realidade quem haveria de julgar uma criatura como Maharet? O fato de eu tê-la visto, de ter ouvido sua voz, de ter estado com ela algum tempo no seu próprio refúgio, tudo isso era motivo de gratidão.

Eu mesmo tinha sentido enorme respeito pela relutância de Louis em beber o puro elixir dos deuses da escuridão. Louis fora transformado em vampiro por Lestat quando Lestat era de fato muito jovem. E Louis era consideravelmente mais forte que os seres humanos, perfeitamente capaz de enfeitá-los, e conseguia superar com facilidade o adversário mortal mais esperto. Embora estivesse sujeito às leis da gravidade em grau muito maior que eu, ele conseguia movimentar-se pelo mundo com muita rapidez, atingindo uma categoria de invisibilidade que apreciava muitíssimo. Louis não lia pensamentos e não era espião.

Contudo, era muito provável que Louis morresse se fosse exposto ao sol, embora ele já tivesse passado do ponto em que o sol o reduziria a puras cinzas, como havia acontecido com Claudia apenas cerca de setenta anos após seu nascimento. Louis ainda precisava de sangue todas as noites. Era muito provável que Louis procurasse o esquecimento nas chamas de uma pira.

Eu agora estremecia, enquanto me lembrava das limitações deliberadas dessa criatura e da sabedoria que ele parecia possuir.

Meu próprio sangue era de uma força notável por ser proveniente de Lestat que havia recebido sangue não só do ancião Marius, mas também da Rainha dos Condenados, a própria progenitora dos vampiros. Eu não sabia exatamente o que poderia fazer para encerrar minha existência, mas sabia que não seria fácil. Quanto a Lestat, quando eu pensava nas suas aventuras e nos seus poderes, parecia impossível a existência de algum meio para ele sair deste mundo.

Esses pensamentos tanto me perturbaram que estendi a mão para segurar a de Louis.

— Essa mulher é muito poderosa — disse eu, quando me decidi a começar. — Ela me pregou algumas peças esta noite, e não sei ao certo como nem por quê.

— E o deixou exausto — disse ele, com consideração. — Você tem certeza de que não quer descansar?

— Não, eu preciso falar com você — respondi. E assim comecei a descrever nosso encontro no café e tudo o que se havia passado entre nós, incluídas minhas recordações de Merrick criança anos atrás.

CAPÍTULO 5



EU COM EFEITO LHE CONTEI TUDO O QUE LHES RELATEI ATÉ AGORA.

Descrevi até mesmo minhas escassas lembranças do primeiro encontro com Merrick menina, e meu temor reprimido quando tive certeza absoluta de que os antepassados nos daguerreótipos estavam dando sua aprovação a Aaron e a mim.

Louis ficou muito alarmado quando expus essa parte da história, mas não quis que eu parasse ainda e me incentivou a prosseguir.

Contei-lhe sucintamente como o encontro tinha acionado outras lembranças mais eróticas de Merrick, mas que ela não recusara nosso pedido.

Expliquei que Merrick o havia visto e que ela sabia quem ele era e o que ele era muito antes que qualquer informação secreta sobre os vampiros lhe fosse transmitida pela Talamasca. Na realidade, ao que me fosse dado saber, nenhuma informação sobre os vampiros jamais tinha sido passada a Merrick.

— Eu me lembro de mais de um encontro com ela — disse ele. — Eu deveria ter-lhe contado, mas a esta altura você já deve conhecer meu jeito de ser.

— O que você está querendo dizer?

— Eu só conto o que é necessário — afirmou ele, com um leve suspiro. — Quero acreditar no que digo, mas é difícil. Bem, na realidade eu tive mesmo um encontro com Merrick. Isso é verdade. E é verdade também que ela me lançou uma maldição. Foi mais do que suficiente para que eu me afastasse dela. No entanto, eu não estava com medo. Eu tinha me equivocado totalmente a respeito de algo nela. Se eu conseguisse ler pensamentos como você, o equívoco nunca teria ocorrido.

— Mas você precisa me explicar isso — disse eu.

— Foi numa ruela estreita, bastante perigosa — disse ele. — Achei que ela quisesse morrer. Estava caminhando sozinha em total escuridão e, quando ouviu meus passos decididos atrás dela, nem sequer se incomodou de olhar para trás ou apressar o passo. Era um comportamento muito afoito e incomum para qualquer mulher de qualquer espécie. Achei que estivesse cansada da vida.

— Entendo.

— Mas o que aconteceu, quando me aproximei dela, foi que seus olhos chispavam violentos sobre mim, e ela me enviou um aviso que ouvi com a mesma nitidez de palavras pronunciadas. “Ponha as mãos em mim, e eu o arrebento.” Essa parece a melhor tradução do francês que consigo fazer. Ela

proferiu outras maldições, disse palavras, não tenho certeza do que significavam. Não me afastei dela por medo. Apenas não a desafiei. Fui atraído por ela quando estava com sede, porque pensei que ela quisesse morrer.

— Entendo — disse eu. — Confere com o que ela me disse. Em outras ocasiões, acho que ela o viu de longe.

Ele refletiu sobre isso um instante.

— Havia uma velha, uma velha muito poderosa.

— Então você a conheceu.

— David, quando o procurei para lhe pedir que falasse com Merrick, eu sabia alguma coisa sobre ela, sim. Mas isso já faz um tempo, quando a velha ainda era viva; e a velha às vezes me via, decididamente, e a velha sabia o que eu era. — Ele parou por um momento e depois prosseguiu. — Há muito tempo, antes da virada do século XIX, havia praticantes de vodu por aí que sempre nos conheciam. Mas nós continuávamos em total segurança porque ninguém acreditava no que elas diziam.

— É claro — respondi.

— Mas veja bem, eu nunca acreditei muito naquelas mulheres. Quando me deparei com Merrick, bem, senti algo de um poder imenso e fora do alcance do meu entendimento. Agora, por favor, continue. Diga-me o que aconteceu hoje à noite.

Relatei como tinha levado Merrick até o Windsor Court Hotel e como o feitiço tinha se abatido sobre mim com numerosas aparições, das quais a mais assustadora e perniciosa era decididamente a de Grande Nananne, a avó falecida.

— Se você pudesse ter visto as duas figuras em conversa na entrada de carros, se pudesse ter visto seu estilo absorto e cheio de segredos, além da atitude descontraída e sem medo com que me encaravam, você teria tido calafrios.

— Sem a menor dúvida — disse ele. — E o que você está dizendo é que as viu de fato, como se elas realmente estivessem ali. Não foi simplesmente uma idéia.

— Não, meu caro, eu as vi. Elas pareciam de verdade. É claro que não tinham exatamente a mesma aparência de outras pessoas, isso você precisa entender. Mas elas estavam lá!

Passei a explicar minha volta ao hotel, o altar, Papa Legba e então minha vinda para casa. E, mais uma vez, descrevi a música do cravo e a cantoria dos pássaros em gaiolas.

Louis ficou visivelmente triste com isso, mas mais uma vez não me interrompeu.

— Como já disse antes, eu reconheci a música. Era a primeira sonata de Mozart. E a interpretação era fantástica e cheia de...

— Diga.

— Mas você deve tê-la ouvido. Era obsessiva. Quer dizer, há muito, muito tempo, você deve ter ouvido esse tipo de música, quando foi tocado aqui pela primeira vez, pois as assombrações apenas repetem o que ocorreu um dia.

— Era cheia de raiva — disse ele, baixinho, como se a própria palavra “raiva” o fizesse baixar o tom da voz.

— E, era isso, raiva. Era Claudia tocando, não era? — Ele não respondeu. Parecia impressionado com suas recordações e considerações. Então, finalmente falou.

— Mas você não sabe se foi Claudia quem o fez ouvir esses sons — disse ele. — Poderia ter sido Merrick e seu feitiço.

— Quanto a isso você tem razão, mas veja só, nós também não temos certeza de que Merrick provocou todas as outras coisas. O altar, a vela, até meu sangue no lenço, nada disso prova que Merrick enviou os espíritos em minha perseguição. Temos de pensar no espírito de Grande Nananne.

— Você está querendo dizer que esse espírito poderia ter interferido conosco, por sua própria e exclusiva vontade?

Fiz que sim.

— E se esse espírito quiser proteger Merrick? E se esse espírito não quiser que a neta invoque a alma de um vampiro? Como podemos saber?

Ele parecia estar à beira do desespero total. Continuava sereno e razoavelmente controlado, mas seu rosto estava muito abatido. Ele então pareceu controlar-se e esperou que eu falasse como se não houvesse palavras para expressar o que estava sentindo.

— Louis, preste atenção! Eu tenho apenas uma tênue compreensão do que estou a ponto de dizer, mas é importantíssimo.

— Sim, e do que se trata? — Ele parecia ao mesmo tempo animado e humilde, sentado ereto na poltrona, insistindo para que eu continuasse.

— Nós somos criaturas desta terra, você e eu. Somos vampiros. Mas somos matéria. Na realidade, estamos fortemente entrelaçados com o *Homo sapiens* já que nos nutrimos exclusivamente do sangue dessa espécie. Qualquer que seja o espírito que habita nosso corpo, rege nossas células, permite que vivamos... qualquer espírito que faça tudo isso é desprovido de mente e bem poderíamos dizer desprovido de nome, ao que nos seja dado saber. Você concorda mesmo comigo quanto a esses pontos...

— Concordo — disse ele, obviamente ansioso para que eu prosseguisse.

— O que Merrick faz é magia, Louis. Pertence a outro reino. Ele não me deu resposta.

— É magia o que estamos lhe pedindo que faça para nós. O vodu é magia. O candomblé também. E da mesma forma o Santo Sacrifício da Missa.

Ele estava perplexo, mas fascinado.

— Deus é magia — continuei — e os santos também. Os anjos são magia. E os espíritos, se realmente são aparições de almas que um dia viveram na terra, também são magia.

Ele absorveu essas palavras com atitude respeitosa e permaneceu em silêncio.

— Entenda bem — prossegui. — Não estou dizendo que todos esses elementos mágicos são iguais. O que estou dizendo é que o que eles têm em comum é o fato de estarem apartados da matéria, afastados da terra e da carne. É claro que interagem com a matéria. Interagem com a carne. Mas pertencem ao reino da pura espiritualidade onde poderiam existir outras leis diferentes das nossas leis terrenas do mundo físico.

— Entendi o que você quer dizer — disse Louis. — Você está me avisando que essa mulher pode fazer coisas que nos desconcertarão com tanta facilidade quanto desconcertariam homens mortais.

— É, essa é minha intenção aqui, em parte — respondi. — No entanto, Merrick pode fazer mais do que simplesmente nos desconcertar, você me entende? Precisamos abordar Merrick e o que ela for fazer com o máximo respeito.

— Entendo, sim — disse ele. — Mas se os seres humanos têm uma alma que sobrevive à morte, uma alma que pode se manifestar como espírito diante dos vivos, então os seres humanos também têm componentes mágicos.

— E, um componente mágico, e você e eu ainda possuímos esse componente mágico, além de mais algum componente vampírico, mas quando uma alma realmente deixa seu corpo físico? Então, ela está no reino de Deus.

— Você acredita em Deus — murmurou ele, totalmente pasmo.

— É, acho que sim — respondi. — Na realidade, sei que sim. De que adianta esconder isso como se fosse uma disposição mental tola ou primitiva?

— Então você de fato tem enorme respeito por Merrick e sua magia — disse ele. — E acredita que Grande Nananne, como você a chama, poderia com efeito ser um espírito poderosíssimo.

— Isso mesmo — disse eu.

Ele se recostou na poltrona, e seus olhos passeavam de um lado ao outro um pouco rápido demais. Ele estava bastante empolgado com tudo o que eu lhe dissera, mas toda a sua atitude era de profunda tristeza, e nada conseguia fazê-lo parecer feliz ou alegre.

— Grande Nananne poderia ser perigosa, é o que você está dizendo — murmurou ele. — Grande Nananne poderia querer proteger Merrick de... você e de mim.

Ele estava esplêndido na sua dor. Mais uma vez, fez-me pensar nos quadros de Andréa del Sarto. Sua beleza tinha algo de exuberante, apesar dos contornos claros, nítidos e bem definidos dos seus olhos e da sua boca.

— Não tenho expectativa de que minha fê faça a menor diferença para você. — disse eu. — Mas quero ressaltar esses sentimentos porque esse vodu, esse assunto de espíritos, é de fato perigoso.

Louis estava perturbado, mas nem um pouco assustado, talvez nem mesmo se sentisse cauteloso. Eu queria dizer mais. Queria lhe contar minhas experiências no Brasil, mas não era a hora nem o lugar para isso.

— Mas, David, a respeito de espíritos — disse ele, afinal, ainda mantendo um tom respeitoso —, sem dúvida há espíritos de todos os tipos.

— É, acho que sei o que você quer dizer — respondi.

— Bem, essa Grande Nananne, se na realidade apareceu por sua própria vontade, exatamente de onde veio?

— Não podemos saber isso, Louis, sobre qualquer espírito que seja.

— Bem, sem dúvida, algumas aparições são manifestações de espíritos presos à terra. Os estudiosos do oculto não sustentam essa verdade?

— Sustentam.

— Se essas aparições são os espíritos dos mortos que estão presos à terra,

como podemos dizer que eles são puramente mágicos? Eles não se encontram ainda na atmosfera? Não estão lutando para alcançar os vivos? Não estão apartados de Deus? De que outra forma pode ser interpretado o fato de Claudia assombrar Jesse? Se era Claudia, Claudia não passou adiante para um reino exclusivamente espiritual. Claudia não participa das leis de fora deste mundo. Claudia não está em paz.

— Ah, entendo — respondi. — Quer dizer que é por isso que você quer tentar o ritual. Senti-me tolo por não ter percebido isso desde o início. — Você acredita que Claudia está sofrendo.

— Acho perfeitamente possível — disse ele —, se Claudia realmente apareceu para Jesse como Jesse parecia acreditar. — Ele estava arrasado. — E, para ser franco, espero que não consigamos invocar o espírito de Claudia. Espero que o poder de Merrick não funcione. Espero que, se Claudia tinha uma alma imortal, que essa alma tenha chegado a Deus. Tenho esperança de coisas nas quais não consigo acreditar.

— Então é por esse motivo que a história da aparição de Claudia o atormentou tanto. Você não quer falar com ela. Você quer ter certeza de que ela está em paz.

— E, quero fazer isso porque ela pode ser um espírito torturado e sem descanso. Não consigo saber pelas histórias dos outros. Eu mesmo nunca fui assombrado, David. Como lhe disse, nunca ouvi aqui a música do cravo nem o canto dos pássaros engaiolados. Nunca presenciei nada que sequer indicasse que Claudia continua a existir em algum lugar de alguma forma. Quero tentar entrar em contato com ela para poder saber.

Custou-lhe muito essa confissão, e ele voltou a se recostar, com o olhar perdido, talvez examinando algum canto secreto da sua alma.

Finalmente, com os olhos ainda fixos em algum ponto invisível na penumbra, ele falou:

— Se ao menos eu a tivesse visto, poderia fazer alguma avaliação, por mais deficiente que fosse. Digo a mim mesmo que nenhum espírito errante jamais conseguiria me enganar fazendo-me crer que fosse Claudia, mas a verdade é que também nunca vi um espírito errante. Nunca vi nada que se assemelhasse. Só tenho a história de Jesse do que aconteceu, que a própria Jesse procurou amenizar em consideração por meus sentimentos. E é claro os devaneios de Lestat, de que tinha certeza de Claudia ter vindo procura-lo, de que experiências passadas o engoliram literalmente quando estava submetido a suas aventuras com o Ladrão de Corpos.

— É, já o ouvi falar nisso.

— Mas com Lestat, nunca se sabe... — disse ele. — Lestat pode ter estado ilustrando sua consciência nessas histórias. Não sei. O que sei mesmo é que quero desesperadamente que Merrick Mayfair tente invocar o espírito de Claudia, e estou preparado para o que der e vier.

— Você acha que está preparado — disse eu, apressado, talvez injustamente.

— Ah, eu sei. O feitiço desta noite o deixou abalado.

— Você não pode imaginar — disse eu.

— Muito bem. Admito. Não posso imaginar. Mas quero que me diga uma coisa. Você fala de um reino fora deste mundo e de que Merrick é mágica quando tenta alcançá-lo. Então, por que isso envolve sangue? Sem dúvida, seus feitiços envolverão sangue. — Ele prosseguiu, com um pouco de raiva. — O vodou quase sempre envolve o sangue — afirmou. — Você diz que o Santo Sacrifício da Missa é mágico, e eu o compreendo porque, se o Pão e o Vinho são transformados no Santo Sacrifício da Crucificação, ele é mágico, mas por que envolve sangue? Somos seres terrenos, sim, mas um pequeno componente nosso é mágico, e por que esse componente exige sangue?

Quando terminou, estava muito acalorado, fixando os olhos em mim quase com severidade, embora eu soubesse que suas emoções tinham pouco a ver comigo.

— O que eu estou dizendo é que poderíamos comparar rituais no mundo inteiro em todas as religiões e todos os sistemas de magia, para sempre, mas eles sempre envolvem sangue. Por quê? É claro que eu sei que os seres humanos não podem viver sem sangue. Sei que “o sangue é a vida”, como disse Drácula. Sei que a humanidade fala em gritos e sussurros a respeito de altares ensangüentados, de derramamento de sangue e de irmãos de sangue, e que o sangue pede sangue, e dos que têm o sangue mais nobre. Mas por quê? Qual é a conexão essencial que une essa sabedoria ou superstição? E acima de tudo, por que Deus quer sangue?

Eu estava atordoado. Sem dúvida não ia me arriscar a dar uma resposta precipitada. E, além do mais, eu não tinha essa resposta. Sua pergunta era profunda demais. O sangue era indispensável para o candomblé. Era indispensável para o verdadeiro vodou também.

Ele prosseguiu.

— Não estou falando do seu Deus especificamente — disse ele, com delicadeza —, mas o Deus do Santo Sacrifício da Missa exigiu sangue, e de fato a Crucificação chegou a nós como um dos mais famosos sacrifícios de sangue de todos os tempos. Mas o que dizer de todos os outros deuses, os deuses da Roma Antiga para quem o sangue tinha de ser derramado na arena tanto quanto no altar; ou os deuses dos astecas que ainda estavam exigindo assassinos sangrentos em pagamento pelo governo do universo quando os espanhóis chegavam às suas praias?

— Talvez estejamos fazendo a pergunta errada — disse eu, finalmente. — Talvez o sangue não tenha importância para os deuses. Talvez o sangue tenha importância para nós. Talvez nós o tenhamos tornado o veículo para a transmissão divina. Talvez o mundo seja capaz de ultrapassar essa noção.

— Hummm, não se trata de mero anacronismo — disse ele. — É um mistério genuíno. Por que os antigos indígenas da América do Sul tinham somente uma palavra em sua língua para flores e para sangue?

Ele se levantou de novo da poltrona, parecendo totalmente desassossegado, foi até a janela mais uma vez e olhou lá para fora através da renda.

— Eu tenho meus sonhos — disse ele, sussurrando. — Sonho que ela virá e me dirá que está em paz e me mostrará a coragem para fazer o que devo fazer.

Essas palavras me entristeceram e me perturbaram.

— O Eterno não criou nenhuma lei contra meu suicídio — disse ele, parafraseando Shakespeare —, porque tudo o que preciso fazer para conseguir cometê-lo é não procurar abrigo do Sol. Sonho que ela pode me avisar sobre o fogo do inferno e sobre a necessidade de arrependimento. Mas, na verdade, é um pequeno mistério, não é? Se ela vier, pode estar tateando nas trevas. Pode estar perdida em meio às almas errantes que Lestat viu quando viajou ao outro mundo.

— Absolutamente qualquer coisa é possível — respondi. Transcorreu um longo intervalo durante o qual eu me aproximei dele em silêncio e pousei minha mão em seu ombro, meu jeito de fazer com que soubesse que eu respeitava sua dor. Ele não deu atenção a essa pequena manifestação de intimidade. Voltei para o sofá e aguardei. Não tinha nenhuma intenção de deixá-lo com pensamentos dessa natureza na cabeça. Ele afinal se voltou.

— Espere um pouco — disse, baixinho, e saiu da sala para o corredor. Ouvi-o abrir uma porta. Num instante, ele estava de volta com o que parecia ser uma pequena fotografia antiga na mão.

Minha emoção era imensa. Poderia ser o que eu achava?

Reconheci o pequeno estojo negro de guta-percha no qual estava fixada, tão parecido com os que serviam de moldura aos daguerreótipos que pertenciam a Merrick. Parecia rebuscado e bem conservado.

Ele abriu o estojo e olhou para a imagem, antes de falar.

— Você mencionou as fotografias da família da nossa queridíssima bruxa — disse ele, com reverência. — Perguntou se eles não seriam o veículo para almas protetoras.

— É mesmo. Como lhe disse, eu poderia ter jurado que aqueles retratinhos estavam olhando para Aaron e para mim.

— E você mencionou que não conseguia imaginar o que tinha significado para nós ver daguerreótipos, ou sei lá como se chamavam, pela primeira vez tantos anos atrás.

Enchi-me de uma espécie de assombro enquanto escutava o que ele dizia. Ele estivera presente. Estava vivo na época e foi testemunha. Louis tinha passado do mundo dos retratos pintados para o das imagens fotográficas. Atravessara todas aquelas décadas e estava vivo agora neste nosso tempo.

— Pense só nos espelhos — disse ele —, aos quais todo o mundo está acostumado. Pense no reflexo de repente fixado para sempre. Era assim que era. A não ser pela cor perdida, totalmente desaparecida, e aí estava o horror, se havia horror. Mas veja bem, ninguém achou que fosse tão notável, não enquanto estava acontecendo, e depois tornou-se tão comum. Nós de fato não apreciamos um milagre daqueles. Tornou-se popular muito rápido. E naturalmente, no início, quando tudo começou, quando se instalaram os primeiros estúdios, não era para nós.

— Para nós?

— David, tinha de ser à luz do dia, você não entende? As primeiras fotografias pertenciam apenas aos mortais.

— É claro. Isso nem me ocorreu.

— Ela ficou com ódio — disse ele, olhando novamente para a imagem. — E uma noite, sem que eu soubesse, ela arrombou um dos novos estúdios (e havia

muitos deles) e roubou todos os retratos que encontrou. Quebrou-os, destróçou-os, furiosa. Disse que era horrível que não pudéssemos tirar retratos nossos. “É, nós nos vemos em espelhos, e as velhas lendas não admitiam isso”, disse-me ela aos berros. “Mas e esse espelho? Essa não é alguma ameaça de julgamento?” Respondi que não era de modo algum.

“Lembro-me de que Lestat riu dela. Disse que ela era voraz, tola e que deveria estar feliz com o que tinha. Ela não tinha mais nenhuma tolerância com ele e nem lhe deu resposta. Foi nessa ocasião que ele mandou pintar o retrato em miniatura para o medalhão, o medalhão que você encontrou para ele num cofre da Talamasca.”

— Entendo — respondi. — Lestat nunca me contou essa história.

— Lestat esquece muitas coisas — disse ele, pensativo e sem tom de censura. — Depois disso, ele mandou pintar outros retratos dela. Aqui havia um grande, bellissimo. Nós o levamos à Europa. Levamos arcas com nossos pertences, mas não quero me lembrar daquela época. Não quero me lembrar de como Claudia tentou ferir Lestat.

Por respeito, continuei calado.

— Mas as fotografias, os daguerreótipos, era isso o que ela queria, a verdadeira imagem de si mesma no vidro. Estava furiosa, como lhe disse. Mas aí, anos mais tarde, quando chegamos a Paris, naquelas noites agradáveis antes que nos deparássemos com o Théâtre des Vampires e com os monstros que a destruiriam, Claudia descobriu que os retratos mágicos podiam ser tirados à noite, com luz artificial!

Ele parecia estar revivendo a experiência dolorosamente. Eu continuava calado.

— Impossível imaginar o entusiasmo de Claudia. Ela viu uma mostra do famoso fotógrafo Nadar, de fotos das catacumbas de Paris. Fotos de montanhas de ossos humanos. Nadar era o homem certo para o caso, como com certeza você sabe. Ela ficou empolgada com as fotografias. Foi ao estúdio dele, com hora marcada, à noite, e foi lá que esse retrato foi tirado.

Ele veio na minha direção.

— É pouco nítida. Levou uma eternidade para que todos os espelhos e lâmpadas artificiais cumprissem sua função. E Claudia permaneceu imóvel muito tempo. Bem, só uma criança vampiro poderia ter conseguido. Mas ela ficou muito satisfeita com o resultado. Mantinha o retrato na sua penteadeira no Hotel Saint-Gabriel, o último lugar que chegamos a chamar de nossa casa. Tínhamos aposentos muito bonitos lá. Era perto do teatro da Ópera. Acho que ela nunca desembalou os retratos pintados. Era isso que importava para ela. Cheguei a pensar que ela fosse ser feliz em Paris. Talvez tivesse sido... Mas não houve tempo. Este retratinho, ela achava que era só o início e pretendia voltar ao estúdio de Nadar com um vestido ainda mais bonito.

Ele olhou para mim.

Levantei-me para receber o retrato, e ele o colocou nas minhas mãos com extremo cuidado, como se o retrato pudesse se desfazer por sua própria vontade.

Fiquei pasmo. Como parecia pequena e inocente, essa criança irrecuperável de cachos louros e bochechas gorduchas, de lábios escurecidos na

forma do arco de Cupido e renda branca. Seus olhos realmente chamejavam a partir do vidro sombreado enquanto eu a examinava. E voltou a mesma suspeita de anos atrás, que eu tinha sentido com tanta força diante dos retratos de Merrick, de que a imagem estava me fitando.

Devo ter feito algum pequeno ruído. Não sei. Fechei o estojinho. Até preendi no lugar o minúsculo fecho dourado.

— Ela não era linda? — ele perguntou. — Diga. Não se trata de uma questão de opinião, certo? Ela era linda. Não se pode negar esse simples fato.

Olhei para ele e quis dizer que ela era, era mesmo, adorável, mas não saiu da minha boca nenhum som.

— Nós temos isso — disse ele — para a magia de Merrick. Não é seu sangue, nem uma peça de vestuário, nem um cacho de cabelo. Mas temos isso. Depois que ela morreu, voltei aos aposentos no hotel onde havíamos sido felizes e recolhi só isso, deixando todo o resto.

Ele abriu o casaco e enfiou o retrato no bolso superior. Parecia um pouco abalado, com os olhos deliberadamente inexpressivos, e então abanou a cabeça de leve.

— Você não acha que o retrato será poderoso para a magia? — perguntou.

— Acho — disse eu. Eram muitas as palavras reconfortantes que me ocorriam atabalhoadamente, mas todas pareciam fracas e artificiais.

Estávamos parados ali olhando um para o outro, e eu me surpreendi com o sentimento na sua expressão. Ele parecia totalmente humano e cheio de paixão. Eu mal podia acreditar no desespero que ele suportava.

— No fundo, eu não quero vê-la, David — disse ele. — Você precisa acreditar em mim no que diz respeito a isso. Não quero despertar seu espírito e, para ser franco, acho que não temos como fazer isso.

— Acredito em você, Louis — disse eu.

— Mas, se ela vier mesmo, e se estiver em tormento...

— Nesse caso, Merrick saberá guiá-la — respondi rapidamente. — Eu saberei guiá-la. Todos os médiuns na Talamasca sabem guiar esses espíritos. Todos os médiuns sabem exortar esses espíritos a procurar a luz.

Ele concordou.

— Eu contava com isso — disse. — Mas, veja bem, acho que Claudia nunca ficaria perdida, apenas com o desejo de permanecer. E nesse caso, poderia ser necessária uma bruxa poderosa, como Merrick, para convencê-la de que fora deste mundo existe um fim para a dor.

— Exatamente — disse eu.

— Bem, já o perturbei o bastante para uma noite. Agora preciso sair. Sei que Lestat está na cidade alta, no antigo orfanato. Está escutando sua música lá. Quero me certificar de que nenhum intruso entrou lá.

Eu sabia que isso era fantasia. Lestat, independentemente da sua disposição de espírito, podia defender-se muito bem de praticamente qualquer coisa, mas tentei aceitar as palavras com cavalheirismo.

— Estou com sede — acrescentou ele, olhando de relance para mim, com a sombra de um sorriso. — Você tem razão. É verdade que não vou cuidar de Lestat. Já estive no St. Elizabeth's. Lestat está só com sua música, como é sua

vontade. Estou morrendo de sede. Vou me alimentar. E preciso fazer isso sozinho.

— Não — disse eu, baixinho. — Deixe-me ir com você. Depois do feitiço de Merrick, não quero que você vá sozinho.

Decididamente, esse não era o modo de agir de Louis. Mesmo assim, ele concordou.

CAPÍTULO 6



SAÍMOS JUNTOS, CAMINHANDO RÁPIDO ATÉ ESTARMOS BEM LONGE DOS quarteirões iluminados da Rue Bourbon e da Rue Royale.

Nova Orleans logo abria para nós seus pontos vulneráveis, e penetramos num bairro arruinado, não muito diferente do bairro no qual tanto tempo atrás eu havia conhecido a Grande Nananne de Merrick. Mas se havia alguma bruxa poderosa por ali, não encontrei nenhum sinal delas naquela noite.

Agora, deixem-me dizer algumas palavras sobre Nova Orleans e o que ela era para nós.

Em primeiríssimo lugar, ela não era uma cidade monstruosa como Los Angeles ou Nova York. E, muito embora possuía uma considerável classe inferior de elementos perigosos, ainda assim é um lugar pequeno.

Ela não consegue realmente sustentar a sede de três vampiros. E, quando sugadores de sangue são atraídos para ela em grande quantidade, o desejo aleatório por sangue cria uma comoção inconveniente.

Era o que havia acontecido recentemente, em decorrência de Lestat ter publicado suas crônicas de Memnoch, o demônio, período durante o qual muitos dos antiquíssimos vieram a Nova Orleans, assim como vampiros desgarrados — criaturas de tremendo apetite e pouca consideração pela espécie e pelos caminhos subterrâneos que se deve seguir para sobreviver no mundo moderno.

Durante aquela época de reunião, consegui convencer Armand a me ditar a história da sua vida; e, com a permissão da vampiresa Pandora, circulei as páginas que ela me dera algum tempo antes.

Essas histórias atraíram um número cada vez maior dos sugadores de sangue dissidentes — criaturas que, desprovidas de comando e espalhando mentiras quanto às suas origens, costumam escarnecer de suas presas mortais e procuram coagi-las de um modo que só pode causar problemas para todos nós.

A constringedora reunião não durou muito.

No entanto, embora Marius, uma cria de dois milênios, e sua companheira, a bela Pandora, não aprovassem as atitudes dos jovens sugadores de sangue, eles se recusavam a erguer a mão contra os jovens fosse para matá-los fosse para fazê-los fugir. Não fazia parte de sua natureza reagir diante de uma catástrofe daquelas, se bem que estivessem indignados com a conduta desses monstros de baixa estirpe.

Quanto à mãe de Lestat, Gabrielle, um dos indivíduos mais frios e fascinantes que jamais encontrei, aquilo não lhe interessava em absoluto, desde

que ninguém ferisse seu filho.

Bem, era totalmente impossível que alguém conseguisse ferir seu filho. Ele não é suscetível a ser ferido, ao que todos nós sabemos. Ou melhor, para falar de modo mais direto, digamos que suas próprias aventuras feriram Lestat muito mais do que qualquer vampiro conseguiria ferir. Sua viagem ao Paraíso e ao Inferno com Memnoch, tenha sido ela ilusão ou jornada sobrenatural, deixou-o atordoado em termos espirituais a tal ponto que ele não está pronto para retomar suas travessuras e voltar a ser o Príncipe Moleque que nós no passado adoramos.

No entanto, com sugadores de sangue sórdidos e indomados derrubando até as próprias portas do convento de St. Elizabeth's e subindo pela escada de ferro do nosso próprio apartamento na Rue Royale, foi Armand quem conseguiu despertar Lestat e instigá-lo a assumir o controle da situação.

Lestat, tendo já acordado para escutar o piano tocado por um vampiro novato, culpou-se pela grosseira invasão. Tinha sido ele quem criara o “Conciliábulo dos Eloquentes”, como viéramos a ser chamados. E assim, ele nos avisou em voz comedida, com pouco ou sem nenhum entusiasmo pelo combate, que daria um jeito nas coisas.

Armand — que no passado era dado a liderar conciliábulos e a destruí-los — auxiliou Lestat num massacre dos vampiros desgarrados inconvenientes antes que o tecido social se rompesse de forma irremediável.

Tendo o dom do fogo, como os outros o chamavam, ou seja, a capacidade de acender uma chama com seu poder telecinético, Lestat destruiu pelo fogo os que se atreveram a invadir seu próprio covil e todos os que violaram a privacidade dos mais retraídos: Marius e Pandora, Santino, Louis e de mim mesmo. Armand esquartejou e fez desaparecer os que morreram por sua mão.

Os poucos seres sobrenaturais que não foram mortos fugiram da cidade; e, com efeito, muitos deles foram alcançados por Armand, que não demonstrou em absoluto nenhuma misericórdia pelos ilegítimos, pelos descuidados insensíveis e pelos deliberadamente cruéis.

Depois disso, quando ficou claro para todos que Lestat tinha voltado ao seu semi-sono, totalmente absorto em gravações da música mais requintada que eu e Louis lhe fornecíamos, os mais velhos — Marius, Pandora, Santino e Armand, com dois companheiros mais jovens — seguiram seu próprio caminho.

Era inevitável essa partida porque nenhum de nós conseguia suportar a companhia de tantos colegas sugadores de sangue por muito tempo.

Da mesma forma que acontece com Deus e Satã, a humanidade é nosso tema. E é assim que preferimos passar nosso tempo imersos no mundo mortal e em suas inúmeras complexidades.

Naturalmente, voltaremos a nos reunir em várias ocasiões no futuro. Sabemos muito bem como entrar em contato uns com os outros. Não consideramos que escrever cartas seja indigno de nós. Ou recorrer a outros meios de comunicação. Os mais velhos sabem por telepatia quando algo deu terrivelmente errado com os mais novos, e vice-versa. Por enquanto, porém, apenas Louis, Lestat e eu caçamos nas ruas de Nova Orleans, e continuará sendo assim por algum tempo.

Para ser explícito, isso quer dizer que só Louis e eu caçamos, já que Lestat

simplesmente não se alimenta mais. Por ter o corpo de um deus, ele subordinou o desejo que ainda atormenta os mais poderosos e jaz em seu torpor enquanto a música continua tocando.

E assim Nova Orleans, em toda a sua beleza sonolenta, abriga apenas dois dos Mortos Vivos. Mesmo assim, precisamos ser muito espertos. Precisamos disfarçar os atos que cometemos. Alimentar-se do malfetor, como Marius sempre chamou o ato, é o voto que fizemos. No entanto, a sede de sangue é algo terrível.

Mas, antes de voltar à minha história de como Louis e eu saímos naquela noite em especial, permitam-me mais algumas palavras sobre Lestat.

Pessoalmente não acho que as coisas com ele sejam tão simples quanto os outros costumam crer. Já lhes transmiti aproximadamente a “versão oficial”, como se diz, a respeito do seu sono semelhante ao coma e da sua música. Mas há outros aspectos muito perturbadores que eu não posso negar nem resolver.

Incapaz de ler sua mente, porque ele me tornou vampiro e, portanto, sou sua cria, o que me faz íntimo demais dele para esse tipo de comunicação, eu, mesmo assim, percebo certas coisas nele enquanto jaz ali, horas a fio, escutando a música brilhante e tempestuosa de Beethoven, Brahms, Bach, Chopin, Verdi e Tchaikovsky, bem como de outros compositores que ele adora.

Confessei essas “dúvidas” a respeito de seu bem-estar a Marius e Pandora, e a Armand. Mas nenhum deles conseguiu penetrar o véu de silêncio sobrenatural que Lestat dispôs em torno de seu ser inteiro, corpo e alma.

“Ele está exausto”, dizem os outros. “Logo voltará a ser o Lestat de sempre.” E: “Ele vai sair dessa.”

Não duvido disso. Não mesmo. Mas, para ser franco, há mais algum problema com ele que ninguém adivinhou. Há ocasiões em que ele sequer está ali no corpo.

Ora, isso pode significar que ele está projetando sua alma para cima e para fora a fim de vaguear, em pura forma espiritual, à vontade. Decerto Lestat sabe fazer isso. Aprendeu com os vampiros mais antigos, e provou que conseguia esse feito quando operou a troca com o perverso Ladrão de Corpos.

Só que Lestat não gosta desse poder. E não é provável que alguém que já teve seu corpo roubado faça uso desse poder por mais do que um intervalo muito breve numa única noite.

Sinto que algum problema muito mais grave está ocorrendo, que Lestat nem sempre está no comando seja do corpo seja da alma, e que devemos esperar para descobrir os termos e o resultado de uma batalha que talvez ainda esteja em curso.

Quanto à aparência de Lestat, ele se deita no chão da Capela ou na cama de quatro colunas no apartamento da cidade, de olhos abertos, embora eles não pareçam enxergar nada. E, por algum tempo depois da grande luta de purificação, ele chegou a mudar de roupa periodicamente, preferindo os paletós de veludo vermelho de antigamente e as camisas brancas de cambraia pesada com acabamento de renda, com calças justas e botas pretas simples.

Outros interpretaram como um bom sinal essa atenção ao guarda-roupa. Para mim, Lestat fazia isso para que nós o deixássemos em paz.

Infelizmente, não tenho mais nada a dizer a esse respeito nesta narrativa. Pelo menos, acho que não. Não tenho como proteger Lestat do que está acontecendo, e ninguém na verdade conseguiu jamais protegê-lo ou impedi-lo, independentemente das circunstâncias da sua aflição.

Voltemos agora ao meu registro dos acontecimentos.

Louis e eu tínhamos nos embrenhado por uma parte miserável e pavorosa da cidade, onde havia muitas casas desertas, e as poucas que ainda mostravam sinais de habitação estavam trancadas com grades de ferro nas portas e janelas.

Como sempre acontece em qualquer bairro de Nova Orleans, depois de andar alguns quarteirões chegamos a uma rua comercial e ali encontramos muitas lojas abandonadas, que muito tempo atrás tinham sido fechadas com tábuas e pregos. Só um “clube de prazer”, como se chamava, dava indícios de presença humana, os que estavam ali dentro estavam alcoolizados e passavam a noite inteira jogando cartas e dados.

No entanto, quando prosseguimos em nosso passeio, eu acompanhando Louis, já que essa era a caçada dele, logo chegamos a uma pequena moradia aninhada entre as antigas fachadas de lojas, a ruína de uma simples casa estreitíssima, cuja escada de entrada estava perdida em meio ao mato alto.

Havia mortais ali dentro, percebi de imediato, e eles eram de estados mentais diversos.

A primeira mente que se abriu para mim foi a de uma mulher de idade, que vigiava um bebê num moisés barato, uma mulher que estava em preces fervorosas: pedia a Deus que a livrasse daquelas circunstâncias, circunstâncias que se referiam a duas pessoas jovens que estavam num quarto mais na frente da casa, totalmente entregues à bebida e às drogas.

Em silêncio e com eficiência, Louis avançou pelo beco tomado de mato até os fundos do barraco torto e, sem um som, espiou pela pequena janela acima de um aparelho de ar condicionado ruidoso a mulher aflita, que enxugava o rosto do bebê, que não chorava.

Repetidas vezes, ouvi essa mulher murmurar em voz audível que não sabia o que ia fazer com as pessoas no quarto da frente, que tinham destruído seu lar e deixado esse pobre bebezinho que morreria de fome ou de outras faltas de cuidado se a mãe, alcoólatra e promíscua, fosse forçada a cuidar da criança sozinha.

Louis parecia um anjo da morte que chegara àquela janela.

Num exame mais de perto, por cima do ombro de Louis, obtive uma melhor perspectiva da velha, e descobri que ela não estava só cuidando do bebê, mas passando roupa numa tábua baixa que lhe permitia trabalhar sentada e estender a mão a toda hora para consolar o bebê no bercinho de vime.

O cheiro de roupa recém-passada era delicioso, cheiro de queimado, mas agradável, do calor do ferro no algodão e no linho.

E eu via agora que o quarto estava cheio dessas peças, e imaginei que essa mulher fizesse esse trabalho para fora.

— Que Deus me ajude — resmungou baixinho, numa cantilena, abanando a cabeça enquanto passava a roupa. — Que o Senhor leve embora essa menina e os amigos. Que Deus me ajude. Que o Senhor me livre deste Vale de Lágrimas,

ai, meu Deus, onde estou há tanto tempo.

O quarto em si era mobiliado com conforto e tinha toques de cuidados domésticos, como paninhos rendados no encosto das poltronas e o chão limpo, de linóleo, que brilhava como se tivesse sido encerado recentemente.

A própria mulher era de complexão pesada e usava o cabelo num coque na nuca.

Enquanto Louis seguia adiante para examinar os cômodos dos fundos da casa, a velha estava totalmente despercebida, e sua cantilena de orações pela libertação daquele tormento prosseguia.

A cozinha, também imaculada, revelava o mesmo linóleo brilhante e toda a louça lavada e posta para secar ao lado da pia.

Já os cômodos da frente da casa eram outros quinhentos. Ali os jovens reinavam em sujeira total, um esticado numa cama sem lençol que cobrisse o colchão sujo, e a outra criatura lastimável, sozinha, na sala de estar, tão drogada ao ponto de estar inconsciente.

Esses dois seres perdidos eram mulheres, embora não se pudesse determinar à primeira vista. Pelo contrário, o cabelo cortado brutalmente curto, o corpo emaciado e as pernas vestidas de jeans lhes conferiam uma desolada aparência assexuada. E as pilhas de roupas espalhadas por toda parte ao redor não davam nenhuma pista quanto a uma predileção por trajes femininos ou masculinos.

Para mim, esse espetáculo era insuportável.

É claro que Marius tinha nos avisado em termos explícitos, antes de deixar Nova Orleans, que, se não caçássemos quase exclusivamente o malfeitor, logo enlouqueceríamos. Alimentar-se dos inocentes é sublime, mas leva inevitavelmente a um tal amor pela vida humana que o vampiro que age desse modo não consegue resistir muito tempo.

Não tenho certeza se concordo com Marius nesse ponto, e acredito, sim, que outros sugadores de sangue sobreviveram muito bem alimentando-se dos inocentes. No entanto, a idéia de caçar o malfeitor é uma idéia que eu pessoalmente adotei para minha própria paz de espírito. A intimidade com o mal é algo que preciso suportar.

Louis entrou na casa por uma porta lateral, que é bastante típica de casas estreitas desse tipo, que não têm corredor, mas são apenas uma fileira de cômodos.

Permaneci no ar mais puro do jardim coberto de mato, olhando de vez em quando para as estrelas em busca de consolo, e de repente dominado pelo fedor indesejável de vômito e fezes que vinha do pequeno banheiro da casa, mais um milagre de ordem e limpeza se não fosse a imundície recém-depositada no chão.

Com efeito, as duas moças pareciam estar precisando de intervenção imediata caso se quisesse que fossem salvas de si mesmas, mas Louis não tinha vindo proporcionar isso. Vinha como vampiro, tão faminto que até mesmo eu conseguia sentir. Entrou primeiro no quarto de dormir e se sentou ao lado daquele ser espectral no colchão listrado. E, com grande rapidez, ignorando seus risinhos ao vê-lo, ele a enlaçou com o braço direito e afundou os dentes para o gole fatal.

E a velha não parava de rezar no quarto dos fundos.

Pensei que Louis tivesse terminado suas atividades no lugar, mas nem pensar.

Assim que deixou o corpo esquelético da mulher cair para o lado sobre o colchão, ele se levantou e ficou parado um instante à luz dos poucos abajures espalhados no quarto.

Estava esplêndido com a luz reluzindo no cabelo negro e encaracolado, e cintilando nos olhos verde-escuros. O sangue dentro dele tinha lhe colorido o rosto de modo natural e brilhante. No casaco de veludo cor de caramelo claro, com os botões dourados, ele parecia uma aparição em meio aos tons sujos e texturas ásperas do lugar.

Perdi a respiração quando o vi focalizar lentamente os olhos e entrar no aposento da frente.

A mulher que restava deu um grito agudo de alegria estonteada quando o viu, e por um bom tempo ele permaneceu ali apenas olhando para ela, jogada numa poltrona acolchoada, com as pernas abertas e os braços nus, cobertos de feridas, caídos de cada lado.

Ele parecia estar de todo indeciso quanto ao que fazer. Mas de repente vi que seu rosto aparentemente pensativo ficou inexpressivo com a fome. Observei sua abordagem, carente de toda a graça de um ser humano contemplativo, parecendo estar movido apenas pela fome. Vi-o erguer aquela jovem medonha e fechar a boca junto ao seu pescoço. Nem vislumbre de dentes, nenhum instante de crueldade. Meramente o beijo final.

Seguiu-se o desmaio, que pude apreciar melhor enquanto espiava pela janela da frente. Durou alguns momentos e depois a mulher morreu. Ele voltou a ajoitá-la na poltrona suja, arrumando-lhe os braços e pernas com certo cuidado. Observei enquanto ele usava o sangue para selar os ferimentos dos dentes no pescoço dela. Sem dúvida tinha agido da mesma forma com a vítima no outro quarto.

Senti que uma onda de tristeza me dominava. A vida parecia simplesmente insuportável. Tive a sensação de que nunca voltaria a saber o que era segurança ou felicidade. Eu não tinha direito a nenhuma das duas. Se é que valia alguma coisa, porém, Louis estava sentindo o que o sangue podia dar a um monstro, e tinha escolhido bem suas vítimas.

Ele saiu pela porta da frente da casa, que estava destrancada e sem absolutamente nenhuma vigilância, e deu a volta para me encontrar no pátio lateral. A transformação do seu rosto estava agora completa. Parecia o mais belo dos homens, com os olhos totalmente límpidos e quase ferozes, e as maçãs do rosto coradas à perfeição.

Tudo aquilo parecia de rotina aos olhos das autoridades, as mortes daquelas duas desgraçadas. Elas teriam morrido das drogas que estavam ingerindo. Quanto à velha no quarto dos fundos, ela continuava com suas preces, embora agora as estivesse transformando numa canção para o bebê, que começava a dar pequenos gritos.

— Deixe-lhe alguma coisa para os enterros — disse eu a Louis numa voz abafada. Isso pareceu confundí-lo.

Rápido, dei a volta até a porta da frente, entrei sorrateiro e deixei uma

substancial oferta de dinheiro em cima de uma mesa quebrada que estava entulhada de cinzeiros cheios demais e copos com vinho azedo pela metade. Também pus mais algum dinheiro em cima da velha escrivania.

Louis e eu nos encaminhamos para casa. A noite estava quente e úmida, mas nos parecia límpida e agradável; e o perfume de alfena enchia meus pulmões.

Logo estávamos voltando às ruas iluminadas que adorávamos.

O passo de Louis era animado; e sua atitude, totalmente humana. Ele parava para colher as flores que cresciam por cima das cercas ou que saíam de jardins pequenos. Cantava para si mesmo algo baixo e discreto. De vez em quando, olhava para as estrelas no céu.

Tudo isso me era agradável, se bem que eu me perguntasse como, em nome de Deus, eu poderia ter a coragem de me alimentar apenas do malfeitor ou de responder a uma oração como Louis acabara de fazer. Eu via o raciocínio equivocado naquilo tudo. Mais uma onda de desolação passou por mim, e eu senti uma necessidade terrível de explicar meus vários pontos de vista, mas essa não parecia a hora adequada.

Tive a forte impressão de que eu tinha chegado à velhice como mortal e, por isso, tinha vínculos com a espécie humana que muitos outros sugadores de sangue simplesmente não possuíam. Louis tinha vinte e quatro anos quando fez o pacto com Lestat pelo Sangue das Trevas. Quanto um homem pode aprender até essa idade, e quanto ele pode mais tarde esquecer?

Eu poderia ter continuado a seguir tal linha de pensamento e de fato iniciar alguma conversa com Louis, mas ainda mais uma vez fui perturbado por algo fora de mim. E se tratava de um gato preto, um gato preto enorme, que saiu veloz de uns arbustos mais adiante e parou no meio do nosso caminho.

Não dei mais um passo. E Louis fez o mesmo, só porque eu tinha parado.

Então um carro que passava lançou seus faróis nos olhos do gato, que por um momento eram de um dourado puro, e o animal, de fato um dos maiores gatos domésticos que já vi um dia, e um espécime de aparência extremamente perniciosa, voltou para as sombras com a mesma velocidade cora que havia surgido.

— Sem dúvida você não considera isso um mau agouro — disse Louis, com um sorriso, quase me provocando. — David, você não é supersticioso, como diriam os mortais.

Adorei o toque de levandade na sua voz. Estava adorando vê-lo tão repleto do sangue quente, que poderia ter passado por humano. Mas não consegui responder.

Não gostei nem um pouco do gato. Estava furioso com Merrick. Se tivesse começado a chover, eu teria posto a culpa em Merrick. Sentia-me desafiado por ela. Estava acumulando forças para um pequeno ataque de ressentimento. Não dei uma palavra.

— Quando você vai me deixar conhecer Merrick? — perguntou ele.

— Primeiro, a história dela — disse eu — ou a parte que eu conheço. Amanhã, alimente-se cedo; e, quando eu chegar ao apartamento, vou lhe contar o que você precisa saber.

- E depois falamos sobre um encontro?
- Depois, você vai poder tomar uma decisão.



NA NOITE SEGUINTE, ACORDEI PARA DESCOBRIR O CÉU EXTRAORDINARIAMENTE claro e cheio de estrelas visíveis. Um bom augúrio para todos aqueles em estado de graça. Isso não costuma acontecer em Nova Orleans, pois o ar é saturado de umidade e com frequência o céu tem uma aparência velada com poucas manifestações de nuvens e luz.

Não tendo necessidade de me alimentar, fui direto ao Windsor Court Hotel, entrando mais uma vez no seu belo saguão moderno, um espaço que tem toda a elegância costumeira de um estabelecimento mais antigo, e subi até a suíte de Merrick.

Ela acabara de sair, segundo me informaram; e uma criada estava ocupada preparando os aposentos para um próximo hóspede.

Ah, Merrick havia permanecido mais tempo do que eu imaginara, mas menos do que eu tinha esperanças de que ficasse. No entanto, calculando que ela estivesse seguindo em segurança de volta a Oak Haven, verifiquei com a recepção se ela havia deixado algum recado para mim. Havia.

Esprei até me encontrar sozinho do lado de fora para ler o curto bilhete.

“Fui a Londres retirar dos cofres aqueles poucos itens que sabemos que estão associados à criança.”

Quer dizer que o assunto tinha avançado tanto assim!

É claro que ela estava se referindo a um rosário e um diário que nossa investigadora de campo Jesse Reeves havia encontrado no apartamento da Rue Royale mais de dez anos atrás. E, se a memória não me traía, havia outros itens que haviam sido recolhidos um século antes de um quarto de hotel abandonado em Paris, onde rumores nos levaram a acreditar que vampiros tinham se hospedado.

Fiquei assustado.

Mas o que era que eu esperava? Que Merrick resistisse ao meu pedido? Mesmo assim, eu nunca havia previsto que ela pudesse agir com tanta rapidez. É claro que eu sabia que ela poderia obter os itens em questão. Tinha muito poder dentro da Talamasca. Tinha acesso irrestrito aos cofres subterrâneos.

Ocorreu-me a idéia de tentar ligar para ela em Oak Haven, para lhe dizer que precisávamos conversar mais sobre o assunto. Mas eu não podia correr esse risco.

Havia apenas um punhado de membros da Talamasca por lá, mas cada um deles possuía poderes paranormais, cada um a seu modo. O telefone pode ser

uma poderosa ligação entre almas, e eu simplesmente não podia permitir que alguém lá percebesse algo de “estranho” na voz do outro lado da linha.

Deixei isso de lado e me encaminhei para nosso apartamento na Rue Royale. Quando estava entrando pelo portão, alguma coisa macia passou roçando na minha perna. Parei e esquadrinhei a escuridão até discernir o formato de mais um gigantesco gato negro. Sem dúvida tinha de ser outro. Eu não conseguia imaginar que o animal que eu tinha visto na noite anterior teria nos acompanhado até nossa casa sem nenhum incentivo de alimento ou de leite.

O gato desapareceu no jardim do pátio dos fundos e não estava mais à vista quando cheguei à escada de ferro dos fundos. Mas eu não estava gostando daquilo. Não gostava daquele gato. Não, nem um pouco. Demorei-me no jardim. Andei em volta da fonte, que recentemente havia sido limpa e suprida de grandes peixes de aquário, e passei um bom tempo contemplando o rosto dos querubins de pedra, segurando alto suas conchas, agora totalmente recobertos com líquen, e depois dei uma olhada nos canteiros de flores exuberantes ao longo dos muros de tijolos.

O pátio recebia manutenção, mas sem controle. Suas lajes eram varridas, mas as plantas cresciam sem restrições. Era provável que Lestat quisesse que fosse assim, se é que se importava. E Louis o adorava.

De repente, quando eu tinha acabado de resolver subir a escada, voltei a ver o gato, um enorme monstro negro aos meus olhos, mas a verdade é que não gosto de gatos, andando sorrateiro no muro alto.

Uma infinidade de pensamentos invadiu minha cabeça. Eu sentia uma empolgação cada vez maior por *esse* projeto com Merrick e tinha um certo presságio que me parecia um preço necessário. Estava de repente apavorado com o fato de ela ter partido para Londres de modo tão abrupto, de eu tê-la perturbado ao ponto de ela ter abandonado quaisquer projetos com os quais pudesse estar envolvida.

Será que eu deveria contar a Louis o que ela tencionava fazer? Isso sem dúvida conferiria um caráter decisivo aos nossos planos.

Ao entrar no apartamento, liguei todas as lâmpadas elétricas em todos os aposentos, um detalhe que era nosso costume àquela altura, e do qual eu dependia muito para obter algum sentido de normalidade, por mais que se tratasse de mera ilusão. Mas na realidade talvez a normalidade seja sempre uma ilusão. Quem sou eu para afirmar?

Louis chegou quase imediatamente depois, subindo pela escada dos fundos com seu habitual passo macio. Foram as batidas do coração que ouvi naquele meu estado de alerta, não os passos de modo algum.

Louis encontrou-me na sala dos fundos, a que era mais afastada dos turistas da Rue Royale e cujas janelas se abriam para o pátio ali embaixo. Eu de fato estava olhando pela janela, procurando o gato de novo, embora não admitisse isso para mim mesmo, e observando como nossa buganvília tinha praticamente coberto os muros altos que nos cercavam e nos mantinham a salvo do resto do mundo. A glicínia também era voraz no crescimento, chegando mesmo a saltar dos muros de alvenaria para alcançar o gradil da sacada dos fundos e abrindo caminho até o telhado.

Nunca deixei de me espantar com as flores exuberantes de Nova Orleans.

Na realidade, elas me enchiam de felicidade sempre que eu parava para olhar bem para elas e me entregar à sua fragrância, como se eu ainda tivesse o direito a isso, como se eu ainda fizesse parte da natureza, como se eu ainda fosse um homem mortal.

Louis estava trajado com cuidado e atenção, como na noite anterior. Usava um terno preto de linho, de corte primoroso em torno da cintura e dos quadris, algo incomum no linho, e mais uma camisa alvíssima com uma gravata escura de seda. O cabelo era a costumeira massa de ondas e cachos; e os olhos verdes tinham um brilho extraordinário.

Ele já se alimentara naquela noite. Era evidente. E sua pele clara estava mais uma vez impregnada da cor carnal do sangue.

Assombrei-me um pouco com essa sedutora atenção aos detalhes, mas ela me agradava. Parecia transmitir algum tipo de paz interior, esse modo meticuloso de vestir-se; ou pelo menos a cessação do desespero interior.

— Sente-se aqui no sofá, se quiser — disse eu.

Ocupei a poltrona que tinha sido dele na noite anterior.

A pequena sala nos cercava com suas lâmpadas antigas de vidro, o vermelho forte de seu tapete Kirman e o brilho do seu piso encerado. Eu vagamente me dava conta dos belos quadros de pintores franceses. Parecia que os menores detalhes eram um refúgio.

Ocorreu-me que essa era exatamente a sala na qual Claudia havia tentado assassinar Lestat mais de um século atrás. O próprio Lestat, entretanto, havia recentemente reivindicado aquele espaço, e por vários anos nós costumávamos nos reunir ali. Portanto, não parecia ser assim tão importante.

De súbito, dei-me conta de que precisava contar a Louis que Merrick tinha viajado à Inglaterra. Eu precisava lhe contar o que me deixava mais constrangido, que a Talamasca, no século XIX, havia recolhido seus pertences no Hotel Saint-Gabriel em Paris, pertences que ele próprio havia abandonado, como descrevera na noite anterior.

— Vocês sabiam da nossa presença em Paris? — perguntou ele. Vi o sangue corar seu rosto.

Refleti por algum tempo antes de responder.

— Na realidade, nós não sabíamos — disse eu. — Ah, sabíamos, sim, do Théâtre des Vampires, e sabíamos que os artistas não eram humanos. Quanto a você e Claudia, foi mais ou menos a suposição de um investigador solitário, de que vocês tivessem uma ligação. E, quando você abandonou tudo no hotel, quando foi visto deixando Paris numa noite na companhia de outro vampiro, com cautela nós tratamos de adquirir tudo o que foi deixado para trás.

Ele aceitou isso em silêncio. Depois, pronunciou-se.

— Por que vocês nunca tentaram atingir ou denunciar os vampiros do teatro? — perguntou ele.

— Teríamos sido ridicularizados se tivéssemos tentado denunciá-los — disse eu. — Além do mais, simplesmente não é isso o que fazemos. Louis, nunca chegamos a conversar de verdade sobre a Talamasca. Para mim, é como falar a respeito de um país para o qual eu passei a ser um traidor. Mas sem dúvida, você

compreende. A Talamasca observa, realmente observa, e considera ser seu objetivo principal sua própria sobrevivência pelos séculos afora.

Houve um breve silêncio. Sua expressão estava controlada, e ele parecia só um pouco triste.

— Quer dizer que a roupa de Claudia, bem, Merrick estará com ela quando voltar.

— Desde que tenhamos posse dela, sim. Eu mesmo não tenho certeza do que está nos cofres subterrâneos. — Parei de falar. Uma vez tinha trazido a Lestat um presente retirado dos cofres. Mas na ocasião eu era um homem. Não conseguia me imaginar tentando roubar qualquer objeto da Talamasca nas circunstâncias atuais.

— Muitas vezes me perguntei como seriam os tais arquivos — disse Louis. E prossegui em voz terníssima. — Nunca tive vontade de pedir nada. E Claudia que eu quero ver, não os objetos que deixamos para trás.

— Entendo o que você quer dizer.

— Mas vai fazer diferença para a magia, não vai? — perguntou ele. — Vai. Você talvez entenda isso melhor quando eu lhe falar de Merrick. — O que você quer que eu saiba sobre ela? — perguntou Louis, sério.

— Estou ansioso por ouvir sua história. Ontem à noite você me falou do primeiro encontro. Contou-me que Merrick lhe mostrou os daguerreótipos...

— É, aquele foi nosso primeiro encontro. Mas tenho mais, muito mais a contar. Você se lembra do que eu disse ontem à noite? Merrick é uma espécie de maga, uma bruxa, uma verdadeira Medéia, e nós podemos ser confundidos pela magia como qualquer criatura terrena.

— Meus desejos são específicos e puros — disse Louis. — Só quero ver o espírito de Claudia.

Não pude deixar de sorrir. Creio que o magoei. Arrependi-me imediatamente.

— Sem dúvida, você deve reconhecer algum perigo em abrir o caminho para o sobrenatural — insisti. — Mas deixe-me lhe dizer o que sei sobre Merrick, o que acho que posso contar.

Comecei a lhe relatar minhas recordações pela ordem.

Apenas alguns dias depois da chegada de Merrick a Oak Haven, uns vinte anos atrás, Aaron e eu tínhamos saído com ela para um passeio de carro até Nova Orleans para uma visita à Grande Nananne.

Minhas lembranças eram nítidas.

Os últimos dias frescos da primavera tinham passado, e nós estávamos imersos num clima quente e úmido que, por eu adorar os trópicos como adorava, e adoro, me era muito agradável. Não me arrependia nem um pouco de ter deixado Londres.

Merrick ainda não nos tinha revelado o dia da morte de Grande Nananne, que lhe fora confiado pela velha. E, embora tivesse sido a personagem no sonho que transmitiu a data fatal a Grande Nananne, Aaron não tinha absolutamente nenhum conhecimento desse sonho.

Apesar de Aaron ter me preparado para o velho setor de Nova Orleans ao qual nos dirigíamos, eu mesmo assim fiquei espantado com o bairro de casas

prestes a desabar, de todos os tamanhos e estilos, enfiadas era espirradeiras sem poda, que floriam exuberantes no calor úmido, e mais surpreso ainda ao dar com o velho chalé sobre pilares que pertencia à Grande Nananne.

Como já disse, o dia estava quente e abafado, com súbitos e violentos temporais; e, embora eu já seja um vampiro há cinco anos, consigo me lembrar com nitidez do sol que saía em meio à chuva e batia nas calçadas estreitas e irregulares. E por toda parte o mato crescia alto nas sarjetas, que no fundo não passavam de valas abertas; e os emaranhados de carvalho, feijão-cru e choupo, que subiam em toda a nossa volta enquanto nos encaminhávamos à residência que Merrick agora deveria deixar para trás.

Chegamos afinal a uma cerca alta de estacas de ferro, e uma casa muito maior que as outras ao redor, e de data muito anterior.

Era uma daquelas casas da Louisiana que se erguem a partir de colunas assentadas sobre alicerces de tijolos, com cerca de um metro e meio de altura, com uma escada de madeira central que leva à varanda da frente. Uma fileira de colunas quadradas simples sustentava o telhado da varanda em estilo neoclássico, e a porta central não era diferente das portas mais imponentes de Oak Haven por ter uma pequena bandeira semicircular intacta no alto.

Altas janelas iam do assoalho até o teto na frente da casa, mas estavam totalmente fechadas com jornal, o que dava à casa uma aparência de propriedade abandonada, desabitada. Os teixos, estendendo os galhos esqueléticos para os céus de cada lado da varanda da frente, acrescentavam uma nota sinistra, e o hall no qual entramos estava vazio e sombrio, embora atravessasse a casa direto até uma porta aberta nos fundos. Não havia nenhuma escada até o sótão, e devia haver um sótão, conjecturei, pois o corpo principal da casa tinha um telhado de grande inclinação. Para além daquela porta dos fundos aberta tudo era verde e emaranhado.

Da frente aos fundos, a casa tinha três aposentos de profundidade, o que perfazia seis cômodos no andar principal; e no primeiro deles, à esquerda do corredor, encontramos Grande Nananne, debaixo de uma camada de colchas de retalhos feitas a mão, numa velha cama de fazenda, com quatro colunas, sem dossel, de estilo simples em mogno. Digo cama de fazenda quando me refiro a esse tipo de mobília porque as peças são tão grandes e costumam estar tão apertadas em pequenos quartos de cidade que a gente logo visualiza o espaço maior no campo para o qual esse tipo de mobília deve ter sido projetado. Ademais, as colunas de mogno, embora elegantemente afiladas, eram simples sob outros aspectos.

Quando olhei para a velhinha, ressequida sobre o travesseiro muito manchado, com o corpo totalmente invisível sob as colchas gastas, por um instante pensei que estivesse morta.

De fato, eu poderia ter jurado por tudo o que sabia sobre espíritos e sobre seres humanos que o corpinho murcho em cima da cama estava desprovido de sua alma. Talvez ela estivesse sonhando com a morte e a desejasse tanto que, por uns momentos, tivesse abandonado seu invólucro mortal.

No entanto, quando a pequena Merrick apareceu no portal, Grande Nananne voltou, abrindo os olhinhos enrugados e amarelados. Sua pele

velhíssima tinha um belo tom dourado, se bem que devesse estar desbotado. O nariz era pequeno e chato, e a boca estava fixa num sorriso. O cabelo, pinceladas cinzentas.

Abajures elétricos, muito desleixados e improvisados, eram a única iluminação além da grande quantidade de velas num imenso altar próximo. Eu não conseguia discernir bem o altar, pois ele parecia envolto em penumbra por estar encostado nas janelas tapadas da frente da casa. E as pessoas atraíram minha atenção primeiro.

Aaron trouxe uma velha cadeira de encosto de palhinha para se sentar ao lado da mulher acamada.

A cama fedia a doença e a urina.

Vi que jornais e grandes imagens sagradas em cores vivas empapelavam todas as paredes em ruínas. Não havia um pedacinho de reboco exposto a não ser no teto, que estava cheio de rachaduras e tinta descascada, parecendo ser uma ameaça a todos nós. Somente as janelas laterais tinham cortinas, mas uma boa parte das vidraças estava quebrada; e aqui e ali remendos de papel de jornal tinham sido aplicados. Lá fora crescia alta a eterna folhagem.

— Vamos trazer enfermeiras para você, Grande Nananne — disse Aaron, num tom carinhoso e sincero. — Perdoe-me por ter demorado tanto para vir. — Ele se inclinou para a frente. — Está implícito que você confia em mim. Vamos mandar enfermeiras assim que formos embora hoje.

— Vir? — perguntou a velha, afundada no travesseiro de plumas. — Eu alguma vez pedi a vocês, a qualquer um de vocês, que viesse? — Não tinha nenhum sotaque francês. Sua voz era espantosamente atemporal, grave no tom e forte.

— Merrick, venha se sentar aqui perto de mim um pouco, *chérie* — disse ela. — Tranqüilize-se, Sr. Lightner. Ninguém lhe pediu que viesse

Seu braço subia e descia como um galho com a brisa, tão sem vida no formato e na cor, os dedos retraídos enquanto arranhavam o vestido de Merrick.

— Viu o que o Sr. Lightner comprou para mim, Grande Nananne? — disse Merrick ao seu lado, com os braços abertos enquanto olhava para a roupa nova.

Não tinha percebido ainda que ela estava nos trinques, com um vestido de pique branco e sapatos pretos de verniz. As meias brancas curtinhas pareciam uma incongruência numa mocinha tão desenvolvida, mas o fato é que Aaron a via totalmente como uma criança inocente.

Merrick debruçou-se e beijou a cabeça pequena da velha.

— Não precisa mais ter nenhum receio por mim — disse ela. — Estou em casa agora com eles, Grande Nananne.

A essa altura, um padre entrou no quarto, um homem alto, arqueado tão velho quanto Grande Nananne, ao que me pareceu, vagaroso nos movimentos e descarnado na longa batina negra, com o grosso cinto de couro caído sobre ossos encolhidos, as contas do rosário batendo delicadas na sua coxa.

Pareceu cego à nossa presença. Apenas cumprimentou a velha e foi embora, discreto, sem dar uma palavra. Quais poderiam ser seus sentimentos acerca do altar à nossa esquerda, encostado na parede dianteira da casa, eu não poderia adivinhar.

Senti uma cautela instintiva e uma apreensão de que ele poderia tentar nos impedir, com boa justificativa, de levar embora a menina Merrick.

Nunca se sabia que padre poderia ter ouvido falar da Talamasca, que padre poderia ter medo da ordem ou desprezo por ela, sob a orientação de Roma. Para quem estava dentro da hierarquia da Igreja Católica, éramos estranhos e misteriosos. Éramos rebeldes e controversos. Alegando que éramos leigos, se bem que antiqüíssimos, nós nunca poderíamos esperar a cooperação ou a compreensão da Igreja de Roma.

Foi depois que esse homem sumiu, e enquanto Aaron continuava sua conversa cortês e discreta com a velha, que tive a oportunidade de examinar o oratório por inteiro.

Era uma construção de tijolos que subia a partir do assoalho até um altar alto e largo no qual talvez fossem postas oferendas especiais. Sua parte superior era repleta de grandes imagens de gesso dispostas em fileiras à esquerda e à direita.

De imediato vi são Pedro, o Papa Legba do vodu haitiano, e um santo a cavalo que parecia ser santa Bárbara, representando Sobô de Xangô no candomblé, para o qual sempre tínhamos usado são Jorge. A Virgem Maria estava ali na forma de Nossa Senhora do Carmelo, representando Ezilie, uma deusa do vodu, com montes de flores aos seus pés e talvez a maior quantidade de velas à sua frente, todas elas bruxuleando nos copos altos com a brisa que passava pelo quarto.

Ali estava são Martinho de Porres, o santo negro da América do Sul, com a vassoura na mão, e ao lado, são Patricio, olhando para baixo, com os pés cercados de serpentes em fuga. Todos eles tinham seu lugar nas religiões clandestinas que os escravos das Américas prestigiavam há tanto tempo.

Havia no altar diante dessas imagens todos os tipos de pequenas lembranças obscuras, e os degraus abaixo estavam cobertos com vários objetos, acompanhados de pratos com sementes para passarinho, cereais e alimentos cozidos que tinham começado a apodrecer e a cheirar mal.

Quanto mais eu examinava essa exposição por inteiro, mais eu via coisas, como a assombrosa figura da Madona Negra com o Menino Jesus branco no colo. Havia muitos saquinhos bem amarrados e mantidos ali, bem como charutos de aparência cara, ainda na embalagem, talvez para alguma futura oferenda, eu não tinha como saber direito. Numa das extremidades do altar, havia algumas garrafas de rum.

Era sem dúvida um dos maiores oratórios daquela natureza que eu já tinha visto, e não me surpreendia que as formigas tivessem invadido parte da comida estragada. Era uma visão perturbadora e assustadora, em grau infinitamente maior que a recente oferenda improvisada de Merrick no hotel. Mesmo minhas experiências com o candomblé no Brasil não me deixaram imune à impressão solene e selvagem daquilo tudo. Pelo contrário, creio que essas experiências sob todos os aspectos me tornavam mais temeroso.

Talvez sem me dar conta do que estava fazendo, entrei mais no quarto, aproximando-me do altar, de tal modo que a mulher e seu leito de enferma estavam fora do meu campo visual, às minhas costas.

De repente, meus estudos foram interrompidos pelo susto com a voz da mulher na cama.

Voltei-me para ver que ela estava sentada, o que parecia quase impossível em decorrência da sua fragilidade, e que Merrick lhe havia ajeitado os travesseiros para que ela pudesse permanecer nessa posição enquanto falava

— Pai-de-santo do candomblé — disse-me ela —, consagrado a Oxalá.

— Pronto, a própria menção à minha divindade.

Eu estava pasmo demais para responder.

— Não o vi no meu sonho, inglês — prosseguiu ela. — Você esteve na selva, você andou à caça de tesouros.

— Tesouros, minha senhora? — respondi, pensando rápido enquanto falava. — Na realidade, não tesouros no sentido convencional. Não, nunca isso de modo algum.

— Eu sigo meus sonhos — disse a velha, com os olhos fixos em mim de uma forma que sugeria ameaça — e por isso lhes dou essa criança. Mas cuidado com o sangue dela. Merrick descende de muitos magos bem mais fortes que vocês.

Mais uma vez eu estava perplexo. Fiquei parado diante dela. Aaron abandonara a cadeira para não atrapalhar.

— Invocou o Espírito Solitário, não foi? — perguntou-me ela. — Você se assustou nas matas do Brasil?

Era totalmente impossível que essa mulher pudesse ter essa informação secreta a meu respeito. Nem mesmo Aaron conhecia toda a minha história. Eu sempre dei a entender que minhas experiências com o candomblé tinham sido superficiais.

Quanto ao “Espírito Solitário”, é claro que eu sabia o que ela queria dizer. Quando se invoca o “Espírito Solitário”, o que se está invocando é alguma alma torturada, uma alma no purgatório ou apegada à terra em sofrimento, para pedir o auxílio dessa alma no esforço de entrar em contato com deuses ou espíritos que estão mais adiante. Era uma antiga lenda. Era velha como a magia designada por outros nomes e em outras terras.

— É mesmo, você é um estudioso e tanto — disse a velha, sorrindo para mim, de modo que eu via sua dentadura perfeita, embora ela mesma estivesse amarelada, com os olhos aparentemente mais animados que antes.

— Qual é o estado da sua alma?

— Não estamos aqui para tratar desse assunto — retruquei, bastante abalado. — Sabe que quero proteger sua afilhada. Sem dúvida vê isso no meu coração.

— É verdade, pai-de-santo — disse ela de novo —, e você viu seus antepassados quando olhou no cálice, não viu? — Ela sorria para mim. O tom grave da sua voz era ameaçador. — E eles lhe disseram que voltasse para casa na Inglaterra ou perderia sua alma inglesa.

Tudo isso era verdadeiro e falso. De repente, deixei escapar o que pensava.

— A senhora sabe alguma coisa, mas não sabe tudo — afirmei. — E preciso que se tenha um uso nobre para a magia. A senhora ensinou isso a Merrick? — Havia raiva na minha voz, que essa mulher de idade não merecia.

Será que de repente eu estava com inveja do seu poder? Eu não conseguia controlar minha língua. — Como sua magia a trouxe a essa situação desastrosa? — disse eu, indicando o aposento ao meu redor. — Será que este é o lugar para uma linda criança?

Imediatamente Aaron implorou que eu me calasse.

Até mesmo o padre se adiantou e me encarou nos olhos. Como se estivesse lidando com uma criança, ele abanou a cabeça, franzindo o cenho com enorme tristeza e balançando o dedo no meu nariz.

A velha deu uma espécie de risadinha seca e curta.

— Você a considera linda, não é mesmo, inglês? — disse ela. — Vocês ingleses gostam de crianças.

— Nada poderia estar mais longe da verdade no que me diz respeito! — protestei, ofendido por sua insinuação. — A senhora não acredita no que está dizendo. Fala só para confundir os outros. A senhora mandou essa menina desacompanhada procurar Aaron. — Meu arrependimento foi imediato. O padre sem dúvida levantaria objeções quando chegasse a hora de levar Merrick embora.

Mas eu agora via que ele estava por demais scandalizado com minha audácia para fazer qualquer outro protesto.

Aaron, coitado, estava mortificado. Eu estava me comportando como um animal. Tinha perdido todo o meu controle e sentia raiva de uma velha que estava morrendo diante dos meus olhos.

No entanto, quando olhei para Merrick não vi nada além de uma expressão de divertimento inteligente, possivelmente até um pouco de orgulho ou de sensação de triunfo. E então ela e a velha olharam nos olhos uma da outra, e alguma mensagem muda foi trocada entre elas, para a qual todos os ali reunidos teriam de esperar.

— Você vai cuidar da minha afilhada, eu sei — disse a velha. As pálpebras enrugadas desceram encobrendo-lhe os olhos. Vi seu peito artar por baixo da camisola branca de flanela, e sua mão tremia relaxada na colcha.

— Você não terá medo do que ela pode fazer.

— Não, nunca terei medo — disse eu, em tom reverente, ansioso para fazer a paz. Aproximei-me mais da cama. — Conosco ela está segura e protegida, minha senhora — disse eu. — Por que a senhora quer me assustar?

Pareceu que ela não conseguia abrir os olhos. Finalmente, abriu e, mais uma vez, olhou direto para mim.

— Estou era paz aqui, David Talbot — disse ela. Não me recordava de ninguém ter lhe dado meu nome. — Estou como quero estar; e, quanto à menina, ela sempre foi feliz aqui. Há muitas moradas nesta casa.

— Perdoe-me pelo que lhe disse — respondi rápido. — Eu não tinha direito. — Falava do fundo do coração.

Ela deu um suspiro ruidoso enquanto olhava para o teto.

— Estou cheia de dor agora. Minha vontade é morrer. Sinto dor o tempo todo. Seria de se imaginar que eu pudesse acabar com ela, que eu tivesse feitiços capazes de acabar com ela. E tenho feitiços para os outros, mas para mim, quem consegue fazer a magia atuar? Além disso, chegou a hora, e chegou no seu

próprio feito. Já vivi cem anos.

— Não estou duvidando — disse eu, tremendamente perturbado por sua menção à dor e pela evidente veracidade. — Por favor, tenha certeza de que pode deixar Merrick comigo.

— Vamos trazer enfermeiras — disse Aaron. Era o jeito de Aaron de seguir o lado prático, de lidar com o que poderia ser feito. — Vamos nos encarregar de que um médico venha vê-la ainda nesta tarde. A senhora deve estar sofrendo, e isso não é necessário. Deixe-me ir agora para dar os devidos telefonemas. Não vou demorar.

— Não, nada de estranhos na minha casa — disse ela enquanto olhava para ele e depois para mim. — Levem minha afilhada, vocês dois. Podem levar a menina e tudo o que tenho nesta casa. Conte para eles, Merrick, tudo o que eu lhe disse. Conte para eles tudo o que seus tios ensinaram, suas tias e suas bisavós. Esse aí, esse alto de cabelo escuro — ela olhou para mim —, ele sabe dos tesouros que você recebeu de Sandra Gelada, você confie nele. Fale sobre Mel ao Sol. Às vezes, sinto maus espíritos à sua volta, Merrick... — Ela olhou para mim. — Você mantenha os maus espíritos afastados dela, inglês. Você conhece magia. Agora entendo o significado do meu sonho.

— Mel ao Sol, o que isso quer dizer? — perguntei-lhe. Ela fechou os olhos com força e comprimiu os lábios. Era uma expressão extraordinária de dor. Merrick pareceu estremeecer e, pela primeira vez, estar a ponto de chorar.

— Não se preocupe, Merrick — disse a velha, finalmente. Ela apontou com o dedo, mas deixou cair a mão de novo como se estivesse fraca demais para prosseguir.

De repente procurei com todas as minhas forças penetrar nos pensamentos da velha. Mas não consegui nada, a não ser talvez assustá-la num momento em que deveria estar em paz.

Tentei rápido compensar meu pequeno deslize.

— Tenha fê em nós, minha senhora — disse eu novamente, em tom obstinado. — A senhora enviou Merrick pelo caminho acertado.

A velha abanou a cabeça.

— Você acha que a magia é simples — murmurou a velha. — Acha que é alguma coisa que se pode deixar para trás quando se cruza um oceano. Acha que *les mystères* não são reais.

— Não é verdade.

Mais uma vez ela riu, um riso baixo de zombaria.

— Você jamais presenciou seu pleno poder, inglês — disse ela. — Você fez coisas chocallar e tremer, mas só isso. Você era um estranho em terra estranha com seu candomblé. Você se esqueceu de Oxalá, mas ele nunca se esqueceu de você.

Eu estava perdendo rapidamente o controle.

Ela fechou os olhos, e seus dedos se enrascaram no fino pulso de Merrick. Ouvi os estalidos do rosário do padre, e depois veio o aroma de café recém-passado mesclado com o cheiro gostoso da chuva que acaba de cair.

Foi um momento irresistível e tranqüilizador — o ar úmido e abafado da primavera em Nova Orleans, o frescor da chuva a cair em toda a nossa volta e o

leve murmúrio do trovão muito ao longe à direita. Eu sentia o cheiro da cera das velas e das flores no oratório, bem como os cheiros humanos da cama. Parecia de repente uma perfeita harmonia, mesmo aqueles odores que condenamos por serem ácidos ou desagradáveis.

A velha chegara de fato à sua hora final, e era apenas natural, esse buquê de fragrâncias. Precisamos penetrar nele para vê-la e amá-la. Era isso o que precisava ser feito.

— Ah, você está ouvindo, esse trovão? — perguntou Grande Nananne. Mais uma vez, seus olhos chispavam sobre mim. — Vou para casa — disse ela.

Agora Merrick estava realmente apavorada. Seus olhos estavam desviados, e eu via que ela estava tremendo. De fato, enquanto perscrutava o rosto da velha, Merrick parecia aterrorizada.

Os olhos da velha rolaram para cima e ela pareceu arquear as costas contra o travesseiro, mas as colchas eram demasiado pesadas para ela ganhar o espaço que desejava.

O que deveríamos fazer? Uma pessoa pode levar uma eternidade para morrer, ou pode morrer em um segundo. Eu estava com medo também.

O padre entrou e passou adiante de nós para poder examinar-lhe o rosto. Era fácil ver que sua mão era tão mirrada quanto a dela.

— Talamasca — murmurou a velha. — Talamasca, levem minha menina. Talamasca, protejam minha menina.

Achei que até mesmo eu me renderia às lágrimas. Já estivera junto a muitos leitos de morte. Nunca é fácil, mas há algo de enlouquecedoramente empolgante nisso, algum modo pelo qual o medo total da morte aguça a emoção, como se fosse o início de uma batalha, quando na realidade se trata do fim.

— Talamasca — disse ela novamente.

Sem dúvida o padre a ouviu. Mas o padre não prestou absolutamente nenhuma atenção. Sua mente não era difícil de penetrar. Ele estava ali apenas para dar a extrema-unção a uma mulher que ele conhecia e respeitava. O oratório não era nenhum choque para ele.

— Deus está esperando por você, Grande Nananne — disse o padre, baixinho, com um forte sotaque sulino, quase parecendo rural. — Deus está esperando, e talvez Mel ao Sol e Sandra Gelada estejam lá também.

— Sandra Gelada — disse a velha com um longo suspiro e depois um silvo involuntário. — Sandra Gelada — repetiu ela, como se estivesse orando. — Mel ao Sol... nas mãos de Deus.

Isso causou violenta perturbação em Merrick. Estava claro no seu rosto. Merrick começou a chorar. Essa menina, que o tempo todo parecia tão forte, agora se demonstrava totalmente frágil, como se seu coração tivesse sido esmagado.

A velha não tinha terminado.

— Você que não perca seu tempo procurando Sandra Gelada — disse ela — nem Mel ao Sol. — Agarrou o pulso de Merrick ainda com mais força. — Deixe que eu cuido daquelas duas. Sandra Gelada é uma mulher que largou seu filhinho por um homem. Não vá chorar por Sandra Gelada. Guarde suas energias para os outros. Chore por mim.

Merrick estava fora de si. Chorava sem fazer ruído. Curvou-se e pôs a cabeça no travesseiro ao lado da cabeça da velha, e a velha passou o braço mirrado em torno dos ombros da menina, que pareceu desanimar.

— Pronto, minha querida — disse ela —, minha querida. Não chore por Sandra Gelada. Sandra levou Mel ao Sol junto no caminho até o inferno.

O padre afastou-se da cama. Tinha começado a rezar em voz baixa a Ave-Maria em inglês e, quando chegou às palavras “rogai por nós pecadores, agora e na hora da nossa morte”, ergueu a voz com timidez e delicadeza.

— Eu lhe aviso se encontrar aquelas duas — murmurou Grande Nananne. — São Pedro, deixe-me passar pelos portões. São Pedro, deixe-me passar. — Eu sabia que ela estava chamando Papa Legba. Era possível que fossem um e o mesmo para ela, Papa Legba e São Pedro. Era provável que o padre também soubesse isso.

O padre voltou a se aproximar. Aaron recuou em atitude de respeito. Merrick continuava com a cabeça no travesseiro, com o rosto enfiado no travesseiro, a mão direita encostada na face da velha.

O padre ergueu as mãos para dar a bênção em latim, *In nomine Patris, et Filii, et Spiritus Sancti, Amen*.

Achei que deveria sair por uma questão de decoro, mas Aaron não me deu nenhum sinal. Que direito tinha eu de ficar ali?

Voltei a olhar para o altar medonho e para a enorme imagem de São Pedro com as chaves do Paraíso, muito parecida com a que eu veria anos mais tarde, na noite de ontem, na suíte de Merrick no hotel.

Dei um passo atrás e saí para o corredor. Olhei pela porta dos fundos lá para fora, embora não soubesse ao certo por que motivo, talvez para ver a ramagem escurecida sob a chuva que caía. Meu coração batia forte. As grandes gotas molhadas e ruidosas entravam pela porta da frente e pela dos fundos, deixando sua marca no velho assoalho de madeira encardida.

Ouvi Merrick chorando alto. O tempo pareceu parar, como pode acontecer numa tarde de calor em Nova Orleans. De repente, Merrick gritou ainda com maior desespero, e Aaron pôs o braço em torno dela.

Foi uma conscientização perceber que a velha na cama tinha morrido.

Eu me sentia atordoado. Como a conheci por menos de uma hora, e ouvi suas revelações, eu estava atordoado. Não conseguia extrair nenhum sentido dos seus poderes, a não ser o de que uma parte excessiva da minha experiência com a Talamasca tinha sido acadêmica e, diante de magia verdadeira, eu ficava abalado com tanta facilidade quanto qualquer outra pessoa.

Permanecemos perto da porta do quarto por uns três quartos de hora. Parecia que os vizinhos queriam entrar.

Merrick de início foi contrária a isso, abraçada com Aaron e se queixando de que nunca encontraria Sandra Gelada, e de que Sandra Gelada devia ter voltado para casa.

O desespero palpável da criança era terrível para todos nós, e o padre repetidamente vinha até Merrick para beijá-la e afagá-la.

Afinal, duas moças de cor, as duas muito bonitas e com sinais óbvios de sangue africano, entraram para cuidar do corpo na cama. Uma mulher pegou a

mão de Merrick e lhe disse que fechasse os olhos de sua madrinha. Eu estava maravilhado com essas mulheres. Não era só a incrível cor da pele ou os olhos claros. Era sua atitude formal e antiquada, como estavam trajando vestidos de seda de cintura marcada e usavam jóias, como se tivessem vindo fazer uma visita, e a importância dessa pequena cerimônia na sua opinião.

Merrick foi à cama e cumpriu seu dever, com dois dedos da mão direita. Aaron veio postar-se ao meu lado no corredor.

Merrick saiu e perguntou a Aaron, em meio a soluços, se ele esperaria enquanto as mulheres limpavam Grande Nananne e trocavam a roupa de cama. E Aaron naturalmente disse que faríamos o que ela quisesse.

Entramos numa sala de estar bastante formal do outro lado do corredor. As orgulhosas declarações da velha voltaram à minha lembrança. Aquela sala de estar, por meio de um arco, dava para uma grande sala de jantar, e as duas salas continham muitos objetos finos e caros.

Havia espelhos enormes acima das lareiras, e estas tinham consolos de mármore branco muito trabalhado. A mobília de mogno sólido alcançaria um bom preço.

Aqui e ali havia quadros escurecidos de santos. O enorme guarda-louça estava lotado de porcelana finíssima com desenhos antigos; e havia alguns abajures enormes com lâmpadas fracas dentro das cúpulas empoeiradas.

Teria sido confortável se o calor não fosse tão sufocante. E, embora houvesse vidraças quebradas, parecia que só a umidade penetrava na penumbra empoeirada onde nos sentamos.

Logo, uma moça, mais uma criatura de cor exótica, linda e vestida com tanto esmero quanto as outras, entrou para cobrir os espelhos. Trazia uma boa quantidade de tecido preto dobrado e uma pequena escada. Aaron e eu fizemos o que pudemos para ajudar.

Depois, ela fechou o teclado de um piano de armário que eu nem tinha percebido. Dirigiu-se então a um grande relógio de abrir, no canto, abriu o vidro e parou os ponteiros. Ouvi o tique-taque pela primeira vez somente quando ele de fato parou.

Uma grande multidão, negros, brancos e gente com diferentes graus de miscigenação, estava reunida diante da casa.

Final, foi permitido que as pessoas entrassem, e a passagem da procissão demorou muito. Durante esse período, Aaron e eu nos retiramos para a calçada, já que estava perfeitamente claro que Merrick, que havia assumido uma posição à cabeceira da cama, não estava mais tão abalada, só numa terrível tristeza.

As pessoas entravam no quarto, até os pés da cama e depois saíam pela porta dos fundos da casa, voltando a surgir do lado da casa quando abriam um pequeno portão de serviço que dava para a rua.

Lembro-me de ter ficado muito impressionado com a sobriedade e o silêncio reinantes, e de ter sentido certa surpresa quando automóveis começaram a chegar e pessoas vestidas com elegância — novamente de ambas as raças e de óbvia miscigenação — subiam a escada da frente.

Minhas roupas começavam a me incomodar, moles e pegajosas com o calor entorpecedor, e algumas vezes eu entrei na casa para me certificar de que

tudo estava bem com Merrick. Alguns aparelhos de ar condicionado instalados em janelas no quarto, na sala de estar e na sala de jantar tinham sido ligados, e os aposentos agora estavam começando a ficar mais frescos.

Foi na minha terceira entrada na casa que percebi que estava sendo feita uma coleta para o enterro de Grande Nananne. Com efeito, uma tigela de porcelana no altar estava transbordando com notas de vinte dólares.

Quanto a Merrick, seu rosto demonstrava pouca ou nenhuma emoção quando ela fazia um pequeno cumprimento de cabeça a cada pessoa que chegava. E, no entanto, ela estava nitidamente entorpecida e desconsolada.

Passaram-se horas e mais horas. E ainda chegava gente, entrando e saindo discretamente, no mesmo silêncio respeitoso, somente iniciando a conversa quando estavam bem longe da casa.

Ouvi as mulheres de cor trajadas com maior formalidade falando entre si com sotaques sulinos educadíssimos, muito distantes dos africanos que ouvi.

Aaron garantiu-me sussurrando que aquela atitude não era típica de cerimônias fúnebres em Nova Orleans. As pessoas estavam totalmente diferentes. Tudo estava muito quieto.

Pude captar o problema sem nenhuma dificuldade. As pessoas tinham sentido medo de Grande Nananne. As pessoas sentiam medo de Merrick. Queriam certificar-se de que Merrick as via. Deixavam montes de notas de vinte dólares. Não deveria haver missa fúnebre, e as pessoas não sabiam como interpretar isso. Achavam que deveria haver uma missa, mas Merrick informou que a própria Grande Nananne tinha dito que não.

Afinal, quando estávamos mais uma vez parados no beco, fumando com prazer, vi uma expressão de preocupação no rosto de Aaron. Ele me fez um gesto muito sutil, para que eu olhasse para um automóvel caríssimo que acabara de parar junto ao meio-fio.

Desceram do carro pessoas obviamente brancas — um rapaz bem bonito e uma mulher austera com óculos de armação fina de metal. Subiram direto a escada da frente, evitando deliberadamente o olhar dos que estavam por ali.

— São da família Mayfair branca — disse Aaron, baixinho. — Não podem perceber minha presença aqui. — Juntos enveredamos pelo beco na direção dos fundos da casa. Finalmente, quando era impossível prosseguir em virtude da exuberância das glícínias, paramos.

— Mas o que isso significa? — perguntei. — A família Mayfair branca. Por que vieram?

— E evidente que sentem alguma obrigação — murmurou Aaron. — Realmente, David, você precisa ficar quieto. Não há um membro da família que não tenha algum poder paranormal. Você sabe que tentei em vão fazer contato. Não quero que nos vejam aqui.

— Mas quem são essas pessoas? — insisti. Eu sabia da existência de um volumoso arquivo sobre os Bruxos Mayfair. Sabia que Aaron estava designado para esse caso havia anos. E, eu sabia, mas para mim, na qualidade de superior geral, era só mais uma história em meio a milhares.

E o clima exótico, a estranha casa antiga, a clarividência da velha, o mato alto e a chuva ensolarada, tudo isso tinha me subido à cabeça. Eu estava tão

empolgado como se estivéssemos vendo fantasmas.

— Os advogados da família — disse ele, com a voz abafada, tentando disfarçar sua irritação comigo. — Eles não sabem de nada, não sobre o vodu ou sobre bruxas, aqui ou nos bairros elegantes, mas está claro que sabem que a mulher tem parentesco com eles. Não são de fugir a uma responsabilidade de família, os Mayfair, mas nunca esperei vê-los aqui.

Nesse instante, quando ele me alertava mais uma vez para me calar e me manter afastado, ouvi Merrick falando lá dentro. Aproximei-me das janelas quebradas da sala de visitas. Não consegui entender o que estava sendo dito.

Também Aaron estava escutando. Pouco depois, os Mayfair brancos surgiram da casa e foram embora em seu automóvel novo.

Só então Aaron subiu a escada. O último dos que vieram ver a morta acabava de sair. Os que estavam lá fora na calçada já tinham prestado sua última homenagem. Entrei no quarto de Grande Nananne, acompanhando Aaron.

— Aqueles Mayfair ricos — disse Merrick em voz baixa. — Vocês os viram? Queriam pagar todas as despesas. Eu disse que já tínhamos o bastante. Olhem só, temos milhares de dólares, e o encarregado da funerária já está vindo para cá. O velório vai ser hoje à noite, e amanhã fazemos o enterro. Estou com fome. Preciso comer alguma coisa.

Na realidade, o idoso encarregado da funerária era também um homem de cor, bastante alto e totalmente careca. Chegou trazendo a cesta retangular na qual poria o corpo de Grande Nananne.

Quanto à casa, ela agora estava sendo deixada nas mãos do pai do encarregado da funerária, um velho *muito* idoso, praticamente do mesmo tom de cor de Merrick, mas com o cabelo totalmente crespo e branco. Os dois velhos recém-mencionados tinham um ar distinto e usavam trajes bastante formais se levarmos em consideração o calor monstruoso.

Também eles eram da opinião de que deveria ser rezada uma missa católica romana na igreja de Nossa Senhora de Guadalupe, mas Merrick explicou mais uma vez que isso não era preciso para Grande Nananne.

Foi espantoso como isso encerrou bem toda a questão.

Merrick então foi à cômoda no quarto de Grande Nananne, retirou da gaveta superior um embrulho envolto em tecido branco de lençol e fez um gesto para que saíssemos da casa.

Lá fomos nós a um restaurante, onde Merrick sem dizer nada e mantendo o embrulho no colo, devorou um enorme sanduíche de camarão frito e duas Diet Cokes. Estava claro que não agüentava mais chorar, e tinha aquele olhar entristecido e exausto de quem sofreu uma dor profunda e irreparável.

O pequeno restaurante pareceu-me exótico, com seu piso imundo e as mesas obviamente sujas, mas os garçons e garçonetes estavam felicíssimos assim como a clientela.

Eu estava fascinado por Nova Orleans, fascinado por Merrick, muito embora ela não dissesse nada, mas eu mal imaginava que fatos ainda mais estranhos estavam por acontecer.

Como em sonho, voltamos a Oak Haven, para tomar banho e mudar de roupa para o velório. Havia uma moça lá, uma boa integrante da Talamasca cujo

nome não revelarei por motivos óbvios, que ajudou Merrick e se encarregou de vesti-la com perfeição num vestido novo azul-marinho e chapéu de palha de abas largas. O próprio Aaron deu um rápido polimento nos sapatos de verniz. Merrick trazia nas mãos um rosário e um livro de orações católicas com a capa de madreperola.

No entanto, antes de voltarmos a Nova Orleans, ela quis nos mostrar o conteúdo do embrulho que tinha tirado do quarto da velha.

Estávamos na biblioteca, onde eu havia conhecido Merrick pouco tempo antes. A casa matriz estava fazendo a ceia, de modo que estávamos totalmente sós no salão, sem necessidade de nenhum pedido especial.

Quando ela retirou o tecido que o envolvia, fiquei surpreso de ver um livro ou códice antigo, com ilustrações brilhantes na capa de madeira, um objeto que estava se desfazendo, e que Merrick manuseava com o máximo cuidado.

— Este é meu livro, dado por Grande Nananne — disse ela, olhando para o grosso volume com óbvio respeito. Ela deixou que Aaron erguesse o livro em suas faixas de proteção até a mesa sob a lâmpada.

Ora, o velino ou pergaminho é o material mais forte jamais inventado para livros, e esse livro era obviamente tão velho que nunca teria resistido ao tempo se tivesse sido escrito em qualquer outro material. Na realidade, a capa de madeira estava praticamente em pedaços. A própria Merrick tomou a iniciativa de afastá-la para o lado para que se pudesse ler a folha de rosto.

Estava em latim, e eu a traduzi instantaneamente, como qualquer membro da Talamasca conseguia traduzir.

AQUI ESTÃO TODOS OS SEGREDOS DAS ARTES MÁGICAS COMO ENSINADOS A CAM, FILHO DE NOÉ, PELOS GUARDIÃES E TRANSMITIDOS A SEU FILHO ÚNICO, MESRAN.

Levantando com cuidado essa página, que estava presa como todas as outras por três argolas diferentes de correia de couro, Merrick revelou a primeira de muitas páginas de feitiços mágicos, escritos em latim em letra muito comprimida, desbotada mas nitidamente visível.

Era o livro de magia mais antigo que eu já tinha visto, e naturalmente sua pretensão — a afirmação na sua folha de rosto — remontava à mais primitiva de toda a magia negra jamais conhecida desde a época do Dilúvio.

De fato, eu estava mais do que familiarizado com as lendas que cercavam Noé e seu filho Cam, bem como a história ainda anterior, de que os Anjos Guardiães teriam ensinado a magia às Filhas dos Homens quando se deitaram com elas, como afirma o Gênese.

Mesmo o anjo Memnoch, que seduziu Lestat, tinha revelado uma versão dessa história no seu próprio modo de ver, ou seja, o de ter sido seduzido durante seus passeios pela terra por uma Filha do Homem. Mas é claro que naquela época eu nada sabia a respeito de Memnoch.

Eu queria ficar sozinho com aquele livro! Queria ler cada sílaba dele. Queria que nossos especialistas testassem o papel, a tinta, além de examinar seu estilo.

Não será nenhuma surpresa para a maioria dos leitores da minha narrativa saber da existência de pessoas que podem dizer a idade de um livro desses à

primeira vista. Eu não era uma dessas pessoas, mas acreditava firmemente que o que tinha nas mãos havia sido copiado em algum mosteiro, em algum ponto do mundo cristão, em alguma época anterior à chegada de Guilherme, o Conquistador, às costas da Inglaterra.

Em resumo, eu diria que o livro era provavelmente do século VIII ou IX. E, quando me debrucei para ler a página inicial, vi que ele afirmava ser uma “cópia fiel” de um texto muito mais antigo que tinha vindo, naturalmente do próprio filho de Noé, Cam.

Havia tantas lendas interessantes a respeito desses nomes. Mas o maravilhoso era que esse texto pertencia a Merrick e que ela o estava revelando a nós.

— Este é meu livro — disse ela mais uma vez. — E eu sei aplicar os encantamentos e feitiços nele. Conheço todos eles.

— Mas quem a ensinou a lê-lo? — perguntei, sem conseguir esconder meu entusiasmo.

— Matthew — respondeu ela —, o homem que me levou com Sandra Gelada até a América do Sul. Ele ficou muito empolgado quando viu esse livro, e os outros. É claro que eu já conseguia ler um pouco, e Grande Nananne sabia ler todas as palavras. Matthew foi o melhor dos homens que minha mãe trouxe para casa. Tudo era alegre e seguro quando Matthew estava conosco. Mas agora não podemos falar dessas coisas. Vocês precisam me deixar ficar com o livro.

— Amém, você vai ficar com ele — disse Aaron, rápido. Acho que ele sentiu medo de que eu pretendesse sumir com o texto, mas não se tratava disso. Eu queria tempo com o livro, sim, mas só quando a menina permitisse.

Quanto à menção que Merrick fez à sua mãe, fiquei realmente muito curioso. Na verdade, achei que deveríamos interrogá-la a respeito de imediato, mas Aaron abanou a cabeça com severidade quando comecei a perguntar.

— Vamos, vamos voltar agora — disse Merrick. — O corpo já deve estar pronto.

Deixando o precioso livro no quarto de Merrick no andar superior, voltamos à cidade dos sonhos mais uma vez.

O corpo tinha sido disposto num caixão cinza-chumbo forrado de cetim e instalado numa mesa portátil na severa sala de estar da frente, que descrevi antes. À luz de numerosas velas — o lustre do teto estava desprovido de lâmpadas e, por isso, desligado —, a sala era quase bonita; e Grande Nananne agora estava usando um belo vestido de seda branca com minúsculas rosas cor-de-rosa aplicadas na gola, um dos preferidos do seu guarda-roupa.

Um lindo rosário de cristal envolvia seus dedos unidos e, acima da sua cabeça, encostado no cetim da tampa do caixão, havia um crucifixo de ouro. Um genuflexório de veludo vermelho, sem dúvida fornecido pela funerária, estava ao lado do caixão, e muitos vieram ajoelhar-se ali, para fazer o sinal-da-cruz e orar.

Mais uma vez, veio muita gente e, na realidade, as pessoas tendiam a se dividir em grupos de acordo com a raça, exatamente como se alguém lhes tivesse dado ordens para tal: os de pele clara formavam sua roda, os brancos juntavam-se aos brancos, e os negros aos negros.

Desde aquela época, já vi muitas situações na cidade de Nova Orleans nas

quais as pessoas se segregam de acordo com a cor de uma forma muito acentuada. Mas naquela época eu não conhecia a cidade. Sabia apenas que a monstruosa injustiça da Segregação Legal não mais existia, e me assombrei com a forma pela qual a cor parecia dominar a separação naquele grupo.

Aflitos, Aaron e eu esperávamos que alguém nos perguntasse sobre Merrick e o que deveria acontecer com ela, mas ninguém falou uma palavra sequer. Na verdade, as pessoas apenas abraçavam Merrick, davam-lhe beijos, sussurravam alguma coisa e passavam adiante. Ali também havia uma tigela, e punham dinheiro nela, mas para quê eu não sabia. Talvez para Merrick, porque as pessoas sem dúvida sabiam que ela não tinha nem pai nem mãe.

Só quando nos preparávamos para dormir em catres num quarto dos fundos (o corpo permaneceria exposto a noite inteira), quarto que não tinha nenhuma outra mobília, Merrick trouxe o padre para falar conosco, dizendo-lhe em francês rápido e muito bom que nós éramos seus tios e que ela iria morar conosco.

“E essa é a história”, pensei. Éramos tios de Merrick. Merrick decididamente iria embora para estudar.

— É isso exatamente o que eu pretendia recomendar a ela — disse Aaron. — Eu me pergunto como ela soube. Achei que brigaria comigo por ser contrária a uma mudança dessas.

Eu não sabia o que achava. Essa menina sóbria, séria e linda me perturbava e me atraía. Tudo aquilo me fazia duvidar do meu juízo.

Naquela noite, nosso sono foi só intermitente. Os catres não eram confortáveis, o quarto vazio era quente, e as pessoas não paravam de ir e vir, aos cochichos no corredor.

Muitas vezes entrei na sala de estar para encontrar Merrick cochilando tranqüila na sua cadeira. O velho padre foi também dormir pouco antes do amanhecer. Pela porta dos fundos aberta, eu via um quintal envolto em sombras onde lamparinas ou velas distantes tremeluziam com violência. Aquilo me perturbou. Adormeci enquanto ainda havia algumas estrelas no céu.

Amanheceu, finalmente, e chegou a hora de iniciar o serviço fúnebre.

O padre apareceu com as devidas vestimentas, acompanhado do coroinha, e entou as orações que toda a multidão parecia conhecer. O serviço em inglês, pois foi esse o serviço, não era menos impressionante que o antigo rito latino, que havia sido superado. O caixão foi fechado.

Merrick começou a tremer por inteiro e depois a soluçar. Era algo terrível de presenciar. Tinha arrancado o chapéu de palha e trazia a cabeça descoberta. Seus soluços começaram a ficar cada vez mais fortes. Algumas mulheres de cor bem-vestidas reuniram-se à sua volta e a acompanharam na descida da escada da frente. Esfregavam-lhe vigorosamente os braços e lhe enxugavam a testa. Seu pranto soluçante vinha como simples soluços. As mulheres faziam ruídos tranqüilizadores e lhe davam beijos. A certa altura, Merrick deu um grito.

Era de cortar o coração ver essa menininha controlada chegar agora ao ponto da histeria.

Ela foi praticamente carregada até a limusine da funerária. O caixão veio atrás dela acompanhado por homens solenes até o rabecão. E então seguimos todos até o cemitério, Aaron e eu no automóvel da Talamasca, constrangidos por

estarmos separados de Merrick, mas resignados à idéia de que era a melhor solução.

A melancólica dramaticidade não se reduziu com a chuva que caía insistente e com o corpo de Grande Nananne sendo carregado pelo caminho totalmente invadido pelo mato do cemitério de St. Louis nº 1, em meio a altos túmulos de mármore com telhado pontudo, para ser posto numa cripta semelhante a um forno num jazigo de três andares.

Os mosquitos eram quase insuportáveis. As ervas daninhas estavam infestadas de insetos invisíveis, e Merrick, ao ver o caixão sendo posto no lugar, deu mais um grito agudo.

Mais uma vez, as mulheres educadas esfregaram seus braços, enxugaram sua cabeça e beijaram seu rosto.

E então Merrick deu um terrível grito em francês.

— Onde é que você está, Sandra Gelada? Onde é que você está, Mel ao Sol? Por que não vieram para casa!

Havia rosários em abundância e pessoas rezando em voz alta quando Merrick se encostou no *jazigo*, com a mão direita no caixão à vista.

Afinal, exausta por enquanto, ela se acalmou, deu meia-volta e se encaminhou decidida, com a ajuda das mulheres, na direção de Aaron e de mim. Enquanto as mulheres a afagavam, ela abraçou Aaron e enfiou a cabeça junto ao seu pescoço.

Eu não conseguia ver nela agora nada da jovem mulher. Sentia total compaixão por ela. Achava que a Talamasca deveria cercá-la com todos os elementos concebíveis de fantasia que ela chegasse a desejar.

Enquanto isso, o padre insistia com os funcionários do cemitério para que pusessem a lápide no lugar AGORA, o que causou alguma controvérsia, mas foi o que acabou acontecendo, com a pedra vedando a pequena gaveta e o caixão sendo posto oficialmente fora do alcance da visão ou do toque.

Lembro-me de ter apanhado meu lenço para enxugar os olhos. Aaron acariciava o longo cabelo castanho de Merrick e lhe dizia em francês que Grande Nananne tinha tido uma vida longa e maravilhosa e que seu único desejo no leito de morte, de que Merrick ficasse em segurança, tinha sido realizado.

Merrick ergueu a cabeça e proferiu apenas uma frase.

— Sandra Gelada devia ter vindo.

Lembro-me disso porque, no momento em que disse essas palavras, alguns dos presentes abanaram a cabeça e trocaram entre si olhares de censura.

Eu me sentia bastante desnorteado. Examinava o rosto dos homens e mulheres ao meu redor, Vi algumas das pessoas de sangue africano mais negras que já vi nos Estados Unidos, e também algumas das mais claras. Vi pessoas de beleza extraordinária e outras que eram apenas simples. Quase ninguém era comum, como entendemos essa palavra. Parecia totalmente impossível adivinhar a linhagem ou a história racial de qualquer um que eu visse.

Mas nenhuma dessas pessoas era íntima de Merrick. A não ser por Aaron e por mim, ela era basicamente só. As mulheres educadas e bem-vestidas tinham cumprido seu dever, mas na verdade não a conheciam. Isso era evidente. E estavam felizes por Merrick ter dois tios ricos que estavam ali para levá-la

embora.

Quanto aos “Mayfair brancos” que Aaron avistara no dia anterior, nenhum apareceu. Isso foi uma “sorte tremenda”, aos olhos de Aaron. Se tivessem descoberto que uma criança Mayfair estava solta no mundo sem amigos, teriam insistido em preencher essa necessidade. Na verdade, eu agora me dou conta de que também não tinham comparecido ao velório. Tinham cumprido seu dever. Merrick lhes dissera algo satisfatório, e eles seguiram seu caminho.

Agora restava voltar para a velha casa.

Um caminhão de Oak Haven já estava esperando para transportar os pertences de Merrick. Ela não tinha nenhuma intenção de deixar a casa da tia sem tudo que lhe pertencia.

Em algum momento antes de chegarmos à casa, Merrick parou de chorar, e uma expressão sombria se instalou nas suas feições, expressão que já vi muitas vezes.

— Sandra Gelada não sabe — disse ela de repente, sem preâmbulo. O carro seguia preguiçoso através da chuva fraca. — Se ela soubesse, teria vindo.

— Ela é sua mãe? — perguntou Aaron, em tom reverente. Merrick fez que sim.

— É o que ela sempre dizia — respondeu ela e deu um sorriso bastante brincalhão. Ela abanou a cabeça e olhou pela janela do carro. — Ora, não se preocupe com isso, Sr. Lightner — disse ela. — Sandra Gelada não me deixou de verdade. Ela viajou e só não voltou.

Isso pareceu fazer perfeito sentido naquela hora, talvez só porque eu quisesse que fizesse sentido, para que Merrick não sofresse profundamente com alguma verdade mais incontestável.

— Quando foi a última vez que você a viu? — Aaron ousou perguntar.

— Quando eu estava com dez anos e nós voltamos da América do Sul. Quando Matthew ainda estava vivo. A gente tem de entender Sandra Gelada. Ela era a única de doze irmãos que não passava.

— Não passava? — perguntou Aaron.

— Por branca — disse eu antes de pensar em me conter. Mais uma vez, Merrick sorriu.

— Ah, entendo — disse Aaron.

— Ela é linda — disse Merrick —, ninguém poderia dizer que não era. E conseguia prender qualquer homem que quisesse. Eles nunca escapavam.

— Prender? — perguntou Aaron.

— Prender com um feitiço — disse eu, baixinho. Merrick novamente sorriu para mim.

— Ah, entendo — disse Aaron de novo.

— Meu avô, quando viu como minha mãe era morena, disse que ela não era filha dele; e minha avó veio e largou Sandra Gelada na soleira da porta de Grande Nananne. As irmãs e os irmãos, todos se casaram com gente branca. É claro que meu avô era branco também. Chicago é onde eles todos estão. Esse cara que era o pai de Sandra Gelada, ele era dono de uma casa de jazz em Chicago. Quando as pessoas gostam de Chicago e de Nova York, elas não têm mais vontade de ficar aqui no sul. Eu, por mim, não gostei de nenhuma das duas.

— Quer dizer que você já esteve lá? — perguntei.

— Estive, sim. Fui com Sandra Gelada — disse ela. — É claro que não vimos aqueles brancos. Mas procuramos os nomes no catálogo. Sandra Gelada queria ver a mãe com os próprios olhos, dizia, mas não queria falar com ela. E quem sabe, talvez ela tenha feito sua magia nociva. Poderia ter feito isso com todos eles. Sandra Gelada tinha muito medo de ir de avião até Chicago, mas tinha ainda mais medo de ir dirigindo. E de morrer afogada? Tinha pesadelos em que morria afogada. Ela não dirigia no Elevado por nada neste mundo. Tinha medo do lago como se o lago fosse apanhá-la. Tinha medo de muita coisa. — Ela parou. O rosto ficou inexpressivo. E então, franzindo o cenho muito de leve, prosseguiu.

— Não me lembro de gostar muito de Chicago. Nova York não tinha uma árvore que eu visse. Eu mal podia esperar para voltar para casa. Sandra Gelada... ela adorava Nova Orleans também. E sempre voltava, até a última vez.

— Ela era inteligente, sua mãe? — perguntei. — Era brilhante como você? Isso fez com que parasse para pensar.

— Ela não estudou — disse Merrick. — Ela não lê livros. Já eu gosto de ler. Quando se lê, pode-se aprender muito, sabe? Eu lia revistas velhas que as pessoas deixavam por aí. Uma vez apanhei pilhas e pilhas de revistas *Time* de uma casa velha que estavam demolindo. Li tudo o que pude naquelas revistas. Quer dizer, cada uma delas. Li sobre arte, ciência, livros, música, política e cada palavra ali até as revistas se desmancharem. Leio livros da biblioteca, das prateleiras do mercado; leio jornal. Leio velhos livros de orações. Leio livros de magia. Tenho muitos livros de magia que ainda nem lhes mostrei.

Ela encolheu um pouco os ombros, parecendo pequena e cansada, mas ainda infantil na sua perplexidade diante de tudo o que havia acontecido.

— Sandra Gelada não tinha vontade de ler nada — disse ela. — Nunca se veria Sandra Gelada assistindo ao noticiário das seis. Grande Nananne mandou-a para as freiras, ela sempre dizia isso, mas Sandra Gelada se comportava mal e as freiras não paravam de mandá-la para casa. Além disso, Sandra Gelada era bastante clara para ela mesma não gostar de gente escura, sabe? Seria de imaginar que ela tivesse aprendido a lição, por ter sido abandonada pelo próprio pai, mas ela não aprendeu. A verdade é que ela era da cor de amêndoa, se vocês conseguem imaginar. Mas tinha aqueles olhos claros, amarelos, e isso denuncia de cara, esses olhos amarelos. E ela detestara quando começaram a chamá-la de Sandra Gelada.

— Como foi que surgiu esse apelido? — perguntei. — Foram as crianças que começaram?

Estávamos quase chegando. Lembro-me de que havia muito mais que eu queria saber sobre essa estranha sociedade, tão diferente do que eu conhecia. Naquele momento, percebi que minhas oportunidades no Brasil tinham sido em grande parte desperdiçadas. As palavras da velha tinham me ferido fundo.

— Não, ele começou bem na nossa casa — disse Merrick. — Esse é o pior tipo de apelido, calculo. Quando os vizinhos e as crianças o ouviram, disseram: “Sua própria Nananne a chama de Sandra Gelada.” Mas o apelido pegou por

causa do que ela fazia. Como eu disse, ela usava toda a magia para prender as pessoas. Punha mau-olhado nas pessoas. Uma vez eu a vi esfolar um gato preto, e nunca vou querer ver isso de novo.

Devo ter estremecido porque um ínfimo sorriso pairou nos seus lábios por um instante. E então ela prosseguiu.

— Quando eu estava com seis anos, ela já tinha começado a chamar a si mesma de Sandra Gelada. Costumava dizer para mim: “Merrick, vem cá com Sandra Gelada.” E eu pulava no seu colo.

Houve uma ligeira mudança de tom na sua voz quando ela continuou.

— Ela não era nem um pouco parecida com Grande Nananne — disse Merrick. — E fumava o tempo todo, e bebia. Estava sempre desassossegada e, quando bebia, era cruel. Quando Sandra Gelada voltava para casa depois de passar muito tempo longe, Grande Nananne costumava dizer: “O que você está querendo desta vez, Sandra Gelada? Que mentiras você vai contar?” Grande Nananne dizia que não havia lugar para a magia negra neste mundo. Que se conseguia fazer tudo o que se precisava fazer com a magia branca. E então Matthew veio, e Sandra Gelada estava feliz como nunca.

— Matthew — disse eu, em tom de adulação —, o homem que lhe deu o livro de pergaminho.

— Ele não me deu aquele livro, Sr. Talbot, só me ensinou a lê-lo — respondeu ela. — Aquele livro nós já tínhamos. Tinha sido do tio-avô Vervain, que era um terrível praticante do vodu. Era chamado de Dr. Vervain de uma ponta da cidade à outra. Todo o mundo queria os feitiços dele. Aquele velho me deu um monte de coisas antes de seguir adiante. Ele era o irmão mais velho de Grande Nananne. Foi a primeira pessoa que eu cheguei a ver morrer. Estava sentado à mesa da sala de jantar com o jornal na mão.

Eu tinha mais perguntas na ponta da língua.

Em todo o desdobrar daquela longa narrativa, não houve nenhuma menção àquele outro nome que Grande Nananne tinha pronunciado: Mel ao Sol.

Mas tínhamos chegado à velha casa. O sol da tarde estava bem forte, mas a chuva tinha diminuído.



FIQUEI SURPRESO DE VER TANTA GENTE POR ALI. NA VERDADE, HAVIA GENTE por toda parte, e uma turma bastante discreta porém atenta. Observei de imediato que não apenas um, mas dois pequenos caminhões-baú tinham vindo da casa matriz e que um pequeno grupo de acólitos da Talamasca montava guarda, prontos para começar a fazer a mudança.

Cumprimentei esses jovens da Ordem, agradecendo-lhes antecipadamente seu cuidado e discrição, e disse que esperassem tranquilos até receber o sinal para iniciar o trabalho.

Enquanto subíamos a escada da frente e percorríamos a casa, vi, quando as janelas me permitiam ver alguma coisa, que havia pessoas paradas sem nada fazer nos becos laterais e, quando entramos no quintal, percebi muita gente reunida ao longe à direita e à esquerda para lá do denso aglomerado de carvalhos de galhos baixos. Não vi cercas em nenhum ponto. E acredito que não houvesse nenhuma cerca naquela época.

Tudo estava em penumbra sob a exuberante copa de folhas, e nós estávamos cercados pelo som delicado de água pingando. Jacintos silvestres vermelhos cresciam ali onde o sol penetrava na sombra preciosa. Vi teixos finos, a espécie tão sagrada aos mortos e aos magos. E vi muitos lírios perdidos no capim sufocante. O local não poderia ter sido mais tranqüilizante e onírico se tivesse sido um jardim japonês intencional.

A medida que meus olhos foram se acostumando à luz, percebi que estávamos num pátio calçado com lajes, com algumas árvores retorcidas embora floridas, com grande quantidade de rachaduras e coberto por um musgo brilhante e escorregadio. Diante de nós, um enorme galpão aberto com uma coluna central sustentando o telhado de chapa corrugada.

A coluna estava pintada de um vermelho vivo até a metade da altura, e verde dali até o alto; e se erguia a partir de uma enorme pedra de altar devidamente manchada. Mais além, na escuridão, estava o inevitável oratório, com santos ainda mais numerosos e magníficos do que os do quarto de Grande Nananne.

Havia fileiras e mais fileiras de velas acesas.

Dos meus estudos, eu sabia que se tratava de uma configuração comum do vodu — a pedra e a coluna central. Encontrava-se esse tipo de configuração em todos os cantos da ilha do Haiti. E esse local calçado com lajes e coberto de mato era o que um curandeiro do vodu haitiano poderia ter chamado de seu peristilo.

Afastadas para um lado, em meio aos teixos muito juntos e de crescimento irregular, havia duas mesas de ferro, pequenas e de formato retangular, bem como um painelão ou caldeirão, como suponho que seja seu nome correto, pousado sobre um braseiro com pernas em tripé. O caldeirão e o braseiro fundo me perturbaram até certo ponto, possivelmente mais do que qualquer outra coisa. O caldeirão parecia ser um objeto maléfico.

Um zumbido distraiu um pouco minha atenção porque receei que se originasse de abelhas. Tenho um medo enorme de abelhas e, como muitos membros da Talamasca, temo algum segredo relacionado às abelhas que tem a ver com nossas origens, mas não tenho espaço suficiente aqui para dar uma explicação.

Permitam-me continuar, dizendo apenas que logo percebi que o zumbido provinha de colibris, nesse vasto lugar coberto de mato. E, quando parei imóvel ao lado de Merrick, imaginei vê-los pairando como costumam fazer, perto das trepadeiras floridas de crescimento descontrolado do telhado do galpão.

— Oncle Vervain adorava esses passarinhos — disse-me Merrick, abafando a voz. — Foi ele quem instalou os alimentadores para eles. Conhecia os passarinhos por suas cores e os chamava por nomes lindos.

— Eu também os adoro, querida. No Brasil, eles têm um lindo nome em português: “o que beija as flores” — disse eu.

— É, Oncle Vervain sabia essas coisas — disse-me ela. — Oncle Vervain tinha visitado toda a América do Sul. Oncle Vervain conseguia ver os espíritos no meio do ar em torno dele o tempo todo.

Com essas palavras, ela parou de falar. Mas eu tive a nítida sensação de que seria muito difícil para ela despedir-se daquilo tudo, do seu lar. Quanto ao seu uso da expressão — espíritos no meio do ar —, fiquei devidamente impressionado, como tinha sido por tantas outras coisas. É claro que manteríamos essa casa para ela, disso eu me certificaria. Reformaríamos o imóvel por inteiro se ela assim desejasse.

Ela olhou ao redor, com os olhos se demorando sobre o painelão de ferro era cima do tripé.

— Oncle Vervain conseguia pôr o caldeirão para ferver — disse ela, baixinho. Ele punha pedaços de carvão por baixo. Ainda me lembro do cheiro da fumaça. Grande Nananne ficava sentada na escada dos fundos para olhar. Todos os outros tinham medo.

Ela agora avançou e entrou no galpão. Parou diante dos santos, olhando fixamente para as numerosas oferendas e as velas cintilantes. Fez rápido um sinal-da-cruz, e com dois dedos da mão direita tocou no pé descalço da Virgem alta e linda.

O que deveríamos fazer?

Aaron e eu ficamos parados pouco atrás dela e junto aos seus ombros, como dois anjos da guarda bastante confusos. A comida nos pratos sobre o altar era nova. Eu sentia o cheiro de rum e de perfume adocicado. Era evidente que algumas daquelas pessoas que se aglomeravam em meio aos arbustos tinham trazido essas misteriosas oferendas. Mas eu recuei quando percebi que um dos objetos curiosos ali empilhados em aparente desordem era de fato a mão de um

ser humano.

Estava decepada exatamente antes do pulso e tinha secado de um modo que lhe dava uma terrível aparência de garra; mas não era esse todo o horror. Ela estava coberta de formigas, que tinham como que arrasado com todo o banquete.

Quando percebi que os insetos detestáveis estavam por toda parte, senti um pavor peculiar que só as formigas conseguem despertar.

Merrick, para perplexidade minha, segurou a mão com bastante afetação, com o polegar e o indicador, e tentou sacudir as formigas invasoras com alguns movimentos pequenos e ferozes.

Não se ouviu nada da platéia na multidão ali adiante, mas pareceu que eles se aproximaram. O zumbido dos pássaros estava se tornando hipnótico, e mais uma vez veio o chiado baixo da chuva.

Nada penetrava na copa das árvores. Nada atingia o telhado metálico.

— O que você quer que nós façamos com essas coisas? — perguntou Aaron, com delicadeza. — Você não quer deixar nada, pelo que eu entendi.

— Vamos desmanchar tudo — disse Merrick —, se vocês estiverem de acordo. Já passou o tempo disso tudo. Esta casa deveria ser trancada agora, se vocês cumprirem o que me prometeram. Quero ir embora com vocês.

— Está bem, vamos mandar desarmar tudo.

De repente ela olhou para a mão mumificada que ainda estava segurando. As formigas começavam a subir para sua pele.

— Ponha isso de lado, minha filha — disse eu, de súbito, espantando a mim mesmo. Merrick deu-lhe mais uma balança ou duas e fez o que eu disse.

— Mas ela vem conosco, tudo tem de vir. Um dia, vou desembalar todas essas coisas para ver o que são. — E espanou da mão as formigas inconvenientes.

Devo confessar que seu tom despreocupado me encheu de alívio.

— Claro que sim — disse Aaron, voltando-se e fazendo um sinal para os auxiliares da Talamasca que tinham nos acompanhado até a borda do pátio. — Eles vão começar a embalar tudo — disse ele a Merrick.

— Mas uma coisa neste quintal eu tenho de apanhar sozinha — disse ela, olhando de relance para mim e para Aaron. Não parecia estar sendo misteriosa de propósito ou por brincadeira, mas parecia, sim, preocupada.

Afastou-se de nós e foi devagar se aproximando de uma das fruteiras retorcidas que subia a partir do centro exato das lajes do pátio. Abaixou a cabeça enquanto entrava por baixo dos galhos verdes e baixos, e ergueu os braços quase como se estivesse tentando abraçar a árvore.

Num instante, percebi seu objetivo. Eu deveria ter adivinhado. Uma enorme cobra desceu, enrodilhando-se em torno dos braços e ombros de Merrick. Era uma constritora.

Não consegui deixar de estremecer e de sentir total repulsa. Nem mesmo os anos que passei no Amazonas tinham me tornado um paciente apreciador de cobras. Muito pelo contrário. Mas eu sabia como era seu toque. Conhecia seu sinistro peso sedoso e a estranha corrente de sensações que elas despertavam na nossa pele, enquanto se movimentavam rapidamente para enlaçar nossos braços.

Eu sentia tudo isso enquanto observava Merrick.

Enquanto isso, do emaranhado verde de mato crescido vieram sussurros baixos daqueles que também a observavam. Era isso o que tinham vindo ver. Era *esse* o momento. A serpente era um deus do vodu, naturalmente. Eu sabia. Mas mesmo assim estava pasmo.

— É decididamente inócua — apressou-se Aaron a me dizer. Como se ele soubesse! — Vamos ter de alimentá-la com um rato ou dois, imagino, mas para nós ela é totalmente...

— Não se preocupe — disse eu com um sorriso, livrando-o da situação embaraçosa. Dava para ver como estava constrangido. E então para provocá-lo um pouco e para afastar a profunda melancolia do lugar, prossegui. — É claro que você sabe que os roedores precisam estar vivos.

Ele ficou devidamente horrorizado e me lançou um olhar de reprovação, como se estivesse dizendo, você não precisava ter me contado isso! Mas era educado demais para dizer uma palavra que fosse.

Merrick estava conversando com a cobra em francês em voz baixa. Dirigiu-se de volta ao altar e ali encontrou uma caixa preta de ferro com janelas com grades de todos os lados — não conheço nenhuma outra palavra para designá-la — que ela abriu com uma das mãos, fazendo com que as dobradiças rangessem ruidosas. E no interior dessa caixa ela deixou a cobra se acomodar lenta e graciosamente, o que ela fez, para felicidade de todos nós.

— Bem, veremos que cavalheiros resolutos vão querer carregar a cobra — disse Aaron ao auxiliar mais próximo que estava ali parado, pasmo, a observar.

Enquanto isso, a multidão tinha começado a se dispersar e ir embora discretamente. Havia muito farfálhar nas árvores. Caíam folhas em toda a nossa volta. Em algum lugar, invisíveis no jardim exuberante, os pássaros continuavam a pairar, batendo o ar com suas asas minúsculas e vigorosas.

Merrick ficou parada um bom tempo, olhando para cima, como se tivesse descoberto uma fresta na cumeeira de folhas.

— Nunca mais vou voltar aqui; acho que não — disse ela, baixinho, para nós dois ou para ninguém.

— Por que está dizendo isso, minha filha? — perguntei. — Você pode fazer o que quiser. Pode vir aqui todos os dias se desejar. São muitas as coisas sobre as quais precisamos conversar.

— Está em ruínas isso tudo aqui — disse ela — e além do mais, se Sandra Gelada um dia voltar, não quero que ela me encontre. — Ela olhou para mim com ar sensato. — Veja bem, ela é minha mãe e poderia me levar embora. E eu não quero que isso aconteça.

— Não vai acontecer — respondi, embora ninguém neste mundo pudesse dar à criança uma garantia dessas contra o amor de mãe, e Merrick sabia. Eu poderia apenas me esforçar ao máximo para me certificar de que faríamos o que Merrick quisesse.

— Agora vamos — disse ela —, há algumas coisas lá em cima no sótão que só eu quero movimentar.

O sótão era de fato o segundo andar da casa, um lugar com o teto muito alto e inclinado, como já descrevi, com quatro águas-furtadas, uma para cada ponto cardeal, supondo-se que a casa tivesse sido construída com a orientação correta.

Eu não fazia a mínima idéia se tinha sido ou não.

Subimos por uma escada estreita nos fundos, com dois lances em ângulo de 180 graus, e entramos num lugar com fragrâncias tão deliciosas de madeira que me apanharam de surpresa. Havia ali aconchego e limpeza, apesar da poeira.

Merrick acendeu uma lâmpada elétrica fraquíssima e logo nos encontramos no meio de malas, baús antigos e arcas com cintas de couro. Bagagem de antigamente. Um dono de antiquário teria adorado. E eu, tendo visto apenas um livro de magia, estava muitíssimo disposto para mais.

Merrick explicou que tinha apenas uma valise mais importante que todas as outras, e a colocou sobre os caibros empoeirados abaixo da lâmpada suspensa.

Era uma bolsa de lona com reforço de couro nos cantos. Merrick abriu-a com facilidade, pois não estava fechada à chave, e fixou o olhar numa série de trouxas mal amarradas. Mais uma vez, tecido branco de lençol tinha sido usado para esses objetos, ou talvez velhas fronhas de algodão.

Era óbvio que o conteúdo dessa mala tinha enorme importância, mas eu não poderia ter calculado o quanto.

Espantei-me então quando Merrick, sussurrando uma pequena oração, uma saudação, se não me engano, ergueu uma trouxa e afastou o tecido revelando um objeto assombroso — uma longa lâmina de machado verde, densamente esculpida com figuras nos dois lados.

Tinha pelo menos sessenta centímetros de comprimento e era bastante pesada, embora Merrick a segurasse sem dificuldade. E tanto Aaron quanto eu podíamos ver a imagem de um rosto em perfil, gravado em relevo na pedra.

— Puro jade — disse Aaron, reverente.

Esse objeto tinha sido extremamente polido, e o rosto em perfil usava um cocar rebuscado e primorosamente trabalhado, que, se não estou enganado, envolvia plumas e espigas de milho.

O entalhe do retrato ou imagem ritual, qualquer que fosse, tinha o tamanho de um rosto humano.

Quando Merrick girou o objeto, vi que uma figura completa estava gravada do outro lado. Havia um pequeno orifício perto da ponta afilada do objeto, talvez para permitir que ficasse suspenso num cinto.

— Meu Deus — disse Aaron, baixinho. — É olmeca, não é? Seu valor deve ser inestimável.

— Olmeca, se tenho direito a um palpite — respondi. — Nunca vi um objeto tão grande e de decoração tão esmerada fora de um museu.

Merrick não demonstrou surpresa.

— Não diga nada que não seja verdade, Sr. Talbot — disse ela com delicadeza. — Vocês têm alguns parecidos nos seus próprios cofres-fortes. — Ela me encarou de frente, como um sonho, por um bom tempo.

Eu mal podia respirar. Como ela poderia ter conhecimento de uma coisa dessas? Mas então disse a mim mesmo que ela poderia ter obtido essa informação com Aaron. Só que um olhar de Aaron me fez saber que eu estava totalmente equivocado.

— Não tão lindo, Merrick — respondi com total franqueza. — E além disso os nossos são fragmentos.

Quando ela não me deu resposta, só ficou ali parada segurando a reluzente lâmina de machado com as duas mãos estendidas, como se quisesse apreciar a luz sobre o objeto, prosseguiu.

— Isso vale uma fortuna, minha filha — disse eu —, e nunca esperei ver um objeto como esse neste lugar.

Ela pensou por um tempo e depois baixou a cabeça num gesto solene, de perdão.

— Na minha opinião — continuei, num esforço para me redimir — ele vem da mais antiga civilização conhecida na América Central. E sinto meu coração bater forte quando olho para ele.

— Talvez seja anterior aos olmecas — disse ela, voltando a erguer os olhos para mim. Seu olhar passou preguiçoso por Aaron. A luz dourada da lâmpada se derramava sobre ela e a figura de trajes primorosos. — Foi isso o que Matthew disse depois que o retiramos da caverna do outro lado da cachoeira. Foi isso o que Oncle Vervain disse quando me ensinou onde eu deveria procurar.

Voltei a contemplar o esplêndido rosto de pedra verde e reluzente com seus olhos inexpressivos e nariz achatado.

— Você não precisa que eu lhe diga — disse eu — que tudo isso é muito provável. A origem dos olmecas é desconhecida, ou é isso o que nos ensinam os livros.

Ela fez que sim.

— Oncle Vervain era filho de uma daquelas índias que conheciam a mais profunda magia. O homem de cor e a mulher de pele vermelha geraram Oncle Vervain e Grande Nananne, e a mãe de Sandra Gelada era neta de Grande Nananne; portanto, isso está dentro de mim.

Não pude falar. Não havia palavra que expressasse minha confiança ou meu assombro.

Merrick pôs de lado a lâmina de machado, em cima das numerosas trouxas, e apanhou outra com igual cuidado. Esse era um volume menor, mais comprido; e, quando ela o desembalou, mais uma vez faltou-me fôlego para falar.

Era uma figura alta, magnificamente esculpida; e sem dúvida um rei ou um deus, eu não saberia dizer qual. Como no caso da lâmina de machado, só o tamanho já era impressionante, para não falar no brilho da pedra.

— Ninguém sabe — disse a menina, respondendo direto aos meus pensamentos. — Só que, estão vendo este cetro? Ele é mágico. Se for um rei, é um sacerdote e um deus também.

Submisso, examinei os detalhes da escultura. A figura longa e estreita usava um belo cocar fincado logo acima dos seus olhos ferozes e arregalados e lhe caía em toda a volta dos ombros. No peito nu havia um disco suspenso na pala em torno de seu pescoço e ombros.

Quanto ao cetro, ele parecia estar a ponto de golpear a palma aberta da mão esquerda com ele, como se estivesse se preparando para algum ato de violência quando seu inimigo ou vítima se aproximasse. Era de dar calafrios por sua ameaça, e belo na sua franqueza e riqueza de detalhes. Era polido e parecia reluzir, como a máscara.

— Devo deixá-lo em pé ou deitá-lo? — perguntou Merrick, olhando para

mim. — Não brinco com essas criaturas. Não, eu nunca faria uma coisa dessas. Dá para sentir a magia nelas. Já conjurei espíritos com elas. Não brinco. Vou cobri-lo de novo para que possa ficar tranqüilo.

Tendo reembalado o ídolo, ela ainda apanhou uma terceira trouxa. Eu não conseguia calcular a quantidade que restava na bolsa abarrotada.

Dava para ver que Aaron estava pasmo. Não era preciso ser um especialista em antigüidades da Mesoamérica para perceber o que eram aqueles artefatos.

Quanto a Merrick, ela começou a falar enquanto desembalava essa terceira maravilha...

— Nós fomos lá e seguimos o mapa que Oncle Vervain nos deu. E Sandra Gelada não parava de rezar pedindo a Oncle Vervain que nos dissesse aonde ir. Éramos Matthew, Sandra Gelada e eu. Sandra Gelada não parava de falar: “Você não está feliz agora de nunca ter ido à escola? Você está sempre se queixando. Bem, agora você vai entrar numa grande aventura.” E para dizer a verdade, foi isso mesmo.

O tecido caiu do furador longo, pontudo e afiado que estava nas suas mãos. Era uma peça única de jade verde, e em seu punho havia as nítidas penas do beija-flor e dois olhinhos esculpidos em profundidade. Eu já tinha visto objetos desse tipo em museus antes, mas nunca um exemplar tão belo. E agora eu entendia o amor de Oncle Vervain pelos pássaros lá no quintal.

— Sim, senhor — disse Merrick. — Ele dizia que esses passarinhos são mágicos. Foi ele quem instalou os alimentadores para eles. Já lhe disse. Quem vai encher os alimentadores quando eu for embora daqui?

— Nós cuidaremos deste lugar — disse Aaron, em seu estilo tranqüilizador. Mas eu percebia que ele estava extremamente preocupado com Merrick. Ela continuou a falar.

— Os astecas acreditavam nos beija-flores. Eles pairam no ar como se fosse mágica. Viram para lá e para cá e criam mais uma cor. Existe uma lenda de que os guerreiros astecas se transformavam em beija-flores quando morriam. Oncle Vervain dizia que os magos precisam saber tudo. Oncle Vervain dizia que nós éramos todos magos que remontávamos a quatro mil anos antes dos astecas. Ele me falou das pinturas na parede da caverna.

— E você sabe onde fica essa caverna? — perguntou-lhe Aaron, apressando-se a esclarecer o que queria dizer. — Querida, você não pode contar a ninguém. As pessoas perdem a sensatez por causa de segredos como esses.

— Eu tenho os papéis de Oncle Vervain — respondeu Merrick com a mesma voz sonhadora. Ela voltou a pôr a lâmina afiada dessa faca sobre a camada de objetos envoltos em algodão. Sem cuidado, desnudou um quarto objeto, um pequeno ídolo atarracado esculpido com tanto esmero quanto o outro revelado anteriormente. Sua mão voltou ao perfurador com punho redondo de beija-flor.

— Isso eles usavam para obter sangue na sua magia. Foi o que Oncle Vervain me disse que eu encontraria, um objeto para extrair sangue. Foi isso o que Matthew me afirmou que era.

— Essa mala está cheia de objetos semelhantes não está? — perguntei. —

Esses não são de modo algum os mais importantes de todos, são? — Olhei ao redor.

— O que mais está escondido neste sótão?

Ela deu de ombros. Pela primeira vez parecia estar sentindo calor e desconforto sob o teto baixo.

— Venham — disse com educação —, vamos fechar essa mala e descer para a cozinha. Digam ao seu pessoal que não abram nenhuma dessas caixas; que só as levem para um local onde estejam em segurança. Vou-lhes fazer um café delicioso. Eu faço o melhor café. Faço café melhor que Sandra Gelada ou Grande Nananne. Sr. Talbot, o senhor está a ponto de desmaiar com esse calor. E Sr. Lightner, o senhor está preocupado demais. Ninguém vai arrombar esta casa nunca, em tempo algum, e a sua casa tem segurança o tempo todo.

Ela reembalou a lâmina de machado, o ídolo e o perfurador com cuidado. Depois fechou a mala pressionando os dois fechos enferrujados. Então, e só então, percebi a velha etiqueta de cartão murcho com o nome de um aeroporto no México, e os adesivos que indicavam ter a mala viajado muitas milhas além daquele ponto.

Guardei minhas perguntas até descermos para o ar mais fresco da cozinha. Dei-me conta de que o que Merrick tinha dito sobre um mal-estar meu no calor lá em cima tinha sido a perfeita verdade. Eu estava quase passando mal.

Ela largou a mala, tirou os sapatos e a meia-calça branca, ligou um ventilador redondo e enferrujado acima do refrigerador, que oscilava preguiçosamente, e passou a preparar o café, como tinha dito.

Aaron começou a procurar o açúcar e, na “geladeira”, como Merrick a chamava, encontrou o jarro com leite ainda fresco e bem gelado. Isso não importou muito para Merrick, porém, porque o que ela queria era leite para o café e o aqueceu até quase chegar ao ponto de fervura.

— É assim que se faz — disse ela a nós dois.

Finalmente nós nos sentamos a uma mesa redonda de carvalho cujo tampo pintado de branco tinha sido limpo com um pano.

O *café au lait* estava forte e delicioso. Cinco anos entre os mortos-vivos não conseguem eliminar a lembrança. Nada conseguirá. Exagerei no açúcar, exatamente como Merrick, e o tomei em grandes goles, acreditando piamente que se tratava de um reconstituente. Recostei-me então na cadeira de madeira que rangia.

Em toda a minha volta, a cozinha estava arrumada, se bem que fosse uma herança de tempos passados. Até mesmo o refrigerador era alguma espécie de antiguidade, com o motor a zumbir no alto, abaixo do ventilador ruidoso. As prateleiras acima do fogão e ao longo das paredes eram fechadas por portas de vidro, e eu podia ver todos os utensílios de um local onde as pessoas faziam suas refeições regularmente. O piso era de linóleo velho e muito limpo.

Lembrei-me de repente da mala. Dei um salto e olhei ao redor. Ela estava bem ao lado de Merrick na cadeira vazia.

Quando olhei para Merrick, vi lágrimas nos seus olhos.

— O que foi, querida? — perguntei. — Diga-me e eu farei o que puder para corrigir.

— É só a casa e tudo o que aconteceu, Sr. Talbot — respondeu ela. — Matthew morreu nesta casa.

Essa era a resposta para uma pergunta de enorme gravidade, que eu não tinha ousado fazer. Não posso dizer que senti alívio ao ouvi-la, mas não pude deixar de me perguntar quem poderia reivindicar a posse dos tesouros que Merrick considerava só seus.

— Não se preocupe com Sandra Gelada — disse Merrick, direto para mim. — Se ela fosse voltar para apanhar essas coisas, já teria voltado há muito tempo. Nunca houve neste mundo dinheiro que bastasse para Sandra Gelada. Matthew realmente a adorava, mas ele tinha muito dinheiro, e isso fazia a maior diferença.

— Como foi que ele morreu, querida? — perguntei.

— De uma febre daqueles lugares na selva. E ele fez com que todos nós nos vacinásemos. Não gosto de agulhas. Tomamos vacina para todas as doenças imagináveis. Mesmo assim, ele voltou doente. Algum tempo mais tarde, quando Sandra Gelada estava gritando, berrando e atirando coisas, ela disse que os índios de lá da selva o haviam amaldiçoado, que ele nunca deveria ter subido pela cachoeira até a caverna. Mas Grande Nananne dizia que a febre era forte demais para isso. Ele morreu logo ali, no quarto dos fundos.

Ela apontou para o corredor que nos separava do quarto no qual Aaron e eu tínhamos passado nossa noite incômoda.

— Depois que ele morreu e ela foi embora, tirei a mobília. Está no quarto da frente junto com a de Grande Nananne. É ali que eu durmo desde então.

— Dá para imaginar por que — disse Aaron, compreensivo. — Deve ter sido terrível para você perder os dois.

— Agora Matthew foi sempre bom para todas nós — continuou ela. — Queria que ele tivesse sido meu pai, como se isso fosse me ajudar muito agora. Esteve internado no hospital e recebeu alta. E depois os médicos pararam de vir porque ele estava bêbado o tempo todo e gritava com eles. E acabou morrendo mesmo.

— E Sandra Gelada já tinha ido embora? — perguntou Aaron com delicadeza, pondo a mão sobre a mesa ao lado da dela.

— Ela passava o tempo todo no bar ali na esquina e, depois que foi expulsa desse bar, passou a ir ao da rua principal. Na noite em que ele começou a morrer, corri dois quarteirões até lá para buscá-la e bati com força na porta telada dos fundos para ela sair. Estava bêbada demais para andar.

“Estava ali sentada com um homem branco de boa aparência, e ele simplesmente estava apaixonado por ela, sabe, em adoração. Dava para eu ver. E ela estava tão tonta que não conseguia ficar em pé. Foi então que me dei conta. Ela não queria ver Matthew morrer. Tinha medo de estar ao seu lado quando isso acontecesse. Não estava sendo insensível. Estava simplesmente apavorada. Por isso voltei correndo para casa.

“Grande Nananne estava lavando o rosto dele e lhe dando seu uísque escocês. Era o que ele bebia o tempo todo, recusava-se a tomar qualquer outro tipo de bebida. E não parava de engasgar. Nós só ficamos sentadas ao seu lado até que quase ao amanhecer os engasgos pararam, e sua respiração ficou muito

regular, tão regular que se podia acertar o relógio por ela, só para cima e para baixo, para cima e para baixo.

“Foi um verdadeiro alívio ele não estar mais engasgando. Mas Grande Nananne abanou a cabeça querendo dizer que não era nada bom. Então a respiração ficou tão baixa que não se conseguia ver nem ouvir. O peito parou de se mexer. E Grande Nananne me disse que ele estava morto.”

Ela parou tempo suficiente para tomar o resto do café. Levantou-se então afastando a cadeira sem cuidado e apanhou o bule do fogão para nos servir um pouco mais da forte infusão.

Sentou-se de novo e passou a língua pelo lábio, um hábito seu. Parecia uma criança em todos esses gestos, talvez por causa do seu jeito de se sentar ereta na cadeira com os braços cruzados como uma aluna de convento.

— Vejam bem, é bom que vocês escutem essa história — disse ela, olhando de mim para Aaron. — Eu nunca contei tudo a ninguém. Só os detalhes. Ele deixou muito dinheiro para Sandra Gelada.

“Ela chegou a casa por volta do meio-dia no dia seguinte e exigiu saber para onde ele havia sido levado. E começou a berrar, a atirar coisas e a dizer que nunca deveríamos ter chamado o necrotério para levar o corpo.

“E o que você acha que nós íamos fazer com ele?”, perguntou Grande Nananne. “Você acha que não existe uma lei nesta cidade a respeito de cadáveres? Você acha que nós podíamos simplesmente levá-lo ali para fora e enterrá-lo no quintal?” Acabou que o pessoal dele em Boston veio e o levou. E no momento em que Sandra Gelada viu aquele cheque, sabe, o dinheiro que ele deixou para ela, ela saiu desta casa e desapareceu.

“É claro que eu não sabia que aquela era a última vez que eu ia vê-la. Tudo o que sabia era que ela arrumou todas as roupas numa mala de couro vermelho e que estava vestida como uma modelo de revista, num costume de seda branco. O cabelo estava puxado para trás num coque na nuca. Ela era tão linda que não precisava de maquiagem, mas estava usando sombra roxo-escura acima dos cílios e nos lábios uma cor escura como roxo também. Eu sabia que roxo-escuro significava encrenca. Ela estava muito linda.

“Ela me deu um beijo e um frasco de Chanel nº 22. Disse que era para mim. Disse que voltaria para me buscar. Estava saindo para comprar um carro, queria ir embora dirigindo. Ela disse que, se conseguisse atravessar o vertedouro sem se afogar, conseguiria sair da cidade.”

Merrick parou por um instante, com o cenho cerrado, a boca um pouco aberta. Depois recomeçou.

— “Duvido que volte para buscar a menina.” Foi o que Grande Nananne lhe disse. “Você nunca fez nada a não ser levar uma vida desregrada e abandonar essa criança ao deus-dará. Pois bem, ela vai ficar aqui comigo, e você que vá para o inferno.”

Ela fez mais uma pausa. O rosto infantil acalmou-se. Tive medo de que fosse chorar. Acho que engoliu as lágrimas com muita decisão. Voltou então a falar, com um pequeno pigarro. Eu mal conseguia discernir as palavras.

— Acho que foi para Chicago — disse ela.

Aaron esperou respeitoso enquanto o silêncio dominava a velha cozinha.

Apanhei meu café e tomei mais um grande gole, saboreando-o tanto por respeito a ela quanto por prazer.

— Você está conosco, querida — disse eu.

— Ah, eu sei, Sr. Talbot — respondeu ela em voz baixa e, sem afastar o olhar de algum ponto distante, ergueu a mão direita e a pôs sobre a minha. Nunca me esqueci desse gesto. Era como se ela estivesse me consolando.

— Bem, Grande Nananne agora sabe — disse ela então. — Ela sabe se minha mãe está viva ou morta.

— É mesmo, ela sabe — respondi, confessando minha crença antes de pensar melhor. — E, não importa o que saiba, ela está em paz.

Houve um intervalo de silêncio no qual tive a dolorosa consciência do sofrimento de Merrick, bem como do barulho dos acólitos da Talamasca que estavam removendo todos os objetos da casa. Ouvi o ruído desagradável de grandes estátuas sendo arrastadas ou empurradas. Ouvi o som de fita crepe sendo esticada e rasgada.

— Eu adorava aquele cara, Matthew — disse Merrick, baixinho. — Eu realmente o adorava. Ele me ensinou a ler o livro da magia. Ensinou-me a ler todos os livros que Oncle Vervain tinha deixado. Ele gostava de olhar para os retratos que eu lhes mostrei. Era um homem interessante.

Mais uma longa pausa. Algo na atmosfera da casa me perturbava. Eu estava confuso com o que estava sentindo. Não estava em nada relacionado aos ruídos ou atividades normais. E de repente pareceu imperioso que eu ocultasse de Merrick essa perturbação, que algo daquela natureza, não importava o que fosse, não a importunasse na ocasião.

Era como se alguém totalmente novo e diferente tivesse entrado na casa e que se pudesse ouvir a movimentação furtiva dessa pessoa. Era a sensação de uma presença coerente. Afastei-a do meu pensamento, sem por um instante temê-la, e mantive os olhos em Merrick quando ela, como em devaneio, recomeçou a falar muito rápido e sem inflexão.

— Lá em Boston, Matthew tinha estudado história e ciência. Conhecia tudo a respeito do México e de suas selvas. Ele me contou a história do povo olmeca. Quando estávamos na Cidade do México, ele me levou a um museu. Ia se encarregar de que eu entrasse para uma escola. Não tinha medo daquela selva. E achava que as vacinas nos protegeriam. Ele não deixava que bebêssemos a água, sabem, tudo isso. E era rico, como eu lhe disse, e nunca teria tentado roubar esses objetos de Sandra Gelada ou de mim.

Seus olhos permaneciam firmes.

Eu ainda sentia aquela entidade distinta no interior da casa, e percebi que ela não a percebia. Aaron também não sabia que ela estava por ali. E não longe do lugar onde estávamos sentados. Com toda a minha alma, eu escutava Merrick.

— Oncle Vervain deixou um monte de coisas. Vou lhes mostrar. Oncle Vervain dizia que tínhamos nossas raízes na selva lá no sul, e no Haiti antes que nosso povo chegasse até aqui. Ele disse que nós não éramos como o povo negro da América, embora ele nunca usasse a palavra “negro”. Sempre dizia “de cor”. Ele achava cortês dizer “de cor”. Sandra Gelada costumava rir dele. Oncle

Vervain era um mago poderoso, e antes dele havia seu avô. E Oncle Vervain contava histórias sobre o que o Velho sabia fazer.

Dei-me conta de que sua fala delicada estava ficando mais rápida. A história estava jorrando dela.

— O Velho, é só assim que eu sempre o chamei. Era um praticante de vodu na Guerra de Secessão. Ele foi até o Haiti para aprender coisas e, quando voltou para esta cidade, chegou arrasando. É claro que falam de Marie Laveau, mas também falam do Velho. As vezes sinto perto de mim sua presença, de Oncle Vervain e do Velho, assim como a de Lucy Nancy Marie Mayfair, que aparece no retrato, e de outra, uma rainha do vodu que todos chamavam de Linda Justine. Diziam que todo o mundo tinha medo de Linda Justine.

— O que você quer para sua vida, Merrick? — perguntei-lhe eu de súbito, desesperado para fazer cessar a velocidade cada vez maior da sua fala.

Ela me lançou um olhar penetrante e depois sorriu.

— Quero ter uma educação, Sr. Talbot. Quero estudar.

— Ah, que maravilha — murmurei.

— Já disse ao Sr. Lightner — prosseguiu ela —, e ele me disse que vocês poderiam fazer isso. Quero ir para uma escola de alta qualidade onde me ensinem grego e latim, bem como qual garfo usar para a salada ou o peixe. Quero saber tudo sobre magia, como Matthew sabia, relatos tirados da Bíblia, a leitura daqueles livros antigos, a confirmação do que já foi testado e comprovado. Matthew nunca precisou trabalhar para se manter. Imagino que eu tenha de vir a trabalhar para me manter. Mas quero ser instruída, e acho que o senhor sabe o que quero dizer.

Ela fixou o olhar em mim. Seus olhos estavam secos e límpidos. Foi então talvez mais que em qualquer outra ocasião que percebi sua belíssima coloração que já mencionei antes. Ela continuou a falar, com a voz um pouco mais lenta agora, mais calma e quase terna.

— O Sr. Lightner diz que todos os seus membros são pessoas instruídas. Foi isso o que me disse imediatamente antes da sua chegada. Percebo essas maneiras nas pessoas da casa matriz e ouço seu modo de falar. O Sr. Lightner diz que essa é a tradição da Talamasca. Vocês educam seus membros, porque ser membro é algo vitalício, e vocês todos moram sob o mesmo teto.

Sorri. Era verdade. Pura verdade.

— É — disse eu —, nós fazemos isso com todos os que nos procuram, desde que estejam dispostos e sejam capazes de absorver. E é o que lhe proporcionaremos.

Merrick debruçou-se sobre a mesa e me deu um beijo no rosto.

Fiquei surpreso com esse afeto e sem saber qual a reação adequada. Abri meu coração.

— Querida, nós lhe daremos tudo. Temos tanto a compartilhar... Seria nosso dever se não fosse... se não fosse um prazer tão grande para nós.

Algo invisível de repente se foi da casa. Minha impressão foi como se algum ser tivesse estalado os dedos e simplesmente desaparecido. Merrick não demonstrou ter consciência disso.

— E o que eu posso fazer para vocês em troca? — perguntou ela em voz

calma e firme. — Vocês não podem me dar tudo em troca de nada, Sr. Talbot. Digam-me o que querem de mim.

— Que nos ensine o que sabe sobre a magia — respondi — e que cresça para ser feliz, forte e para nunca ter medo.

CAPÍTULO 9



ESTAVA ESCURECENDO QUANDO SAÍMOS DA CASA.

Antes de deixar Nova Orleans, jantamos juntos no Galatoire's, um venerável restaurante antigo de Nova Orleans onde a comida para mim era sempre deliciosa, mas Merrick àquela altura estava tão exausta que empalideceu e adormeceu na cadeira.

Era notável a transformação nela. Murmurou que Aaron e eu deveríamos cuidar dos tesouros olmecas.

— Podem olhar, mas tenham cuidado — disse ela em tom neutro. E então veio o sono repentino que a deixou dócil porém inconsciente, ao que me fosse dado ver.

Aaron e eu praticamente a carregamos até o automóvel — ela conseguia andar dormindo se fosse levada —, e por mais que eu quisesse conversar com Aaron, não ousei fazê-lo, embora Merrick estivesse profundamente adormecida entre nós durante todo o percurso até Oak Haven.

Quando chegamos à casa matriz, aquela boa integrante da Ordem que mencionei anteriormente e que para fins deste relato chamarei agora de Mary nos ajudou a levar Merrick até o quarto e a deitá-la na cama.

Ora, salientei há pouco que desejava que a Talamasca a envolvesse em fantasia, que lhe desse tudo o que ela desejasse.

Permitam-me esclarecer que já tínhamos começado esse processo com a criação para ela de um quarto de esquina no andar superior, que acreditávamos ser o sonho de uma menina-moça. A cama de cerejeira, suas colunas e dossel decorado com flores entalhadas e com enfeites de renda no acabamento, a penteadeira com seu banquinho de cetim e enorme espelho redondo, o pequeno par de luminárias trabalhadas e a infinidade de frascos, tudo isso fazia parte da fantasia, lado a lado com duas bonecas cobertas de babados, bonecas de alcova, como se chamam, que precisaram ser afastadas para podermos deitar a pobre menina no travesseiro para a noite.

E para que vocês não pensem que somos imbecis misóginos, permitam-me explicar que uma parede do quarto, a que não era cortada por portas-janelas que ciavam para a varanda, estava repleta de uma boa coleção de livros de interesse geral. Havia também uma mesa de canto e poltronas para leitura, bem como muitas outras luminárias bonitas e um banheiro provido de sabonetes perfumados, xampus multicores e inúmeros frascos de óleos e colônias perfumadas. Na realidade, a própria Merrick tinha comprado uma infinidade de produtos com a

fragrância Chanel nº 22, um perfume especialmente maravilhoso.

Aquela altura, quando a deixamos em sono profundo sob os meigos cuidados de Mary, creio que tanto Aaron quanto eu estávamos apaixonados por ela, totalmente como pais, e eu pretendia não permitir que nada na Talamasca distraísse minha atenção do seu caso.

É claro que Aaron, por não ser o superior geral da Ordem, teria a vantagem de permanecer aqui com ela muito depois que eu tivesse sido forçado a voltar ao trabalho em Londres. E eu o invejava pois ele teria o *prazer* de ver essa criança conhecer seus primeiros professores particulares e escolher sua própria escola.

Quanto aos tesouros olmecas, nós agora os levávamos ao pequeno cofre-forte da Louisiana para custódia; e, uma vez lá dentro, após alguma reflexão, abrimos a mala e examinamos o que nela havia.

O tesouro era realmente extraordinário. Havia cerca de quarenta ídolos, pelo menos doze das facas perfuradoras, numerosas lâminas de machado e muitos objetos menores com formato de lâmina que costumamos chamar de celte. Cada um dos itens era primoroso em si. Havia também um inventário manuscrito, aparentemente obra do misterioso e malfadado Matthew, que detalhava cada item e seu tamanho. Havia uma nota anexa:

Há uma quantidade muito maior de tesouros neste túnel, mas eles deverão esperar por escavações futuras. Já estou doente e preciso voltar para casa assim que seja possível. Mel e Sandra criam muita polêmica quanto a esse ponto. Elas querem retirar tudo da caverna. Mais eu estou ficando mais fraco mesmo agora enquanto escrevo. Quanto a Merrick, minha doença a está assustando. Preciso levá-la para casa. Vale observar, enquanto tenho forças na mão direita, que nada mais assusta nenhuma das minhas companheiras, nem a selva, nem as aldeias, nem os índios. Tenho de voltar.

Eram mais do que impressionantes essas palavras do falecido; e minha curiosidade acerca de “Mel” era ainda mais forte.

Estávamos embalando tudo e restaurando a antiga ordem quando ouvimos uma batida na porta externa da sala na qual se encontrava o cofre-forte.

— Venham rápido — disse Mary, pela porta fechada. — Ela está histórica. Não sei o que fazer.

Lá fomos nós escada acima e, antes de chegar ao segundo andar, podíamos ouvir seus soluços desesperados.

Merrick estava sentada na cama, ainda no vestido azul-marinho do enterro, os pés descalços novamente, e o cabelo desgrehado, repetindo em soluços que Grande Nananne tinha morrido.

Era tudo perfeitamente compreensível, mas Aaron exercia um efeito quase mágico sobre pessoas em estado semelhante, e ele logo a tranquilizou com suas palavras, enquanto Mary ajudava quando possível.

Merrick então, em meio às lágrimas, pediu se poderia tomar um copo de rum.

É claro que ninguém estava a favor desse remédio, mas, por outro lado, como Aaron salientou sensatamente, a bebida a acalmaria e ela acabaria dormindo.

Encontramos algumas garrafas no bar do andar inferior e demos a Merrick um copo, mas ela pediu mais.

— Isso é só uma prova — disse ela, em pranto —, preciso de um copo cheio. — Sua infelicidade e aflição pareciam tão completas que não pudemos lhe dizer não. Afinal, depois que bebeu, seus soluços amainaram.

— O que é que eu vou fazer? Para onde é que eu vou? — perguntava ela, num tom de dar dó, e mais uma vez reforçamos nossas promessas, muito embora sua dor fosse algo que na minha opinião ela precisava expressar com lágrimas.

Quanto a dúvidas acerca do futuro, essa era uma outra história. Pedi a Mary que saísse do quarto. Sentei-me na cama ao lado de Merrick.

— Minha querida, preste atenção — disse-lhe eu. — Você é rica por si só. Aqueles livros do Oncle Vervain. Eles têm um valor imenso. Universidades e museus competiriam em leilões por eles. Quanto aos tesouros olmecas, não tenho como calcular seu valor. É claro que você não quer se desfazer desses objetos, e nós não queremos que você faça isso, mas fique tranqüila pois você está segura, mesmo sem nós.

Isso pareceu tranqüilizá-la um pouco.

Finalmente, depois de chorar baixinho encostada no meu peito por quase uma hora, ela abraçou Aaron, pôs a cabeça no seu ombro e disse que, se soubesse que estávamos na casa, que não íamos sair, ela poderia ir dormir.

— Amanhã de manhã vamos esperar por você lá embaixo — disse-lhe eu. — Queremos que você faça aquele café para nós. É loucura beber o café errado. Nós nos recusamos a tomar o café da manhã sem você. Agora você precisa dormir.

Ela me deu um sorriso grato e gentil, muito embora as lágrimas continuassem a lhe escorrer pelo rosto. Então, sem pedir a permissão de ninguém, ela foi até a penteadeira enfeitada, onde a garrafa de rum estava em total incongruência com os frasquinhos enfeitados, e tomou um bom gole da bebida.

Quando nos levantávamos para sair, Mary atendeu meu chamado trazendo uma camisola pronta para Merrick, e eu levei a garrafa de rum, fazendo um sinal de cabeça para Merrick para me certificar de que ela me havia visto apanhá-la, de modo que houvesse algum simulacro de permissão por parte dela, e Aaron e eu nos retiramos para a biblioteca no andar inferior.

Não me lembro de quanto tempo ficamos conversando.

Possivelmente foi uma hora. Conversamos sobre professores particulares, escolas, programas de ensino, o que Merrick deveria fazer.

— É claro que não pode haver nenhuma cogitação de pedir a ela que demonstre seus poderes paranormais para nós — disse Aaron com firmeza, como se eu estivesse a ponto de fazer minha autoridade suplantar a dele. — Mas eles são consideráveis. Senti isso o dia inteiro e ontem também.

— Ah, mas há uma outra questão — disse eu, e estava prestes a abordar o tema da estranha “perturbação” que tinha sentido na casa de Grande Nananne enquanto estávamos sentados na cozinha. Mas algo me impediu de falar.

Dei-me conta de que percebia a mesma presença agora, debaixo do teto da

nossa casa matriz.

— O que houve, amigo? — perguntou Aaron, que conhecia todas as minhas expressões faciais e que poderia provavelmente ler meu pensamento se de fato se dispusesse a fazê-lo.

— Nada — disse eu, e então, instintivamente e talvez por egoísmo, com algum desejo de ser heróico, acrescentei —, quero que você fique onde está.

Levantei-me e saí pelas portas abertas da biblioteca para o corredor.

Lá de cima, da parte dos fundos do andar superior da casa, veio uma risada sardônica e vibrante. Era uma risada de mulher, não havia dúvida, só que eu não conseguia atribuí-la a Mary ou às outras integrantes da Ordem que na época estavam morando na Casa. Na realidade, Mary era a única no prédio principal. Havia algum tempo as outras tinham ido dormir na “senzala” e nas casas de colonos que faziam parte dos anexos a alguma distância das portas dos fundos da casa.

Mais uma vez, ouvi a risada. Parecia uma resposta à minha própria indagação.

Aaron apareceu por trás de mim.

— E Merrick — afirmou, cauteloso.

Dessa vez, não lhe disse que permanecesse ali. Ele me acompanhou quando subi a escada.

A porta do quarto de Merrick estava aberta, e as luzes acesas, fazendo com que um forte clarão se derramasse até o longo e largo corredor central.

— Pois bem, vão entrando — disse uma voz de mulher quando eu hesitei. E, quando entrei, fiquei totalmente alarmado com o que vi.

Numa névoa de fumaça de cigarro, havia uma jovem mulher sentada numa postura altamente sedutora à penteadeira, o corpo viçoso e em rápida maturação coberto apenas com uma sumária combinação de algodão branco, com o tecido fino mal lhe disfarçando os seios perfeitos e os mamilos rosados, ou a sombra escura entre as pernas.

É claro que era Merrick, mas na realidade não era Merrick de modo algum. Com a mão direita, ela levou o cigarro à boca e deu uma longa tragada, com o ar despreocupado de uma fumante inveterada, deixando a fumaça sair tranqüila.

Suas sobrancelhas ergueram-se quando ela olhou para mim, e os lábios estavam arreganhados num belo sorriso debochado. Com efeito, a expressão era tão estranha à Merrick que eu chegara a conhecer que era simplesmente apavorante por si só. Não se poderia imaginar que uma atriz experiente conseguisse alterar as feições com tanto êxito. Quanto à voz que saía do corpo, ela era baixa e sensual.

— Bons cigarros, Sr. Talbot. Rothmans, não é? — A mão direita brincava com a caixinha que ela tirara do meu quarto. A voz da mulher continuou, fria, totalmente desprovida de sentimento e com um leve tom de zombaria. — Matthew costumava fumar Rothmans, Sr. Talbot. Ele ia ao French Quarter comprá-los. Não se encontra essa marca na lojinha da esquina. Fumou até morrer.

— Quem é você? — perguntei.

Aaron não disse nada. Cedeu-me o comando na íntegra nesse momento, mas não abandonou a posição.

— Não se apresse, Sr. Talbot — veio a resposta em tom duro. — Faça-me algumas perguntas. — Ela descansou mais peso no cotovelo esquerdo sobre a penteadeira, e a combinação se abriu, revelando mais seu busto exuberante.

Seus olhos decididamente cintilavam à luz dos abajures da penteadeira. Parecia que suas pálpebras e sobrancelhas eram governadas exclusivamente por uma nova personalidade. Ela não era nem mesmo irmã gêmea de Merrick.

— Sandra Gelada? — perguntei.

Ela explodiu numa gargalhada que era ameaçadora e chocante. Jogou para trás o cabelo negro e tragou novamente o cigarro.

— Ela nunca lhe disse uma palavra a meu respeito, ou disse? — perguntou ela, e mais uma vez veio aquele sorriso debochado, lindo embora cheio de veneno. — Ela sempre teve inveja. Eu a odiei desde o dia em que nasceu.

— Mel ao Sol — disse eu, com calma.

Ela fez que sim, com um sorriso forçado, soltando a fumaça.

— Esse é um nome que sempre me serviu. E ela segue em frente, me deixando fora da história. Bem, não vá pensar que vou me contentar com tão pouco, Sr. Talbot. Ou eu deveria chamá-lo David? Creio que você parece ser um David, sabe, correto, de vida limpa e tudo o mais. Ela esmagou o cigarro direto no tampo da penteadeira. E, com uma das mãos, apanhou outro e o acendeu com o isqueiro de ouro que eu tinha deixado no meu quarto.

Agora virava o isqueiro, com o cigarro pendurado na boca e através da pequena espiral de fumaça leu a inscrição: “A David, meu Salvador, do Joshua.” Ela olhou para mim de relance e sorriu.

As palavras que tinha lido me feriam fundo, mas eu não ia permitir que aquilo continuasse. Apenas fixei o olhar nela. Isso demoraria um pouco.

— Você tem toda a razão — disse ela —, vai demorar um pouco. Mas não vá achar que eu quero um pouco do que ela está recebendo. Vamos conversar sobre essa história aqui, Joshua, ele foi seu amante, não foi? Vocês foram amantes, e ele morreu.

A dor que eu sentia era intensa. E, por mais que eu alegasse possuir iluminação e autoconhecimento, aquelas palavras me mortificavam por serem pronunciadas na presença de Aaron. Joshua era jovem e um de nós.

Ela deu um riso baixo, carnal.

— É claro que você consegue transar com mulheres também, se forem jovens o suficiente, não é? — perguntou com perversidade.

— De onde você vem, Mel ao Sol? — perguntei.

— Não a chame pelo nome — murmurou Aaron.

— Ah, eis um bom conselho, mas não tem importância. Vou ficar exatamente aqui onde estou. Agora, vamos conversar sobre você e aquele garoto, Joshua. Parece que ele era bem jovem quando vocês...

— Pare com isso — disse eu com rispidez.

— Não fale com ela, David — disse Aaron entre dentes. — Não lhe dirija a palavra. Cada vez que fala com ela, está lhe dando força.

Uma risada alta e cascadeante brotou da mulherzinha sentada à

peneteira. Ela abanou a cabeça e se voltou para nos encarar de frente, com a bairra da combinação subindo nas coxas nuas.

— Eu diria que ele estava com uns dezoito anos talvez — disse ela, olhando para mim com os olhos flamejantes enquanto tirava o cigarro da boca. — Mas você não tinha certeza, não é, David? Só sabia que precisava tê-lo.

— Saia de dentro de Merrick — disse eu. — Aí não é seu lugar.

— Merrick é minha irmã! — respondeu ela, em desafio. — Faço com ela o que quiser. Ela me deixou louca desde que nasceu, sempre lendo meus pensamentos, me dizendo o que eu pensava, me dizendo que eu criava meus próprios problemas, sempre pondo a culpa de tudo em mim!

Inclinou-se para a frente com a expressão carrancuda. Dava para eu ver seus mamilos.

— Você deixa transparecer o que você é — disse eu. — Ou não seria o que você foi?

De súbito ela se levantou da peneteira, e a mão esquerda, livre do cigarro, arrastou todos os frascos e o abajur do lado direito do tampo, com um belo golpe.

Ouvindo-se o barulho de vidro estilhaçado. O abajur apagou-se com uma centelha ruidosa. Dois ou mais dos frascos estavam quebrados. O tapete estava coberto com fragmentos afiados. O quarto, impregnado de um forte perfume.

Estava em pé diante de nós, com a mão no quadril, o cigarro para o alto. Olhou para os frascos no chão.

— É, ela gosta dessas coisas! — disse. — Sua postura era cada vez mais sugestiva, zombeteira. — E você realmente gosta do que está vendo, não gosta, David? Ela tem a idade exata para você. Ela ainda tem um pouco de menino nela, não é? Grande Nananne o conhecia e sabia o que você queria. E eu o conheço também.

Seu rosto estava tomado pela raiva e era lindíssimo.

— Você matou Joshua, não matou? — disse ela, em voz baixa, com os olhos de repente semicerrados, como se estivesse espiando o íntimo da minha alma. — Você permitiu que ele estivesse naquela escalada no Himalaia... — Ela pronunciou a palavra como eu a teria pronunciado. — E você sabia que era perigoso, mas o amava tanto que não conseguiu dizer não.

Não pude dizer nada. Em mim a dor era imensa. Tentei eliminar da mente todos os pensamentos acerca de Joshua. Procurei não pensar no dia em que trouxeram seu corpo de volta a Londres. Procurei me concentrar na garota diante de mim.

— Merrick — disse eu, com todas as forças que pude reunir. — Merrick, expulse-a.

— Você me quer, e você também, Aaron — prosseguiu ela, com o sorriso forçado deixando as bochechas maleáveis, o rosto corado. — Qualquer um dos dois me fincaria naquele colchão se achasse que tinha condições.

Eu não disse nada.

— Merrick — disse Aaron em voz alta. — Livre-se dela. Ela não lhe quer bem, querida, livre-se dela!

— Você sabe o que Joshua estava pensando a seu respeito quando

despencou daquele penhasco? — perguntou ela.

— Pare com isso! — exclamei.

— Ele estava sentindo ódio de você por mandá-lo, detestando você por ter dito que sim, que ele podia ir!

— Mentira! — disse eu. — Saia de dentro de Merrick.

— Não me venha com gritos, cavalheiro — retrucou ela, furiosa. Olhou de relance para os cacos de vidro no chão e bateu as cinzas no meio deles. — Agora vamos tratar de um bom castigo para ela.

Deu um passo adiante para o meio da confusão de cacos de vidro e frascos derramados que nos separava. Investi contra a figura.

— Não avance.

Agarrei-a pelos ombros e a forcei a recuar. Mas isso exigiu toda a minha força. Sua pele estava úmida de suor e ela se desvencilhou de mim.

— Você acha que eu não posso andar descalça em cima do vidro? — disse ela no meu nariz enquanto lutava para resistir a mim. — Seu velho idiota — prosseguiu —, agora por que eu ia querer ferir o pé de Merrick?

Agarrei-a, esmagando o vidro com meus sapatos.

— *Você* morreu, não é, Mel ao Sol? Você está morta e sabe disso; e essa é toda a vida que consegue obter!

Por um instante, o belo rosto ficou inexpressivo. A garota parecia ser Merrick. Então ergueram-se novamente as sobrancelhas. As pálpebras assumiram sua expressão lânguida, fazendo cintilar os olhos.

— Eu estou aqui e eu vou ficar aqui.

— Você está na cova, Mel ao Sol — respondi. — Quer dizer, o corpo que você quer está na cova, e tudo o que você tem é um espírito errante. Diga-me que não é verdade.

Um ar de medo alvoroçou sua expressão, e então o rosto voltou a tornar-se obstinado, enquanto ela se livrava das minhas mãos.

— De mim o senhor não sabe nada — disse ela. Estava desnorteada, como costuma acontecer com os espíritos. Não conseguia manter no rosto de Merrick a expressão atrevida. Com efeito, de repente o corpo inteiro estremeceu. A verdadeira Merrick estava lutando.

— Volte, Merrick, livre-se dela — disse eu, voltando a dar um passo à frente.

Ela recuou na direção dos pés da cama alta. Girou o cigarro na mão. Pretendia queimar-me com ele.

— Pode apostar que pretendo — disse ela, lendo meu pensamento. — Quem dera eu tivesse alguma coisa para realmente feri-lo. Mas acho que vou ter de me contentar em feri-la!

Ela olhou ao redor do quarto.

Era só o que eu precisava. Investi contra ela e a segurei pelos ombros, desesperado para não largá-la apesar do suor que a cobria e de seus esforços para escapar. Ela deu um berro.

— Pára com isso! Me solta! — E ela conseguiu esmagar o cigarro no lado do meu rosto.

Tentei alcançar sua mão, agarrei-a e a torci até que ela largasse o cigarro.

Ela me deu uma bofetada de modo que por um instante eu me senti zozzo. Mesmo assim, não larguei os ombros escorregadios.

— Chega — gritou ela. — Quer machucá-la, quebrar-lhe os ossos, por que não faz isso? Acha que isso trará Joshua de volta? Acha que ele poderá estar mais velho para você, David? Acha que isso corrigirá as coisas?

— Saia de dentro de Merrick! — gritei. Eu ainda ouvia os cacos de vidro debaixo dos meus sapatos. Ela estava perigosamente próxima deles. Sacudi-a com força, balançando sua cabeça de um lado para o outro.

Inesperadamente, ela se livrou de mim com violência, e mais uma vez veio uma bofetada de força assombrosa que quase me desequilibrou. Por uma fração de segundo, fiquei cego.

Investi contra ela, ergui-a por baixo dos braços e a atirei na cama. Ajoelhei-me na cama sobre ela, ainda a agarrando. Ela lutava para alcançar meu rosto.

— Solte-a, David — gritou Aaron atrás de mim. E de repente ouvi a voz de Mary, aquela outra fiel irmã, que me implorava para não torcer seu pulso com tanta força.

Os dedos continuavam a lutar para alcançar meus olhos.

— Você está morta, sabe que está, não tem nenhum direito de estar aqui

— vociferei. — Diga que está morta; você morreu e tem de deixar Merrick em paz.

Senti meu joelho contra o meu peito.

— Grande Nananne, tire-a daqui! — disse eu.

— Como ousa! — berrou ela. — Você acha que pode usar minha madrinha contra mim. — Agarrou meu cabelo com a mão esquerda e lhe deu puxões.

Mesmo assim, eu a sacudia.

E então recuei, soltei-a e invoquei meu próprio espírito, minha própria alma para que se tornasse um instrumento poderoso; e foi com esse instrumento invisível que mergulhei na sua direção, golpeando-a no coração de tal modo que ela perdeu o fôlego.

Fora, fora, fora!, ordenei-lhe com toda a força da minha alma. Senti a mim mesmo contra ela. Senti seu poder coletivo, como se não houvesse nenhum corpo que o abrigasse. Senti sua resistência. Eu tinha perdido totalmente o contato com meu próprio corpo. *Fora de Merrick! Já!*

Soltou-se dela um soluço.

— Não existe tumulto para nós, seu canalha, seu demônio — gritou ela.

— Não existe tumulto nem para mim nem para minha mãe! Você não tem como me fazer ir embora!

Olhei para baixo, para seu rosto, embora não soubesse onde meu próprio corpo tinha caído — no chão ou na cama.

Invoque Deus com qualquer nome e vá na sua direção!, disse-lhe eu. *Deixe esses corpos onde quer que estejam, está me ouvindo? Deixe-os e siga adiante. Agora! É a sua chance!*

De repente, a força que me oferecia resistência retraiu-se, e eu senti sua intensa pressão dissolver-se. Por um instante achei que a vi, um vulto amorfo erguendo-se acima de mim. Percebi então que estava deitado no chão.

Eu tinha o olhar fixo no teto. E podia ouvir Merrick, nossa Merrick

chorando de novo.

— Elas morreram, Sr. Talbot, morreram. Sandra Gelada morreu e Mel ao Sol, minha irmã, também. Sr. Talbot, as duas morreram. Estão mortas desde que saíram de Nova Orleans, Sr. Talbot. Todos aqueles quatro anos de espera, e elas morreram na primeira noite em Lafayette, Sr. Talbot. Estão mortas, mortas, mortas.

Levantei-me lentamente. Havia cortes do vidro quebrado nas minhas mãos. Eu me sentia mal fisicamente.

A criança na cama tinha fechado os olhos. Não havia zombaria nos seus lábios. A boca aberta estava muito esticada enquanto ela continuava a se lamentar aos gritos.

Mary rapidamente jogou sobre ela um espesso roupão. Aaron estava ao seu lado. Ela rolou na cama e de repente fez uma careta.

— Estou passando mal, Sr. Talbot — disse ela com a voz rouca.

— Por aqui — desviei-a dos cacos perigosos, peguei-a no colo e a carreguei até o banheiro. Ela debruçou-se na pia, e o vômito jorrou.

Eu tremia por inteiro. Minhas roupas estavam encharcadas.

Mary insistiu para que eu me afastasse. Por um momento pareceu-me revoltante, e depois dei-me conta da impressão que deveria ter causado em Mary.

Por isso retirei-me.

Quando olhei para Aaron, surpreendi-me com a expressão no seu rosto. Já tinha visto muitos casos de possessão. Todos são terríveis, cada um ao seu modo.

Esperamos no corredor até Mary nos dizer que poderíamos entrar. Merrick estava usando uma camisola branca de algodão para nos receber, o cabelo escovado com um maravilhoso brilho castanho e os olhos muito límpidos, mas com o contorno vermelho. Estava na poltrona no canto à luz do abajur de pé.

Os pés estavam bem protegidos com chinelos brancos de cetim. Mas todo o vidro tinha desaparecido. Na realidade, a penteadeira estava perfeita com apenas um abajur e todos os frascos intactos.

No entanto, Merrick ainda tremia. E, quando me aproximei, ela estendeu a mão e agarrou a minha.

— Seus ombros vão ficar doloridos por um tempinho — disse eu, em tom de desculpas.

— Ouçam só como elas morreram — disse ela, olhando para mim e depois para Aaron. — Saíram com todo aquele dinheiro para comprar um carro novo. O homem que lhes vendeu o carro foi dar uma volta com elas, sabem, e as levou a Lafayette. E lá ele as matou pelo dinheiro que estava com elas. Deu-lhes um golpe forte na cabeça.

Abanei a cabeça.

— Há quatro anos isso aconteceu — disse ela, prosseguindo séria, com a mente na história e em nada mais. — Aconteceu exatamente um dia depois de terem partido. Ele as espancou num quarto de motel em Lafayette, pôs os corpos no carro e empurrou o carro para dentro do pântano. O carro simplesmente ficou cheio d'água. Se elas acordaram, morreram afogadas. Não sobrou nada de nenhuma das duas agora.

— Meu Deus — murmurei.

— E esse tempo todo eu me sentia tão culpada por ter ciúme, ciúme por Sandra Gelada ter levado Mel ao Sol e ter me deixado para trás. Eu sentia culpa e ciúme, culpa e ciúme. Mel ao Sol era minha irmã mais velha. Mel ao Sol estava com dezesseis anos e “não dava trabalho”, foi o que Sandra Gelada me disse. Eu era muito criança, e ela viria me buscar logo.

Fechou os olhos por um momento e respirou fundo.

— Onde é que ela está agora? — perguntei. Aaron deixou transparecer que não estava preparado para isso. Mas eu precisava lhe fazer a pergunta.

Por um bom tempo, não houve resposta. Merrick continuava com o olhar fixo, o corpo tremendo com violência, e então finalmente falou.

— Ela se foi.

— Como foi que ela apareceu? — perguntei. Mary e Aaron abanaram a cabeça.

— David, deixe a menina por ora — disse Aaron, com a maior cortesia possível. Eu não tinha nenhuma intenção de deixar para lá. Eu precisava saber.

Mais uma vez, não houve resposta imediata. E então Merrick deu um suspiro e se voltou para um lado.

— Como foi que ela apareceu? — perguntei novamente.

O rosto de Merrick enrugou-se. Ela começou a chorar bem baixinho.

— Por favor, senhor — disse Mary —, deixe-a em paz.

— Merrick, como foi que Mel ao Sol apareceu? — perguntei. — Você sabia que ela queria aparecer?

Mary assumiu uma posição à esquerda de Merrick e me lançou um olhar de censura.

Eu não tirava os olhos da menina trêmula.

— Você pediu a ela que viesse? — indaguei, baixinho.

— Não, Sr. Talbot — disse ela, em voz baixa, com os olhos voltando a me focalizar. — Rezei para Grande Nananne. Rezei para que seu espírito me ouvisse enquanto ainda estivesse perto da terra. — Sua voz exausta mal conseguia pronunciar as palavras. — Grande Nananne mandou que ela viesse me contar. Grande Nananne vai cuidar delas duas.

— Ah, entendo.

— O senhor sabe o que eu fiz — prosseguiu ela. — Chamei um espírito que tinha acabado de morrer. Invoquei uma alma que ainda estava bem perto para me ajudar, e o que veio foi Mel. O que veio foi mais do que eu queria. Mas é assim que funciona às vezes, Sr. Talbot. Quando se recorre a *les mystères*, nem sempre se sabe o que se vai receber.

— E mesmo — respondi. — Eu sei. Você se lembra de tudo o que aconteceu?

— Sim — disse ela — e não. Eu me lembro de o senhor me sacudir e me lembro da informação do que havia acontecido, mas não me lembro direito de todo o tempo que passou enquanto ela estava em mim.

— Certo — disse eu, agradecido. — Como está se sentindo agora, Merrick?

— Com um pouco de medo de mim mesma — respondeu ela. — E peço

desculpas se ela o feriu.

— Ora, querida, pelo amor de Deus, não pense em mim — respondi. — Só estou preocupado com você.

— Isso eu sei, Sr. Talbot, mas se lhe servir de consolo, Joshua entrou na Luz quando morreu. Ele não o odiou quando estava caindo da montanha. Mel só inventou essa história.

Fiquei atordoado. Eu podia sentir o súbito constrangimento de Mary. Podia ver que Aaron estava pasmo.

— Tenho certeza — disse Merrick. — Joshua está no Céu. Mel só leu tudo aquilo no seu pensamento.

Eu não podia responder. Correndo o risco de maior suspeita e condenação por parte da vigilante Mary, debrucei-me e dei um beijo no rosto de Merrick.

— O pesadelo terminou — disse ela. — Estou livre de todas elas. Estou livre para começar.

E assim teve início nossa longa jornada com Merrick.



PARA MIM NÃO TINHA SIDO FÁCIL CONTAR ESSA HISTÓRIA A LOUIS, E ELA NÃO estava terminada. Eu tinha muito mais a dizer.

Quando parei, no entanto, foi como se eu tivesse despertado para a sala à minha volta e para a presença atenta de Louis. Tive um alívio imediato tanto quanto uma culpa esmagadora. Por um instante, estiquei braços e pernas, e senti minha força vampírica nas veias.

Estávamos sentados juntos como dois seres saudáveis, à luz confortável dos abajures.

Pela primeira vez desde que eu começara a história, olhei para os quadros nas paredes da sala. Tratava-se de tesouros impressionistas de coloração maravilhosa, que Louis tinha adquirido muito tempo atrás e que no passado guardava numa pequena casa na cidade alta, onde morava até Lestat queimar aquela casa e, num esforço de reconciliação, implorar a Louis que viesse morar aqui com ele.

Contemplei um quadro de Monet — quadro que eu vinha ignorando recentemente por ter-se tornado familiar —, um quadro cheio de sol e de verde, de uma mulher trabalhando num bordado junto a uma janela à sombra dos ramos de delicadas árvores de ambientes fechados. Como tantos quadros impressionistas, aquele era altamente intelectual, com suas pinceladas evidentes, e de uma domesticidade flagrante. E deixei essa corajosa santificação da vida comum mitigar o sofrimento do meu coração.

Eu queria sentir nossa domesticidade aqui na Rue Royale. Queria me sentir seguro em termos morais, como naturalmente eu nunca mais me sentiria.

Minha alma estava exausta de revisitar aquela época em que eu era um ser mortal, em que eu não dava importância ao calor úmido dos dias em Nova Orleans, em que eu era um amigo de confiança de Merrick, pois era isso o que eu era, independentemente daquilo que Mel ao Sol condenara em mim — o fato de ter estado com um garoto chamado Joshua que tinha vivido muitos, muitos anos antes.

Quanto a essa questão, Aaron e Mary nunca me fizeram perguntas. Mas eu sabia que nenhum deles jamais voltaria a me encarar do mesmo jeito. Joshua era muito jovem, e eu, muito velho, para o relacionamento. E eu somente confessara minha transgressão — algumas preciosas noites de amor — aos Anciãos muito depois da morte de Joshua. Eles me haviam censurado e me incumbiram de nunca mais permitir que algo semelhante acontecesse.

Quando fui nomeado superior geral, os Anciãos exigiram de mim uma confirmação de que eu estava muito além de semelhantes violações da moralidade, e essa confirmação eu lhes dera, humilhado por ter sido o fato mencionado novamente.

Quanto à morte de Joshua, eu de fato me culpava pelo que lhe havia acontecido. Ele me implorara que permitisse sua participação na escalada, que em si não era muito perigosa, para visitar um santuário no Himalaia que fazia parte do seu estudo das tradições tibetanas. Outros membros da Ordem estavam com ele, e voltaram para casa em segurança. A queda resultara de uma avalanche pequena porém súbita, ao que me fora dado entender, e o corpo de Joshua só fora recuperado meses depois.

Agora, enquanto eu repassava esses fatos com Louis, agora que eu avaliava o fato de ter abordado a mulher Merrick na minha forma sinistra e eterna de vampiro, eu sentia a culpa mais intensa e profunda. Não era algo para o qual eu pudesse um dia procurar absolvição. E não era algo que pudesse me impedir de voltar a ver Merrick.

Já havia acontecido. Eu tinha pedido a Merrick que despertasse o espírito de Claudia para nós. E eu tinha muito mais a contar a Louis antes que os dois pudessem se ver; e muito mais dentro de mim que precisava ser resolvido.

Todo esse tempo, Louis tinha escutado sem dizer palavra. Com o dedo dobrado abaixo da boca, o cotovelo no braço do sofá, ele apenas olhava para mim enquanto eu relatava minhas recordações, e agora esperava ansioso que o relato prosseguisse.

— Eu sabia que essa mulher era poderosa — disse ele, com delicadeza. — O que eu não sabia era como você a amava.

Assombrava-me sua maneira habitual de falar, a qualidade enternecedora da sua voz e o jeito pelo qual suas palavras mal pareciam perturbar o ar.

— Ora, bem, nem eu sabia — respondi. — Éramos tantos, todos unidos pelo amor, na Talamasca, e cada um é um caso especial.

— Mas essa mulher, você realmente a ama — insistiu ele, tranqüilo. — E eu lhe pedi que agisse contra o que lhe dizia seu coração.

— Oh, não, nada disso — confessei, hesitante. — Era inevitável que eu contatasse a Talamasca — insisti. — Mas deveria ter sido um contato com os Anciãos, por escrito, não isso.

— Não se condene tanto por entrar em contato com ela — disse ele com uma autoconfiança extraordinária. Parecia convicto e, como sempre, eternamente jovem.

— Por que não? — perguntei. — Eu considerava que você era o especialista em culpa? — Com isso, ele riu educadamente e depois abafou mais um risinho silencioso, abanando então a cabeça.

— Nós temos coração, certo? — retrucou ele, mudando de posição um pouco nas almofadas do sofá. — Você me diz que acredita em Deus. Isso é mais do que os outros jamais chegaram a me dizer. É mesmo, sinceramente. O que você acha que Deus planeja para nós?

— Não sei se Deus tem algum plano — disse eu, com um pouco de amargura. — Só sei que Ele existe.

Pensei em como amava Louis e sempre amara desde que me tornara cria de Lestat. Pensei em como era profunda minha dependência dele, e no que eu faria por ele. Era o amor de Louis que às vezes paralisara Lestat e escravizara Armand. Louis não precisava ter nenhuma consciência da sua própria beleza, do seu próprio encanto evidente e natural.

— David, você tem de me perdoar — disse ele, de repente. — Tenho uma vontade tão louca de conhecer essa mulher pessoalmente que o forço a prosseguir por motivos egoístas, mas falo sério quando digo que temos coração em todos os sentidos da palavra.

— É claro que você tem — respondi. — Eu me pergunto se os anjos têm coração — murmurei. — Ah, mas não faz diferença, faz? Nós somos o que somos.

Ele não me respondeu, mas eu vi sua expressão se toldar por um instante; e então caiu num devaneio, com seu habitual ar de curiosidade e graça tranqüila.

— No entanto, quando se trata de Merrick — disse eu —, devo encarar o fato de tê-la contatado por precisar desesperadamente dela. Eu não poderia ter seguido muito mais sem contatá-la. Todas as noites que passo em Nova Orleans, penso em Merrick. Sou assombrado por Merrick como se ela fosse um fantasma de si mesma.

— Conte-me o resto da história — insistiu Louis. — E, se quando terminar você quiser encerrar o assunto Merrick, cessar o contato, por assim dizer, nesse caso eu aceitarei sua decisão sem mais uma palavra.



PROSSEGUI COM MINHA HISTORIA, VOLTANDO UNS VINTE ANOS NO TEMPO, ao verão dos catorze anos de Merrick.

Não foi difícil para a Talamasca envolver nos braços uma órfã sem amigos, como se podia ver facilmente.

Nos dias que se seguiram ao enterro de Grande Nananne, descobrimos que Merrick não tinha identidade legal de nenhuma espécie, à exceção de um passaporte válido obtido por meio do testemunho de Sandra Gelada de que Merrick era sua filha. O sobrenome era falso.

Onde e como o nascimento de Merrick poderia ter sido registrado era algo que escapava aos nossos esforços mais diligentes. Não havia registro de batismo de Merrick Mayfair em nenhuma paróquia de Nova Orleans no ano de seu nascimento. Eram poucos os retratos dela nas caixas que trouxera.

E na realidade, não havia nenhum registro de Sandra Gelada nem de Mel ao Sol a não ser passaportes emitidos com nomes falsos. Embora calculássemos o ano da morte das duas infelizes, não encontramos nada nos jornais de Lafayette, Louisiana, ou de qualquer outro lugar próximo que indicasse que corpos de vítimas de assassinato tivessem sido encontrados.

Em suma, a Talamasca começava com uma folha em branco para Merrick Mayfair. E, usando seus imensos recursos, logo criou para ela a documentação de nascimento e idade que o mundo moderno exige. Quanto à questão do batismo católico, Merrick afirmava com obstinação que de fato recebera o sacramento quando bebê — Grande Nananne havia sido sua madrinha de apresentação — e, até poucos anos antes de eu deixar a Ordem, Merrick ainda vasculhava em vão registros de igrejas à procura de uma comprovação disso.

Nunca entendi plenamente a importância desse batismo para Merrick, mas a verdade é que são muitos os aspectos de Merrick que nunca cheguei a entender. Uma coisa porém posso dizer com certeza. A magia e o catolicismo romano estavam totalmente entrelaçados para Merrick, e assim permaneceram durante toda a sua vida.

Quanto ao talentoso e generoso Matthew, não foi de modo algum difícil identificá-lo.

Na realidade, Matthew tinha sido um arqueólogo especializado na civilização olmeca; e, quando perguntas discretas foram feitas aos que lhe sobreviveram em Boston, logo se descobriu que uma mulher chamada Sandra

Mayfair o atraía até Nova Orleans cerca de cinco anos antes com uma carta referente a algum tesouro olmeca sobre o qual a mulher alegava ter instruções e um rascunho de mapa feito à mão para chegar a ele. Sandra Gelada dizia ter recebido um artigo a respeito das aventuras de Matthew como amador, de sua filha Merrick, que se deparara cora ele numa revista *Time*.

Embora a mãe de Matthew estivesse gravemente enferma na época, Matthew fizera a viagem ao sul com sua bênção e iniciara uma expedição particular a partir do México. Nunca mais foi visto vivo por ninguém da família.

Quanto à expedição, Matthew tinha mantido um diário por meio de longas cartas emocionadas endereçadas à sua mãe, as quais ele havia despachado em uma única remessa ao retornar aos Estados Unidos.

Após a morte de Matthew, apesar dos esforços resolutos da mulher, ela não conseguiu que nenhum estudioso da civilização olmeca se interessasse pelo que Matthew alegava ter visto ou encontrado.

A mãe morrera, deixando todos aqueles papéis para a irmã, que não sabia o que fazer com aquela “responsabilidade” e logo decidiu nos vender os papéis de Matthew por uma soma generosa. Esses papéis incluíam uma pequena caixa de fotografias coloridas enviadas à mãe, muitas das quais mostravam Sandra Gelada e Mel ao Sol, ambas mulheres de extraordinária beleza, bem como a menina Merrick aos dez anos de idade, que não era parecida com as outras duas.

Quando Merrick despertou de uma semana de torpor e estava mergulhada em seus estudos e fascinada com suas aulas de etiqueta, não foi para mim nenhum prazer dar-lhe essas fotografias e cartas para o seu arquivo particular.

No entanto ela não demonstrou nenhuma emoção quando deparou com os instantâneos da mãe e da irmã. E, mantendo seu silêncio habitual a respeito de Mel ao Sol, que parecia estar com dezesseis anos nas fotos, deixou tudo aquilo de lado.

Quanto a mim, dediquei algum tempo às fotos.

Sandra Gelada era alta e morena, com o cabelo bem preto e olhos claros. Já Mel ao Sol parecia realizar todas as expectativas criadas pelo seu nome. Nas fotos a pele de fato parecia ter a cor de mel, os olhos eram amarelos como os da mãe, e o cabelo, louro claro e muito crespo, caía até os ombros como espuma. Suas feições eram totalmente anglo-saxãs. O mesmo se aplicava a Sandra Gelada.

Quanto a Merrick nas fotos, sua aparência era igual à que tinha quando veio nos procurar. Aos dez anos de idade, já desabrochava como mulher e parecia de alguma forma ter uma natureza mais tranqüila, com as outras duas muitas vezes pendurando-se em Matthew e sorrindo animadas para a lente enquanto o abraçavam. Merrick costumava ser captada com uma expressão grave e na maior parte das vezes sozinha.

É claro que essas fotos revelavam muito da floresta tropical na qual tinham penetrado; e havia mesmo fotos de baixa qualidade tiradas com flash de estranhas pinturas em cavernas que não pareciam nem olmecas nem maias, embora minha opinião pudesse muito bem estar equivocada. Quanto à localização exata, Matthew recusava-se a revelá-la, usando termos como “Aldeia Um” e “Aldeia Dois”.

Considerando-se a falta de especificações de Matthew e as más condições das fotos, não era difícil entender por que os arqueólogos não se haviam interessado pelas suas descobertas.

Com o consentimento de Merrick e em segredo, ampliamos todas as fotografias de algum valor, mas a qualidade dos originais nos derrotou. E nos faltavam informações concretas sobre como a viagem poderia ser repetida. De um ponto, porém, eu tinha bastante certeza. O vôo inicial poderia ter sido até a Cidade do México, mas a caverna não ficava no México de modo algum.

Havia um mapa, sim, desenhado sem firmeza em tinta preta em papel-pergaminho moderno, mas sem registro de nomes de lugares, com apenas um diagrama que envolvia “A Cidade” e as supramencionadas Aldeia Um e Aldeia Dois. Mandamos fazer uma cópia com o objetivo de preservá-lo já que o papel-pergaminho estava bastante danificado e rasgado nas bordas. Mas não se tratava de uma pista significativa.

Era uma tragédia ler as cartas entusiasmadas que Matthew mandara para casa.

Nunca me esquecerei da primeira carta que escreveu para a mãe após a descoberta. A mulher estava muito doente e acabava de ser informada de que seu caso estava em estágio terminal, notícia que havia alcançado Matthew em algum ponto do percurso; e Matthew lhe implorara que esperasse por sua volta. Com efeito, foi por esse motivo que ele havia encurtado a viagem, apanhando apenas uma fração do tesouro enquanto a maior parte do mesmo permanecera no local.

“Se ao menos você estivesse comigo”, escreveu ele, ou palavras semelhantes.

E dá para você me imaginar, esse seu filho desengonçado e atrapalhado, mergulhando na total escuridão de um templo arruinado e encontrando esses estranhos murais que desafiam qualquer classificação? Não maia, decerto não olmeca. Mas de autoria de quem? E para quem? E, no meio de tudo isso, minha lanterna me escorrega das mãos como se alguém a tivesse roubado de mim. E a escuridão encobre as pinturas mais esplêndidas e extraordinárias que jamais vi.

Mas logo que saímos do templo precisamos escalar as rochas ao lado da cascata, com Sandra Gelada e Mel abrindo o caminho. Foi por trás da cascata que encontramos a caverna, se bem que eu suspeite de que talvez fosse um túnel, e não havia como não identificá-lo pois as gigantescas rochas vulcânicas em torno da entrada tinham sido esculpidas na forma de um rosto imenso com a boca aberta.

É claro que não trazíamos nenhuma iluminação conosco — a lanterna de Sandra Gelada estava encharcada — e estávamos quase desmaiando de calor quando conseguimos entrar. Sandra Gelada e Mel estavam com medo dos espíritos e afirmavam que os “sentiam”. Merrick chegou a protestar a respeito culpando os espíritos por uma queda que sofreu nas rochas.

Mesmo assim amanhã vamos repetir toda a caminhada. Por enquanto, vou repetir o que vi à luz do sol que entrava no templo e na caverna. Pinturas singulares, é o que lhe digo, nos dois lugares, que precisam ser estudadas imediatamente. Mas na caverna há também centenas de objetos de jade

reluzente que apenas esperam ser apanhados.

Como é possível que esses tesouros tenham sobrevivido à ladroagem costumeira nessas regiões, não posso imaginar. É claro que os maias do local negam qualquer conhecimento de tal lugar, e eu não estou disposto a lhes dar esta informação. São gentis conosco, oferecendo-nos alimentos, bebida e hospitalidade. Mas o xamã parece zangado conosco e se recusa a nos dizer o motivo. Só vivo e respiro para voltar lá.

Matthew nunca voltou. Durante a noite, ele começou a ter uma febre e sua carta seguinte registrava a tristeza com a qual partia para a civilização, pensando que a enfermidade fosse de fácil cura.

Como foi horrível que esse homem curioso e generoso adoecesse.

Uma misteriosa picada de inseto tinha sido a responsável, mais isso só foi descoberto quando ele chegou à “Cidade”, como a chamava, sempre com o cuidado de não usar nenhum nome ou descrição importante. Seu último lote de cartas foi escrito no hospital em Nova Orleans e enviado pelas enfermeiras a pedido seu.

“Mãe, não há nada que se possa fazer. Ninguém sequer tem certeza da natureza do parasita, além de saber que ele se espalhou por todos os meus órgãos internos e que se provou refratário a todos os remédios conhecidos pelo homem. Às vezes me pergunto se os maias daquela região talvez pudessem me ajudar com esse mal. Eles eram tão gentis. Mas a verdade é que os nativos provavelmente lhe são imunes há muito tempo.”

Sua última carta foi terminada no dia em que se preparava para voltar à casa de Grande Nananne. A letra se havia deteriorado, já que Matthew sofria um calafrio após o outro, mas era óbvio que estava determinado a escrever. Suas palavras estavam caracterizadas pela mesma estranha mescla de resignação e negação que tantas vezes aflige os moribundos:

“Não dá para acreditar na ternura de Sandra, Mel e Grande Nananne. É claro que fiz todo o possível para aliviar o peso para elas. Todos aqueles artefatos que descobrimos na expedição pertencem de direito a Sandra, e eu vou tentar elaborar uma lista corrigida assim que chegar à casa. Talvez os cuidados de Grande Nananne produzam algum milagre. Escrevo quando tiver boas notícias.”

A única carta restante na coleção era de Grande Nananne. Estava escrita a caneta-tinteiro com uma bela caligrafia rebuscada, e afirmava que falecera “com os sacramentos” e que seu sofrimento não tinha sido excessivo no final. Assinou Irene Flarent Mayfair.

Trágico. Não consigo encontrar palavra melhor.

Na realidade, parecia haver um círculo de tragédias em torno de Merrick, se levarmos em consideração os assassinatos de Sandra Gelada e Mel, e eu entendia bem por que o conjunto dos papéis de Matthew não a afastava dos estudos ou mesmo dos freqüentes almoços e idas às compras na cidade.

Era também indiferente à reforma da velha casa de Grande Nananne, casa que de fato pertencera a Grande Nananne com a devida escritura, cuja propriedade passou para Merrick por meio de um testamento manuscrito que um experiente advogado local executou para nós sem quaisquer perguntas.

A restauração foi meticulosa em termos históricos e muito extensa, tendo

envolvido dois empreiteiros especializados nessa área. Merrick não quis visitar a casa de modo algum. Ao que eu saiba, a casa pertence oficialmente a Merrick neste momento.

No final daquele verão remoto, Merrick já possuía um guarda-roupa enorme, embora estivesse ficando mais alta a cada dia que passava. Preferia vestidos caros bem-feitos com muitos pespontos além de tecidos visivelmente trabalhados, como o piquê branco que já descrevi. Quando começou a aparecer para o jantar em graciosos sapatos de salto alto, minha perturbação foi profunda e secreta.

Não sou homem que aprecie mulheres de qualquer idade que seja, mas a visão do seu pé, com o arco esticado com tanta delicadeza pela altura do salto, e da sua perna, tão retesada com a pressão, bastou para disparar pelo meu cérebro os pensamentos eróticos mais inconvenientes.

Quanto ao seu Chanel nº 22, ela começara a usá-lo diariamente. Mesmo aqueles que afirmavam se irritar com qualquer perfume até gostavam desse e passaram a associá-lo à sua presença sempre simpática, às suas perguntas e conversa equilibrada, à sua avidez pelo conhecimento sobre tudo o que existe.

Merrick tinha uma compreensão fantástica dos fundamentos da gramática, o que lhe foi de enorme ajuda no aprendizado da leitura e da escrita em francês, após o que aprender latim foi rapidíssimo. Quanto à matemática, ela a detestava e sentia uma espécie de suspeita — a teoria simplesmente estava fora do seu alcance —, mas tinha inteligência suficiente para absorver os fundamentos. Seu entusiasmo pela literatura era o maior que eu jamais tinha visto. Ela avançava impetuosa por Dickens e Dostoiévski, conversando sobre os personagens com uma familiaridade despreocupada e um fascínio interminável como se morassem mais adiante na mesma rua que ela. Quanto a revistas, era encantada pelos periódicos de arte e arqueologia dos quais costumávamos ter assinaturas e daí passava a devorar os modelos da cultura pop, bem como as revistas de notícias que sempre tinha adorado.

De fato, Merrick manteve a convicção durante todos os anos da sua juventude, como a conheci, de que a leitura era o segredo de todas as coisas.

Ela afirmava compreender a Inglaterra simplesmente por ler o *Times* de Londres todos os dias. Quanto à história da Mesoamérica, apaixonou-se por ela, muito embora nunca chegasse a pedir para ver a mala com seus tesouros.

Com sua própria caligrafia, conseguiu fazer um progresso maravilhoso, logo desenvolvendo uma letra como que antiquada. Era seu objetivo formar as letras como Grande Nananne formava as dela. E Merrick conseguiu, sendo capaz de escrever diários detalhados com facilidade.

Entendam bem, ela não era um gênio de criança, mas apenas uma criança de considerável inteligência e talento que, após anos de tédio e frustração, afinal tinha uma oportunidade. Nela não havia nenhum obstáculo ao conhecimento. Ela não se ressentia da aparente superioridade de ninguém. Na realidade, ela absorvia todas as influências que podia.

Oak Haven, por não ter nenhuma outra criança em seu meio, estava encantada com ela. A enorme jibóia tornou-se um querido animal de estimação.

Aaron e Mary costumavam levar Merrick à cidade ao museu municipal e

muitas vezes faziam a curta viagem de avião a Houston para também expô-la aos esplêndidos museus e galerias daquela capital sulina.

Quanto a mim, precisei voltar à Inglaterra algumas vezes durante aquele fatídico verão. As viagens muito me importunavam. Tinha desenvolvido um amor pela casa matriz de Nova Orleans, e sem dúvida procurava todo e qualquer pretexto para ali permanecer. Escrevi longos relatórios aos Anciãos da Talamasca, admitindo essa fraqueza, mas explicando, bem, talvez suplicando, que eu precisava conhecer melhor essa estranha parte dos Estados Unidos que não parecia americana de modo algum.

Os Anciãos eram compreensivos. Eu tinha bastante tempo para passar com Merrick. No entanto, uma carta deles me avisava para não me afeiçoar em demasia pela “menininha”. Isso me feriu por eu ter interpretado mal a intenção. Fiz uma declaração formal da minha pureza. Os Anciãos responderam: “David, não duvidamos de sua pureza. As crianças podem ser volúveis. Estávamos pensando no seu coração.”

Enquanto isso, Aaron elaborava um inventário de todos os bens de Merrick e acabou estabelecendo que todo um aposento num dos anexos contivesse as imagens que haviam sido tiradas dos seus altares.

O legado de Oncle Vervain era composto não de um mas diversos códices médicos. Não havia nenhuma explicação de como ele teria adquirido aquelas obras. Mas havia provas de que as tinha usado. E em algumas encontramos suas anotações a lápis bem como algumas datas.

Numa caixa do sótão de Grande Nananne havia todo um tesouro de livros impressos sobre magia, todos publicados no século XIX, quando a “paranormalidade” tinha feito tanto “furor” em Londres e no continente, com seus médiuns, sessões e assim por diante. Esses também tinham anotações a lápis.

Encontramos ainda um enorme álbum de recortes, abarrotado com frágeis recortes amarelados de jornais, todos de Nova Orleans, que relatavam histórias do vodu atribuídas ao “renomadíssimo curandeiro local, Jerome Mayfair” que Merrick identificou como o avô de Oncle Vervain, O Velho. Na realidade, toda a Nova Orleans tinha conhecimento dele, e havia muitas histórias curiosas sobre reuniões de vodu dissolvidas pela polícia local, nas quais muitas “senhoras brancas” eram presas, assim como mulheres de cor e negros.

No entanto, a mais dramática de todas as descobertas, e a que foi de menor utilidade para nós como Ordem de Detetives da Paranormalidade — se for isso o que somos —, foi o diário do daguerreotipista de cor, que estava muito longe na linhagem para ter uma conexão direta no relato de Merrick. Era um documento tranqüilo e amável, redigido por um certo Laurence Mayfair, que mencionava, entre outras coisas, as condições climáticas diárias na cidade, o número de clientes no estúdio e outros acontecimentos sem importância.

Era o registro de uma vida feliz, eu tinha certeza, e nós levamos o tempo necessário para copiá-lo com muito cuidado e enviar uma cópia à universidade local, onde seria atribuído o devido valor a um documento desses redigido por um homem de cor antes da Guerra de Secessão.

Com o tempo, muitos documentos semelhantes, bem como cópias de

fotografias, foram enviados para várias universidades do sul. Mas providências dessa ordem eram tomadas — pelo bem de Merrick — sempre com o máximo cuidado.

Merrick estava ausente das cartas de apresentação. No fundo não queria que o material pudesse ser rastreado até ela em pessoa porque não queria explicar sua família para ninguém fora da Ordem. E acho que ela temia, talvez acertadamente, que sua presença conosco pudesse também vir a ser questionada.

— Eles precisam saber a respeito da nossa gente — dizia ela à mesa —, mas não precisam saber de mim.

Sentia um enorme alívio por estarmos fazendo o que fazíamos, mas agora tinha sido lançada em outro mundo. Nunca mais seria aquela criança trágica que me havia mostrado os daguerreótipos na primeira noite.

Ela era Merrick, a aluna que passava horas debruçada sobre os livros. Merrick, a ardente debatedora de temas políticos, antes, durante e depois do noticiário televisivo. Era Merrick, que possuía dezessete pares de sapatos e os trocava três vezes ao dia. Era Merrick, a católica, que insistia em ir à missa todos os domingos mesmo que estivesse caindo um dilúvio sobre a fazenda e a igreja próxima.

É claro que eu estava satisfeito de ver tudo isso, muito embora soubesse que muitas recordações estavam latentes em seu íntimo, que um dia precisariam ser resolvidas.

Finalmente, chegamos ao final do outono, e eu não tinha escolha a não ser voltar de vez para Londres. Merrick ainda tinha seis meses de estudo planejados antes que fosse mandada para a Suíça; e nossa despedida foi no mínimo lacrimosa.

Eu não era mais o Sr. Talbot, mas David, como era para muitos outros membros; e, quando acenamos um para o outro, da porta do avião vi Merrick chorar de novo pela primeira vez desde aquela noite terrível em que ela se livrou do espírito de Mel ao Sol e caiu a soluçar.

Foi horrível. Eu mal podia esperar que o avião pousasse para lhe escrever uma carta.

E por meses a fio suas cartas freqüentes foram o aspecto mais interessante da minha vida.

Em fevereiro do ano seguinte, Merrick estava comigo num avião viajando até Genebra. Embora o clima a deixasse numa tristeza irremediável, ela estudava com diligência, sonhando com verões passados na Louisiana ou com as muitas viagens de férias que a levavam aos trópicos que adorava.

Um ano ela voltou ao México, durante a pior de todas as estações, para ver as ruínas dos maias, e foi nesse verão que ela me confidenciou que tínhamos de fazer a viagem de volta à caverna.

— Ainda não estou pronta para refazer o percurso — disse ela —, mas o momento vai chegar. Sei que você guardou tudo o que Matthew escreveu a esse respeito e entendo que posso ser guiada nessa viagem por outros além de Matthew. Mas não se preocupe. Ainda é cedo para a gente ir.

No ano seguinte, ela visitou o Peru, depois no outro o Rio de Janeiro, e sempre voltava para a escola quando chegava o outono. Não fez amigos com

facilidade na Suíça, e nós fizemos o que pudemos para lhe transmitir um sentido de normalidade, mas a própria natureza da Talamasca é singular e secreta; e não tenho certeza de sempre termos conseguido fazer com que se sentisse à vontade com as outras na escola.

Aos dezoito anos de idade, Merrick informou-me em carta oficial que tinha plena certeza de que desejava passar a vida na Talamasca, muito embora nós lhe garantíssemos que sustentariamos sua formação independentemente da escolha. Foi admitida como postulante, que é para nós um membro muito jovem, e seguiu para Oxford para iniciar seus estudos universitários.

Estava felicíssimo em tê-la na Inglaterra. Fui aguardar seu avião e fiquei assombrado com a jovem alta e graciosa que veio correndo me dar um abraço. Ela se hospedava na casa matriz todo fim de semana. Mais uma vez, o tempo frio a deixava tremendamente abatida, mas ela queria continuar.

Nos fins de semana, fazíamos excursões à Catedral de Cantuária, a Stonehenge ou Glastonbury, o que lhe desse vontade. A conversa era interessante o tempo todo. Seu sotaque de Nova Orleans — eu o chamo assim por me faltar um termo melhor — desaparecera totalmente. Ela já me suplantava de longe no conhecimento dos clássicos; seu grego era perfeito, e ela conseguia falar em latim com outros membros da Ordem, um talento raro nas pessoas da sua época.

Tornou-se especialista em copta e traduziu volumes de textos de magia nesse idioma que a Talamasca possuía havia séculos. Estava imersa na história da magia e me assegurava do óbvio, ou seja, de que a magia em todo o mundo e em todas as eras é basicamente a mesma.

Merrick costumava adormecer na biblioteca da casa matriz, com a cabeça no livro sobre a mesa. Havia perdido todo o interesse em roupas à exceção de alguns trajes muito bonitos e ultrafemininos; e de quando em quando comprava e usava aqueles sapatos fatais de saltos altíssimos.

Quanto à sua preferência por Chanel nº 22, nada jamais a impediu de usá-lo em abundância no cabelo, na pele e nas roupas. A maioria de nós considerava o perfume delicioso; e onde quer que eu estivesse na casa matriz, só pela chegada da fragrância deliciosa, eu sabia quando Merrick tinha entrado pela porta da frente.

No seu aniversário de vinte e um anos, meu presente pessoal para ela foi um colar de três voltas de pérolas brancas naturais e perfeitamente iguais. É claro que custou uma fortuna, mas eu não me importava. Eu tinha uma fortuna. Merrick ficou muito comovida, e sempre usava o colar em todas as reuniões importantes na Ordem, quer trajasse um vestido de seda negra de cintura marcada, rodado e com ângulos magníficos — seu preferido para essas ocasiões noturnas — ou um costume menos formal de lã escura.

Àquela altura, Merrick já era famosa pela beleza, e os jovens membros da Ordem estavam sempre se apaixonando por ela e se queixando amargamente de como Merrick repelia suas investidas e até mesmo seus elogios. Merrick nunca falava em amor ou em homens que sentiam interesse por ela. E eu chegara à conclusão de que ela lia pensamentos o suficiente para se sentir extremamente isolada e afastada, mesmo entre as nossas sacrossantas paredes.

Eu também não era imune à atração que ela exercia. Às vezes, eu

considerava difícilimo estar na sua presença, tão fresca, linda e convidativa. Merrick tinha um jeito de parecer apetitosa em trajes austeros, com os seios grandes e altos, as pernas roliças e delicadamente torneadas por baixo da bainha discreta.

Houve uma viagem a Roma na qual me desesperei de desejo por ela. Amaldiçoei o fato de não ter a idade me livrado daquele tormento, e fiz o que pude para que ela nunca adivinhasse. Acho, porém, que ela sabia, e ao seu próprio modo era impiedosa.

Uma vez deixou escapar, depois de um suntuoso jantar no Hassler Hotel, que me considerava o único homem verdadeiramente interessante na sua vida.

— Falta de sorte, você não diria, David? — perguntou ela, em tom penetrante. A volta à mesa de dois colegas da Talamasca interrompeu de vez a conversa. Senti-me lisonjeado mas profundamente perturbado. Eu não podia tê-la. Isso estava fora de cogitação. E o fato de desejá-la tanto me foi uma terrível surpresa.

Em algum momento, após aquela viagem a Roma, Merrick devotou um tempo na Louisiana ao registro de toda a história da sua família — ou seja, do que ela conhecia da família, totalmente dissociado dos seus poderes ocultos; e, com cópias de qualidade de todos os daguerreótipos e fotografias, ela doou esse registro a algumas universidades para o uso que quisessem fazer do mesmo. Com efeito, a história da família — sem menção ao nome de Merrick — faz parte agora de importantes coleções referentes às *“gens de couleur libres”* ou à história de famílias negras no sul.

Contou-me Aaron que o projeto deixou Merrick exausta em termos emocionais, mas ela dissera que *les mystères* a estavam perseguindo e que aquilo precisava ser feito. Lucy Nancy Marie Mayfair o exigia, e na realidade Grande Nananne também. Assim como o Oncle Julien Mayfair, branco, da cidade alta. Mas, quando Aaron insistiu em saber se ela de fato estava sendo assombrada, ou se meramente agira por respeito, Merrick não disse nada além de que estava na hora de ir trabalhar em outro continente.

Com relação à sua origem afro-americana, Merrick sempre foi franca e às vezes surpreendia os outros ao tocar nesse assunto. Mas quase sem exceção, em todas as situações, ela passava por branca.

Por dois anos, Merrick estudou no Egito. Nada conseguia fazer com que saísse do Cairo, até dar início a uma investigação apaixonada de documentos cópticos e egípcios por todos os museus e bibliotecas do planeta. Lembro-me de percorrer o encardido e mal iluminado Museu do Cairo com ela, adorando ver sua inevitável fascinação pelos mistérios egípcios, e esse passeio terminou com ela totalmente bêbada e desmaiada nos meus braços após o jantar. Felizmente eu estava quase tão embriagado quanto ela. Creio que acordamos juntos, cada um devidamente vestido, deitados lado a lado na sua cama.

Na realidade, Merrick se tornara algo como uma beberona famosa porém eventual. E mais de uma vez tinha me envolvido nos braços e me beijado de uma forma que me revigorava totalmente e me deixava em desespero.

Eu recusava seus aparentes convites. Eu me dizia, e talvez com acerto, que estava em parte imaginando seu desejo. Além disso, naquela época eu era

obviamente velho. E, para uma jovem, pensar que deseja um velho é uma coisa, mas concretizar de fato esse desejo é algo muito diferente. O que eu tinha a lhe oferecer além de uma quantidade de inevitáveis debilidades físicas insignificantes? Naquela época eu não sonhava com a existência de Ladrões de Corpos que me legariam a forma de um rapaz.

E devo confessar que, anos mais tarde, quando realmente me descobri de posse deste corpo físico jovem, pensei mesmo em Merrick. Ah, sim, pensei em Merrick. Mas àquela altura eu já estava apaixonado por um ser sobrenatural, nosso inimitável Lestat, e ele me deixava cego até mesmo para recordações dos encantos de Merrick.

Já disse o suficiente sobre esse assunto amaldiçoado! Sim, eu a desejava, mas meu dever é voltar à história da mulher que conheço hoje. É, Merrick, a corajosa e brilhante integrante da Talamasca, essa é a história que devo contar.

Muito antes que os computadores se tornassem tão comuns, ela os havia dominado para sua própria escrita; e logo era possível ouvi-la batucando a uma velocidade fantástica no teclado pela noite adentro. Publicou centenas de traduções e artigos para nossos membros, e muitos, sob pseudônimo, no mundo lá fora.

É claro que tínhamos muito cuidado ao compartilhar todo conhecimento dessa natureza. Não é nosso objetivo atrair atenção, mas existem fatos que acreditamos não poder manter em segredo. Nunca teríamos insistido no uso de um pseudônimo, porém; mas Merrick era tão reservada quanto à sua identidade quanto sempre fora na infância.

Enquanto isso, no que dizia respeito aos “Mayfair da cidade alta” de Nova Orleans, ela demonstrava pouquíssimo interesse pessoal por eles, praticamente sem se importar em ler os poucos documentos cuja leitura lhe recomendávamos. Eles no fundo nunca foram sua gente, qualquer que fosse sua opinião sobre a aparição de “Oncle Julien” no sonho de Grande Nananne. Além disso, não importa o que se possa observar a respeito dos “poderes” daqueles Mayfair; neste século eles não demonstraram quase nenhum interesse pela “magia ritual”, e esse era o campo escolhido por Merrick.

Naturalmente, nenhum dos bens de Merrick jamais foi vendido. Não havia motivo para vender nada. Teria sido absurdo.

A Talamasca é tão rica que as despesas de uma pessoa, como por exemplo Merrick, não representam praticamente nada; e Merrick, mesmo quando muito jovem, era dedicada aos projetos da Ordem e trabalhava voluntariamente nos arquivos, atualizando registros, fazendo traduções, identificando e etiquetando artigos muito semelhantes àqueles tesouros olmecas que lhe pertenciam.

Se algum dia um membro da Talamasca fez por onde conquistar seu lugar, Merrick foi essa pessoa, quase ao ponto de envergonhar os outros. Portanto, se Merrick queria ir às compras em Nova York ou Paris, não era provável que alguém lhe negasse autorização. E, quando ela escolheu um sedã Rolls Royce preto para ser seu carro particular, logo criando uma pequena coleção deles no mundo inteiro, ninguém considerou má idéia.

Merrick já estava com seus vinte e quatro anos quando abordou Aaron com o objetivo de avaliar a coleção de ocultismo que trouxera para a Ordem dez anos

antes.

Lembro-me disso porque me lembro da carta de Aaron.

“Ela nunca demonstrou o menor interesse”, escreveu ele: e você sabe como isso me preocupou. Nem mesmo quando elaborou a história da família e a enviou a vários estudiosos, ela não tocou de modo algum na herança do ocultismo. Hoje à tarde, porém, ela me contou que vem tendo alguns sonhos “importantes” sobre sua infância e que precisava voltar à casa de Grande Nananne. Junto com nosso motorista, fizemos a viagem de volta àquele velho bairro, uma viagem realmente triste.

O local decaiu ainda mais, creio eu, do que ela poderia ter imaginado, e na minha opinião as ruínas destruídas do “bar da esquina” e da “loja da esquina” a apanharam totalmente de surpresa. Quanto à casa, foi mantida em perfeito estado pelo homem que mora lá, e Merrick passou quase uma hora, sozinha por escolha sua, no pátio dos fundos.

Ali o zelador criou um pátio, e o galpão está praticamente vazio. Nada resta do templo, é claro, a não ser o pilar central pintado em cores vivas.

Depois ela não me disse nada, recusando-se totalmente a falar sobre qualquer detalhe dos tais sonhos.

Expressou sua extrema gratidão por nós termos mantido a casa para ela, durante seu período de “negligência”, e eu esperava que o assunto se encerrasse ali.

Mas, durante o jantar, fiquei boquiaberto ao ouvir que ela planejava se mudar para a casa e passar parte do seu tempo lá de agora em diante. Disse-me que queria toda a mobília antiga. Ela se encarregaria pessoalmente das providências.

“E a vizinhança?”, flagrei-me perguntando sem firmeza. E a isso ela respondeu com um sorriso: “Nunca tive medo dos vizinhos. Você logo vai descobrir, Aaron, que os vizinhos é que vão sentir medo de mim.” Sem querer dar o braço a torcer, brinquei: “Imagine se algum desconhecido tentar assassiná-la, Merrick.” E diante disso ela disparou: “Deus que ajude o homem ou a mulher que quiser tentar uma coisa dessas.”

Merrick cumpriu sua palavra e se mudou de volta para a “velha vizinhança”, mas só depois de construir dependências para um zelador acima do antigo galpão.

As duas casas vizinhas em estado deplorável foram adquiridas e demolidas. Muros de alvenaria foram erguidos em torno do enorme terreno, cobrindo três lados e fechando a frente até encontrar a alta cerca de estacas de ferro bem em frente à fachada. Deveria sempre haver um homem na propriedade; instalou-se um sistema de alarme; plantaram-se flores. Alimentadores voltaram a ser armados para os beija-flores. Tudo parecia perfeitamente saudável e natural; mas, tendo no passado visto a casa, eu ainda ficava apavorado com as freqüentes histórias das idas e vindas de Merrick.

A casa matriz continuava a ser seu verdadeiro lar, mas muitas tardes, segundo Aaron, Merrick se embrenhava em Nova Orleans e só voltava depois de vários dias.

“A casa agora tem uma beleza tranqüila”, escreveu-me Aaron. “É claro

que toda a mobília foi consertada e recebeu novo acabamento. E Merrick apossou-se da enorme cama de quatro colunas de Grande Nananne para si mesma. O assoalho de cerne de madeira foi refeito com esmero, dando à casa um brilho de âmbar. Mesmo assim, morro de preocupação quando Merrick se isola por lá dias a fio.”

Naturalmente, escrevi eu mesmo a Merrick, tocando no assunto dos sonhos que haviam motivado seu retorno à casa.

“Quero lhe falar dessas coisas, mas ainda é muito cedo”, respondeu Merrick de imediato.

Permita-me dizer apenas que nesses sonhos é o tio-avô Vervain quem fala comigo. Às vezes sou criança de novo como no dia em que ele morreu. Em outras vezes, nós dois somos adultos. E, embora eu não consiga me lembrar de tudo com uniformidade, parece que num sonho nós dois somos jovens.

Por enquanto, você não deve se preocupar. Deve dar-se conta de que era inevitável que eu voltasse ao lar da minha infância. Estou numa idade em que as pessoas sentem curiosidade pelo passado, especialmente quando ele foi lacrado de modo tão abrupto e definitivo quanto o meu.

Entenda bem, não sinto nenhuma culpa por ter abandonado a casa em que cresci. E só que meus sonhos estão me dizendo que devo voltar. Eles também me dizem outras coisas.

Essas cartas me preocuparam, mas Merrick deu apenas respostas sucintas às minhas indagações.

Aaron também estava preocupado. Merrick passava cada vez menos tempo em Oak Haven. Muitas vezes ele fez a viagem até Nova Orleans para lhe fazer uma visita na velha casa, quer dizer, até Merrick pedir que ele a deixasse em paz.

Naturalmente, não é incomum entre os membros da Talamasca um estilo de vida semelhante. Com frequência, eles dividem seu tempo entre a casa matriz e uma residência particular da família. Eu tive e ainda tenho uma casa na região de Cotswolds na Inglaterra. No entanto, não é um bom sinal quando um membro se ausenta da Ordem por longos períodos. No caso de Merrick, isso era particularmente perturbador em virtude de suas menções frequentes e enigmáticas aos seus sonhos.

Durante o outono daquele ano fatídico, o vigésimo quinto da sua vida, Merrick escreveu-me a respeito de uma viagem até a caverna.

Permitam-me continuar com minha reconstituição das suas palavras:

“David, não consigo passar uma noite sem um sonho com meu tio-avô Vervain. E no entanto é cada vez mais difícil eu me lembrar da substância desses sonhos. Só sei que ele quer que eu volte à caverna que visitei na América Central quando era criança. David, vou ter de voltar lá. Nada pode impedir. Os sonhos tornaram-se uma forma de obsessão, e eu lhe peço que não me bombardeie com objeções lógicas àquilo que você sabe que eu preciso fazer.”

Passou então a falar do seu tesouro.

Examinei todos os chamados tesouros olmecas, e sei agora que eles não são olmecas de modo algum. Na verdade, não consigo identificá-los, muito embora eu tenha lido todos os livros e catálogos publicados sobre antiguidades naquela

parte do mundo. Quanto ao destino da viagem, tenho aquilo de que me lembro, e alguns escritos de meu Oncle Vervain, além dos papéis de Matthew Kemp, meu querido padrasto de anos atrás.

Quero que você faça essa viagem comigo, se bem que com toda certeza não possamos empreendê-la sem outras pessoas. Por favor, responda com a máxima rapidez possível, dizendo se está disposto. Se não estiver, organizarei um grupo sozinha.

Ora, eu estava com quase setenta anos de idade quando recebi essa carta. Suas palavras representavam um grande desafio para mim, e um desafio que não me era nem um pouco agradável. Apesar de sentir saudade da selva, apesar de ansiar pela experiência, eu me preocupava com o fato de estar acima da minha capacidade fazer uma viagem daquelas.

Merrick explicava então que havia passado muitas horas examinando os artefatos recolhidos naquela viagem quando era menina.

“São de fato mais velhos”, escreveu ela, “que aqueles objetos que os arqueólogos chamam de olmecas, embora sem dúvida tenham muitos traços em comum com aquela civilização e possam ser chamados de olmecóides, em virtude do seu estilo. Há nesses artefatos uma abundância de elementos que poderíamos considerar asiáticos ou chineses, e ainda há a questão das estranhas pinturas na caverna que Matthew conseguiu fotografar como pôde. Preciso investigar tudo isso pessoalmente. Preciso tentar chegar a alguma conclusão quanto ao envolvimento de meu Oncle Vervain nessa parte do mundo.”

Naquele noite, liguei para ela de Londres.

— Olhe, estou velho demais para me embrenhar na selva — disse eu —, se é que ela sequer ainda está lá. Você sabe que estão devastando as florestas tropicais. Poderia até ser área de lavoura agora. Além do mais, qualquer que seja o terreno, eu só retardaria seu avanço.

— Quero que venha comigo — disse ela, baixinho, em tom sedutor. — David, venha por favor. Podemos nos movimentar no seu ritmo. E, quando chegar a hora da escalada na cachoeira, posso fazer essa parte sozinha.

“David, você esteve na selva amazônica anos atrás. Conhece esse tipo de experiência. Imagine que nós agora teremos todo tipo de conforto proporcionado pelos microprocessadores. Máquinas fotográficas, lanternas, equipamento para acampar, todos os luxos. David, venha comigo. Se quiser, você pode ficar na aldeia. Eu sigo até a cachoeira sozinha. Com um veículo moderno de tração nas quatro rodas, vai ser brincadeira.”

Bem, não foi brincadeira.

Uma semana depois, cheguei a Nova Orleans, determinado a dissuadi-la da expedição. Fui levado direto à casa matriz, um pouco perturbado por não ter sido recebido no aeroporto nem por Aaron nem por Merrick.



AARON VEIO ME RECEBER À PORTA.

— Merrick está em casa em Nova Orleans. O zelador diz que ela anda bebendo. E se recusa a falar com ele. Liguei de hora em hora desde hoje de manhã. O telefone simplesmente toca sem parar.

— Por que você não me disse que isso estava acontecendo? — perguntei, muito preocupado.

— Por quê? Para que isso o perturbasse durante toda a travessia do Atlântico? Eu sabia que você viria. Sabia que você é a única pessoa que consegue conversar com ela quando ela está nesse estado.

— E pode me dizer o que o levou a ter essa opinião? — questionei. Mas era verdade. Às vezes eu conseguia convencer Merrick a interromper suas bebedeiras. Mas nem sempre.

Fosse como fosse, tomei banho, mudei de roupa, já que o início de inverno estava inesperadamente quente e me encaminhei, de carro e motorista, em meio a uma soporífica chuvarada de final de tarde para a casa de Merrick.

Estava escuro quando cheguei lá; mas, mesmo assim, pude ver que a vizinhança se deteriorara muito além das minhas especulações mais fantasiosas. Parecia que uma guerra havia sido perdida no bairro, e que os sobreviventes não tinham escolha a não ser morar entre resignadas ruínas de madeira que caíam desconjuntadas no eterno mato gigante. Aqui e ali havia uma casa estreita e comprida, em bom estado de conservação, com a pintura nova e um pouco de remate elaborado abaixo do telhado. Mas era fraca a luz que saía pelas janelas providas de grades fortes. Chalés abandonados estavam sendo demolidos pela vegetação exuberante. A área estava abandonada e era obviamente perigosa também.

Parecia-me estar percebendo pessoas à espreita na escuridão. Detestei a sensação de medo que me fora tão rara na juventude. A velhice me ensinara a respeitar o perigo. Como disse, detestei a sensação. Lembro-me de ter odiado a idéia de que nunca seria capaz de acompanhar Merrick nessa expedição enlouquecida às selvas da América Central e de que me sentiria humilhado por isso.

Afinal o carro parou diante da sua casa.

O antigo e adorável chalé elevado do chão, pintado num matiz tropical de rosa com remates brancos, parecia maravilhoso por trás da alta cerca de estacas de ferro. Os novos muros de alvenaria eram grossos e muito altos em seu abraço

à propriedade pelos dois lados. Uma moita de espiroleira muito florida por trás das estacas de ferro até certo ponto resguardava a casa da miséria da rua.

Enquanto o zelador me cumprimentava e me acompanhava pela escada da frente, vi que as altas janelas de Merrick também estavam bem protegidas por grades, apesar das cortinas brancas de renda e das venezianas; e que havia lâmpadas acesas na casa inteira.

A varanda da frente estava limpa; as velhas colunas quadradas, sólidas. Os vitrais reluziam nas janelas gêmeas das portas duplas bem polidas. Mesmo assim, uma onda de lembranças passou por mim.

— Ela não atenderá à campainha, senhor — disse o zelador, homem que eu mal havia notado na pressa em que estava. — Mas a porta está destrancada para o senhor. Servi-lhe um lanche às cinco.

— Ela pediu comida? — indaguei.

— Não, senhor. Não disse nada. Mas comeu. Recolhi a louça às seis. Abri a porta e me encontrei no confortável hall de entrada refrigerado.

Vi de imediato que a antiga sala de estar e a de jantar à minha direita tinham sido esplendidamente redecoradas com tapetes chineses bastante coloridos. Um brilho moderno cobria a mobília antiga. Já os velhos espelhos acima dos consolos de mármore branco continuavam escuros como sempre.

À minha esquerda estava o quarto da frente. A cama de Grande Nananne, coberta por um dossel de um branco marfim e uma colcha de crochê pesado.

Numa cadeira de balanço de madeira encerada diante da cama, voltada para as janelas da frente, estava Merrick, com o rosto pensativo iluminado por uma luz trêmula.

Havia uma garrafa de rum Flor de Cana na pequena mesa com castiçal ao seu lado.

Ela levou o copo à boca, bebeu e se recostou, continuando com o olhar distante como se não soubesse que eu estava ali.

Parei na soleira.

— Querida — disse eu —, você não vai me oferecer um copo? Sem sequer virar a cabeça, ela deu um sorriso.

— Você nunca foi de gostar de rum puro, David — disse ela, baixinho. — Você é do uísque escocês, como meu antigo padrao, Matthew. Está na sala de jantar. O que acha de um Highland Macallan? De vinte e cinco anos. Será que está à altura do meu querido superior geral?

— Eu diria que sim, minha gentil senhora — respondi. — Mas não se preocupe com isso por enquanto. Tenho permissão de entrar em sua alcova?

Ela deu um risinho gracioso.

— Claro que sim, David, pode entrar.

Fiquei espantado assim que olhei para a esquerda. Um grande altar de mármore tinha sido montado entre as duas janelas da frente, e ali eu vi a antiga multidão de santos de gesso de bom tamanho. A Virgem Maria com sua coroa e as vestes do Monte Carmelo segurava, com um sorriso inocente, o radiante Menino Jesus.

Alguns elementos haviam sido acrescentados. Percebi que eram os Três Reis Magos das escrituras e das tradições cristãs. Vejam bem, o altar não era

nenhum presépio de Natal. Os Reis Magos ou Magos tinham sido meramente incluídos numa ampla coleção de figuras sagradas, mais ou menos por seus próprios méritos.

Distingui alguns dos misteriosos ídolos de jade entre os santos, entre eles um pequeno ídolo de aspecto muito cruel que portava o cetro em perfeita posição para o dever ou o ataque.

Dois outros pequenos personagens ferozes ladeavam a grande imagem de são Pedro. E diante deles estava o perfurador ou faca de jade verde com o beija-flor no cabo, um dos mais belos artefatos no grande tesouro de Merrick.

O incrível machado de obsidiana que eu tinha visto anos atrás recebera um posto de proeminência entre a Virgem Maria e o Arcanjo Miguel. À luz fraca, tinha um lindo lustro.

Mas talvez os integrantes mais surpreendentes do altar fossem os daguerreótipos e antigas fotografias da gente de Merrick, em densa organização como qualquer exposição de retratos sobre o piano de uma sala, a multidão de rostos perdida na penumbra.

Uma dupla fileira de velas estava acesa diante do arranjo inteiro, e havia grande quantidade de flores frescas em muitos vasos. Tudo parecia ter sido espanado e estar bem limpo. Isso, até eu perceber que a mão murcha tinha seu lugar em meio às oferendas. Ela sobressaía em contraste com o mármore branco, crispada e horrenda, exatamente com a mesma aparência que tinha quando a vi pela primeira vez muito tempo atrás.

— Pelos velhos tempos? — perguntei, indicando o altar com um gesto.

— Não seja ridículo — disse ela, baixinho. Levou um cigarro à boca. Vi pela caixa na mesinha que era Rothmans, a antiga marca de Matthew. Minha antiga marca também. Eu sabia que Merrick era uma fumante esporádica, assim como eu mesmo.

Mesmo assim, flagrei-me olhando fixamente para ela. Será que era mesmo minha querida Merrick? Minha pele tinha começado a formigar, como se diz, uma sensação que detesto.

— Merrick? — perguntei.

Quando ela olhou para mim, eu soube que era ela e mais ninguém que ocupava seu corpo jovem e belo. Soube também que não estava de modo algum embriagada.

— Sente-se, David, meu caro — disse, com sinceridade, quase com tristeza. — A poltrona é confortável. Estou feliz mesmo por você ter vindo.

Muito me aliviou a familiaridade no seu tom. Atravessei o quarto, passando pela frente dela e me acomodei na poltrona da qual podia facilmente ver seu rosto. O altar erguia-se acima do meu ombro direito, com todos aqueles pequenos rostos retratados olhando fixamente para mim, como tinham feito tanto tempo antes. Concluí que não gostava daquilo tudo, não gostava dos numerosos santos indiferentes e dos Reis Magos reprimidos, embora eu devesse admitir que o espetáculo me era deslumbrante.

— Por que precisamos partir para aquela selva, Merrick? — perguntei. — Afinal o que foi que a levou a decidir abandonar tudo por uma idéia dessas?

Ela não respondeu de imediato. Tomou um gole de rum do copo, com os

olhos fixos no altar.

Isso me deu tempo para notar que um enorme retrato de Oncle Vervain estava pendurado na parede mais distante, ao lado da porta pela qual eu tinha entrado no quarto.

Reconheci de imediato que se tratava de uma caríssima ampliação da fotografia que Merrick nos mostrara anos antes. O processo de cópia tinha sido fiel aos tons de sépia do retrato, e Oncle Vervain, no apogeu da juventude, com o cotovelo pousado descontraidamente na coluna grega, parecia estar me encarando direto com os olhos claros, ousados, brilhantes.

Mesmo na penumbra trêmula, eu podia ver seu nariz largo e elegante e os lábios carnudos e bem formados. Quanto aos olhos claros, eles conferiam ao rosto um certo aspecto assustador, embora eu não tivesse certeza se deveria ou não ter tido esse tipo de sensação.

— Vejo que você veio para continuar a discussão — disse Merrick. — Para mim não pode haver o que discutir, David. Eu preciso ir, e é agora.

— Você não me convenceu. Sabe muito bem que não vou permitir que você viaje para aquela parte do mundo sem o apoio da Talamasca, mas quero entender...

— Oncle Vervain não vai me deixar em paz — disse ela, em voz baixa, os olhos grandes e vivazes, o rosto um pouco escuro em contraste com a luz fraca do hall distante. — São os sonhos, David. A verdade é que eu os tenho há anos, mas nunca do jeito de agora. Talvez eu não quisesse prestar atenção. Talvez eu estivesse fingindo, mesmo nos próprios sonhos, que não estava entendendo.

Parecia-me que ela estava três vezes mais fascinante do que eu me lembrava. O vestido simples de algodão roxo tinha a cintura bem marcada por um cinto, e a bainha mal lhe cobria os joelhos. Suas pernas eram esguias e delicadamente torneadas. Os pés, com as unhas pintadas de um roxo forte e brilhante que combinava com o vestido, estavam descalços.

— Exatamente quando foi que começou a investida dos sonhos?

— Na primavera — respondeu, com um pouco de enfado. — Não, logo depois do Natal. Nem mesmo sei ao certo. O inverno foi terrível aqui. Talvez Aaron lhe tenha contado. Tivemos uma geada forte. Todas as lindas bananeiras morreram. É claro que voltaram a crescer assim que chegou o calor da primavera. Você as viu do lado de fora?

— Não percebi, querida. Me perdoe — respondi. Ela prosseguiu como se eu não tivesse respondido.

— E foi aí que ele me apareceu com maior clareza — disse ela. — No sonho, não havia nem passado nem futuro, só Oncle Vervain e eu. Estávamos juntos nesta casa, ele e eu, e ele estava sentado à mesa da sala de jantar. — Ela fez um gesto para a porta aberta e os espaços mais adiante. — E eu estava com ele. E ele me disse: “Menina, eu já não lhe disse para voltar lá e apanhar aquelas coisas?” E ele começou uma história comprida. Era sobre espíritos, espíritos tremendos que o derrubaram por uma encosta abaixo de modo que ele fez um corte na cabeça. Acordei no meio da noite e escrevi tudo de que me lembrava, mas parte foi perdida e talvez fosse mesmo para ser assim.

— Diga-me do que mais você se lembra agora.

— Ele disse que era o bisavô da mãe dele que sabia da existência da caverna — respondeu ela. — Disse que o velho o levou lá, embora ele próprio tivesse pavor da selva. Você sabe há quantos anos isso teria acontecido? Ele disse que jamais conseguiu voltar lá. Veio para Nova Orleans e ficou rico com o vodú, mais rico que qualquer um poderia ficar com o vodú. Disse que quanto mais se vive mais se renuncia aos próprios sonhos, até não restar nada.

Creio que recuei diante dessas palavras primorosas e verdadeiras.

— Eu estava com sete anos de idade — disse ela —, quando Oncle Vervain morreu debaixo deste teto. O avô da mãe dele era um *brujo* entre os maias. Você sabe, um curandeiro, uma espécie de sacerdote. Ainda me lembro de Oncle Vervain usando essa palavra.

— Por que ele quer que você volte? — perguntei-lhe eu.

Ela não havia tirado os olhos do altar. Olhei de relance naquela direção e percebi que um retrato de Oncle Vervain estava ali também. Era pequeno, sem moldura, apenas encostado nos pés da Virgem.

— Para apanhar o tesouro — disse ela, na sua voz baixa, perturbada. — Trazê-lo para cá. Ele diz que há algo lá que vai mudar meu destino. Mas não sei o que ele quer dizer. — Deu um daqueles seus suspiros característicos. — Parece que ele acha que vou precisar desse objeto, dessa coisa. Mas o que será que os espíritos sabem?

— O que eles *sabem*, Merrick? — perguntei.

— Não sei lhe dizer, David — foi sua resposta esfarrapada. — Só posso garantir que ele me atormenta. Ele quer que eu vá lá e traga para cá aquelas coisas.

— Você não quer fazer isso — disse eu. — Posso dizer por toda a sua atitude. Você está sob o efeito de uma assombração.

— E um espírito forte, David — disse ela, com os olhos passando pelas imagens distantes. — São sonhos fortes. — Ela abanou a cabeça. — São muito cheios da presença dele. Meu Deus, como sinto sua falta. — Deixou o olhar vagar. — Sabe, David, quando ele estava bem velhinho, sofria das pernas. O padre veio e disse que Oncle Vervain não precisava mais ir à missa de domingo. Foi muito duro para ele. Mesmo assim, todos os domingos, Oncle Vervain vestia seu melhor terno de colete, sempre com seu relógio de bolso, sabe, a correntinha de ouro na frente e o relógio no bolsinho, e se sentava na sala de jantar logo ali escutando a missa transmitida pelo rádio e murmurando suas preces. Era um perfeito cavalheiro. E à tarde o padre vinha e lhe trazia a Santa Comunhão.

“Por mais que suas pernas estivessem doloridas, Oncle Vervain se ajoelhava para a Santa Comunhão. Eu ficava parada na porta da frente até que o padre e o coroinha fossem embora. Oncle Vervain dizia que nossa igreja era mágica porque o Corpo e o Sangue de Cristo estavam na Santa Comunhão. Oncle Vervain disse que eu fui batizada: Merrick Marie Louise Mayfair, consagrada à Mãe Abençoada. Eles escreviam no estilo francês, sabe: M-e-r-r-i-q-u-e. Eu sei que fui batizada. Sei.”

Ela parou de falar. Eu não conseguia suportar o sofrimento na sua voz ou na sua expressão. Se ao menos tivéssemos localizado a certidão de batismo, pensei em desespero, poderíamos ter evitado essa obsessão.

— Não, David — disse ela, em voz alta, corrigindo-me com rispidez. — Eu sonho com ele, é o que estou dizendo. Eu o vejo segurando aquele relógio de ouro. — Ela voltou aos devaneios embora não lhe proporcionassem nenhum consolo. — Como eu adorava aquele relógio, aquele relógio de ouro. Era eu que queria ficar com ele, mas Oncle Vervain o deixou para Sandra Gelada. Eu podia que me deixasse ver o relógio, que me deixasse girar os ponteiros para acertá-lo, que me deixasse abrir seu fecho, mas não, ele dizia: “Merrick, ele não bate para você, *chérie*. Bate para outras pessoas.” E Sandra Gelada ficou com ele. Sandra Gelada o levou quando foi embora.

— Merrick, esses são fantasmas de família. Todos nós não temos nossos fantasmas de família?

— Temos, David, mas é que essa é a minha família, e minha família nunca foi muito parecida com a família de mais ninguém, não é mesmo, David? Ele aparece nos meus sonhos e me fala da caverna.

— Não consigo suportar vê-la sofrer, minha querida — disse eu. — Em Londres, protegido pela mesa de trabalho, eu me isolo emocionalmente dos membros do mundo inteiro. Mas de você? Nunca.

Ela fez que sim.

— Eu também não quero lhe causar dor, chefe — disse ela —, mas preciso de você.

— Você não vai desistir disso, não é? — respondi, com a máxima ternura possível.

Ela não disse nada. E então falou.

— Estamos com um problema, David — disse ela, com os olhos fixos no altar, talvez evitando deliberadamente olhar para mim.

— E qual é esse problema, querida? — perguntei.

— Não sabemos exatamente aonde ir.

— Isso não me surpreende nem um pouco — respondi, tentando me lembrar do que podia das cartas imprecisas de Matthew. Procurei não parecer irritado nem arrogante. — Todas as cartas de Matthew foram remetidas num lote só a partir da Cidade do México, pelo que eu entendi, quando vocês estavam voltando para casa.

Ela fez que sim.

— Mas e o mapa que Oncle Vervain lhe deu? Sei que ele não tem nenhum nome, mas, quando você o tocou, o que aconteceu?

— Não aconteceu nada quando o toquei — disse ela. Deu um sorriso irônico. E ficou muito tempo calada. Então fez um gesto para o altar.

Foi então que eu vi o pequeno pergaminho enrolado, amarrado com uma fita preta, ao lado do retratinho de Oncle Vervain.

— Matthew teve ajuda para chegar lá — disse ela numa voz estranha, quase abafada. — Ele não calculou tudo a partir daquele mapa, nem sozinho de modo algum.

— Você está se referindo a feitiçaria — disse eu.

— Você parece um Grão-inquisidor — retrucou ela, com os olhos ainda muito distantes, o rosto desprovido de sentimento, o tom neutro. — Matthew tinha Sandra Gelada para ajudá-lo. Sandra Gelada sabia coisas de Oncle Vervain que

eu não sei. Sandra Gelada conhecia toda a disposição do terreno. Mel ao Sol também. Ela era seis anos mais velha que eu.

Parou de falar. Era óbvio que estava profundamente perturbada. Acho que nunca a vi tão perturbada em toda a sua vida adulta.

— O pessoal da mãe de Oncle Vervain conhecia os segredos. — disse ela. — Vejo tantos rostos nos meus sonhos. — Abanou a cabeça como se estivesse tentando desanuviar a mente. Sua voz continuou quase como um sussurro. — Oncle Vervain costumava conversar o tempo todo com Sandra Gelada. Se ele não tivesse morrido quando morreu, talvez Sandra Gelada tivesse sido melhor, mas a verdade é que ele era muito velho. Sua hora tinha chegado.

— E nos sonhos, Oncle Vervain não lhe diz onde se localiza a caverna?

— Ele tenta — respondeu ela, triste. — Vejo imagens, fragmentos. Vejo o *brujo* maia, o sacerdote, subindo por uma rocha junto à cachoeira. Vejo uma grande pedra, esculpida com feições. Vejo incenso e velas, plumas de aves silvestres, plumas de cores lindas e oferendas de alimentos.

— Entendo — respondi.

Merrick balançou um pouco na cadeira, com os olhos passeando lentamente de um lado para o outro. Então, tomou mais um gole do rum no copo.

— É claro que eu me lembro de alguma coisa da viagem — disse ela, com a voz preguiçosa.

— Você só tinha dez anos de idade — disse eu, solidário. — E não deve pensar que, por causa desses sonhos, você deveria agora voltar lá. Ela me ignorou. Bebia seu rum com os olhos fixos no altar.

— São tantas ruínas, tantas bacias em regiões montanhosas — disse ela. — Tantas cachoeiras, tantas florestas tropicais. Preciso de mais uma informação. Na realidade, duas. A cidade para a qual voamos a partir da Cidade do México, e o nome da aldeia onde acampamos. Tomamos dois vôos para chegar àquela cidade. Não consigo me lembrar dos nomes, se é que algum dia eu os soube. Acho que não estava prestando atenção. Estava brincando na selva. Estava num mundo só meu. Eu praticamente não sabia por que estávamos ali.

— Querida, preste atenção... — comecei a falar.

— Não. Pode esquecer. Eu preciso voltar lá — disse ela, em tom áspero.

— Bem, suponho que você tenha vasculhado todos os seus livros a respeito da região da selva. Fez listas de cidades e vilarejos? — Parei o que ia dizer. Eu precisava me lembrar de que não queria que essa viagem perigosa se concretizasse.

Ela não me respondeu de imediato, e então olhou para mim com muita determinação. Seu olhar parecia extraordinariamente duro e frio. A luz das velas e a dos abajures deixavam seus olhos de um verde fantástico. Percebi que as unhas da mão estavam pintadas do mesmo tom de roxo brilhante das unhas dos pés. Mais uma vez, ela me parecia a encarnação de tudo o que eu um dia desejara.

— Claro que já fiz isso — disse-me ela com delicadeza. — Mas agora preciso descobrir o nome daquela aldeia, o último posto avançado de verdade; além do nome da cidade para a qual viajamos de avião. Se eu tivesse essa informação, poderia ir. — Ela deu um suspiro. — Especialmente aquela aldeia

com o *brujo*: ela está ali há séculos, inacessível e à nossa espera. Se eu tivesse esse nome, saberia como chegar lá.

— Exatamente como? — perguntei-lhe eu.

— Mel sabe — respondeu ela. — Mel ao Sol estava com dezesseis anos quando fizemos a viagem. Mel vai se lembrar. Mel vai me dizer.

— Merrick, você não pode tentar invocar Mel! Você sabe que é perigoso demais, que é uma irresponsabilidade total, você não pode...

— David, *you* está aqui.

— Não posso protegê-la se você invocar esse espírito, meu Deus.

— Mas você tem de me proteger. Tem de me proteger porque Mel vai ser apavorante como sempre foi. Ela vai tentar me destruir quando aparecer.

— Então não a chame.

— Eu preciso fazer isso. Preciso. E preciso voltar àquela caverna. Prometi a Matthew Kemp quando ele estava morrendo que eu divulgaria suas descobertas. Ele não sabia que estava falando comigo. Achava que estava conversando com Sandra Gelada, ou talvez até mesmo com Mel, ou talvez com sua mãe. Eu não conseguia saber. Mas prometi. Prometi que divulgaria ao mundo a notícia daquela caverna.

— O mundo não se importa com mais uma ruína olmeca! — disse eu. — Há uma quantidade de universidades trabalhando por toda parte na selva e nas florestas tropicais. Existem cidades antigas em toda a América Central! Que diferença isso faz agora?

— Eu prometi a Oncle Vervain — disse ela, séria. — Prometi-lhe que apanharia todo o tesouro. Prometi que o traria para cá. “Quando você crescer”, ele me disse, e eu prometi.

— A mim parece mais que Sandra Gelada prometeu — disse eu, sem rodeios. — E talvez Mel ao Sol tenha prometido. Você estava com o quê? Sete anos, quando o velho morreu?

— Eu preciso cumprir a promessa — disse ela, em tom solene.

— Escute — insisti —, vamos parar com todo esse plano. Seja como for, é demasiado o perigo político de ir a essas selvas da América Central — protestei. — Não aprovarei a viagem. Sou o superior geral. Você não pode passar por cima da minha autoridade.

— E não pretendo — disse ela, suavizando o tom. — Preciso de você comigo. Preciso de você agora.

Ela parou e, inclinando-se para um lado, esmagou o cigarro antes de encher de novo o copo. Tomou um bom gole e voltou a se sentar na cadeira.

— Preciso chamar Mel — murmurou ela.

— Por que não chama Sandra Gelada? — perguntei em desespero.

— Você não entende, David. Mantive esse segredo trancado na minha alma todos esses anos, mas preciso chamar Mel. E Mel está perto de mim. Mel está sempre perto de mim! Eu já a senti perto de mim. Já a rechacei com meus poderes. Usei meus feitiços e minha força para me proteger. Mas na realidade ela nunca vai embora. — Tomou mais um bom gole do rum. — David, Oncle Vervain adorava Mel ao Sol. Mel também aparece nesses sonhos.

— Acho que é só sua imaginação horripilante! — afirmei.

Ela deu uma risada alta e cascateante ao ouvir isso, cheia de verdadeira diversão. Espantei-me.

— Ouça só suas palavras, David. Daqui a pouco vai querer me dizer que não existem fantasmas nem vampiros. E que a Talamasca é só uma lenda, que uma Ordem dessa natureza não existe.

— Por que você tem de invocar Mel?

Ela abanou a cabeça. Recostou-se na cadeira, e seus olhos se encheram de lágrimas visíveis. Dava para vê-las ao bruxuleio das velas. Eu estava ficando nervosíssimo.

Levantei-me, fui até a sala de jantar, encontrei a garrafa do uísque Macallan de vinte e cinco anos e os copos de cristal no aparador, e me servi uma boa dose. Retornei a ela. Então voltei à sala para apanhar a garrafa. Trouxe-a comigo, acomodei-me na poltrona e pus a garrafa na mesinha-de-cabeceira à minha esquerda.

O sabor do uísque escocês era maravilhoso. No avião não bebi nada pois queria estar alerta para minha reunião com Merrick, e agora ele abrandava meus nervos de um modo fantástico.

Ela ainda estava chorando.

— Muito bem, você vai invocar Mel e por algum motivo acha que Mel sabe o nome da cidade ou da aldeia.

— Mel gostava daqueles lugares — disse ela, sem se perturbar com a insistência na minha voz. — Mel gostava do nome da aldeia de onde fomos a pé até a caverna. — Voltou-se para mim. — Você não percebe? Esses nomes são como pedras preciosas engastadas no seu consciente; ela está ali com tudo o que chegou a saber um dia! Não precisa se lembrar como um ser humano. O conhecimento está nela e eu preciso fazer com que ela me passe esse conhecimento.

— Certo, percebi. Já estou entendendo tudo. Continuo afirmando que é perigoso. E, além do mais, por que o espírito de Mel não seguiu adiante?

— Ela não pode seguir enquanto eu não lhe contar o que ela quer saber. Isso me deixou totalmente perplexo. O que Mel poderia querer saber? De repente, Merrick levantou-se da cadeira, numa atitude parecida

com a de um gato sonolento que subitamente é levado à ação predatória, e fechou a porta que dava para o hall. Ouvi-a girar a chave.

Eu estava de pé. Mas recuei, sem ter certeza do que ela pretendia fazer. Sem dúvida, não estava bêbada o suficiente para que eu interferisse de modo autoritário e dramático; e não me surpreendi quando ela trocou o copo pela garrafa de rum e a levou para o centro do quarto.

Só então percebi que não havia nenhum tapete. Os pés descalços não *faziam* ruído no assoalho encerado; e, agarrando a garrafa com a mão direita junto ao peito, ela começou a girar, cantarolando e jogando a cabeça para trás.

Encostei-me ao máximo na parede.

Ela girava e girava sem parar, com a saia de algodão roxo abrindo-se em roda e a garrafa respingando rumo ao ar. Não deu nenhuma atenção à bebida derramada; e, girando mais devagar por um instante, tomou mais um grande gole antes de voltar a rodopiar tão veloz que a roupa batia com força nas suas

pernas.

Estancou quando estava de frente para o altar e cuspiu o rum entre os dentes numa fina nuvem sobre os santos em espera.

Um uivo agudo saiu dos dentes cerrados, enquanto ela continuava a soprar o rum pela boca.

Mais uma vez começou a dançar, batendo os pés quase de propósito e murmurando. Eu não conseguia captar as palavras, nem em que língua falava. O cabelo estava caído emaranhado sobre o rosto. Mais um gole, mais borrifos de rum, as velas crepitando e bruxuleando quando eram atingidas pelas gotinhas e as inflamavam.

De repente, ela lançou um jorro de rum da garrafa por cima de todas as velas, e as chamas subiram diante dos santos numa perigosa labareda. Felizmente, o fogo se apagou.

Com a cabeça jogada para trás, ela gritou entre dentes em francês.

— Mel, fui eu! Mel, fui eu. Mel, fui eu!

O quarto pareceu tremer quando ela se curvou e continuou a girar, batendo forte com os pés numa dança ruidosa.

— Mel, fiz um feitiço contra você e Sandra Gelada! — gritou. — Mel, fui eu.

De repente, investiu contra o altar sem largar a garrafa e, agarrando com a mão esquerda o perfurador de jade verde, abriu um longo corte no braço direito.

Sufoquei um grito. O que eu poderia fazer para ajudá-la, pensei. O que eu poderia fazer que não a deixasse furiosa?

O sangue lhe escorria pelo braço, e ela abaixou a cabeça, lambeu-o, tomou o rum e borrifou mais uma vez a oferenda sobre os santos pacientes.

Eu via o sangue escorrendo pela sua mão, pelas articulações dos dedos. O ferimento era superficial, mas a quantidade de sangue era tremenda.

Ela ergueu a faca novamente.

— Mel, aquilo com você e Sandra Gelada, fui eu. Eu matei vocês. Eu fiz o feitiço contra vocês! — disse ela, aos berros.

Resolvi agarrá-la quando ela estava prestes a se cortar de novo. Mas não consegui me mexer.

Deus é testemunha de que eu não conseguia me mexer. Eu estava grudado no chão. Tentei de todos os modos superar a paralisia, mas em vão. Só consegui dar um grito.

— Pare com isso, Merrick!

Ela fez no braço um corte transversal ao primeiro, e novamente o sangue escorreu.

— Mel, venha a mim. Mel, me dê sua raiva, me dê seu ódio, Mel, eu matei você, Mel, eu fiz as bonecas de você e de Sandra Gelada, Mel, eu afoguei as bonecas na vala na noite em que vocês foram embora. Mel, eu matei vocês. Mel, eu mandei vocês para as águas do pântano. Mel, fui eu! — gritava ela, histérica.

— Pelo amor de Deus, Merrick, deixe disso! — exclamei. E então, de repente, não suportando vê-la cortar o braço mais uma vez, comeci a rezar em desespero para Oxalá.

— Dê-me o poder de fazer com que ela pare; dê-me o poder de distraí-la antes que ela se fira; dê-me o poder, eu lhe imploro, Oxalá, sou seu leal servidor, David, dê-me o poder. — Fechei os olhos. O assoalho tremia aos meus pés.

De repente o ruído dos seus gritos e dos pés descalços parou. Senti seu corpo contra o meu. Abri os olhos. Ela estava nos meus braços, nós dois voltados para a porta, inquestionavelmente aberta, e para a figura sombria que ali se postava de costas para a claridade do hall.

Era uma mocinha graciosa com o cabelo louro comprido muito crespo caindo como espuma sobre seus ombros, o rosto oculto na penumbra, os olhos amarelos, penetrantes à luz das velas.

— Fui eu! — murmurou Merrick. — Eu matei vocês.

Senti todo o corpo dócil de Merrick encostado no meu. Enlacei-a com firmeza. Mais uma vez, mas em silêncio, rezei a Oxalá.

Proteja-nos desse espírito se for malévola a intenção desse Espírito. Oxalá, você que fez o mundo, você que governa nas alturas, você que está entre as nuvens, proteja-nos. Não considere meus defeitos quando eu o invoco, mas dê-me seu perdão. Proteja-nos se esse espírito quiser nosso mal.

Merrick não estava trêmula. Ela trepidava, com o corpo suarento como durante aquela possessão tantos anos antes.

— Eu pus as bonecas na vala. Eu as afoguei na vala. Fui eu. Eu as afoguei. Eu mesma. Eu as amaldiçoei: “Que morram!” Eu sabia por Sandra Gelada que ela ia comprar o tal carro. E disse: “Que ele caia da ponte, que elas morram afogadas.” E disse: “Quando forem atravessar o lago, que morram.” Sandra Gelada tinha tanto medo daquele lago. Eu disse: “Que morram.”

A figura no vão da porta parecia tão sólida quanto qualquer coisa que eu já tivesse visto. O rosto sombrio não manifestava expressão, mas os olhos amarelos permaneciam fixos.

Saiu então dali uma voz, grave e cheia de ódio.

— Imbecil, não foi você a causa! — disse a voz. — Imbecil, você acha que provocou o que nos aconteceu? Você nunca provocou nada. Imbecil, você não saberia fazer um feitiço nem que fosse para salvar sua alma!

Pensei que Merrick fosse perder a consciência, mas de algum modo ela permaneceu em pé, embora meus braços estivessem prontos para segurá-la caso caísse. Ela fez que sim.

— Perdoe-me ter desejado que acontecesse — disse ela, num murmúrio rouco que parecia totalmente seu. — Perdoe-me, Mel, ter desejado que acontecesse. Eu queria ir com vocês, perdoe-me.

— Vá pedir perdão a Deus — disse a voz grave que provinha do semblante escurecido. — Não a mim.

Mais uma vez Merrick fez que sim. Dava para eu sentir o sangue derramado escorrendo pegajoso sobre meus dedos da mão direita. Fiz mais uma prece a Oxalá! Mas minhas palavras vinham automaticamente. Eu estava monopolizado de corpo e alma pela criatura no vão da porta que nem se dissolvia.

— Ajoelhe-se — disse a voz. — Escreva com sangue o que vou dizer.

— Não faça isso! — murmurei.

Merrick deu um salto adiante, caindo de joelhos no chão molhado e escorregadio do sangue e do rum derramado.

Mais uma vez, tentei me movimentar, mas não consegui. Era como se meus pés estivessem pregados às tábuas do assoalho.

Merrick estava de costas para mim, mas eu sabia que ela estava pressionando os ferimentos com os dedos da mão esquerda para fazê-los sangrar ainda mais. Ouvi então a criatura no vão da porta dizer dois nomes. O primeiro ouvi nitidamente.

— Guatemala, esta é a cidade onde se pousa — disse o espírito —, e Santa Cruz del Flores é o ponto mais próximo da caverna.

Merrick sentou-se nos calcanhares, arfando, com a respiração roncando rápida enquanto espremia o sangue sobre o chão, e começou a escrever com o indicador da mão direita os nomes que agora repetia com sua própria voz.

Eu não parava de rezar pedindo forças contra a figura, mas não posso alegar que minhas preces tenham feito a criatura começar a desaparecer.

Um berro horrendo escapou de Merrick.

— Mel, não me deixe! — gritou ela. — Mel, não vá. Mel, volte, por favor. Por favor, volte — disse ela, em soluços. — Mel ao Sol, eu amo você. Não me deixe sozinha.

Mas o espírito tinha sumido.



OS CORTES EM MERRICK NÃO ERAM FUNDOS, EMBORA O FLUXO DE SANGUE tivesse sido apavorante. Consegui até fazer um curativo razoável antes de levá-la ao hospital mais próximo, onde ela recebeu o tratamento correto para os ferimentos.

Não me lembro de qual absurdo dissemos ao médico atendente, mas sei que o convencemos de que, embora os ferimentos tivessem sido infligidos pela própria Merrick, ela estava em seu perfeito juízo. Insisti então que voltássemos para a casa matriz; e Merrick, que àquela altura estava meio zonzinha, concordou. Sinto vergonha de confessar que voltei para buscar o uísque escocês, mas a verdade é que a gente se lembra do sabor de um Highland Scotch de puro malte de vinte e cinco anos como Macallan.

Além do mais, eu não sabia ao certo se *eu* estava em meu juízo perfeito. Lembro-me de ter bebido no carro, o que nunca faço, e de Merrick ter adormecido com a cabeça encostada no meu ombro, segurando firme meu pulso com a mão direita.

É bem possível entender meu estado mental.

O espírito visível de Mel ao Sol tinha sido uma das aparições mais ameaçadoras que eu jamais tinha visto. Estava acostumado a sombras, vozes interiores e até mesmo a episódios de possessão, mas ver a forma aparentemente sólida de Mel ao Sol em pé no vão da porta foi totalmente arrasador. Só a voz já tinha sido apavorante, mas a forma, sua aparente solidez e duração, o jogo da luz sobre ela, a extrema qualidade de reflexão dos olhos — tudo isso era um pouco mais do que eu poderia suportar sem esforço.

Havia ainda a questão da minha própria paralisia durante a experiência. Como Merrick tinha conseguido aquilo? Em suma; eu estava muito abalado mas profundamente impressionado.

Naturalmente, Merrick não ia dizer como tinha feito nenhuma parte daquilo tudo. Com efeito, Merrick não queria comentar a experiência de modo algum. Diante da mera menção do nome de Mel, ela começava a chorar. Como homem, considero essa atitude exasperante e injusta. No entanto, nada havia que eu pudesse fazer a respeito. Merrick enxugava as lágrimas e de imediato desviava o assunto para nossa aventura na selva.

Quanto à minha opinião sobre o ritual que utilizara para invocar Mel, eu o considerara simples, sendo seu principal componente a própria força pessoal de Merrick, e a súbita e terrível conexão com um espírito que aparentemente não

descansava em paz.

Fosse como fosse, naquela noite e no dia seguinte, Merrick só queria falar sobre a viagem à selva. Tornara-se uma espécie de monomaníaca. Comprou os trajes de brim cáqui. Chegou a encomendar os mesmos trajes para mim! Devíamos ir direto para a América Central. Precisávamos do equipamento de fotografia mais sofisticado, bem como de todo o apoio que a Talamasca pudesse fornecer.

Ela queria voltar à caverna porque lá havia outros itens e porque queria conhecer a terra que tinha sido tão importante para seu velho Oncle Vervain. Oncle Vervain não a estaria atormentando se não houvesse um tesouro substancial por lá que ele queria que ela possuísse. Oncle Vervain não ia deixá-la em paz.

Durante os dois dias seguintes, enquanto bebia quantidades absurdas do delicioso e encorpado Macallan Scotch, do qual Merrick havia providenciado algumas garrafas, tentei controlá-la, para impedir a realização da viagem. Totalmente em vão. Eu não parava de me embebedar, e Merrick estava determinada. Se eu não desse o apoio e a autoridade da Talamasca, ela partiria por sua própria conta.

No entanto, embora meus conselhos fossem contrários a tudo aquilo, o fato era que eu me sentia jovem novamente graças a essas experiências. Sentia a empolgação cheia de curiosidade de alguém que viu um espírito com seus próprios olhos. E também eu não queria chegar ao fim da vida sem voltar a ver uma selva tropical. Mesmo as discussões com Merrick tinham um efeito loucamente estimulante. Que essa mulher jovem, forte e linda quisesse que eu a acompanhasse era algo que me subia à cabeça.

— Nós vamos — disse Merrick, examinando detidamente um mapa na biblioteca da Talamasca. — Veja bem, agora eu sei o caminho. Mel me deu as únicas pistas que me eram necessárias. Lembro-me dos pontos de referência; e sei que aquela parte da selva continua inexplorada. Li todos os livros recentes sobre a região.

— Mas nos seus livros você não encontrou nenhuma Santa Cruz del Flores, encontrou? — protestei.

— Não se preocupe. Ela está lá. É só pequena demais para aparecer nos mapas que compramos aqui. Tenho certeza de que as pessoas vão saber onde fica, quando chegarmos ao norte da Guatemala. Pode deixar essa parte comigo. Apenas não há dinheiro suficiente para o estudo de cada ruína isolada. E, nessa parte da selva, há um monte de ruínas, possivelmente um complexo de templos ou mesmo uma cidade. Foi você mesmo quem me disse isso.

“Eu me lembro de ter visto um templo espetacular. Você não quer vê-lo com seus próprios olhos?” Ela estava zangada e despretensiosa como uma criança. “David, por favor, retome seu ímpeto como superior geral, ou seja lá como for, e providencie tudo para nós de uma vez.”

— Mas por que você acha que Mel ao Sol lhe deu as respostas para essas perguntas com tanta facilidade? — perguntei. — Isso não lhe despertou nenhuma suspeita?

— David, é simples — disse Merrick. — Mel quis me dizer algo de valor

porque quer que eu a invoque de novo.

A evidente verdade dessa afirmação abalou-me até certo ponto.

— Deus é testemunha de que você, Merrick, está fortalecendo esse espírito. Ele sem dúvida deveria ser aconselhado a seguir adiante na direção da Luz.

— É claro que eu recomendo que ela vá — respondeu Merrick —, mas Mel não quer me deixar. Eu lhe disse naquela noite. Eu lhe disse que venho sentindo a presença de Mel há anos. Todo esse tempo fingi que não havia Mel nenhuma, selva nenhuma, que eu não precisava retornar a essas lembranças dolorosas, que poderia mergulhar em estudos acadêmicos. Você sabe disso.

“Mas completei a parte acadêmica básica da minha vida. E agora preciso voltar. Agora pare de mencionar Mel, pelo amor de Deus. Você acha que eu quero pensar no que eu fiz?” E voltou então aos mapas, mandando pedir mais uma garrafa de Macallan para mim e me dizendo que íamos precisar de equipamento para acampar e que eu deveria começar a tomar providências imediatamente.

Afinal, aleguei que aquela era a estação chuvosa na região da selva e que deveríamos esperar até o Natal, quando as chuvas parassem. Ela estava preparada para essa objeção. As chuvas tinham terminado; vinha acompanhando os boletins diariamente. Agora podíamos ir.

Não restava nada a fazer a não ser seguir viagem. Se eu tivesse condenado o plano na qualidade de superior geral, Merrick teria partido para a América Central sozinha. Como membro pleno da Ordem, durante anos ela havia sacado uma boa remuneração e havia depositado no banco até o último centavo. Tinha condições de partir sozinha, e foi isso o que me disse.

— Veja bem — disse ela —, para mim vai ser uma grande mágoa viajar contra sua vontade, mas, se for preciso, eu viajo.

E foi assim que providenciamos a companhia de quatro auxiliares de campo da Talamasca, tanto para lidar com o equipamento de acampamento quanto para portar armas de fogo caso nos deparássemos com malfeitores nos lugares aonde pretendíamos ir.

Agora permitam-me dar uma explicação sucinta sobre esses auxiliares de campo a qualquer um que esteja lendo esta história e possa sentir alguma curiosidade a seu respeito. A Talamasca dispõe de muitos desses auxiliares de campo no mundo inteiro. Não se trata de membros plenos da Ordem, não têm acesso aos arquivos e sem dúvida não têm nenhum acesso ou conhecimento das caixas-fortes da Talamasca. Eles não prestam juramento como prestam os membros verdadeiros da Ordem. Não têm, nem precisam ter, capacidade paranormal. Não têm um prazo de compromisso por número de anos nem pela vida inteira.

Na realidade, são funcionários da Talamasca sob suas diversas razões sociais, e seu objetivo principal consiste em acompanhar os membros da Ordem em expedições exploratórias ou arqueológicas, ajudar-nos em cidades e países estrangeiros e, em geral, fazer o que lhes for solicitado. São peritos na obtenção de passaportes, vistos e portes de armas em outros países. Muitos têm alguma experiência jurídica, bem como nas forças armadas de diferentes nações. São

extraordinariamente confiáveis.

Caso encontrássemos essa caverna e seu tesouro, seriam os auxiliares de campo que providenciariam a remessa dos artefatos, de modo seguro e legítimo, para fora do país, com a obtenção de todas as devidas licenças e pagamento dos encargos pertinentes. Ora, se esse último tipo de atividade envolveria algo que não fosse lícito, eu francamente não sabia. Isso era assunto dos auxiliares de campo, por assim dizer.

Essas pessoas têm, sim, algum vago conhecimento de que a Talamasca é uma Ordem de organização muito fechada de investigadores da paranormalidade, mas em geral gostam do que fazem, recebem salários enormes e nunca procuram invadir ou sondar a Ordem de modo algum. Muitos deles são mercenários experientes. Seu trabalho para nós quase nunca envolve violência proposital. E eles valorizam a oportunidade de receber uma boa remuneração de uma fonte relativamente inócua.

Finalmente chegou o dia da nossa partida. Nós já tínhamos ultrapassado todos os limites da paciência de Aaron e ele, nunca tendo viajado na selva, estava extremamente agitado, mas foi amável ao nos acompanhar até o avião.

Voamos para o sul, até a capital da Guatemala, onde confirmamos a existência e a localização da aldeia maia de Santa Cruz del Flores na direção nordeste. O entusiasmo de Merrick era fantástico.

Um pequeno avião levou-nos a uma agradável cidade do norte, mais próxima do nosso destino. E de lá partimos com os auxiliares de campo em dois jipes bem supridos.

Adorei o calor, o som da chuva delicada, a música das vozes espanholas e ameríndias. E a visão de tantos ameríndios em seus belos trajes brancos, com a suavidade de sua expressão, fez com que eu me sentisse maravilhosamente imerso na riqueza cultural de um lugar estrangeiro e ainda intacto.

Na realidade, há muitos problemas naquela parte do mundo, mas nós conseguimos nos manter longe deles. E meus olhos procuravam os detalhes amenos.

Não importa. Eu me sentia extraordinariamente feliz. Era como se fosse jovem de novo; e a imagem de Merrick de saia-calça curta e blusão safári cáqui era um estimulante tão assombroso quanto seu ar de autoridade era tranquilizante para meus nervos.

Merrick dirigia nosso jipe como uma louca furiosa; mas, contanto que o segundo carro em nosso pequeno comboio conseguisse acompanhar nosso ritmo, eu não me queixava. Prefери não pensar nos galões de combustível que estávamos carregando e em como tudo explodiria se colidíssemos com um sapotizeiro. Eu apenas confiava em que qualquer mulher que conseguia invocar um espírito conseguiria dirigir um jipe por uma estrada perigosa.

A floresta era assombrosa. Bananeiras e pés de frutos cítricos praticamente bloqueavam o caminho, fechando ambos os lados da ladeira sinuosa, aqui e ali mognos gigantescos alcançavam cinquenta metros de altura e do alto da copa vinha a algazarra inconfundível mas assustadora dos guaribas, bem como os gritos de incontáveis espécies de aves exóticas.

Nosso pequeno mundo estava impregnado de verde, mas repetidamente

nos encontrávamos num alto promontório do qual podíamos apreciar a copa da floresta que se espalhava pelas encostas vulcânicas abaixo de nós.

Logo tornou-se evidente que tínhamos penetrado numa floresta de nuvens; e muitas vezes passamos por aquela sensação maravilhosa em que as nuvens realmente nos envolviam e a umidade agradável entrava pelas janelas descobertas do jipe para pousar na nossa pele.

Merrick sabia que eu estava adorando a viagem.

— Eu lhe garanto, David, a parte final não vai ser difícil — disse ela.

Finalmente, chegamos a Santa Cruz del Flores, um lugarejo na mata, tão pequeno e tão remoto que a recente luta política no país não havia chegado a tocá-lo.

Merrick afirmou que o lugar era muito semelhante às suas lembranças — um pequeno agrupamento de prédios de cores vivas, cobertos com sapê, e uma antiga igreja espanhola de pedra, pequena mas de uma beleza notável. Porcos, galinhas e perus passeavam por toda parte. E avistei alguns milharais em áreas desmaaiadas, mas não muitos. A praça central da aldeia era de terra batida.

Quando nossos dois jipes chegaram, os moradores do local vieram nos receber com muita simpatia, reforçando minha opinião de que os indígenas de origem maia estão entre os povos mais simpáticos do mundo. Eram em sua maioria mulheres, vestidas em trajes brancos, enfeitados com bordados extraordinários. Vi ao meu redor rostos que me lembraram de pronto os semblantes antigos da América Central preservados na arte maia e possivelmente na olmeca.

Disseram-me que a maior parte dos homens do lugarejo tinha ido trabalhar em canaviais distantes ou na fazenda de extração de chicle mais próxima. Ocorreu-me que poderia ser trabalho forçado, mas resolvi que era melhor não perguntar. Quanto às mulheres, elas costumavam andar muitos quilômetros num dia para oferecer seus primorosos artigos de cestaria e tecidos bordados para venda numa grande feira indígena. Estavam gratas pela oportunidade de expor seus produtos em casa.

Não havia absolutamente nenhum tipo de hotel, na realidade nem correio, telefone, nem telégrafo — mas algumas velhas se dispuseram a nos oferecer acomodações em suas casas. Nossos dólares eram bem-vindos. Havia belas peças de artesanato à venda, e nós compramos à vontade. Também não faltavam alimentos.

Eu logo quis ver a igreja e fui informado em espanhol por um dos moradores que não poderia entrar pela porta da frente sem primeiro pedir permissão à divindade que dominava aquela entrada. Naturalmente, eu poderia entrar pelo lado, se desejasse.

Sem querer ofender ninguém, optei pela entrada lateral e me encontrei num prédio simples de paredes brancas em meio a antigas imagens espanholas de madeira e ao costumeiro bruxuleio das velas, um local realmente reconfortante.

Creio que rezei como nos velhos tempos no Brasil. Rezei para que todas aquelas invisíveis divindades benévolas estivessem conosco e nos protegessem de qualquer tipo de mal.

Alguns momentos depois, Merrick juntou-se a mim, fazendo o sinal-da-cruz e se ajoelhando diante da mesa de comunhão para rezar por um bom tempo. Acabei saindo para esperar lá fora.

Ali avistei um velho meio enrugado, de estatura baixa e com os cabelos negros compridos até o ombro. Estava trajado com simplicidade em calças e camisa costuradas a máquina. Soube de imediato que ele era o xamã do local. Fiz-lhe um cumprimento respeitoso e, embora seus olhos se detivessem em mim sem nenhum sinal de ameaça, segui caminho.

Eu estava com calor, mas extremamente feliz. O lugarejo era cercado de coqueiros e havia até mesmo pinheiros, graças à altitude; e, pela primeira vez na minha vida, enquanto perambulava pelas matas das redondezas, vi muitas borboletas delicadas na penumbra entrecortada de sol.

Havia momentos em que minha felicidade era tão absoluta que eu poderia ter chorado. Em segredo estava grato a Merrick pela viagem. E concluí no fundo do meu coração que para mim a experiência tinha sido muito valiosa, não importava o que fosse acontecer dali em diante.

No que dizia respeito às acomodações, escolhemos um meio-termo. Merrick determinou que os quatro auxiliares de campo se alojassem nas casas do lugarejo, depois que eles armaram e abasteceram uma barraca para nós logo atrás da casa mais afastada do lugarejo. Tudo isso me parecia perfeitamente razoável até eu me dar conta de que éramos um homem e uma mulher solteiros que residiriam na barraca, o que não era correto de modo algum.

Não importava. O entusiasmo de Merrick pela nossa aventura era tremendo, como o meu, e eu estava ansioso por estar a sós com ela. Os auxiliares da Talamasca equiparam a barraca com camas de armar, lâmpões, mesinhas de trabalho e cadeiras; certificaram-se de que Merrick tinha baterias suficientes para seu computador laptop e, depois de um jantar fantástico — *tortillas*, feijão e a carne deliciosa de peru silvestre —, nos deixaram a sós ao cair da noite, numa privacidade maravilhosa, para examinar o que pretendíamos fazer no dia seguinte.

— Não pretendo levar os outros conosco — afirmou Merrick. — Estamos muito fora do alcance de malfetores; e, como eu lhe disse, não é longe daqui. Lembro-me de um pequeno povoado no caminho. Um povoado minúsculo em comparação com este. As pessoas não nos importunarão.

Estava empolgada como eu nunca a tinha visto antes.

— É claro que podemos cobrir parte da estrada de jipe, antes de começarmos a caminhada; e você vai ver ruínas maias ao redor assim que partirmos. Vamos passar por elas e andar quando a trilha for interrompida.

Ela se esticou na cama, com o peso num cotovelo, e bebeu o escuro rum Flor de Caria, que tinha comprado na cidade antes de iniciarmos a viagem.

— Uau! Isso é que é bom — disse ela, e naturalmente suas palavras despertaram em mim um terror previsível de que pretendesse cair na bebedeira ali na selva.

— Não se preocupe, David. A verdade é que até você deveria tomar um golinho.

Suspeitei dos seus motivos, mas, mesmo assim, sucumbi. Era realmente

como estar no Paraíso, devo confessar.

O que me lembro daquela noite ainda me causa uma certa culpa. Acabei bebendo demais daquele delicioso rum aromático. A certa altura, lembro-me de estar deitado de costas na cama, olhando acima para o rosto de Merrick, que tinha vindo se sentar ao meu lado. Então, Merrick debruçou-se para me beijar e eu a puxei para junto de mim, talvez respondendo com um pouco mais de impetuosidade do que ela havia esperado. Mas isso não lhe causou desgosto.

Ora, eu era uma pessoa para quem a sexualidade perdera grande parte da sua atração. Quando ocasionalmente me sentira excitado, durante aqueles últimos vinte anos da minha vida mortal, quase sempre tinha sido por um rapaz.

Mas a atração por Merrick parecia de algum modo não ter nada a ver com o gênero. Eu estava tremendamente empolgado e ansioso por consumir o que havia começado de modo tão imprevisível. Só quando me afastei para que ela deitasse por baixo de mim, onde eu a queria, foi que consegui me controlar um pouco, e me levantei da cama.

— David — murmurou ela. Ouvi o eco do meu nome: David, David. Não conseguia me mexer.

Vi sua silhueta escura ali à minha espera. E, pela primeira vez, percebi que os lampiões tinham sido apagados. Uma luz fraca vinha da casa mais próxima, mal passando pelo tecido da barraca, e é claro que era perfeitamente suficiente para eu ver que ela se despira.

— Droga, não posso fazer isso — disse eu. Mas na realidade meu medo era de não conseguir terminar. Eu temia estar velho demais.

Ela se levantou com a mesma forma abrupta que me espantara quando começou a invocar Mel na sua pequena sessão; e me enlaçou nos braços nus, começando a me beijar com avidez, a mão hábil indo direto à raiz do meu desejo.

Creio, sim, que hesitei, mas disso não me lembro. O que está nítido é que nos deitamos e que, embora em termos morais eu tivesse fracassado, não desapontei a nós dois, como homem e mulher. E depois veio uma sonolência e uma sensação de exultação que não deixava nenhum espaço para a vergonha.

À medida que fui adormecendo abraçada a ela, parecia que isso viera se criando ao longo de todos esses anos em que eu a conhecera. Eu agora lhe pertencia, totalmente. Estava impregnado do cheiro do seu perfume e do seu rum, da sua pele e do seu cabelo. Não queria nada além de estar com ela e dormir ao lado dela; e que seu calor permeasse meus indefectíveis sonhos.

Quando acordei de manhã, bem quando amanheceu, eu estava tão atordoado com tudo o que tinha acontecido que não sabia exatamente o que fazer. Ela dormia um sono profundo, linda em seu desalinho; e, humilhado por ter traído em grau tão terrível minha posição de superior geral, eu me forcei a não olhar para ela, tomei banho, me vesti, apanhei meu diário e saí para ir até a igreja espanhola, onde poderia escrever sobre meus pecados.

Mais uma vez avistei o xamã, que estava em pé de um lado do prédio da igreja e me observava como se soubesse tudo o que havia ocorrido. Sua presença causou-me extremo constrangimento. Eu não mais o considerava inocente nem primitivo. E é claro que eu sentia um desprezo total por mim mesmo, mas tinha

de admitir que estava revigorado, como é sempre o caso com *esse* tipo de encontro e naturalmente, ah, sim, naturalmente, eu me sentia muito jovem.

No ambiente tranqüilo e fresco da igreja, com seu telhado inclinado e seus santos acrílicos, escrevi talvez por uma hora.

Merrick entrou então, fez suas orações e veio se sentar ao meu lado como se absolutamente nada tivesse ocorrido. Depois, sussurrou empolgada que devíamos ir.

— Traí sua confiança, minha jovem — murmurei de imediato.

— Não seja bobo — retrucou ela. — Você fez exatamente o que eu queria que fizesse. Você acha que eu queria ser humilhada? Claro que não!

— Você está distorcendo o significado de tudo — protestei. Ela estendeu a mão para minha nuca, segurou minha cabeça com a firmeza que lhe foi possível e me deu um beijo.

— Vamos — disse ela, como se estivesse falando com uma criança. — Estamos perdendo tempo. Ande.



NO JIPE, CONSEGUIMOS SEGUIR UMA HORA ANTES QUE A ESTRADA desaparecesse. Daí em diante, brandindo nossos facões, passamos a seguir a trilha a pé.

Entre nós a conversa era pouca, já que toda a nossa energia estava dedicada à subida difícil e íngreme. Mas novamente fui dominado por aquela sensação de felicidade, e a visão do corpo esguio e forte de Merrick ali acima, adiante de mim, era um prazer constante e cheio de culpa.

A selva agora parecia impenetrável, independentemente da altitude, e mais uma vez vieram as nuvens com sua maravilhosa delicadeza e umidade.

Eu estava alerta o tempo todo para ruínas de qualquer espécie; e nós de fato as vimos, dos dois lados da trilha. Mas, se eram templos, pirâmides ou sei lá o que, eu não estava destinado a saber. Merrick as ignorava direto e insistia que continuássemos obstinados a seguir em frente.

O calor atravessava minha roupa. Meu braço direito doía com o peso do facão. Os insetos eram um tormento insuportável, mas eu não queria estar em nenhum outro lugar naquela hora por nada neste mundo.

Inesperadamente, Merrick parou e fez um gesto para que me aproximasse.

Tínhamos chegado a uma espécie de clareira, ou ao que restava de uma clareira, diria eu. E vi taperas de barro onde no passado houvera casas; e um ou dois abrigos que ainda mantinham seus velhos tetos de sapê.

— O povoado desapareceu — disse Merrick enquanto examinava a destruição.

Lembrei-me da menção de Matthew Kemp à Aldeia Um e à Aldeia Dois no seu mapa e nas cartas de anos atrás.

Ela permaneceu um bom tempo parada com os olhos fixos nos restos do lugar, e então falou em tom de segredo.

— Você está sentindo alguma coisa?

Eu não tinha sentido nada até ela me fazer a pergunta; mas bastou que eu a ouvisse para me dar conta de algo turbulento em termos espirituais no ar. Resolvi aplicar todos os meus sentidos àquilo. Era algo muito forte. Não posso dizer que tenha sentido personalidades ou uma atitude. Senti, sim, uma comoção. Por um instante, senti ameaça, e depois mais nada.

— O que você calcula que seja? — perguntei-lhe. Sua própria imobilidade me deixava perturbado.

— Não se trata dos espíritos deste povoado — respondeu ela. — E posso

apostar o que você quiser que o que estamos sentindo é exatamente o que fez com que os moradores se mudassem. — Ela retomou a caminhada, e eu não tive escolha a não ser ir atrás. Estava quase tão dominado pela obsessão quanto ela.

Uma vez contornadas as ruínas cobertas de mato do povoado, a trilha ressurgia.

A selva, porém, logo se adensou. Precisávamos abrir caminho com violência ainda maior, e às vezes eu sentia uma dor terrível no peito.

De repente, como se tivesse aparecido por mágica, vi o enorme volume de uma pirâmide de pedra clara que se erguia diante de nós, com os degraus cobertos por mato enfezado e trepadeiras cerradas.

Alguém em alguma época tinha feito uma limpeza ali, e grande parte das estranhas esculturas era visível, bem como o lanço de escada íngreme. Não, não era maia. Pelo menos, não na medida do que eu pudesse ver.

— Ah, deixe-me saborear essa visão — disse eu a Merrick.

Ela não me respondeu. Parecia estar tentando escutar um som importante. Eu também prestei atenção e tive novamente aquela percepção de que não estávamos sós. Algo se movimentava na atmosfera, algo fazia esforço contra nosso avanço, algo procurava com enorme determinação contrapor-se à força da gravidade e afetar meu corpo enquanto eu estava ali parado, de facão na mão.

Subitamente Merrick desviou-se para a esquerda e começou a abrir caminho a facão em torno da pirâmide para prosseguir na mesma direção que tínhamos tomado antes.

Não havia mais trilha. Não havia mais nada a não ser a mata; e eu logo percebi que mais uma pirâmide se erguia à nossa esquerda, muito mais alta que a outra à nossa direita. Estávamos numa pequena aléia diante dos dois enormes monumentos, e precisávamos avançar em meio ao entulho que atravancava o caminho, pois alguém já havia feito escavações por ali algum tempo antes.

— Ladrões — disse ela, como se estivesse lendo meu pensamento. — Saquearam as pirâmides muitas vezes.

Isso não era nada raro quando se trata de ruínas maias. E por que não deveria acontecer também a essas estranhas construções desconhecidas?

— Ah, mas olhe só o que deixaram para trás — disse eu. — Quero subir até o alto de uma dessas. Vamos escalar a menor. Quero ver se consigo chegar à plataforma no alto.

Merrick sabia tanto quanto eu que era lá no alto que um templo coberto de sapê poderia ter existido em tempos antiquíssimos.

Quanto à idade desses monumentos, eu não tinha a menor idéia. Poderiam ter sido construídos antes do nascimento de Cristo ou mil anos depois. Fosse como fosse, pareciam-me maravilhosos e levavam à loucura minha sensação já bastante infantil de aventura. Tive vontade de sacar minha máquina fotográfica.

Enquanto isso, o tumulto espiritual continuava. Era estranhíssimo. Como se o ar estivesse sendo açoitado pelos espíritos. A sensação de ameaça era forte.

— Meu Deus, Merrick, como estão tentando nos fazer parar — murmurei. Da selva veio um coro de gritos, como que em resposta a mim. Algo se mexeu no mato baixo.

Merrick, entretanto, depois de parar por apenas alguns instantes, prosseguiu

vigorosamente.

— Preciso encontrar a caverna — disse ela, numa voz monótona, categórica. — Eles não nos impediram da outra vez e não vão impedir que você e eu prossigamos agora. — E seguiu em frente, com a selva se fechando rápido demais atrás dela.

— É — exclamei. — Não se trata de uma alma; mas muitas. Elas não nos querem perto daquelas pirâmides.

— Não são as pirâmides — insistiu ela, retalhando as trepadeiras e afastando o mato baixo. — É a caverna. Elas sabem que estamos indo até a caverna.

Eu me esforçava ao máximo para acompanhar seu ritmo e para auxiliá-la, mas decididamente era ela que estava abrindo o caminho para nós.

Tínhamos percorrido alguns metros quando pareceu que a mata se adensava de um modo impossível de penetrar e a luz de repente se alterava. Percebi que havíamos chegado ao portal enegrecido de uma enorme edificação, que estendia suas paredes inclinadas para nossa direita e esquerda. Era um templo, sem dúvida. Dava para eu ver as esculturas impressionantes dos dois lados da entrada, e também acima já que a parede subia até uma grande plataforma de pedra com altos-relevos elaborados, visíveis aos escassos raios do sol desesperado.

— Meu Deus, Merrick, espere — gritei. — Deixe-me tirar uma fotografia. — Lutei para alcançar minha pequena máquina fotográfica, mas eu teria de tirar a mochila das costas, e meus braços estavam simplesmente cansados demais.

A turbulência etérea atingiu uma intensidade extrema. Senti algo semelhante ao leve toque de dedos nas pálpebras e nas bochechas. Era totalmente diferente do toque constante do mundo dos insetos. Senti algo tocar o dorso das minhas mãos, e pareceu que eu quase soltava o facão, mas me recuperei rápido.

Quanto a Merrick, seu olhar estava fixo nas trevas do corredor ou passagem ali adiante.

— Meu Deus — murmurou ela. — Eles estão muito mais fortes do que antes. Não querem que entremos.

— E por que íamos querer entrar? — perguntei logo. — Estamos à procura de uma caverna.

— Eles sabem o que estamos fazendo — disse ela. — A caverna fica do outro lado do templo. O caminho mais simples é direto através dele.

— Deus do céu — disse eu. — Foi por aqui que você passou da outra vez?

— Foi — respondeu ela. — Os moradores do povoado se recusaram a nos acompanhar. Alguns nem chegaram até este ponto. Nós seguimos em frente, aqui por dentro.

— E se o teto dessa passagem ruir em cima de nós? — perguntei.

— Eu vou passar — respondeu ela. — O templo foi construído em pedra calcária maciça. Nada mudou e nada vai mudar.

Tirou a pequena lanterna do cinto e apontou o facho para a abertura. Pude ver o piso de pedra apesar das poucas plantas desbotadas que lutavam para cobri-lo. Consegui vislumbrar a profusão de pinturas nas paredes!

A luz da sua lanterna atingiu figuras magníficas de grandes dimensões, de pele morena e trajes dourados enfileiradas em contraste com o fundo de um azul vivo. Acima, ali onde as paredes subiam na direção do teto abobadado, vi outra procissão sobre um fundo de um matiz escuro de vermelho.

O recinto inteiro parecia ter uns quinze metros de extensão, e a luz fraca alcançou um pouco de vegetação na outra extremidade.

Mais uma vez, vieram aqueles espíritos, em enxame ao meu redor, silenciosos porém em intensa atividade, tentando de novo atingir minhas pálpebras e minhas bochechas. Vi que Merrick se retraía.

— Afastem-se de mim! — murmurou ela. — Vocês não têm nenhum poder sobre mim.

Houve uma resposta imensa. A selva à nossa volta pareceu tremer, como se uma brisa errante tivesse descoberto um jeito de descer até onde estávamos, e uma chuva de folhas caiu aos nossos pés. Mais uma vez, ouvi os gritos espectrais dos guaribas nos altos das árvores. Pareciam dar voz aos espíritos.

— Vamos, David — disse Merrick; mas quando fez menção de avançar alguma coisa invisível pareceu impedi-la, porque ela recuou meio sem equilíbrio e ergueu a mão esquerda como se quisesse se proteger. Mais uma revoada de folhas caiu sobre nós.

— Ainda não foi suficiente! — disse ela em voz alta e mergulhou na câmara abobadada, com sua luz ficando mais forte e mais cheia de tal modo que nos encontramos cercados por alguns dos murais mais coloridos que jamais vi.

Ao redor de nós, em todos os cantos, erguiam-se esplêndidas figuras em procissão, altas e magras, completas com saiotes enfeitados, brincos e exuberantes adereços de cabeça. Não pude classificar o estilo como maia ou egípcio. Não era parecido com nada que eu já tivesse estudado ou visto. As velhas fotografias de Matthew não tinham conseguido captar nem um décimo dos detalhes ou do aspecto vibrante das pinturas. Uma orla com lindos detalhes em branco e preto acompanhava o piso em todos os lados.

Continuamos em frente, com cada passo nosso ressoando nas paredes enquanto prosseguíamos, mas o ar tinha ficado intolerável de tão quente. A poeira subia pelas minhas narinas. Eu tinha a impressão do toque de dedos em todo o meu corpo. Na realidade, senti que mãos agarravam meu braço e um golpe abafado atingia meu rosto.

Estendi a mão até o ombro de Merrick, tanto para apressá-la quanto para dar-lhe apoio.

Estávamos no meio da passagem quando ela estancou e se retraiu como se estivesse recebendo um choque.

— Afastem-se de mim, vocês não conseguirão me impedir! — murmurou ela. E então, numa longa torrente em francês, invocou Mel ao Sol para que abrisse o caminho.

Avançamos apressados. Eu não tinha certeza alguma de que Mel faria qualquer esforço naquele sentido. Parecia muito mais provável que Mel fizesse o templo ruir sobre nossas cabeças.

Afinal, voltamos a sair para a selva, e eu tossi para limpar a garganta. Olhei para a construção atrás de mim. Desse lado havia menos a ser visto do que pela

frente. Senti os espíritos ao redor de nós. Senti ameaças sem palavras. Senti empurrões e trancos de criaturas fracas desesperadas para impedir que eu avançasse.

Precisei do meu lenço pela milionésima vez, para limpar os insetos do rosto.

Merrick seguiu em frente sem parar.

A trilha subia íngreme. E avistei o cintilar da cachoeira antes de ouvir sua música. Chegamos a um local estreito em que a água corria funda, e Merrick atravessou para a margem direita enquanto eu ia atrás, trabalhando tanto com o facão quanto ela.

A subida pela cachoeira não foi nem um pouco difícil. Mas a atividade dos espíritos foi ficando cada vez mais forte. A toda hora Merrick resmungava maldições. Eu pedia a Oxalá que me mostrasse o caminho.

— Mel, faça com que eu chegue lá — disse Merrick.

Percebi de repente, logo abaixo de uma saliência, para a frente da qual a água se precipitava, um rosto monstruoso de boca aberta esculpido na rocha vulcânica que cercava uma óbvia caverna. Era exatamente como o malfadado Matthew descrevera. No entanto, sua máquina fotográfica já estava prejudicada pela água antes que ele pudesse fotografá-lo. E o tamanho foi como um choque para mim.

Ora, bem se pode imaginar minha satisfação por termos chegado a esse local mítico. Durante anos a fio eu tinha ouvido falar nele. Na minha cabeça, ele estava inevitavelmente associado a Merrick, e agora estávamos ali. Embora os espíritos mantivessem seu ataque, os borrifos suaves da cachoeira refrescavam minhas mãos e meu rosto.

Continuei subindo para me postar ao lado de Merrick, quando de repente os espíritos exerceram uma pressão imensa contra meu corpo, fazendo com que meu pé esquerdo resvasasse.

Embora eu não tivesse gritado, mas apenas estendido a mão em busca de apoio, Merrick voltou-se e me agarrou pelo ombro da minha jaqueta. Era só disso que eu precisava para recuperar o equilíbrio e subir a pequena distância que me restava para chegar à entrada da caverna.

— Olhe as oferendas — disse Merrick, pondo a mão esquerda sobre a minha direita.

Os espíritos redobram seus esforços, mas eu me mantive firme, assim como Merrick, se bem que duas vezes ela afastasse algo de perto do seu rosto.

Quanto às “oferendas”, o que eu via era uma enorme cabeça de basalto. Pareceu-me semelhante à arte olmeca, mas era só isso o que eu podia dizer. Ela lembrava os murais no templo? Impossível julgar. Fosse o que fosse, eu a adorei. Era provida de capacete e inclinada para cima de tal modo que o rosto com os olhos abertos e a singular boca sorridente recebessem a chuva que infalivelmente caía ali. E, na sua base irregular, havia uma quantidade espantosa de velas, plumas e flores murchas, bem como objetos de cerâmica. De onde eu estava, dava para sentir o cheiro do incenso.

As rochas enegrecidas eram testemunho de muitos anos de velas, mas a última dessas oferendas não poderia ter sido feita mais do que dois ou três dias

antes.

Senti que algo mudava no ar à nossa volta. Merrick, porém, parecia tão atormentada pelos espíritos quanto antes. Ela fez mais um gesto involuntário, como se quisesse espantar alguma coisa invisível.

— Quer dizer que nada impediu que eles viessem até aqui — disse eu, rapidamente, olhando para as oferendas. — Vou tentar uma coisa. — Enfiei a mão no bolso da jaqueta e tirei um maço de Rothmans, que estava guardando para a inevitável possibilidade de eu querer fumar.

Abri o maço às pressas, acendi um cigarro com meu isqueiro, apesar dos borrifos incessantes da cachoeira, traguei e depois pus o cigarro diante da cabeça imensa. Ao lado, deixei o maço inteiro. Em silêncio, fiz preces aos espíritos, pedindo-lhes que permitissem nosso acesso àquele lugar.

Não percebi nenhuma alteração no ataque dos espíritos. Senti que eles me empurravam com uma energia renovada, de uma forma que estava começando a me deixar desanimado, por maior que fosse minha certeza de que eles jamais conseguiriam ganhar muita força.

— Eles conhecem nossos motivos — disse Merrick, contemplando a enorme cabeça voltada para o alto e suas flores murchas. — Vamos entrar na caverna.

Usamos então nossas lanternas grandes, e de pronto caiu sobre nós o silêncio da cachoeira, acompanhado do cheiro de terra seca e cinzas.

Vi imediatamente as pinturas, ou o que me pareceram ser pinturas. Estavam bem lá dentro, e nós caminhamos a passos rápidos e com postura ereta na sua direção, ignorando os espíritos, que agora produziam um som de assobio junto aos meus ouvidos.

Para meu total assombro, vi que aqueles desenhos de cores esplêndidas nas paredes eram de fato mosaicos feitos de milhões de lascas minúsculas de pedras semipreciosas! As figuras eram muito mais simples que as dos murais do templo, o que talvez indicasse uma data mais remota.

Os espíritos tinham se acalmado.

— E maravilhoso — murmurei por precisar dizer alguma coisa. E mais uma vez tentei apanhar minha máquina, mas a dor no braço era simplesmente forte demais. — Merrick, precisamos tirar fotografias — disse-lhe eu. — Olhe, querida, escrita. Precisamos fotografá-la. Tenho certeza de que são glifos.

Ela não respondeu. Olhava fixamente para as paredes, como eu. Parecia extasiada.

Não pude discernir bem uma seqüência ou sequer atribuir qualquer atividade às figuras altas e esguias, além de constatar que pareciam estar de perfil, usar trajes longos e estar carregando objetos importantes nas mãos. Não vi vítimas ensanguentadas se debatendo. Não vi figuras óbvias de sacerdotes.

Mas, enquanto eu lutava para decifrar o esplendor intermitente e cintilante, meu pé bateu em alguma coisa oca. Olhei para baixo e vi uma quantidade de artefatos de cerâmica ricamente coloridos, reluzindo diante de nós até onde nossa vista alcançava.

— Isso aqui não é uma caverna de modo algum, não é mesmo? — disse Merrick. — Lembro-me de Matthew ter dito que se tratava de um túnel. É um

túnel. Foi escavado totalmente pelo homem.

A quietude era espantosa.

Pisando com o máximo cuidado possível, ela seguiu adiante, e eu atrás dela, embora eu tivesse de me abaixar diversas vezes para afastar do caminho algumas das vasilhas menores.

— Isso aqui é um túmulo. E isso o que é. E todos esses objetos são oferendas — disse eu.

Nesse instante, senti um forte golpe na minha nuca. Rodopiei e lancei o facho da minha lanterna sobre nada. A luz da entrada feriu meus olhos.

Algo me deu um empurrão no lado esquerdo e depois no ombro direito. Eram os espíritos que voltavam a me atacar. Vi que Merrick fazia movimentos espasmódicos e se mexia para um lado, como se algo também a estivesse atingindo.

Voltei a fazer uma prece para Oxalá e ouvi Merrick proferindo suas próprias recusas a recuar.

— Foi até aqui que chegamos da última vez — disse Merrick, voltando-se para olhar para mim, com o rosto escuro acima da luz da lanterna, que teve a cortesia de direcionar para o chão. — Apanhamos tudo o que encontramos aqui. Agora, vamos em frente.

Eu estava bem junto dela, mas o ataque dos espíritos recrudescera. Vi que ela foi empurrada para um lado. Mas logo recuperou o equilíbrio. Ouvi o ruído de cerâmica quebrando-se sob seus pés.

— Vocês nos estão irritando — disse eu aos espíritos. — Talvez não tenhamos nenhum direito de estar aqui. E talvez tenhamos!

Nesse momento, recebi um golpe pesado e silencioso na barriga, mas não foi suficiente para causar dor. De repente, senti que minha animação se acentuava muitíssimo.

— Vamos, podem fazer o que quiserem — disse eu. — Oxalá, quem está enterrado aqui? Ele ou ela quer permanecer em segredo para sempre? Por que Oncle Vervain nos mandou para este lugar?

Merrick, que estava alguns metros mais adiante, abafou um grito.

De pronto, eu a alcancei. O túnel tinha se aberto num grande compartimento circular no qual os mosaicos subiam para a abóbada baixa. Grande parte tinha caído com o passar do tempo ou com a umidade, não sei qual, mas era um aposento magnífico mesmo assim. Em torno das paredes de ambos os lados, as figuras prosseguiam, até só haver um indivíduo em pé cujas feições havia muito tempo tinham se soltado.

No piso do salão, no seu centro exato, cercado por nítidos círculos de oferendas em cerâmica, havia um belo arranjo de ornamentos num ninho de poeira.

— Olhe, a máscara, a máscara na qual ele foi sepultado — disse Merrick, com o facho iluminando uma belíssima imagem de jade verde polido, que estava na mesma posição em que havia sido posta milhares de anos antes, tendo já havia muito tempo desaparecido o corpo de quem a usara.

Nenhum de nós dois ousava dar um passo. Os artigos preciosos em torno do túmulo estavam dispostos de forma primorosa. Agora podíamos ver os enfeites

das orelhas, com um brilho fraco, já que a terra solta, desfazendo-se em pó, quase os encobria, e de um lado a outro do que seria o tórax da criatura vimos um cetro longo, ricamente esculpido, que talvez ele tivesse segurado na mão.

— Veja só todos esses escombros — disse ela. — Sem dúvida ele estava envolto em tecido, cheio de amuletos e oferendas preciosas. Agora o tecido desapareceu, e só restam os objetos de pedra.

Houve um ruído alto atrás de nós. Ouvi o barulho de cerâmica quebrando. Merrick deu um gritinho como se algo a tivesse atingido.

E então, com determinação, na verdade como que arremessada, ela pulou para a frente, caiu ajoelhada e apanhou a brilhante máscara verde. Recuou veloz com ela na mão, afastando-se dos restos mortais.

Uma pedra veio voando me atingir na testa. Fui empurrado pelas costas.

— Vamos, o resto que fique para os arqueólogos — disse ela. — Já estou com o que vim buscar. É o que Oncle Vervain me mandou apanhar.

— A máscara? Quer dizer que o tempo todo você sabia que havia uma máscara neste túnel, e que era ela o que você queria?

Ela já estava seguindo na direção do ar lá fora.

Eu mal havia chegado ao seu lado quando Merrick foi empurrada para trás.

— Vou levar a máscara. Ela tem de ser minha — afirmou. Enquanto nós dois tentávamos prosseguir, alguma coisa invisível impediu nosso caminho. Estendi a mão. Consegui tocar nela. Era como um muro de energia, mudo e macio.

Merrick de repente me entregou a lanterna e segurou a máscara com as duas mãos.

Em qualquer outra ocasião da minha vida, eu teria me detido a admirá-la, pois era imensa a intensidade da expressão e a quantidade de detalhes. Embora houvesse furos para os olhos e um rasgo para a boca, todas as feições estavam muito bem delineadas, e o brilho da peça em si era lindíssimo.

O que realmente aconteceu foi que recorri a todas as minhas forças para investir contra essa energia que tentava impedir o caminho, erguendo contra ela as duas lanternas como se fossem clavas.

Merrick mais uma vez me surpreendeu com um grito abafado. Segurava a máscara diante do rosto; e, quando se voltou para olhar para mim, a peça pareceu brilhar com um aspecto vagamente horripilante à luz. Parecia estar suspensa na escuridão, pois eu mal conseguia discernir suas mãos ou sequer seu corpo.

Voltou-se então para o outro lado, ainda segurando a máscara junto ao rosto. E mais uma vez, sufocou um grito.

Nenhum movimento, nenhum som na caverna.

Tudo o que eu conseguia ouvir era a respiração de Merrick e a minha. Pareceu-me que ela começou a murmurar algo numa língua estrangeira, se bem que eu não soubesse que idioma era aquele.

— Merrick? — perguntei, baixinho. No sossego repentino e bem-vindo, o ar da caverna parecia úmido e deliciosamente fresco. — Merrick — disse eu, mais uma vez, sem conseguir despertá-la. Estava parada ali, com a máscara sobre o rosto, olhando adiante de nós, até que, com um gesto surpreendente, arrancou a

peça do rosto e a entregou a mim.

— Tome, David, olhe através dela — murmurou.

Enfiei minha lanterna na presilha no cinto, devolvi a Merrick a dela e apanhei a máscara com as duas mãos. Lembro-me desses pequenos gestos porque eram tão comuns, e eu ainda não sabia o que mais fiz além disso. A máscara continuava no lugar, minhas mãos permaneciam nela, e tudo o mais redor ou da penumbra onde nos encontrávamos.

Muito, muito ao longe, estava o verde da selva; e em toda a nossa volta e acima de nós, os mosaicos primitivos porém lindos cintilavam com seus minúsculos fragmentos de pedra.

Ergui a máscara, seguindo suas instruções. Fui dominado por uma sensação de vertigem. Dei alguns passos atrás, mas não sei o que mais fiz além disso. A máscara continuava no lugar, minhas mãos permaneciam nela, e tudo o mais havia mudado, de modo misterioso.

A caverna estava cheia de tochas acesas; ouvia-se o som de alguma cantilena baixa e repetitiva, e diante de mim na penumbra havia uma figura, tremeluzente como se não fosse totalmente sólida mas, sim, feita de seda e sujeita à ínfima corrente de ar da entrada da caverna.

Eu via sua expressão com nitidez, embora não pudesse defini-la totalmente nem dizer quais feições contribuía no seu rosto de rapaz para transmitir que emoção, ou sequer como isso ocorria. Ele me implorava com muda eloquência que saísse da caverna e deixasse a máscara.

— Não podemos levá-la — disse eu. Ou melhor, eu me ouvi dizer isso. A cantilena ficou mais alta. Mais sombras se aproximaram da figura trêmula porém determinada. Pareceu-me que ele estendeu os braços para mim em súplica.

— Não podemos levá-la — repeti. Seus braços eram de um moreno dourado, cobertos com belíssimos braceletes de pedra. O rosto era oval; e os olhos, escuros e perspicazes. Vi lágrimas no seu rosto.

— Não podemos levá-la — disse eu, e então senti que caía. — Temos de deixá-la aqui. Precisamos trazer de voltar os objetos que foram levados antes!

Fui tragado por uma tristeza e dor avassaladoras. Tive vontade de me deitar no chão. Era tão forte e tão certa essa emoção que eu a senti e a expressei com meu corpo inteiro.

No entanto, mal atingi o chão — pelo menos acho que foi o que fiz — e fui posto em pé com violência enquanto a máscara era arrancada de mim. Num instante, eu a sentia nos meus dedos e no meu rosto. No instante seguinte, eu não sentia nada e nada via a não ser a luz distante brincando no verde das folhas.

Desaparecida a figura; interrompida a cantilena, encerrada a dor. Merrick estava me puxando com toda a força.

— David, vamos! — disse ela. — Vamos! — Ela não admitia ser contrariada.

E eu mesmo sentia um desejo irresistível de sair da caverna com ela e de levar a máscara, de roubar aquela magia, aquela magia indescritível que me havia permitido ver os espíritos do lugar com meus próprios olhos. Com audácia, de modo deplorável, sem absolutamente nenhuma desculpa, estendi a mão, sem ficar para trás, e apanhei um punhado de brilhantes artefatos de pedra do chão

fofo, enfiando-os nos bolsos enquanto seguíamos em frente.

Em questão de instantes estávamos em plena selva. Ignoramos as mãos invisíveis que nos atormentavam, as revoadas de folhas e os gritos assustados dos guaribas, como se eles tivessem se unido ao ataque. Uma bananeira esbelta caiu direto na nossa trilha, e nós passamos por cima, cortando com o facão as outras que pareciam se dobrar para nos atingir no rosto.

Conseguimos transpor o saguão do templo com uma rapidez notável. Estávamos quase correndo quando encontramos os vestígios da trilha. Os espíritos mandaram mais folhas de bananeiras na nossa direção. Caiu também uma chuva de cocos, que não nos atingiu. De vez em quando, vinham pedriscos numa pequena ventania.

À medida que prosseguíamos, porém, o ataque foi aos poucos diminuindo sua intensidade. Afinal, não restava nada além de um uivo silencioso. Eu estava enlouquecido. Sentia-me um perfeito demônio. Não me importava. Merrick tinha a máscara. A máscara que permitia que se vissem espíritos. Merrick estava com ela. Oncle Vervain não tivera força suficiente para apanhá-la, isso eu sabia. Nem Sandra Gelada, Mel, nem Matthew. Todos tinham sido escoraçados pelos espíritos.

Em silêncio, Merrick seguia em frente, agarrando a máscara junto ao corpo. Nenhum de nós dois parou, por pior que fosse o terreno aos nossos pés, por mais forte que fosse o calor, até que chegamos ao jipe.

Só então ela abriu a mochila e guardou a máscara. Passou a marcha no jipe, entrou de ré no mato, deu a volta com o carro e partiu para Santa Cruz del Flores a uma velocidade furiosa e ensurdecidora.

Permaneci calado até nos encontrarmos sozinhos na nossa barraca.



MERRICK JOGOU-SE NA CAMA-DE-VENTO E POR UM INSTANTE NÃO FEZ NEM disse nada. Depois, estendeu a mão até a garrafa de Flor de Caña e tomou um bom gole.

Preferi água naquele momento; e, embora a viagem de carro tivesse tido uma duração considerável, meu coração ainda batia forte. E eu sentia a desgraça da idade, ali sentado, tentando recuperar o fôlego.

Finalmente, quando comecei a dizer alguma coisa sobre o que tínhamos feito e sobre como tínhamos agido, quando abri a boca na tentativa de conferir algum tipo de perspectiva àquilo tudo, Merrick fez um gesto para que eu me calasse.

Seu rosto estava esfogeadado. Estava ali sentada como se seu coração também lhe estivesse dando trabalho, mas eu sabia que não se tratava disso. Então, tomou mais um bom gole.

As bochechas pareciam estar ardendo quando ela olhou para mim, sentado na minha cama diante dela. Seu rosto, molhado, coberto de suor.

— O que você viu — perguntou ela —, quando olhou através da máscara?

— Vi todos eles! — disse eu. — Vi um homem que chorava, um sacerdote, talvez, quem sabe um rei, talvez um João-ninguém, só que seus trajes eram belíssimos. Usava lindos braceletes. Usava túnicas longas. Ele me suplicou. Estava choroso e infeliz. Disse-me que aquilo era terrível. Disse-me que os mortos dali não tinham ido embora!

Ela se recostou, descansando o peso nos dois braços, com o peito para cima, os olhos fixos no alto da barraca.

— E você? — perguntei. — O que você viu?

Ela queria responder, mas parecia não conseguir. Voltou a inclinar-se para a frente e estendeu a mão para a mochila, com os olhos indo de um lado para o outro, numa expressão que acertadamente se chama de tresloucada.

— Viu o mesmo que eu? — perguntei-lhe.

Ela fez que sim. Abriu então a mochila e retirou a máscara com tanto cuidado que se poderia pensar que era de vidro. Só então, à fraca luz filtrada da barraca e à luz dourada da única clarabóia, percebi como as feições eram esculpidas com profundidade e esmero. Os lábios eram grossos e longos, arreganhados como num grito. O contorno dos olhos não conferia surpresa à expressão, apenas um ar de calma.

— Olhe — disse ela, enfiando os dedos por uma abertura no alto da testa e

mostrando uma abertura acima de cada orelha. — Estava amarrada ao rosto dele com tiras de couro, provavelmente. Não foi apenas posta sobre os ossos.

— E o que você acha que isso quer dizer?

— Que pertencia a ele, para ver espíritos. Que era dele, e ele sabia que a magia não se destinava a qualquer um, sabia que era uma magia que poderia ser maléfica.

Ela virou a máscara e a ergueu. Estava claro que queria cobrir o rosto com ela, mas algo a impedia. Levantou-se afinal e foi até a porta da barraca. Havia ali uma costura aberta pela qual ela podia olhar lá para fora e por toda a extensão da rua de lama até a pracinha; e era isso o que parecia estar fazendo, segurando a máscara abaixo do rosto.

— Vamos, vá em frente — disse eu —, ou então me dê a máscara para que eu a use.

Hesitante, ela fez o que pretendia. Ergueu a máscara e a segurou com firmeza diante do rosto por um bom tempo, para depois afastá-la com um movimento brusco. Sentou-se exausta na cama-de-vento, como se todo aquele curto exercício de apenas alguns momentos preciosos tivesse sugado suas forças até o âmago. Novamente, suas pupilas dançavam enlouquecidas. Olhou, então, para mim e se acalmou um pouco.

— O que você viu? — perguntei. — Espíritos do lugarejo?

— Não — respondeu ela. — Vi Mel ao Sol. Vi Mel me vigiando. Eu vi Mel. Ai, meu Deus! Eu vi Mel. Você não percebe o que ela fez?

Não respondi de imediato, mas é claro que eu percebia. Deixei que ela falasse.

— Ela me trouxe aqui; me conduziu até uma máscara pela qual eu pudesse vê-la. Ela me apresentou um meio pelo qual consegue aparecer!

— Preste atenção, querida — disse eu, estendendo a mão para segurar seu pulso. — Lute contra esse espírito. Ele não tem direito algum sobre você, não mais do que qualquer outro espírito. A vida pertence aos que estão vivos,

Merrick, e devemos honrar a vida mais que a morte! Você não afogou Mel ao Sol, isso você ouviu dela mesma.

Ela não respondeu. Pôs o cotovelo no joelho e encostou a testa na mão direita. Com a esquerda segurava a máscara. Acho que estava olhando fixamente para ela, mas não pude ter certeza. Merrick começou a tremer.

Com delicadeza, tirei a máscara da sua mão. Coloquei-a com cuidado na minha cama. Lembrei-me então dos objetos que havia recolhido antes de sair da caverna. Enfie a mão no bolso para apanhá-los. Eram quatro pequenas figuras olmecóides perfeitamente esculpidas, duas de criaturas carecas, meio gordas, as outras duas de deuses esguios, de expressão carrancuda. Sentí um calafrio quando olhei para aqueles pequenos rostos. Poderia ter jurado que ouvi um coro de vozes por um instante, como se alguém tivesse aumentado o volume de alguma música amplificada. Então o silêncio investiu contra mim como se fosse palpável. Comecei a suar forte.

Essas criaturinhas, esses pequenos deuses, tinham o mesmo brilho da máscara.

— Vamos levar isso conosco — avisei. — E, no que me diga respeito,

quero revisitar a caverna assim que tiver recuperado minhas forças.

Ela ergueu os olhos.

— Você não pode estar falando sério — disse ela. — Você se disporia a desafiar aqueles espíritos?

— Sim, eu os desafiaria. Não estou dizendo que levemos a máscara até a caverna para olhar através dela. Deus do Céu, nem me ocorreria uma coisa dessas. Mas não posso deixar para trás um mistério inexplorado dessa natureza. Tenho de voltar lá. O que quero fazer é examinar o que está lá com o máximo cuidado possível. Depois, creio que devemos entrar em contato com uma das universidades que atuam aqui e passar a informação exata sobre o que encontramos. Entenda bem, não pretendo falar da máscara. Pelo menos, não enquanto não tivermos certeza de que nosso direito a ela é incontestável.

Era uma questão confusa, essa história de universidades, escavações e direitos a objetos da Antigüidade. E eu não estava nem um pouco disposto a tratar disso naquele momento. Sentia um calor em todo o corpo. Meu estômago estava mareado, o que quase nunca me acontece.

— Preciso ver aquela caverna de novo. Deus é testemunha. Agora sei por que você voltou aqui. Entendo tudo. Quero voltar lá pelo menos uma vez, talvez duas, como vou saber... — Tive de parar de falar. A onda de enjôo passou.

Merrick olhava para mim como se estivesse numa aflição grave e secreta. Parecia estar passando tão mal quanto eu. Com os dedos das duas mãos, empurrou a cabeleira, afastando-a da testa bem-feita. Os olhos verdes pareciam febris.

— Agora, você sabe — disse eu — que temos quatro homens conosco que podem tirar essa máscara do país e levá-la para Nova Orleans sem nenhuma dificuldade. Você quer que eu a entregue a eles agora?

— Não, por enquanto não faça nada — disse ela, levantando-se. — Vou à igreja.

— Fazer o quê? — perguntei-lhe.

— Rezar, David! — disse ela, impaciente, com a expressão irritada. — Você não acredita mesmo em nada? Vou à igreja rezar. — E seguiu caminho.

Cerca de vinte minutos depois que ela saiu, eu finalmente me servi um copo de rum. Estava sentindo muita sede. Era estranho estar ao mesmo tempo enjoado e com sede. Além do ruído de algumas galinhas ou perus, francamente eu não sabia discernir, o lugarejo estava em silêncio, e ninguém veio perturbar minha solidão na barraca.

Olhei fixamente para a máscara e percebi que estava com uma terrível dor de cabeça, que na realidade algo começara a latejar no fundo dos meus olhos. Não me preocupei, porque as dores de cabeça nunca foram um tormento para mim, até que me dei conta de que a máscara estava se tornando um borrão aos meus olhos.

Procurei ajustar o foco. Não consegui. A verdade é que eu sentia que estava todo quente; e todas as picadas de inseto que tinha sofrido começaram a se manifestar.

— Tolice — disse eu, em voz alta —, tomei tudo quanto foi vacina oferecida pela medicina moderna, até mesmo algumas que nem eram

conhecidas quando Matthew pegou aquela febre. — Percebi então que estava falando sozinho. Servi mais uma boa dose de rum e a bebi de uma vez. Eu tinha a impressão bastante vaga de que me sentiria muito melhor se a barraca não estivesse tão apinhada de gente, e desejava que todos fossem embora.

E em seguida compreendi que não podia haver gente na barraca comigo. Ninguém tinha entrado. Procurei recuperar uma lembrança coerente dos últimos momentos, mas alguma coisa tinha sido perdida. Virei-me e olhei de novo para a máscara. Bebi um pouco do rum, que àquela altura tinha um sabor maravilhoso, e larguei o copo para apanhar a máscara.

Parecia tão leve quanto preciosa, e eu a segurei no alto para que a luz brilhasse através dela. Por um instante, pareceu positivamente viva. Uma voz sussurrante, bastante agitada, estava me falando sobre todo tipo de pequenas coisas com as quais eu deveria me preocupar, e alguém disse:

— Outros virão quando milhares de anos tiverem decorrido. — Só que as palavras que eu ouvia não estavam num idioma que eu compreendesse.

— Mas eu o estou entendendo — disse eu em voz alta, e então a voz sussurrante disse algo que pareceu ser uma maldição e uma predição ameaçadora. Estava relacionada ao fato de que é melhor não investigar certas coisas.

A barraca parecia estar em movimento. Ou melhor, o local onde eu estava parecia estar em movimento. Encostei a máscara na minha pele e me senti mais firme. Mas o mundo inteiro estava mudado. Eu estava mudado.

Estava em pé num alto pavilhão, e podia ver as belas montanhas em toda a minha volta, com as partes mais baixas das encostas cobertas pela mata verde e fechada; e o próprio céu era de um azul intenso.

Olhei para baixo e vi uma massa de milhares de pessoas em torno do pavilhão. Mais além, no alto das outras pirâmides havia enormes multidões. As pessoas estavam murmurando, gritando e entoando cantilenas. E, no meu pavilhão, havia um pequeno grupo, todos eles fiéis ao meu lado.

— Você chamará a chuva — disse a voz no meu ouvido — e ela virá. Mas um dia virá a neve no lugar da chuva, e nesse dia você morrerá.

— Não, isso não vai acontecer jamais! — disse eu. Percebi que estava ficando zozinho. Estava a ponto de cair do pavilhão. Voltei-me e estendi as mãos para meus companheiros. — Vocês são sacerdotes? Digam-me o que são — perguntei. — Eu sou David e exijo que me digam. Eu não sou a pessoa que vocês pensam que sou!

Dei-me conta de que estava numa caverna. Quase tinha caído no chão fofo e grosso. Merrick gritava comigo para que eu me levantasse. Diante de mim, estava o espírito que chorava.

— O Espírito Solitário, quantas vezes você me invocou? — disse a criatura alta, com tristeza. — Quantas vezes, você, o mago, procurou alcançar a alma solitária? Você não tem nenhum direito de chamar os que estão entre a vida e a morte. Deixe a máscara aqui. A máscara é um erro, você não entende o que estou lhe dizendo?!

Merrick gritou meu nome. Senti que arrancavam a máscara do meu rosto. Olhei para o alto. Estava deitado na minha cama-de-vento, e ela estava em pé ali

acima.

— Meu Deus, como estou mai — disse-lhe eu. — Estou muito mal. Vá buscar o xamã. Não, não temos tempo para o xamã. Precisamos seguir para o aeroporto agora.

— Calma, calma, sossegue — disse Merrick. Mas seu rosto estava anuviado de medo. Eu ouvia seus pensamentos com nitidez. *Está acontecendo tudo de novo, igual como aconteceu com Matthew. Está acontecendo com David. Eu mesma tenho alguma imunidade profunda, mas está acontecendo com David.*

Fiquei muito calmo no meu íntimo. Vou combater esse mal, resolvi, e deixei a cabeça rolar para um lado do travesseiro, na esperança de que o travesseiro refrescasse meu rosto. Embora eu ouvisse Merrick gritar para que os homens viessem à barraca imediatamente, vi outra pessoa sentada na sua cama.

Era um homem alto e esguio de pele morena e rosto estreito, com os braços cobertos de braceletes de jade. A testa era alta, e os cabelos negros vinham até os ombros. Olhava para mim com tranquilidade. Vi o vermelho escuro da sua longa túnica e a luz que refulgiu na unha do seu pé.

— É você de novo — disse eu. — Você acha que vai me matar. Acha que pode se estender desde seu túmulo antigo para me tirar a vida?

— Não quero matá-lo — murmurou ele, com pouca ou nenhuma mudança na expressão plácida. — Devolva a máscara para seu bem e para o dela.

— Não — disse eu. — Você precisa compreender que não posso fazer isso, não posso abandonar um mistério dessa natureza, não posso simplesmente lhe dar as costas. Você teve sua época, e agora é a minha vez. E vou levar a máscara comigo. Na realidade, é ela quem a está levando. Mas mesmo que ela desistisse, eu a levaria por minha conta.

Continuei a argumentar com ele, num tom baixo e racional, pedindo-lhe compreensão.

— A vida pertence aos que estão vivos — disse eu. Mas àquela altura a barraca estava de fato lotada, com os homens que tinham vindo nos acompanhar. Alguém me pedia que mantivesse um termômetro debaixo da língua. E Merrick dizia: “Não consigo sentir sua pulsação.”

Da viagem até a capital da Guatemala, não me lembro de nada. Quanto ao hospital, poderia ter sido uma instituição médica em qualquer lugar do mundo.

Repetidas vezes, virei a cabeça e me descobri sozinho com o homem de pele de bronze, rosto ova! e braceletes de jade, embora na maioria das vezes ele não falasse. Quando eu tentava falar, outros respondiam, e o homem simplesmente se dissolvia à medida que outro mundo parecia suplantar aquele que eu tinha deixado para trás.

Quando recuperava a plena consciência, o que não era freqüente, eu parecia convicto de que as pessoas na Guatemala teriam maior conhecimento da enfermidade tropical da qual eu estava acometido. Eu não sentia medo. Pela expressão do meu visitante bronzeado, eu sabia que não ia morrer. E não me lembro de modo algum de ter sido transferido para um hospital em Nova Orleans.

O visitante nunca mais apareceu após o retorno a Nova Orleans.

Àquela altura eu já estava me recuperando. E, quando comecei a ter noção

da passagem dos dias, minha febre já estava bem baixa e a “toxina” havia desaparecido totalmente. Logo eu não precisava mais de nutrição intravenosa. Minhas forças estavam voltando.

Meu caso não tinha nada de excepcional. Estava relacionado a uma espécie de anfíbio que eu devo ter encontrado na vegetação baixa. Um simples toque nessa criatura pode ser fatal. Meu contato deve ter sido indireto.

Merrick e os outros não foram atingidos, o que logo me informaram e que me deixou bastante aliviado, se bem que no meu estado de confusão tive de confessar que não havia pensado neles como deveria.

Merrick passava muito tempo comigo, mas Aaron quase sempre estava lá também. Assim que eu começava a dirigir uma questão importante a Merrick, uma enfermeira ou um médico entrava no quarto. Em outras ocasiões, eu me sentia confuso quanto à ordem dos acontecimentos e não queria revelar essa confusão. E ocasionalmente, muito ocasionalmente, eu acordava no meio da noite, convencido nos meus sonhos de que estava de volta na selva.

Afinal, embora eu ainda estivesse tecnicamente doente, fui levado para Oak Haven e instalado no quarto da frente, do lado esquerdo, no andar superior.

Esse é um dos quartos mais agradáveis e adoráveis na casa; e, de roupão e chinelos, antes do anoitecer daquele dia eu já estava saindo para a varanda da frente. Era inverno, mas o verde era fantástico ao meu redor, e a brisa que chegava do rio era bem-vinda.

Afinal, depois de dois dias de “papo furado”, que ameaçava acabar me enlouquecendo, Merrick veio sozinha ao meu quarto. Usava camisola e roupão, e parecia exausta. A bela cabeleira castanha estava presa para trás das têmporas por dois pentes de âmbar. Percebi o alívio no seu rosto quando olhou para mim.

Eu estava na cama, sustentado por travesseiros, com um livro sobre os maias aberto no colo.

— Achei que você fosse morrer — disse ela, sem rodeios. — Rezei por você de um jeito que nunca rezei antes.

— Você acha que Deus ouviu suas orações? — perguntei. E então dei-me conta de que ela não tinha dito nada sobre rezar para Deus. — Diga-me, eu corri perigo de verdade?

Ela pareceu horrorizada pela pergunta. Calou-se então como se estivesse refletindo sobre o que poderia dizer. Eu já tinha parte da minha resposta, apenas pela sua reação à pergunta, por isso esperei paciente até ela se dispor a falar.

— Houve horas na Guatemala — disse ela — em que me disseram que não era provável que você agüentasse muito mais. Eu os mandava embora, desde que me obedecessem, e punha a máscara no rosto. Conseguia ver seu espírito logo acima do corpo lutando para subir e se livrar do corpo. Eu via o espírito entendido ao longo de você, seu duplo, em ascensão, e eu fazia força com a mão para empurrá-lo de volta para o lugar.

Senti por ela um amor terrível, avassalador.

— Graças a Deus que você fez isso — disse eu. Ela repetiu minhas palavras do lugarejo na selva.

— A vida pertence a quem está vivo.

— Você se lembra de eu ter dito isso? — perguntei-lhe, ou melhor

expressei-lhe minha gratidão.

— Isso você disse muitas vezes — respondeu ela. — Você achava que estava falando com alguém, aquela pessoa que nós dois vimos na boca da caverna antes de conseguir fugir. Achava que estava debatendo com ele. E então, um dia de manhã, muito cedo, quando acordei na cadeira e descobri que você estava consciente, você me disse que tinha vencido.

— O que nós vamos fazer com a máscara? — perguntei. — Eu me vejo tornando-me fascinado por ela. Vejo-me testando-a em outras pessoas, mas em segredo. Vejo-me transformado em seu escravo doentio.

— Não vamos deixar que isso aconteça — disse ela. — Além do mais, os outros não são afetados da mesma forma.

— Como você sabe? — perguntei.

— Os homens na barraca, quando você estava piorando cada vez mais, eles a apanharam. Achavam, é claro, que se tratava de um objeto raro. Um deles imaginou que o tivéssemos comprado de alguém do lugarejo. Ele foi o primeiro a olhar através dela. Não viu nada. Depois, mais um dos homens olhou também. E assim por diante...

— E aqui em Nova Orleans?

— Aaron não viu nada através da máscara — disse ela. E então com um certo tom de tristeza na voz, acrescentou. — Não contei a ele tudo o que aconteceu. Cabe a você contar, se quiser.

— E você? — insisti. — O que você vê quando olha pela máscara agora? Ela abanou a cabeça. Afastou um pouco o olhar, mordendo o lábio inferior em desespero, e olhou de novo para mim.

— Vejo Mel quando olho pela máscara. Quase sempre. Vejo Mel ao Sol, e só. Vejo-a nos carvalhos perto da casa matriz. Vejo-a no jardim. Vejo-a sempre que olho através da máscara. O mundo continua como é ao redor dela. Mas ela sempre está presente. — Deixou passar um bom tempo e então confessou.

— Acredito que foi tudo obra de Mel. Mel me instigou com pesadelos. Oncle Vervain nunca esteve lá de verdade. Era sempre Mel ao Sol, com sua voracidade pela vida, e como eu poderia culpá-la? Ela nos mandou voltar lá para apanhar a máscara a fim de que ela pudesse aparecer. Jurei que não vou permitir isso. Quer dizer, não vou permitir que ela se fortaleça cada vez mais por meu intermédio. Recuso-me a ser usada e destruída por ela. É como você disse. A vida pertence aos que estão vivos.

— Não adiantaria conversar com ela? Não adiantaria nada dizer-lhe que está morta?

— Ela sabe — disse Merrick, com tristeza. — Mel é um espírito poderoso e cheio de artimanhas. Se você, na qualidade de superior geral, me disser que quer tentar um exorcismo, que deseja que eu me comunique com ela, eu o farei; mas, sozinha, eu nunca, jamais, cederei a ela. Mel é esperta demais. Forte demais.

— Nunca vou lhe pedir para fazer algo semelhante — respondi rapidamente. — Venha, sente-se aqui ao meu lado. Deixe-me abraçá-la. Estou fraco demais para lhe fazer mal.

Agora que reexaminio essas histórias, não sei ao certo por que não contei a

Merrick tudo sobre o espírito de rosto oval e sobre como ele continuou a aparecer para mim durante toda a minha enfermidade; especialmente quando eu estava perto da morte. Talvez tivéssemos trocado confidências sobre minhas visões quando eu estava febril. Só sei que não conversamos sobre elas em detalhe quando avaliamos todo o acontecido.

Quanto à minha reação pessoal ao espírito, eu sentia medo dele. Tinha roubado um lugar que lhe era precioso. Tinha agido com ferocidade e egoísmo. E embora a doença tivesse extinguido grande parte do meu desejo de explorar o mistério da caverna, eu temia a volta do espírito.

Por sinal, acabei vendo esse espírito mais uma vez.

Foi muitos anos mais tarde. Naquela noite em Barbados em que Lestat veio me ver e decidiu me transformar em vampiro contra minha vontade.

Como vocês bem sabem, eu não era mais o idoso David. Isso aconteceu após nosso terrível entreviro com o Ladrão de Corpos. Eu me sentia invencível no meu novo corpo jovem, e não tinha pensado em pedir a vida eterna a Lestat. Quando ficou claro que ele pretendia me forçar, lutei com todas as minhas forças.

Em algum ponto nesse meu vão esforço para me proteger do sangue vampiresco, invoquei Deus, os anjos, qualquer um que me pudesse ajudar. Invoquei meu orixá, Oxalá, no velho idioma do candomblé em português.

Não sei se minhas preces foram ouvidas pelo meu orixá, mas o quarto de repente foi invadido por pequenos espíritos, nenhum dos quais poderia assustar ou impedir Lestat de modo algum. E, enquanto ele sugava meu sangue até a morte, foi o espírito da caverna que vislumbrei no instante em que meus olhos se fechavam.

Quando eu estava perdendo a batalha pela vida, para não falar no direito de ser mortal, pareceu-me que vi o espírito da caverna parado perto de mim, com os braços estendidos, e vi dor na sua expressão.

A figura tremia, mas estava plenamente realizada. Vi os braceletes nos seus braços. Vi sua longa túnica vermelha. Vi as lágrimas no seu rosto.

Foi apenas um instante. O mundo dos objetos sólidos e das coisas do espírito bruxuleou e se apagou.

Caí num estupor. Não me lembro de mais nada até o momento em que o sangue sobrenatural de Lestat inundou minha boca. Àquela altura, eu via apenas Lestat e soube que minha alma estava entrando em ainda mais uma aventura, uma aventura que me levaria muito além dos meus sonhos mais espantosos.

Nunca mais vi o espírito da caverna.

Deixem-me, porém, terminar minha história sobre Merrick. Não resta muito mais a dizer.

Após uma semana de convalescença na casa matriz de Nova Orleans, vesti meu costumeiro terno de *tweed* e desci para o café da manhã, com os outros membros ali reunidos.

Mais tarde, Merrick e eu caminhamos no jardim, que estava repleto de camélias lindas, exuberantes, com sua folhagem escura, que se dão muito bem no inverno, mesmo com alguma geada leve. Vi botões cor-de-rosa, vermelhos e brancos, dos quais nunca me esqueci. Cresciam por toda parte gigantescos pés de taioba e orquídeas com suas flores roxas. Como a Louisiana consegue ser bela no

inverno. Como é exuberante, vigorosa e remota.

— Guardei a máscara na caixa-forte, numa caixa lacrada, com meu nome — disse-me Merrick. — Sugiro que a deixemos lá.

— Sem sombra de dúvida — respondi. — Mas você precisa me prometer que, se algum dia mudar de idéia acerca da máscara, irá me chamar antes de tomar a menor providência.

— Não quero mais ver Mel! — disse ela, baixinho. — Já lhe disse. Ela quer me usar, e isso não vou permitir. Eu estava com dez anos de idade quando ela foi assassinada. Estou cansada, muito cansada de chorar por Mel. Você não precisa nunca se preocupar. Não vou voltar a pôr as mãos na máscara se tiver escolha, pode acreditar em mim.

Ao que eu soubesse, Merrick tinha sido fiel ao seu voto.

Depois de terminar uma carta detalhada sobre nossa expedição, para uma universidade da nossa escolha, lacramos de modo permanente os registros e a máscara assim como os ídolos, o perfurador que Merrick tinha usado na magia, todos os documentos originais de Matthew e o que restava do mapa de Oncle Vervain. Tudo foi mantido guardado em Oak Haven, com acesso permitido somente a Merrick ou a mim.

Na primavera, recebi um telefonema dos Estados Unidos, de Aaron, com a notícia de que investigadores na região de Lafayette, Louisiana, tinham encontrado os destroços do carro de Sandra Gelada.

Aparentemente Merrick os teria levado a uma parte do pântano onde o veículo fora submerso anos antes. Dos cadáveres restava o suficiente para garantir que duas mulheres estavam no automóvel no momento em que afundou. Os ossos do crânio das duas revelaram fraturas graves e potencialmente fatais. Mas ninguém conseguiu determinar se qualquer uma das vítimas tinha sobrevivido aos golpes tempo suficiente para morrer afogada.

Sandra Gelada foi identificada pelos fragmentos de uma bolsa e os vários objetos no seu interior, especialmente um relógio de bolso de ouro numa bolsinha de couro. Merrick reconhecera o relógio de bolso de imediato, e a inscrição foi a comprovação.

— Para meu querido filho, Vervain, do seu pai, Alexias André Mayfair, 1910.

Quanto a Mel ao Sol, os ossos que restavam comprovavam a identificação de uma menina de dezesseis anos. Não se podia descobrir mais nada.

Arrumei a mala imediatamente. Pelo telefone, disse a Merrick que estava a caminho.

— Não venha, David — disse ela, com calma. — Está acabado. As duas foram enterradas no jazigo da família no cemitério de St. Louis. Não há mais nada a fazer. Estou voltando ao Cairo para trabalhar, assim que você me der permissão.

— Minha querida, você pode ir logo. Mas sem dúvida deve fazer uma parada em Londres.

— Eu não pensaria em seguir em frente sem vê-lo — disse ela. E estava a ponto de desligar quando eu a interrompi.

— Merrick, o relógio de ouro agora é seu. Limpe-o. Conserte-o. Fique com

ele. Ninguém pode negá-lo a você agora.

Houve um silêncio inquietante na outra ponta da linha.

— Já lhe contei, David, que Oncle Vervain sempre dizia que eu não precisava dele — respondeu ela. — Dizia que ele batia para Sandra Gelada e Mel. Não para mim.

Considere essas palavras um pouco assustadoras.

— Honre a memória delas, Merrick, e honre seus desejos — insisti. — Mas a vida e seus tesouros pertencem aos que estão vivos.

Uma semana depois, almoçamos juntos. Ela estava viçosa e convidativa como sempre, com o cabelo castanho puxado para trás na fivela de couro que aprendi a adorar.

— Não usei a máscara para encontrar aqueles corpos — explicou de pronto. — Quero que você saiba disso. — E prossegui. — Fui até Lafayette e segui confiando no meu instinto e nas minhas preces. Dragamos diversas áreas até termos sorte. Ou talvez se possa dizer que Grande Nannan tenha me ajudado a encontrar os corpos. Grande Nannan sabia o quanto eu queria encontrá-los. Quanto a Mel, eu ainda a sinto perto de mim. Às vezes fico tão triste por ela, às vezes fraguejo...

— Não, você está falando de um espírito — protestei —, e um espírito não é necessariamente a pessoa que se conheceu ou que se amou.

Daí em diante, Merrick não falou de nada além do seu trabalho no Egito. Estava feliz por estar voltando para lá. Tinham ocorrido algumas descobertas no deserto, resultantes de fotografias aéreas, e Merrick tinha uma reunião marcada que poderia levá-la a ver um túmulo novo, não documentado até então.

Era maravilhoso vê-la tão bem. Enquanto eu pagava a conta, ela tirou o relógio de bolso de ouro de Oncle Vervain.

— Quase me esqueci disso — disse ela. Estava perfeitamente polido e abriu ao toque do seu dedo, com um estalido audível. — É claro que não pode ser consertado — explicou, segurando-o com carinho. — Mas gosto de tê-lo comigo. Está vendo? Os ponteiros estão parados em dez para as oito.

— Você acha que isso tem alguma relação? — perguntei, hesitante. — Quer dizer, alguma relação com a hora da morte delas?

— Acho que não — respondeu ela, com um leve dar de ombros. — Acho que Sandra Gelada nunca se lembrava de lhe dar corda. Acho que o levava na bolsa por motivos sentimentais. É incrível que não o tenha posto no penhor. Outras coisas ela penhorou. — Merrick devolveu o relógio à bolsa e me deu um sorriso tranquilizador.

Acompanhei-a no longo percurso até o aeroporto e fui até o avião com ela.

Tudo estava calmo até os últimos instantes. Éramos dois seres humanos civilizados, que se despediam e pretendiam se rever em breve.

E então algo se partiu dentro de mim. Era doce, terrível e imenso demais para mim. Dei-lhe um abraço.

— Minha querida, meu amor — disse-lhe eu, sentindo-me um perfeito idiota e desejando sua juventude e sua devoção com toda a minha alma. Ela não me ofereceu nenhuma resistência, entregando-se a beijos que me arrasavam o coração.

— Nunca vai haver mais ninguém — murmurou ela no meu ouvido. Lembro-me de tê-la afastado de mim, tê-la segurado pelos ombros; e então me voltei, sem dar sequer um olhar para trás, e fui embora apressado.

O que eu estava fazendo a essa moça? Eu acabava de completar setenta anos, e ela ainda não tinha chegado aos vinte e cinco.

No entanto, no longo trajeto de volta à casa matriz, eu me dei conta de que, por mais que tentasse, não conseguiria mergulhar fundo no necessário estado de culpa.

Eu amara Merrick como um dia tinha amado Joshua, o garoto que me considerou o melhor amante do mundo. Eu a amara por meio da tentação e pela minha entrega a essa tentação, e nada jamais iria me fazer negar aquele amor a mim mesmo, a ela ou a Deus.

Durante todo o tempo restante que a conheci, Merrick permaneceu no Egito, passando por Londres sempre que voltava para casa em Nova Orleans, talvez duas vezes por ano.

Uma vez ousei perguntar-lhe direto por que não se interessava pelas tradições maias.

Acho que a pergunta a irritou. Merrick não gostava de pensar naquela selva, muito menos de falar sobre ela. Achava que eu devia ter conhecimento disso, mas me respondeu com cortesia mesmo assim.

Explicou com clareza que enfrentava obstáculos em excesso ao estudar a Mesoamérica, em especial a questão dos dialetos, dos quais nada sabia, e da experiência arqueológica no campo, da qual era totalmente carente. Seu aprendizado a levava ao Egito, onde conhecia a escrita, conhecia as lendas, conhecia a história. Era lá que pretendia permanecer.

— A magia é a mesma em toda parte — disse ela mais de uma vez. Mas isso não a impediu de dedicar a vida a ela.

Há mais uma peça que eu possuo desse quebra-cabeça chamado Merrick. Enquanto Merrick estava trabalhando no Egito, naquele ano posterior à nossa viagem à selva, Aaron me escreveu uma estranha carta, da qual nunca me esquecerei.

Ele me contava que a placa do carro encontrado no pântano havia levado as autoridades ao vendedor de carros usados que havia assassinado suas jovens freguesas, Sandra Gelada e Mel. De fato, o homem era um marginal com uma longa ficha criminal; e não havia sido nem um pouco difícil rastreá-lo. Agressivo e de certo modo cruel por natureza, o malfetor voltara algumas vezes ao longo dos anos ao próprio mercado de automóveis usados onde conhecera suas vítimas, e sua identidade era conhecida de uma grande quantidade de pessoas que podiam associá-lo ao carro encontrado no pântano.

Uma confissão dos crimes não tardou, muito embora fosse considerado que o homem não gozava de sanidade mental.

“As autoridades me avisaram que o camarada está apavorado”, escreveu Aaron. “Ele insiste que está sendo perseguido por um espírito, e que faria qualquer coisa para expiar essa culpa. Ele implora por drogas que o deixem inconsciente. Tenho certeza de que será internado num hospital psiquiátrico, apesar da nítida perversidade dos crimes.”

Naturalmente, Merrick foi informada de toda a história. Aaron enviou-lhe um maço de recortes de jornal, assim como todos os autos do processo que pôde obter. No entanto, para grande alívio meu, Merrick não quis voltar à Louisiana naquela ocasião.

“Não há nenhuma necessidade de eu me defrontar com essa pessoa”, escreveu-me ela. “Tenho certeza, por tudo o que Aaron me disse, de que foi feita justiça.”

Menos de duas semanas depois, Aaron me informou por carta que o assassino de Sandra Gelada e Mel tinha se suicidado.

Liguei imediatamente para Aaron.

— Você contou a Merrick? — perguntei.

Depois de um longo silêncio, Aaron falou com total calma.

— Suspeito que Merrick saiba.

— E por que cargas d'água você diz isso? — perguntei de pronto. A reticência de Aaron sempre me impacientou. Porém, dessa vez, ele não ia me deixar sem uma explicação.

— O espírito que atormentava esse homem — disse Aaron — era de uma mulher alta, de cabelo castanho e olhos verdes. Agora, isso não combina com nossos retratos de Sandra Gelada nem de Mel ao Sol, combina?

Respondi que não, que não combinava.

— Bem, agora, ele já morreu, pobre coitado — disse Aaron. — E talvez agora Merrick possa continuar seu trabalho em paz.

Foi exatamente isso o que Merrick fez: continuou seu trabalho em paz.

E agora:

Agora, depois de todos esses anos, voltei a procurá-la, pedindo-lhe que desperte a alma da Criança Morta, Claudia, para Louis e para mim.

Pedi-lhe abertamente que use sua magia, o que poderia sem dúvida significar usar a máscara, que sei que está sob sua guarda em Oak Haven, como sempre estive, a máscara que lhe permite ver espíritos entre a vida e a morte.

Eu fiz isso. Eu, que sei o que ela sofreu e sei que pessoa boa e feliz ela poderia ser, e é.



FALTAVA UMA HORA PARA O AMANHECER QUANDO TERMINEI MEU RELATO.

Louis tinha escutado todo aquele tempo em silêncio, sem nunca levantar uma pergunta, sem jamais criar a menor distração, mas apenas absorvendo minhas palavras.

Por respeito a mim, ele permaneceu calado, mas eu conseguia ver uma enxurrada de emoções no seu rosto. Os olhos verde-escuros faziam com que eu pensasse nos de Merrick; e por um instante senti tamanho desejo por ela, tamanho horror pelo que eu tinha feito, que não consegui falar.

Finalmente Louis explicou as próprias percepções e sensações que me estavam dominando enquanto eu pensava em tudo o que dissera.

— Nunca me dei conta de como você amava essa mulher — disse ele. — Nunca percebi como você é diferente de mim.

— Eu a amo, sim, e eu mesmo talvez não percebesse o quanto até lhe contar a história. Eu me fiz enxergar. Eu me fiz lembrar. Fiz-me vivenciar novamente minha união com ela. Mas, quando você diz que você e eu somos diferentes, precisa esclarecer o que quer dizer com isso.

— Você é sábio — disse ele —, sábio de uma forma que somente um ser humano idoso pode ser. Você viveu a velhice de um modo que nenhum outro de nós jamais conheceu. Nem mesmo a grande mãe, Maharet, conheceu a fraqueza antes de se tornar vampiresa séculos atrás. Sem dúvida, Lestat jamais captou seu sentido, apesar de todos os ferimentos sofridos. E eu? Eu sou jovem demais há tempo demais.

— Não se condene por isso. Você acha que os seres humanos foram criados para conhecer a amargura e a solidão que conheci nos meus últimos anos como mortal? Creio que não. Como todas as criaturas, nós fomos feitos para viver até nossa plenitude. Todo o resto é uma catástrofe espiritual e física. Disso estou convencido.

— Não posso concordar com você — disse ele, em tom humilde. — Que tribo na terra não teve seus anciãos? Quanto de nossa arte e de nosso conhecimento vem daqueles que viveram até uma idade avançada? Quando diz esse tipo de coisa, você me lembra Lestat falando do seu Jardim Selvagem. O mundo nunca me pareceu um lugar irremediavelmente selvagem.

Dei um sorriso.

— Você acredita em tantas coisas — disse eu. — Basta pressioná-lo para

descobri-las. E no entanto você nega o valor de tudo o que aprendeu, com essa sua constante melancolia. Você nega, sabia?

Ele fez que sim.

— Não consigo ver sentido nas coisas, David.

— Talvez não nos caiba ver o sentido, a nenhum de nós, quer muito jovens, quer velhos.

— É possível que sim — disse ele. — Mas o que é importantíssimo agora é que nós dois façamos um voto solene. Não vamos ferir essa mulher singular e cheia de energia vital. Sua força não nos ofuscará. Vamos saciar sua curiosidade e ser justos com ela, protegendo-a, mas não lhe causaremos nenhum mal.

Concordei. Eu sabia muito bem o que ele estava querendo dizer. Ai, como eu sabia!

— Quem me dera poder dizer — murmurou ele — que retiramos nosso pedido. Quem me dera que eu pudesse agüentar viver sem a magia de Merrick. Quem me dera poder deixar este mundo sem jamais ver o espírito de Claudia.

— Não fale em deixar este mundo, por favor, não posso escutar isso — apressei-me a dizer.

— Ah, mas eu preciso falar nisso. É só nisso que penso.

— Então pense naquelas palavras que eu disse ao espírito na caverna. A vida pertence aos que estão vivos. Você está vivo.

— A que preço? — disse ele.

— Louis, nós dois somos desesperados pela vida. Recorremos à magia de Merrick em busca de consolo. Sonhamos em olhar através da máscara, nós mesmos, não é? Queremos ver algo que faça com que tudo se encaixe, não é mesmo?

— Não sei se sou tão determinado, David. — Seu rosto estava anuviado de preocupação, carregado de finas linhas nos cantos dos olhos e da boca, linhas que desapareciam sempre que estava calmo. — Não sei o que eu quero — confessou. — Ah, mas poder ver espíritos como Merrick os viu, como você os viu! Ah, se ao menos eu ouvisse o cravo etéreo que outros ouvem nesta casa! Ah, se eu pudesse falar com um espírito com a força de Mel ao Sol, o que isso significaria para mim!

— Louis, o que pode fazê-lo querer continuar? — perguntei. — O que poderia fazê-lo ver que somos testemunhas privilegiadas do que o mundo tem a oferecer de todos os lados?

Ele riu. Um riso curto, educado, porém desdenhoso.

— Uma consciência limpa, David — respondeu ele. — O que mais poderia ser?

— Então aceite o sangue que tenho para lhe dar — disse-lhe eu. — Aceite o sangue que Lestat lhe ofereceu mais de uma vez. Aceite o sangue que você recusou tantas vezes, e passe a ser forte o suficiente para viver com o “pequeno gole”, afastando de si a morte.

Surpreendi-me um pouco com a veemência com que fiz essa recomendação, porque antes dessa conversa, antes dessa longa noite de relatos, eu tinha considerado muito sábia sua decisão de recusar o sangue poderoso.

Como já afirmei nesta narrativa, ele era fraco o suficiente para que o sol o

pudesse destruir com facilidade; e nisso residia um imenso consolo que Lestat e eu não compartilhávamos.

Agora, ele me contemplava com um ar de interesse. E eu não via condenação nos seus olhos.

Levantei-me e comecei a andar lentamente pela sala. Mais uma vez, olhei para o quadro colorido e confiante de Monet. Toda a minha vida de repente me pareceu próxima; toda a minha determinação era de viver.

— Não, não posso morrer por minha própria vontade — murmurei —, nem mesmo se for tão simples quanto uma exposição ao sol. Isso eu não posso fazer. Eu quero saber o que acontece! Quero saber quando e se Lestat vai acordar do seu sono em devaneio. Quero saber o que há de acontecer a Merrick! Quero saber o que há de acontecer a Armand. O fato de poder viver para sempre? Ai, como lhe dou valor! Não posso fingir ser o mortal que um dia disse não a Lestat. Não posso voltar ao passado e reivindicar a posse daquele coração sem imaginação.

Voltei-me e pareceu que a sala estava pulsando com violência ao meu redor, todas as suas cores se fundindo, como se o espírito de Monet tivesse infectado a própria trama da matéria sólida e do ar. E mais além estava a noite selvagem — o Jardim Selvagem de Lestat — e as estrelas aleatórias e incontestáveis.

Quanto a Louis, ele estava fascinado como só ele consegue se fascinar, numa entrega como os homens quase nunca se entregam, não importa a forma com a qual se apresente o espírito masculino.

— Vocês são todos tão fortes — disse ele num tom grave, triste, cheio de reverência. — Tão fortes.

— Mas vamos fazer aquele voto, meu amigo — disse eu —, com relação a Merrick. Chegará uma hora em que Merrick vai querer essa magia e vai nos repreender pelo nosso egoísmo, dizendo que imploramos pela dela ao passo que lhe recusamos a nossa.

Louis parecia estar quase a ponto de chorar.

— Não a subestime, David — disse ele, com a voz embargada. — Talvez ela, a seu próprio modo, seja tão invencível quanto você era. Talvez ela nos reserve choques, dos quais não fazemos a menor idéia.

— Foi nisso que o levei a acreditar? — perguntei. — Com tudo o que eu disse?

— Você me fez um retrato dela com detalhes profundos e duradouros, David. Você acha que ela não conhece minha aflição? Você acha que ela não a vai sentir quando nos encontrarmos? — Ele hesitou e então prosseguiu. — Ela não vai querer compartilhar da nossa existência. Por que iria, se consegue se fazer aparecer a outras pessoas, se consegue olhar através de uma máscara de jade e ver o espírito da irmã? De tudo o que você disse, cheguei à conclusão de que ela não vai se dispor de modo algum a renunciar para sempre à visão da arcia egípcia ao sol do meio-dia.

Sorri. Não pude me conter. Eu achava que ele estava redondamente enganado.

— Não sei, meu amigo — disse eu, num esforço de cortesia. —

Simplemente não sei. Só sei que estou engajado nesse nosso objetivo maldito. E que tudo o que recordei deliberadamente não me ensinou a ter cautela ou a ser gentil.

Ele se levantou da poltrona, devagar, em silêncio, e foi até a porta da sala. Percebi que estava na hora de ele ir até seu caixão, e que logo eu deveria fazer o mesmo.

Acompanhei-o, e nós dois saímos da casa juntos, descendo pela escada de ferro dos fundos e atravessando o jardim úmido até o portão da frente.

Cheguei a ver o gato preto um instante no alto do muro dos fundos, mas não o mencionei, certo de que os gatos são simplesmente comuns em Nova Orleans e de que eu estava sendo um pouco bobo.

Afinal, chegou a hora de nos separarmos.

— Vou passar as próximas noites com Lestat — disse Louis, baixinho. — Quero ler para ele. Ele não reage, mas também não me impede. Você saberá onde me encontrar quando Merrick voltar.

— Ele nunca lhe diz nada? — perguntei, com relação a Lestat.

— Às vezes, fala, só um pouco. Talvez me peça Mozart, ou que lhe leia poesia antiga. Mas em geral está como você mesmo o viu, inalterado. — Parou e então olhou direto para o céu. — Quero ficar sozinho com ele algumas noites, suponho, antes que Merrick volte.

Seu tom tinha um ar de irrevocabilidade e uma tristeza que me tocavam no âmago. Ele estava se despedindo de Lestat, era isso o que estava fazendo, e eu sabia que o sono de Lestat era profundo e perturbado a tal ponto que mesmo uma mensagem tão terrível de Louis poderia chegar a não despertá-lo.

Fiquei observando Louis ir embora enquanto o céu clareava cada vez mais. Estava ouvindo o canto dos pássaros da manhã. Pensei em Merrick, e a desejei. Desejei-a apenas como um homem poderia desejá-la. E, como vampiro, quis esgotar sua alma e tê-la à disposição eternamente para minhas visitas, sempre a salvo. Eu estava de novo sozinho com ela naquele instante precioso na barraca em Santa Cruz del Flores, e senti aquele prazer efêmero ligar meu cérebro e meu corpo orgástico.

Era uma maldição trazer para a existência vampírica um excesso de lembranças mortais. O fato de ter sido velho decerto significava conhecimento e experiência sublime. E a maldição tinha uma riqueza e um esplendor que eu não poderia negar.

Ocorreu-me então, se Louis realmente acabasse com a própria vida, se chegasse a dar um fim a essa sua jornada sobrenatural, como eu poderia me justificar diante de Lestat, de Armand ou de mim mesmo?

Passou-se uma semana até eu receber uma carta de Merrick escrita à mão. Ela estava de volta à Louisiana.

Meu querido David,

Venha à minha velha casa amanhã à noite assim que puder. Eu lhe garanto que o zelador estará fora da propriedade. E eu estarei sozinha no quarto da frente.

É meu desejo conhecer Louis e ouvir dele mesmo o que ele deseja que eu faça.

Quanto àqueles objetos que um dia pertenceram a Cláudia, estou com o rosário, o diário e a boneca.

Todo o resto pode ser providenciado.

Eu não cabia em mim de felicidade. Esperar até o dia seguinte seria um tormento. Fui imediatamente até St. Elizabeth's, o prédio em que Lestat passava suas horas de solidão, deitado no piso da antiga capela.

Quando entrei, Louis estava lá, sentado no mármore, ao lado de Lestat, lendo em voz baixa um velho livro de poesia inglesa.

Li a carta para Louis.

Não houve absolutamente nenhuma alteração na atitude de Lestat.

— Sei onde é a casa — disse Louis. Sua empolgação era imensa, se bem que me parecesse que ele se esforçava para ocultá-la. — Estarei lá. Imagino que devesse ter pedido sua permissão, mas fui descobrir o lugar ontem à noite.

— Perfeito — respondi. — Encontro-me com você lá amanhã ao anoitecer. Mas preste atenção, você precisa...

— Continue, diga o que tem a dizer — insistiu ele, com delicadeza.

— Você precisa se lembrar de que ela é uma mulher poderosa. Nós juramos protegê-la, mas nem por um momento imagine que ela seja fraca.

— E é assim que não paramos de falar nela — disse ele, com paciência. — Eu o entendo. Sei o que quer dizer. Quando me propus a seguir por esse caminho, preparei-me para o desastre. E amanhã à noite, vou estar tão preparado quanto for possível.

Lestat não demonstrou o menor sinal de ter ouvido nossa conversa. Estava deitado como antes: o paletó de veludo vermelho enrugado e empoeirado; o cabelo louro, uma massa desgrenhada.

Ajoelhei-me e dei um beijo respeitoso no rosto de Lestat. Ele continuou com o olhar fixo na penumbra à sua frente. Mais uma vez tive a nítida impressão de que sua alma não estava no corpo, não da forma que acreditamos que esteja. Queria tanto lhe falar da nossa empreitada, mas a verdade é que eu não sabia ao certo se queria que ele soubesse.

Ocorreu-me com perfeita clareza que, se soubesse o que pretendíamos fazer, Lestat nos impediria. Como ele devia estar distante de nós em pensamento!

Quando estava saindo, ouvi Louis continuar a ler numa voz baixa, melodiosa e levemente emocionada.



NA NOITE DO ENCONTRO MARCADO, O CÉU ESTAVA MUITO CLARO A NÃO SER por algumas nuvens distintas e de um branco iluminado. As estrelas estavam pequenas, mas eu conseguia vê-las, por menor que fosse o consolo que me proporcionavam. O ar em si não apresentava uma umidade tão terrível, mas fazia um calor agradável.

Louis veio encontrar-se comigo junto ao portão da entrada de veículos na Rue Royale; e, no meu nervosismo, pouco me dei conta da sua aparência além do fato de estar extraordinariamente bem-vestido.

Como mencionei antes, ele não costuma escolher muito bem seus trajes, mas ultimamente vinha demonstrando alguma melhora. E naquela noite estava claro que se esforçara ao máximo.

Repetindo, eu estava interessado demais no nosso encontro com Merrick para prestar muita atenção a esse ponto. Tendo percebido que ele não estava sedento, que na realidade parecia bastante corado e humano — uma confirmação de que já se havia alimentado —, parti com ele de imediato na direção da casa de Merrick.

Enquanto atravessávamos o velho bairro desolado e lúgubre, nenhum de nós dois pronunciou uma palavra sequer.

Muitos pensamentos se precipitavam pela minha cabeça. Meu relato da história de Merrick me deixara muito mais próximo dela do que eu me sentira na noite do nosso encontro no café na Rue St. Anne, e meu desejo de voltar a ver Merrick, em absolutamente qualquer circunstância, era mais forte do que eu me dispunha a admitir.

No entanto, a questão do recente feitiço de Merrick me atormentava. Por que ela teria mandado visões de si mesma para me deslumbrar? Queria lhe fazer essa pergunta abertamente, e tinha a impressão de que essa questão precisava ser esclarecida antes de prosseguirmos.

Quando chegamos à casa restaurada, com sua alta cerca de estacas de ferro, insisti com Louis para que tivesse a paciência de esperar um momento enquanto eu dava uma volta para examinar o lugar.

De imediato, constatee que as casinhas de cada lado da grande propriedade de Merrick estavam totalmente destruídas. E o terreno em si, como mencionei, era cercado por três lados e ao longo de parte da frente por muros muito altos de alvenaria.

Pude ver um denso agrupamento de árvores no quintal de Merrick, das

quais duas eram carvalhos imensos e mais uma era uma nogueira-pecã alta e frondosa, que tentava se livrar dos teixos exuberantes apinhados de encontro aos muros. Uma luz bruxuleante subia na direção da folhagem e do emaranhado dos galhos. Eu sentia o cheiro de incenso e da cera de velas. De fato, captei muitos odores mas nenhum cheiro de um intruso, e era isso o que importava naquela hora.

Quanto ao apartamento do zelador no sobrado dos fundos, estava vazio e trancado. Isso foi muito do meu agrado, já que eu não queria lidar de modo algum com esse mortal.

No que dizia respeito a Merrick, eu sentia sua presença com facilidade, independentemente das paredes. Por isso, voltei bem rápido até Louis, que estava em pé diante do portão de ferro entre o jardim da frente e a rua.

As espirradeiras de Merrick ainda não estavam floridas, mas formavam uma imponente moita de verdor; e muitas outras flores cresciam desordenadas, em especial o hibisco africano vermelho-vivo e o malvaisco roxo com seus galhos rígidos, além dos copos-de-leite brancos, agressivos com suas folhas enceradas em formato de lança.

As magnólias das quais eu mal me lembrava tinham crescido de modo incrível na última década e agora compunham um grupo de sentinelas impressionantes junto à varanda da frente.

Louis estava parado, paciente, contemplando os vitrais das portas da frente como se sua empolgação fosse enlouquecedora. A casa estava totalmente às escuras, a não ser pela sala de visitas, a sala na qual o caixão de Grande Nananne tinha sido exposto tantos anos atrás. Eu podia detectar a luz trêmula de velas no quarto da frente, mas duvido que o olho de um mortal pudesse vê-lo através das cortinas fechadas.

Entramos logo pelo portão, fazendo farfalhar a folhagem ameaçadora, subimos a escada e tocamos a campainha. Ouvi a voz baixa de Merrick de dentro da casa.

— David, pode entrar.

Estávamos no sombrio hall de entrada. Um enorme tapete chinês de cores brilhantes cobria o assoalho encerado num vistoso esplendor moderno, e o grande lustre novo de cristal ali acima estava apagado e dava a impressão de ser feito de um monte de gelo trabalhado.

Acompanhei Louis à sala de visitas, e lá estava Merrick sentada, usando um vestido de seda branca, abotoado até a cintura, perfeitamente descontraída, numa das cadeiras de mogno de Grande Nananne.

Com sua luz fraca, um abajur de pé a iluminava de uma forma fantástica. Nossos olhos de imediato se encontraram, e eu senti uma onda de amor por ela. Queria que de algum modo ela soubesse que eu havia revisitado nossas lembranças; que exercera a prerrogativa de compartilhá-las com alguém em quem confiava totalmente; e o quanto eu a amava.

Também queria que ela soubesse o profundo desagrado que me causavam as visões que me enviara recentemente. E que, se ela estava de algum modo associada àquele detestável gato preto, isso não me divertia nem um pouco!

Acho que ela sabia tudo isso. Vi que me deu um sorriso discreto enquanto

íamos entrando na sala.

Eu estava prestes a tocar no assunto da sua magia maléfica. Mas fui impedido.

Foi simplesmente a expressão no seu rosto no momento em que seus olhos deram com Louis quando ele entrou na área iluminada.

Embora estivesse tranqüila e esperta como sempre, ocorreu uma total alteração no seu rosto.

Ela se levantou para recebê-lo, o que me surpreendeu; e seu semblante estava sereno e exposto em perfeito espanto.

Foi então que percebi como Louis tinha se vestido com esmero, num terno bem-cortado de fina lã negra. Usava uma camisa de seda creme com um pequeno alfinete de ouro na gravata cor de rosa-velho. Até mesmo os sapatos estavam impecáveis, lustrados até brilhar; e a densa cabeleira negra e crespa estava penteada e arrumada com perfeição. Mas o ponto alto da sua aparência estava, naturalmente, nas feições marcantes e nos olhos resplandecentes.

Não preciso repetir que eles são de um verde-escuro, porque não era tanto a cor dos olhos o que tinha tanta importância. O que importava, sim, era a expressão com que fitava Merrick, o aparente assombro que o dominava, e a forma com que sua boca bem-feita se descontraiu.

Ele a havia visto antes, sim, mas não estava preparado para constatar que era ao mesmo tempo tão interessante e graciosa.

E ela, com os cabelos longos escovados direto para trás para a fivela de couro, estava absolutamente sedutora no vestido de seda branca, de ombros bem-marcados, com o pequeno cinto do mesmo tecido e a saia rodada e tremeluzente.

No pescoço, por cima do tecido do vestido, usava pérolas, na realidade, o colar de três voltas que eu lhe dera tanto tempo atrás; nas orelhas, pérolas; e no anular da mão direita, também uma pérola extraordinária.

Descrevo esses detalhes porque procurava encontrar neles alguma sanidade, mas o que estava vivenciando, o que me humilhava e me deixava lívido, era que aqueles dois estivessem tão impressionados um com o outro que, naquele momento, era como se eu não estivesse ali.

Era inegável a fascinação com que ela olhava para Louis. E não havia a menor dúvida quanto ao assombro arrebatador com que ele a encarava.

— Merrick, minha querida — disse eu, baixinho —, permita-me apresentar-lhe Louis. — Mas tanto faria se eu estivesse balbuciando. Ela não ouviu sequer uma sílaba que pronunciei. Estava num êxtase mudo, e eu vi no seu rosto uma expressão provocante que até aquele momento nunca tinha visto nela a não ser quando me dirigia o olhar.

Rapidamente, num óbvio esforço de disfarçar sua reação desmedida, ela estendeu a mão para ele.

Com a relutância típica de um vampiro, Louis retribuiu seu gesto e então, para total consternação minha, curvou-se e a beijou — não na mão que segurava com tanta tenacidade, mas nos dois lados adoráveis do seu rosto.

Como era possível que eu não tivesse previsto isso? Por que eu havia imaginado que ela não o veria senão como um fenômeno inatingível? Por que eu

não havia me dado conta de que estava trazendo ao seu convívio um dos seres mais sedutores que eu jamais conhecera?

Eu me sentia um idiota por não ter previsto essa reação, e também me sentia idiota por me importar tanto.

Enquanto ele se acomodava na poltrona mais próxima à dela, enquanto ela se sentava e voltava a atenção para ele, encontrei um lugar no sofá do outro lado da sala. Seus olhos nunca se desviavam dele, nem por um segundo, e então ouvi a voz de Louis, grave e harmoniosa, com seu sotaque francês e com o sentimento com que ele sempre falava.

— Você sabe por que vim procurá-la, Merrick — disse ele com tanta ternura como se estivesse lhe dizendo que a amava. — Vivo atormentado, pensando em uma criatura, uma criatura que trai, depois protegi e então perdi. Vim porque acredito que você pode trazer o espírito dessa criatura para falar comigo. Recorro a você porque acredito que por meio de você vou poder descobrir se esse espírito descansou.

Ela respondeu imediatamente.

— Mas o que é a falta de descanso para os espíritos, Louis? — perguntou ela, em tom de familiaridade. — Você acredita num purgatório, ou se trata apenas de uma treva na qual os espíritos definham, incapazes de procurar uma luz que os possa guiar?

— Não estou convencido de nada — disse Louis, em resposta. Seu rosto estava tomado de uma eloquência veemente. — Se é que existem criaturas presas à terra, essa criatura é o vampiro. Somos unidos, de corpo e alma, irremediavelmente. Somente a morte dolorosíssima pelo fogo consegue rasgar esse vínculo. Claudia era minha cria. Era meu amor. Claudia morreu pelo fogo, pelo calor do sol. Mas Claudia já apareceu a outros. Talvez ela venha se você a chamar. É isso o que quero. Esse é meu sonho extravagante.

Merrick sucumbira a ele, sucumbira de todo. Eu sabia. Sua mente, à medida que eu conseguia ler seus pensamentos, estava devastada. Merrick estava profundamente afetada pela aparente dor de Louis. Nenhuma das suas simpatias jamais foi comedida.

— Os espíritos existem, Louis — disse ela, com um ligeiro tremor na voz —, eles existem, mas contam mentiras. Um espírito pode aparecer sob o disfarce de outro. Às vezes, alguns espíritos são gananciosos e depravados.

Foi realmente lindo o modo com que Louis franziu o cenho e levou o dorso do dedo aos lábios antes de responder. Quanto a ela, bem, eu estava furioso com ela, e não via nem o mais ínfimo defeito físico ou mental nela. Era a mulher a quem eu entregara a paixão, o orgulho e a honra tanto tempo antes.

— Eu a reconhecerei, Merrick — disse Louis. — Não posso me enganar. Se você puder invocá-la, e se ela puder vir, eu a reconhecerei. Não tenho dúvida.

— Mas, e se eu duvidar, Louis? — respondeu ela. — E se eu lhe disser que nós dois fracassamos? Você pelo menos vai querer tentar acreditar no que eu disser?

— Então, está combinado, não está? — disse eu, impulsivo. — Vamos levar a cabo o que pretendemos, certo?

— Vamos, claro que vamos — respondeu Louis, olhando para mim no

outro lado da sala com bastante consideração, se bem que seus olhos grandes e cheios de curiosidade voltassem velozes para Merrick. — Permita-me pedir seu perdão, Merrick, por nós a termos perturbado em busca dos seus poderes. Nos meus momentos mais difíceis, digo a mim mesmo que você levará de nós algum conhecimento valioso, alguma experiência, que talvez nós confirmemos sua fé... em Deus. Digo a mim mesmo esse tipo de coisa porque não posso acreditar que simplesmente provocamos uma ruptura na sua vida com nossa mera presença. Espero que sim. Peço-lhe que entenda.

Ele estava usando as mesmas palavras que me ocorriam nas minhas inúmeras rumações frenéticas. De repente, eu estava furioso com ele assim como com ela. Era detestável que ele dissesse coisas daquele tipo, e que história era aquela de que ele não conseguia ler pensamentos. Eu precisava me controlar.

Subitamente ela sorriu, um dos sorrisos mais magníficos que eu já tinha visto. A pele macia, os expressivos olhos verdes, a cabeleira comprida — todos os seus encantos colaboravam para torná-la irresistível, e eu pude ver o efeito do seu sorriso em Louis, como se ela tivesse corrido para cair nos seus braços.

— Não tenho questionamentos nem remorsos, Louis — disse ela. — Meu poder é enorme e extraordinário. Você me deu um motivo para usá-lo. Você fala de uma alma que pode estar em tormento. Na realidade, você fala de um sofrimento longo, muito longo, e sugere que talvez possamos de algum modo dar um fim ao tormento dessa alma.

A essa altura, o rosto de Louis enrubescceu muito, e ele se inclinou para a frente, voltando a apertar com força a mão de Merrick.

— Merrick, o que eu lhe posso dar em troca pelo que você pretende fazer?

Isso me alarmou. Louis não deveria ter dito essas palavras! Elas levavam direto ao dom mais poderoso e exclusivo que nós tínhamos a dar. Não, ele não deveria ter dito aquilo, mas permaneci calado, observando aquelas duas criaturas se tornarem cada vez mais fascinadas uma pela outra, observando enquanto os dois decididamente se apaixonavam.

— Vamos esperar até terminar; só então vamos falar nesse tipo de coisa — disse ela —, se é que algum dia vamos chegar a falar nisso. Na realidade, não preciso de nada em troca. Como eu disse, você está me dando uma oportunidade de usar meu poder, e isso em si já basta. Mas, ainda mais uma vez, você precisa me garantir que dará ouvidos à minha avaliação do que acontecer. Se eu achar que chamamos algo que não vem de Deus, vou dizer isso, e você precisará pelo menos tentar acreditar no que eu disser.

Ela se levantou. Com apenas um traço de um sorriso, passou direto por mim pelo vão que dava para a sala de jantar às minhas costas e pareceu apanhar algo de cima do aparador ao longo da parede mais distante.

É claro que Louis, o supra-sumo do cavalheirismo, se pôs de pé. Mais uma vez, percebi seus trajes esplêndidos; como ele era esguio e felino mesmo nos gestos mais simples; e como suas mãos imaculadas eram de uma beleza espantosa.

Ela voltou a entrar na luz diante de mim como quem entra no palco.

— Pronto, é isso aqui o que eu tenho da sua querida — disse ela. Estava segurando uma trouxinha, envolta em veludo. — Sente-se, Louis, por favor —

retomou ela. — E deixe-me pôr esses objetos nas suas mãos. — Ela voltou a ocupar sua cadeira, abaixo do abajur em frente a ele, com os preciosos objetos no colo.

Ele lhe obedeceu com o fervor sem disfarces de um aluno diante de uma professora brilhante e milagrosa. Recostou-se como se fosse ceder ao mais ínfimo comando de Merrick.

Eu a via de perfil, e nada me preenchia a mente tanto quanto o mais puro, total e abjeto ciúme! Mas, amando-a como eu a amava, tive a prudência suficiente para admitir alguma autêntica preocupação também.

Quanto a Louis, era inquestionável que ele estava tão interessado em Merrick quanto nos objetos que haviam pertencido a Claudia.

— Este rosário, por que ela o possuía? — perguntou Merrick, extraindo as contas cintilantes da trouxinha. — Sem dúvida, ela não rezava.

— Não, ela gostava dele pela aparência — disse Louis, com os olhos repletos de um apelo dignificado de que Merrick compreendesse. — Creio que fui eu quem o comprou para ela. Acho que nem cheguei a lhe ensinar o que significava. O aprendizado com ela era estranho, sabe? Nós a encarávamos como uma criança, quando deveríamos ter nos dado conta, mas a verdade é que a forma externa de uma pessoa está ligada de modo muito misterioso ao seu temperamento.

— Como assim? — perguntou Merrick.

— Ora, você sabe — disse ele tímido, quase com modéstia. — Os belos sabem que têm poder; e ela, com seu encanto em miniatura, detinha um poder do qual sempre teve consciência de um modo contraído. — Ele hesitou. Sua timidez parecia dolorosa. — Nós a mimávamos; nos orgulhávamos dela. Claudia não parecia ter mais de seis ou sete anos no máximo. — A luz no seu rosto apagou-se por um instante, como se um interruptor interno tivesse sido desligado.

Merrick estendeu a mão novamente e segurou a dele. Louis deixou que ela a segurasse. Baixou a cabeça só um pouco, e ergueu a mão que ela segurava, como se estivesse dizendo: Espere só um instante. Então, voltou a falar.

— Ela gostava do rosário. Talvez eu tenha lhe ensinado as orações. Não me lembro. Gostava às vezes de ir comigo à catedral. Gostava de ouvir a música das cerimônias vespertinas. Gostava de tudo que fosse sensual e que envolvesse a beleza. Seus entusiasmos de menina duravam muito tempo.

Merrick soltou sua mão, mas com muita relutância.

— E isso aqui? — perguntou, erguendo o pequeno diário encadernado em couro branco. — Há muito tempo encontraram isso no apartamento na Rue Royale, num esconderijo. Você nunca soube que ela escrevia nele.

— Não — disse Louis. — Eu lhe dei o diário de presente, e disse me lembro bem. Mas nunca a vi escrever nele. É uma espécie de surpresa que Claudia tenha mantido esse diário. Ela gostava muito de ler, isso posso garantir. Era grande conhecedora de poesia. Estava sempre fazendo citações dessa ou daquela estrofe com total naturalidade. Tento me lembrar dos versos que citava, dos poetas que apreciava.

Contemplou então o diário, como se fizesse alguma objeção a abri-lo ou mesmo a tocar nele. Como se ele ainda pertencesse a Claudia. Merrick recolheu

o diário e ergueu a boneca.

— Não — disse Louis, categórico —, ela jamais gostou de bonecas. Sempre foram um erro nosso. Não, ela não tem importância, essa boneca. Mesmo que, se bem me recordo, ela tenha sido encontrada com o diário e o rosário. Não sei por que ela a conservou. Não sei por que a guardou. Talvez quisesse que alguém no futuro distante a encontrasse e se entristecesse por ela, ao saber que ela própria tinha sido trancafiada num corpo de boneca; talvez quisesse que algum indivíduo solitário derramasse lágrimas por ela. É, acho que deve ter sido assim.

— Rosário, boneca, diário — disse Merrick, com delicadeza. — E as anotações no diário, você sabe o que dizem?

— Somente uma, a que Jesse Reeves leu e me relatou. Lestat lhe dera a boneca de presente de aniversário, e ela a detestara. Tentara feri-lo, com zombarias; e ele respondera com aqueles versos de uma peça antiga que não consigo esquecer.

Ele inclinou a cabeça, mas não quis se entregar à tristeza, não por inteiro. Seus olhos estavam secos, apesar de toda a dor neles, quando recitou as palavras:

Cubram seu rosto; meus olhos se ofuscam; ela morreu jovem.

Estremeci com a recordação. Lestat estava condenando a si mesmo quando lhe disse aquelas palavras. Na época, ele estava se oferecendo à cólera de Claudia. Ela sabia. Era por isso que tinha registrado todo o episódio — o presente desagradável de Lestat, o enfado que ela sentia por brinquedos, a raiva pelas suas limitações e então a estrofe cuidadosamente escolhida por ele.

Merrick permitiu um curto intervalo e então, deixando a boneca pousada no colo, ofereceu novamente a Louis o diário.

— Há várias anotações — disse ela. — Duas não têm nenhuma importância, e para uma dessas vou lhe pedir que deixe usar minha magia. Mas há mais uma, bastante esclarecedora, e essa você precisa ler antes de prosseguirmos.

Mesmo assim, Louis não estendeu a mão para apanhar o diário. Olhava para ela com respeito, como antes, mas não estendeu a mão para apanhar o livrinho.

— Por que preciso ler isso aí? — perguntou a Merrick.

— Louis, pense no que você me pediu que faça. E no entanto não consegue ler as palavras que ela própria escreveu aqui?

— Isso foi há muito tempo, Merrick — disse ele. — Ela escondeu esse diário anos antes de morrer. Não é o que nós fazemos que tem a maior importância? E, apanhe uma página se for preciso. Apanhe qualquer página do diário, não faz diferença, use-a como quiser, só não me peça para ler uma palavra que seja.

— Não, você precisa ler esse trecho — disse Merrick, com extrema ternura. — Leia para mim e para David. Eu sei o que está escrito, e você precisa saber. E David está aqui para nos ajudar. Por favor, a última anotação: leia em voz alta.

Ele a encarou com firmeza, e surgiu então a leve película de lágrimas vermelhas nos seus olhos. Mas Louis deu uma sacudidela levíssima, quase

imperceptível, na cabeça e apanhou o diário da mão que ela lhe estendia.

Abriu-o, olhando para baixo, sem ter a necessidade que um mortal teria de levar a página até a luz.

— Isso mesmo — disse Merrick, procurando convencê-lo. — Está vendo, esse aí não é importante. Ela só diz que vocês foram juntos ao teatro. Diz que assistiu a *Macbeth*, que era a peça preferida de Lestat.

Ele fez que sim, virando as pequenas páginas.

— E essa outra, essa não é significativa — prosseguiu Merrick, como se com suas palavras o estivesse guiando através do fogo. — Ela diz que adora crisântemos brancos; diz que comprou alguns de uma velha; que eles são as flores dos mortos.

Mais uma vez, ele pareceu prestes a perder totalmente o controle de si mesmo, mas conseguiu conter as lágrimas. Virou as páginas novamente.

— Essa, essa aí é a que você precisa ler — disse Merrick, e pousou a mão no seu joelho. Pude ver seus dedos esticados a abraçá-lo naquele gesto eterno. — Por favor, Louis, leia para mim.

Ele olhou para ela por um bom tempo e então para a página. Sua voz era suave como um sussurro, mas eu sabia que Merrick podia ouvi-la tanto quanto eu.

“21 de setembro de 1859

Muitas décadas se passaram desde que Louis me deu este livrinho de presente, para que eu pudesse registrar meus pensamentos íntimos. Isso eu não consegui, por ter feito apenas algumas anotações, e não sei ao certo se elas foram escritas em meu proveito.

Nesta noite, confio na pena e no papel porque sei em que direção meu ódio há de me levar. E temo por aqueles que despertaram minha ira.

É claro que estou me referindo aos meus pais malignos, meus esplêndidos pais, aqueles que me transportaram de uma mortalidade já há muito esquecida a este questionável estado de ‘felicidade’ eterna.

Eliminar Louis seria tolice, já que ele é sem dúvida o mais maleável dos dois.”

Louis fez uma pausa como se não pudesse continuar. Vi os dedos de Merrick apertarem mais seu joelho.

— Leia, por favor, eu lhe imploro — disse ela, com ternura. — Você precisa continuar.

Louis retomou a leitura, com a voz baixa como antes, e num tom neutro bastante deliberado.

“Louis fará o que eu pedir, até a própria destruição de Lestat, que planejo em detalhe. Ao passo que Lestat jamais cooperaria com meus desígnios contra Louis. Portanto, é aí que está minha lealdade, sob o disfarce de amor mesmo no meu próprio coração.

“Como somos misteriosos, humanos, vampiros, monstros, mortais, se podemos amar e odiar ao mesmo tempo, e se emoções de todas as naturezas não podem se apresentar como o que não são. Olho para Louis e o desprezo totalmente por ter-me criado, e no entanto eu o amo de verdade. Só que amo Lestat exatamente na mesma medida.

“Talvez, no foro do meu coração, eu considere Louis muito mais responsável pelo meu estado atual do que eu jamais poderia culpar meu impulsivo e simples Lestat. O fato é que um dos dois deve morrer por isso ou essa dor em mim nunca se estancará; e a imortalidade não passa de uma medida monstruosa do que hei de sofrer até que o mundo chegue à sua volta derradeira. Um deverá morrer para que o outro se torne ainda mais dependente de mim, cada vez mais meu escravo por inteiro. Depois, eu gostaria de viajar pelo mundo. Faria o que tenho vontade. Não consigo suportar nenhum dos dois, a menos que um se torne meu servo em pensamentos, palavras e obras.

“Um destino desses é simplesmente impensável com o temperamento insubmisso e irascível de Lestat. Um destino desses parece feito sob medida para meu melancólico Louis, embora a destruição de Lestat venha a abrir novos caminhos para Louis entrar no Inferno labiríntico no qual eu já vagueio a cada novo pensamento que me ocorre.

“Quando atacarei e como, não sei. Só que me dá supremo prazer observar Lestat em sua vulnerável alegria, sabendo que hei de humilhá-lo por completo ao destruí-lo, e com isso arrasarei a altiva consciência inútil do meu Louis, de tal modo que sua alma, se não seu corpo, finalmente fique do mesmo tamanho da minha.”

E ali acabava.

Dava para eu saber apenas pela desamparada expressão de dor no rosto de Louis, o jeito com o qual as sobrancelhas estremeeceram por um instante, e então seu modo de se recostar na poltrona, fechar o livrinho e segurá-lo mecanicamente na mão esquerda como se estivesse de todo esquecido dele. Não procurou olhar nem para mim nem para Merrick.

— Você ainda quer se comunicar com esse espírito? — perguntou Merrick com reverência. Ela estendeu a mão para o pequeno diário, e ele o entregou sem objeção.

— Ah, quero — disse ele com um longo suspiro. — Quero mais do que qualquer outra coisa.

Eu queria tanto consolá-lo, mas não havia palavras que conseguissem tocar numa dor tão íntima.

— Não posso culpá-la pelo que expressou — voltou ele a falar, em voz alquebrada. — Tudo conosco dá errado de um modo tão trágico. — Seus olhos se dirigiram, nervosos, a Merrick. — O Dom das Trevas, imaginem chamá-lo por esse nome, quando no final é pernicioso. — Encolheu-se como se estivesse lutando com suas emoções.

— Merrick — disse ele —, de onde eles vêm, os espíritos? Conheço a opinião convencional e sei como pode ser tola. Diga-me o que pensa.

— Agora sei menos do que antes — respondeu Merrick. — Acho que, quando eu era menina, tinha muita certeza dessas coisas. Rezávamos para os que tiveram morte precoce porque acreditávamos que eles pairavam perto da terra, vingativos ou confusos, e que, portanto, podiam ser alcançados. Desde tempos imemoriais, as bruxas freqüentam cemitérios em busca desses espíritos irados, transtornados, invocando-os para descobrir o caminho até forças maiores, cujos segredos possam ser revelados. Eu acreditava nessas almas solitárias,

aquelas perdidas, em sofrimento. Talvez ao meu próprio modo, eu ainda acredite nelas.

“Como David pode lhe dizer, elas parecem ansiar pelo calor e pela luz da vida; parecem ansiar até mesmo por sangue. Mas quem conhece as verdadeiras intenções de qualquer espírito? De que profundezas o profeta Samuel se ergueu na Bíblia? Devemos acreditar nas Escrituras? Que a magia da Pitonisa de Endor era forte?”

Louis estava fixado em cada palavra que ela dizia.

De repente, ele estendeu a mão e segurou a dela novamente, deixando-a enroscar os dedos no seu polegar.

— E você, Merrick, o que vê quando olha para David e para mim? Vê o espírito que nos habita, o espírito faminto que nos torna vampiros?

— É, eu o vejo, mas ele é mudo e irracional, totalmente subordinado ao cérebro e ao coração. Ele nada sabe agora, se é que algum dia soube, a não ser que quer sangue. E pelo sangue aos poucos opera seu feitiço nos tecidos de vocês, lentamente comandando cada uma das suas células a obedecer. Quanto mais vocês viverem, mais ele se fortalecerá; e agora está furioso, furioso na medida em que pode escolher alguma emoção, por vocês sugadores de sangue serem tão poucos.

Louis parecia mistificado, mas sem dúvida não era difícil de compreender.

— Os massacres, Louis, o último aqui em Nova Orleans. Eles eliminam os moleques e os de baixa linhagem. E o espírito mingua, recolhendo-se naqueles que restam.

— É — disse Merrick, com um olhar de relance na minha direção. — É exatamente por isso que sua sede agora é duas vezes mais terrível, e é por esse motivo que você não consegue mais se satisfazer com o “pequeno gole”. Há um instante você me perguntou o que eu queria de você. Vou lhe dizer o que quero que você faça. Permita-me a audácia de lhe responder agora.

Louis não disse nada. Apenas a contemplava como se nada lhe pudesse recusar. Ela prosseguiu.

— Aceite o sangue forte que David pode lhe dar — disse ela. — Aceite-o para poder existir sem matar; aceite-o para poder cessar sua busca encarniçada pelo malfeitor. Eu sei, sei que uso seu linguajar talvez com excesso de liberdade e de arrogância. O orgulho é sempre um pecado naqueles de nós que perseveram na Talamasca. Acreditamos que vimos milagres. Acreditamos que fizemos milagres. E nos esquecemos de que não sabemos nada. Nos esquecemos de que pode não haver nada a ser descoberto.

— Não, existe algo, existe mais do que alguma coisa — insistiu ele, movendo delicadamente a mão de Merrick com sua veemência. — Você e David me convenceram, muito embora essa nunca tivesse sido a intenção de nenhum dos dois. Existem coisas a descobrir. Diga-me, quando vamos poder partir para falar com o espírito de Claudia? O que mais você exige de mim antes de fazer o feitiço?

— Fazer o feitiço? — perguntou ela, em tom manso. — E, há de ser um feitiço. Pronto, tome esse diário — e o entregou a Louis —, arranque uma folha, qualquer folha que você ache mais forte ou qualquer parte à qual você esteja

mais disposto a renunciar.

Ele o apanhou com a mão esquerda, sem querer soltá-la.

— Que folha você quer que eu rasgue? — insistiu ele.

— A escolha é sua. Vou queimá-la quando estiver pronta. Você nunca mais verá essas palavras específicas.

Ela o soltou, e fez um pequeno gesto para instigá-lo. Louis abriu o livro com as duas mãos. Deu mais um suspiro, como se não pudesse suportar tudo aquilo, mas então começou a ler com uma voz baixa, sem pressa.

— “E hoje à noite, quando passei pelo cemitério, criança perdida, perambulando perigosamente só, para todo o mundo ter pena de mim, comprei esses crisântemos e me demorei um pouco em meio ao cheiro das covas recentes e de seus mortos em decomposição, perguntando-me que morte a vida teria reservado para mim, se me houvesse sido permitido viver. Perguntando-me se eu poderia ter odiado como mero ser humano mais do que odeio agora. Perguntando-me se eu poderia ter amado tanto quanto amo agora.”

Cuidadosamente, apertando o livro contra a perna com a mão esquerda, ele rasgou a página com a direita, segurou-a à luz por um instante e a entregou a Merrick, com os olhos a acompanhando como se estivesse cometendo um terrível furto.

Merrick recebeu-a, respeitosa, e a colocou com cuidado ao lado da boneca no seu colo.

— Pense bem, agora — disse ela —, antes de responder. Você chegou a saber o nome da mãe de Claudia?

— Não — disse ele de pronto, e depois hesitou, mas então abanou a cabeça e confessou, baixinho, que não sabia.

— Ela nunca pronunciou o nome?

— Falava da Mãe; era uma menininha.

— Pense bem — disse ela. — Volte, volte àquelas primeiras noites com ela. Volte àquela época em que ela tagarelava como as crianças costumam tagarelar, antes que sua voz de mulher substituísse aquelas lembranças no seu coração. Volte. Qual é o nome da mãe? Preciso dele.

— Não sei esse nome — confessou ele. — Acho que ela nunca... Mas eu não prestava atenção, sabe, a mulher estava morta. Foi assim que a encontramos, viva, agarrada ao cadáver da mãe. — Dava para eu ver que ele estava derrotado. Totalmente sem saber o que fazer, ele olhou para Merrick.

Merrick fez que sim. Baixou os olhos e depois olhou novamente para ele. E sua voz tinha uma doçura especial quando ela falou.

— Existe mais alguma coisa — disse ela. — Você está retendo alguma coisa.

Mais uma vez, ele pareceu extremamente aflito.

— Como assim? — perguntou, humilhado. — O que você pode estar querendo dizer?

— Estou com a página escrita por ela — disse Merrick. — Estou com a boneca que ela guardou quando poderia tê-la destruído. Mas você está se apegando a mais uma coisa.

— Ai, mas eu não posso — disse ele, franzindo as sobrancelhas escuras.

Enfiou a mão no casaco e tirou o pequeno daguerreótipo no seu estojo de guta-percha. — Não posso entregá-lo para ser destruído, não posso — murmurou.

— Você acha que depois ainda vai ter carinho por ele? — perguntou Merrick, com uma voz tranqüilizadora. — Ou acha que nosso fogo mágico vai falhar?

— Não sei — confessou Louis. — Só sei que o quero para mim. — Moveu o fecho minúsculo e abriu o pequeno estojo. Olhou para ele até parecer não conseguir mais agüentar o que via, e então fechou os olhos.

— Dê-me o retrato para meu altar — disse Merrick. — Prometo que não será destruído.

Ele não se mexeu nem respondeu. Simplesmente permitiu que ela tirasse o retrato das suas mãos. Eu a observava. Estava perplexa, a antiga imagem de um vampiro, captada para sempre, de modo tão apagado, na fragilidade do vidro e da prata.

— Ah, mas ela era linda, não era? — perguntou Louis.

— Ela era muitas coisas — disse Merrick. Fechou o estojo de guta-percha, mas não mexeu no pequeno fecho dourado. Pôs o daguerreótipo no colo, com a boneca e a página do diário; e estendeu as duas mãos para segurar a mão direita de Louis novamente.

Abriu sua palma sob a luz do abajur. Retesou-se como se estivesse abalada.

— Nunca vi uma linha da vida como essa — murmurou ela. — Ela é profunda, olhe só, e na realidade não tem fim — virou a mão de Louis para lá e para cá —, e todas as linhas menores há muito tempo desapareceram.

— Eu posso morrer — respondeu ele, com um tom cortês de desafio. — Sei que posso — afirmou entristecido. — É o que vou fazer quando tiver coragem. Meus olhos hão de fechar-se para sempre como os de qualquer mortal do meu tempo que viveu um dia.

Ela não respondeu. Baixou novamente os olhos até a palma aberta. Apalpou a mão, e eu pude ver que adorava a pele sedosa.

— Vejo três grandes amores — murmurou ela, como se precisasse da permissão de Louis para dizer aquilo em voz alta. — Três amores imensos em todo esse tempo. Lestat? Sim. Claudia. Com a máxima certeza. E quem é o outro amor? Pode me dizer?

O estado de Louis era de total desnorreamento enquanto olhava para ela, mas não teve forças para responder. A cor subiu-lhe ao rosto, e os olhos pareceram refulgir como se uma luz dentro deles tivesse aumentado sua incandescência.

Ela soltou sua mão e corou.

De modo totalmente inesperado, ele olhou para mim, justo como se de repente tivesse voltado a se lembrar de mim e como se precisasse de mim desesperadamente. Eu nunca o havia visto tão agitado ou com aparência tão cheia de vida. Ninguém que entrasse na sala teria pensado que ele pudesse ser outra coisa além de um rapaz irresistível.

— Você está a favor, meu velho amigo? — perguntou ele. — Você está pronto para que tudo comece?

Ela olhou para cima, lacrimejando muito de leve, e pareceu me discernir

na penumbra para me dar um sorriso mínimo, cheio de confiança.

— Qual é sua opinião, superior geral? — perguntou ela, com a voz abafada, cheia de convicção.

— Não zombe de mim — disse eu, por me fazer bem dizê-lo. Não fiquei surpreso com o rápido lampejo de dor nos seus olhos.

— Não estou zombando de você, David. Pergunto se você está pronto.

— Estou pronto, Merrick — disse eu —, pronto como nunca estive em toda a minha vida para invocar um espírito no qual eu mal acredito, no qual não confio nem um pouco.

Ela segurou a folha com as duas mãos e a examinou, talvez lendo as palavras para si mesma, pois seus lábios se moviam.

Olhou então de novo para mim e depois para Louis.

— Uma hora. Voltem a me procurar. Estarei pronta a essa hora. Vamos nos encontrar nos fundos da casa. O velho altar foi restaurado para nosso uso. As velas já estão acesas. Os tições logo estarão prontos. É lá que executaremos o plano.

Comecei a me levantar.

— Mas agora vocês precisam ir — disse ela —, e tragam um sacrifício porque não podemos prosseguir sem isso.

— Um sacrifício? — perguntei. — Meu bom Deus, que tipo de sacrifício? — Eu já estava em pé.

— Um sacrifício humano — respondeu ela, com os olhos penetrantes enquanto olhava para mim e depois de volta para Louis, que permanecia na sua poltrona.

— Esse espírito não virá por nada menos que sangue humano.

— Você não está falando sério, Merrick — disse eu furioso, com a voz alterada. — Meu Deus, mulher, você se disporia a ser cúmplice de assassinato?

— E eu já não sou? — respondeu ela, com os olhos cheios de franqueza e de uma força de vontade feroz. — David, quantos seres humanos você matou desde que Lestat o transformou? E você, Louis? Nem dá para contar. Eu me sento com vocês e planejo com vocês tentar essa história. Sou cúmplice dos seus crimes, não sou? E, para esse feitiço, eu lhes digo que preciso de sangue. Preciso preparar um caldo mágico muito mais forte que qualquer outro que já tentei antes. Preciso de um holocausto. Preciso que a fumaça suba do sangue fervente.

— Eu me recuso — disse eu. — Não vou trazer aqui algum mortal para ser abatido. Está sendo tola e ingênua se acha que conseguiria tolerar um espetáculo desses. Você estará mudada para sempre. Ora, você acha que, só porque temos uma bela aparência, esse assassinato vai ser algo limpo e bonito?

— David, faça o que eu digo — retrucou ela —, ou eu não farei o que me pedem.

— Eu me recuso — repeti. — Você ultrapassou os limites. Não haverá assassinato.

— Que eu seja o sacrifício — disse Louis, subitamente. Levantou-se e olhou de cima para ela. — Isso não significa que eu vá morrer para fazer isso — disse ele, com compaixão. — Quer dizer, deixe que o sangue que correr seja o meu. — Ele segurou novamente a mão de Merrick, fechando os dedos em torno do seu

pulso. Inclinou-se, beijou-lhe a mão e depois voltou a ficar em pé, com os olhos fixos nos dela, cheios de carinho.

“Anos atrás — disse ele — você usou seu próprio sangue, nesta mesma casa para chamar sua irmã, Mel ao Sol, não foi? Vamos usar meu sangue para invocar Claudia nesta noite. Tenho sangue suficiente para um holocausto. Tenho sangue bastante para um caldeirão ou para uma fogueira.”

O rosto de Merrick estava bem sereno novamente quando ela olhou para ele.

— Será um caldeirão — disse ela. — Daqui a uma hora. O pátio dos fundos está cheio dos velhos santos, como já lhes disse. As lajes nas quais meus antepassados dançaram foram varridas, limpas, para nós. O velho caldeirão está sobre os tições. As árvores já testemunharam muitos espetáculos semelhantes. Só falta uma coisa que eu preciso fazer para me preparar. Vão agora e voltem como eu disse.



EU ESTAVA FORA DE MIM DE ANSIEDADE. ASSIM QUE CHEGAMOS À CALÇADA, agarrei Louis pelos ombros e fiz com que girasse para me encarar.

— Não vamos seguir adiante com isso — disse eu. — Vou voltar ali dentro e dizer a ela que simplesmente não vai acontecer.

— Não, David, vai acontecer, sim — disse ele, sem elevar a voz. — Você não vai impedir!

Percebi, pela primeira vez desde que eu o conhecera, que Louis estava exaltado e com raiva, embora a raiva não fosse meramente dirigida a mim.

— Vai acontecer — repetiu ele, cerrando os dentes, com a expressão rígida na sua fúria muda. — E nós a deixaremos incólume como prometemos! Mas vou prosseguir com isso.

— Louis, você não compreende o que ela está sentindo? — perguntei. — Ela está se apaixonando por você! Nunca mais será a mesma depois disso. Não posso permitir que isso se aprofunde; não posso deixar que a situação fique pior do que já está.

— Ela não está apaixonada por mim. Você está enganado — protestou ele, num sussurro veemente. — Ela acha o que os mortais sempre acham. Aos seus olhos, nós somos lindos. Somos exóticos. Temos uma sensibilidade tão sofisticada! Já vi isso antes. Basta que eu faça uma vítima na sua presença para curá-la desses sonhos românticos. E não vai ser preciso chegar a esse ponto, eu lhe prometo. Agora, David, preste atenção, esta hora de espera será a hora mais longa da noite. Estou com sede. Pretendo ir à caça. Solte-me, David. Saia do meu caminho.

É claro que não o deixei só.

— E o que dizer das suas emoções, Louis? — Eu caminhava ao seu lado, determinado a não permitir que ele me deixasse para trás. — Você consegue me afirmar que não está totalmente fascinado por Merrick?

— E se eu estiver, David? — retrucou ele, sem desacelerar o passo. — David, sua descrição dela não foi fiel. Você me disse como ela era forte, como era astuta e como era esperta. Mas não lhe fez justiça. — Ele me lançou um olhar tímido, de relance. — Não disse nada sobre sua simplicidade ou sua ternura. Não me disse que era tão bondosa por natureza.

— É assim que você a vê?

— É assim que ela é, meu amigo. — Agora ele não queria olhar para mim.

— Uma escola e tanto, a Talamasca, por ter produzido vocês dois. Ela tem paciência na alma e sabedoria no coração.

— Quero que isso pare por aqui, agora — insisti. — Não confio em nenhum de vocês dois. Louis, ouça o que lhe digo.

— David, você realmente acredita que eu a feriria? — perguntou ele, com aspereza, sem parar de andar. — Será que escolho minhas vítimas entre aqueles que acredito serem mansos por natureza, humanos que eu considero tão bons quanto extraordinariamente fortes? Comigo, ela estará segura para sempre, David, você não entende isso? Só uma vez na minha vida desgraçada fiz uma cria, e isso foi há mais de um século. Merrick não poderia estar em maior segurança com qualquer outro de nós do que está comigo. Faça-me jurar que a protegerei até o dia da sua morte, e é provável que eu cumpra esse voto! Vou me afastar dela quando tudo isso terminar, eu lhe prometo. — Ele continuava a andar. E a falar. — Vou descobrir um meio de agradecer-lhe, de satisfazê-la, de deixá-la em paz. Vamos fazer isso juntos, David, você e eu. Não me atormente mais quanto a este assunto. É impossível me deter. Já avancei demais.

Acreditei nele. Acreditei nele totalmente.

— O que hei de fazer? — perguntei, desanimado. — Nem mesmo conheço meus próprios sentimentos a respeito. Temo pelos de Merrick.

— Você não há de fazer nada — disse ele, a voz um pouco mais calma que antes. — Deixe que tudo aconteça conforme planejado.

Seguimos juntos em frente pelo bairro em ruínas. Afinal, surgiu o letreiro curvo em néon de um bar, piscando por trás dos galhos alongados de uma árvore antiga e agonizante. Havia anúncios com palavras pintadas à mão por toda a fachada coberta de tábuas, e a luz lá dentro era tão fraca que não se conseguia distinguir praticamente nada pelo vidro sujo da porta.

Louis entrou, e eu o acompanhei, totalmente pasmo com a grande turma de homens brancos de origem anglo-saxã que tagarelava e bebia junto no longo balcão de mogno e à infinidade de mesinhas imundas. Aqui e ali havia mulheres vestidas em jeans, jovens e velhas, como seus companheiros do sexo oposto. Uma gritante luz vermelha provinha de lâmpadas cobertas perto do teto. Por toda parte, vi braços nus e camisas sujas sem mangas, expressões dissimuladas e cinismo por trás de um véu de sorrisos e dentes à mostra.

Louis encaminhou-se até o canto do salão e ocupou uma cadeira de madeira ao lado de um homem grande, cabeludo e com a barba por fazer, que estava sentado sozinho a uma mesa, debruçado com ar insociável sobre uma garrafa de cerveja estagnada.

Fui atrás, com as narinas sofrendo o ataque do fedor de suor e da densa fumaça dos cigarros. O volume das vozes era desagradável; e a batida da música por trás das vozes, feia, feia na letra e no ritmo, feia na cantilena hostil.

Sentei-me diante do mesmo mortal degenerado que lançou seu olhar pálido e enfraquecido para Louis e depois para mim, como se estivesse prestes a se divertir.

— E então o que vocês desejam, cavalheiros? — disse ele, com uma voz grave. O tórax enorme arfou sob a camisa gasta que o cobria. Ele levantou a garrafa marrom e deixou que a cerveja dourada lhe deslizesse goela abaixo.

— Vamos, senhores, podem falar — disse ele, embriagado, com a voz engrolada. — Quando homens com esse tipo de roupa vêm até aqui é porque querem alguma coisa. Agora, o que será? Eu estou dizendo que vieram ao lugar errado? Claro que não, senhores. Alguma outra pessoa poderia dizer isso. Alguma outra pessoa poderia dizer que vocês cometeram um grave engano. Mas eu não estou dizendo nada disso, senhores. Eu compreendo tudo. Sou todo ouvidos para os dois. Estão querendo mulheres, ou talvez querendo viajar um pouco? — Ele sorriu para nós dois. — Tenho todos os tipos de mercadoria, senhores. Vamos fingir que sou o Papai Noel. E só me dizer o que desejam no íntimo.

Riu de si mesmo, com orgulho, e bebeu da garrafa marrom engordurada. Sua boca era rosada, e o queixo estava coberto por uma barba grisalha.

Louis olhou para ele fixamente sem responder. Eu observava, fascinado. O rosto de Louis foi aos poucos perdendo toda a expressão, toda a ilusão de sentimento. Poderia ter pertencido a um morto aquele rosto, enquanto ele continuava sentado ali, com o olhar fixo na vítima, mirando a vítima, enquanto deixava a vítima perder sua humanidade fraca e desesperada, à medida que o golpe final passava de possível a provável e, finalmente, a resultado inevitável.

— Quero matá-lo — disse Louis, baixinho. Inclinou-se para a frente e encarou bem de perto os olhos cinza, claros e injetados do homem.

— Me matar? — disse o homem, erguendo uma sobrancelha. — Você acha que consegue fazer uma coisa dessas? — perguntou.

— Consigo — disse Louis, com delicadeza. — Desse jeito. — Debruçou-se e fincou os dentes no pescoço grosso e sem barbear. Vi os olhos do homem se iluminarem por um instante quando ele olhou espantado por cima do ombro de Louis; e então o olhar ficou fixo para depois, aos poucos, se embaçar.

O corpo volumoso e pesadão do homem estava apoiado em Louis, a mão direita de dedos grossos estremeando antes de cair flácida ao lado da garrafa.

Depois de algum tempo, Louis afastou-se e ajudou a pousar a cabeça e os ombros do homem na mesa. Com carinho, tocou na basta cabeleira grisalha.

Na rua, Louis respirou fundo o ar fresco da noite. Seu rosto estava cheio do sangue da vítima e tinha as cores vivas da tez de um ser humano. Deu um sorriso triste, amargurado, quando olhou para cima, em busca das estrelas de luz mais fraca.

— Agatha — disse ele, baixinho, corno se fosse uma prece.

— Agatha? — repeti. Como eu temia por ele.

— A mãe de Claudia — respondeu, olhando para mim. — Ela disse o nome uma vez naquelas primeiras noites, exatamente como Merrick falou. Claudia mencionou os dois nomes, do pai e da mãe, do jeito como a haviam ensinado a dizer a desconhecidos. Agatha era o nome da mãe.

— Entendo — respondi. — Merrick vai gostar disso. É o estilo dos antigos encantamentos, sabe, o de incluir o nome da mãe quando se invoca um espírito.

— Pena aquele homem estar bebendo só cerveja — disse ele quando começamos nossa caminhada de volta a Merrick. — Bem que me serviria um pouco de calor no sangue, sabe? Mas na realidade talvez seja melhor assim. Melhor estar com a mente forte e clara para o que acontecer. Acho que Merrick

pode fazer o que eu quero.



ENQUANTO SEGUÍAMOS PELA LATERAL DA CASA, VI AS VELAS ACESAS E, quando chegamos ao pátio dos fundos, vi o grande altar no barracão, com seus altos santos e virgens abençoadas, e de fato os Três Reis Magos bem como os anjos Miguel e Gabriel, com suas espetaculares asas brancas e seus trajes coloridos.

O cheiro de incenso estava forte e me parecia delicioso. E as árvores pendiam baixas sobre o largo terraço de lajes limpas com suas pedras roxas irregulares.

Bem afastado do barracão, muito perto da extremidade mais próxima do pátio calçado, estava o velho caldeirão de ferro no tripé do braseiro, com os pedaços de carvão já incandescentes. E de cada lado havia longas mesas de ferro, de formato retangular, nas quais muitos objetos diferentes haviam sido dispostos com evidente cuidado.

A complexidade de todo o arranjo surpreendeu-me ligeiramente, mas então vi, em pé na escada dos fundos da casa, a apenas alguns metros das mesas e do caldeirão, a figura de Merrick, com o rosto coberto pela máscara verde de jade.

Levei um choque. Os orifícios dos olhos e a abertura da boca pareciam vazios. Somente o jade verde brilhante estava pleno de luz refletida. O cabelo e o corpo de Merrick na penumbra praticamente não estavam visíveis, apesar de eu ter visto sua mão quando ela a ergueu e acenou para que nos aproximássemos.

— Aqui — disse ela, com a voz ligeiramente abafada pela máscara —, vocês se postarão comigo atrás do caldeirão e das mesas. Você à minha direita, Louis, e você à minha esquerda, David, e devem me prometer agora, antes de começarmos, que não farão nenhuma interrupção, que não tentarão interferir de modo algum no que pretendo fazer.

Ela estendeu a mão para pegar meu braço e me posicionar.

Mesmo de tão perto, a máscara era assustadora por natureza e parecia flutuar diante do semblante perdido de Merrick, talvez da sua alma perdida.

Com a mão ansiosa e intrometida, constatei que a máscara estava presa com firmeza à sua cabeça por fortes correias de couro.

Louis passara por trás dela e agora estava em pé inclinado sobre a mesa de ferro à direita do caldeirão, à direita de Merrick, examinando o altar refulgente com suas fileiras de velas em camisas de vidro e os rostos delicados porém lúgubres dos santos.

Tomei posição à esquerda de Merrick.

— O que você quer dizer com isso de que não devemos fazer interrupções? — perguntei, embora parecesse uma terrível irreverência, no meio desse espetáculo que havia assumido uma beleza enaltecida, com os santos de gesso, os teixos altos e escuros que se apinhavam ao redor de nós e os galhos negros, baixos e retorcidos, dos carvalhos que ocultavam as estrelas lá em cima.

— Somente o que lhes recomendei — disse ela, em voz baixa. — Vocês não podem me interromper, não importa o que aconteça. Vocês deverão permanecer atrás dessa mesa, vocês dois. Não poderão nunca passar para a frente dela, não importa o que vejam ou acreditem estar vendo.

— Entendi — disse Louis. — O nome que você queria. Da mãe de Claudia. É Agatha. Disso tenho quase certeza.

— Obrigada — respondeu Merrick e fez um gesto diante de si. — Ali, sobre as lajes, os espíritos virão se for para ser assim, mas vocês não devem ir até eles. Não devem se envolver em nenhum conflito com eles. Devem fazer apenas o que eu disser.

— Entendi — repetiu Louis.

— David, você me dá sua palavra? — perguntou ela, com calma.

— Está bem, Merrick — disse eu, irritado.

— David, pare com essa sua interferência! — protestou ela.

— O que posso dizer, Merrick? — perguntei. — Como posso entregar meus sentimentos íntimos a essa atividade? Não basta que eu permaneça aqui parado? Não basta que eu obedeça às suas ordens?

— David, confie em mim — disse ela. — Você me procurou com o pedido para eu fazer essa magia. Agora eu estou lhe dando o que você pediu. Confie que será para o bem de Louis. Confie na minha capacidade de controlar o que faço.

— Falar de magia — disse eu, baixinho —, ler a respeito e estudá-la... tudo isso é uma coisa, mas participar, estar na presença de quem acredita nela e a conhece é algo completamente diferente.

— David, por favor, controle seu coração — disse Louis. — Quero isso mais que qualquer coisa que já quis um dia. Merrick, por favor, prossiga.

— Dê-me sua palavra, David, com honestidade. Você não tentará interferir no que eu disser e no que eu fizer.

— Está bem, Merrick — disse eu, derrotado.

Só então tive a liberdade de inspecionar os objetos que cobriam as duas mesas. Ali estava a pobre e lamentável boneca antiga que havia pertencido a Claudia, flácida como um pequeno corpo morto. E a página do diário, presa pelo peso da cabeça redonda de porcelana da boneca. O rosário estava numa pilha ao lado, bem como o pequeno daguerreótipo no seu estojo escuro. Havia também uma faca de ferro.

Vi também um cálice de ouro, primorosamente ornamentado e com pedras preciosas engastadas na borda. Havia uma alta garrafa de cristal cheia do que parecia ser um azeite amarelo transparente. Vi o perfurador de jade, aos meus olhos um objeto terrível e pernicioso, posto nas proximidades do caldeirão. E então de repente vi o que parecia ser um crânio humano.

Essa última descoberta deixou-me furioso. Passei rápido a examinar os objetos da outra mesa, da que estava diante de Louis, e vi ali um osso de costela

coberto de inscrições e aquela odiosa mão negra encarquilhada. Havia três garrafas de rum. E outros itens: um belo jarro dourado com mel, cujo aroma eu percebia na sua doçura; um jarro de prata com leite branco e puro, e ainda uma tigela de bronze com sal cantilante.

Quanto ao incenso, percebi que todo ele tinha sido distribuído e que já estava ardendo diante dos santos distantes e confiantes.

Com efeito, uma quantidade muito maior de incenso, muito negro e com um levíssimo fulgor à medida que sua fumaça se elevava na escuridão, tinha sido espalhada para formar um grande círculo no pátio de lajes roxas diante de nós, um círculo que só agora meus olhos percebiam.

Quis perguntar pela procedência do crânio. Teria Merrick violado alguma sepultura anônima? Ocorreu-me um pensamento apavorante, e tentei expulsá-lo da cabeça. Olhei de novo para o crânio e vi que estava coberto com escrita entalhada. Era horripilante e desagradável; e a beleza que permeava tudo aquilo era sedutora, poderosa e obscena.

Em vez disso, falei apenas do círculo.

— Eles vão aparecer ali dentro — murmurei —, e você acha que o incenso os conterà.

— Se for necessário, vou lhes dizer que o incenso os contém — disse ela, com frieza. — Agora, David, você precisa controlar sua língua, se não consegue controlar seu coração. Não faça nenhuma prece enquanto estiver assistindo a isso aqui. Estou pronta para começar.

— E se não houver incenso suficiente? — perguntei, num sussurro.

— Há uma quantidade suficiente para arder por horas. Olhe para os pequenos cones com seus penetrantes olhos de vampiro, e não volte a me fazer uma pergunta boba como essa.

Resignei-me. Eu não tinha como impedir aquilo. E só então na minha resignação senti uma certa atração por todo aquele processo, quando ela se preparava para começar.

Debaixo da mesa, ergueu um pequeno feixe de gravetos e os levou direto às brasas por baixo do caldeirão de ferro.

— Que esse fogo queime para nós — murmurou ela. — Que todos os santos e anjos sejam testemunhas. Que a gloriosa Virgem Maria seja testemunha, que esse fogo queime para nós.

— Que nomes, que palavras — murmurei antes que pudesse me conter. — Merrick, você está recorrendo às maiores forças do nosso conhecimento.

Mas ela prosseguiu, atizando o fogo até as chamas lamberem a parte externa do caldeirão. Ergueu então a primeira garrafa de rum, destampou-a e esvaziou seu conteúdo acre no caldeirão. Rapidamente, apanhou a garrafa de cristal e derramou o azeite puro e fragrante.

— Papa Legba! — exclamou enquanto a fumaça subia diante dela. — Não posso começar nada sem sua intercessão. Olhe aqui para sua serva, Merrick, escute sua voz quando o chama, abra as portas que dão para o mundo dos mistérios, para que Merrick possa ter o que deseja.

Fui dominado pelo aroma secreto do caldo aquecido, que subia do caldeirão de ferro. Tive a impressão de que devia estar alcoolizado, quando não

estava; e me pareceu que meu equilíbrio tinha sido afetado, embora eu não conseguisse saber por que motivo.

— Papa Legba — gritou ela. — Abra o caminho.

Meus olhos dispararam para a distante imagem de São Pedro, e só então me dei conta de que ele estava no centro do altar, uma bela efígie de madeira, com os olhos de vidro fixos nela, a mão escura envolvendo as chaves douradas.

Tive a impressão de que o ar de repente estava mudado ao nosso redor, mas disse a mim mesmo que se tratava só dos meus nervos à flor da pele.

Vampiro ou humano, eu era suscetível à mais ínfima sugestão. Os teixos começavam, porém, a ondular com a máxima leveza na periferia do jardim, e passou pelas árvores lá em cima um vento manso que fez cair folhas em toda a nossa volta, folhinhas minúsculas e leves, sem nenhum ruído.

— Abra os portões, Papa Legba — exclamou ela, enquanto as mãos hábeis derramavam a segunda garrafa de rum no caldeirão. — Que os santos nos Céus me ouçam, que a Virgem Maria me ouça, que os anjos não consigam deixar de me ouvir.

Sua voz era grave, porém cheia de certeza.

— Dê-me ouvidos, São Pedro — insistiu ela —, ou eu rezarei a Ele que deu Seu Divino Filho Único para nos salvar, pedindo que lhe dê as costas nos Céus. Eu sou Merrick. Não posso ser ignorada!

Ouvi Louis abafar um pequeno grito.

— Agora, vocês anjos, Miguel e Gabriel — disse ela, a voz mais alta com crescente autoridade —, eu lhes ordeno, abram o caminho até as trevas eternas, até aquelas mesmas almas que vocês possam ter expulsado do Paraíso. Usem suas espadas flamejantes em meu proveito. Eu sou Merrick. Eu lhes ordeno. Não posso ser ignorada. Invocarei todas as hostes celestiais para que lhes voltem as costas, se vocês hesitarem. Invocarei Deus, Pai, para que os condene. Eu os condenarei. Eu os odiarei, se não me derem ouvidos. Eu sou Merrick. Não posso ser ignorada.

Das imagens no barracão veio um ronco baixo, um som muito parecido com o que a terra faz quando está mudando de lugar, um som que ninguém consegue imitar, mas que qualquer um pode ouvir.

Mais uma vez o barulhinho do rum sendo derramado, da terceira garrafa.

— Bebam do meu caldeirão, todos vocês anjos e santos — disse Merrick —, e permitam que minhas palavras e meu sacrifício cheguem aos Céus. Ouçam minha voz.

Forcei a vista para focalizar as imagens. Eu estaria perdendo o juízo? Elas pareciam animadas, e a fumaça que subia do incenso e das velas parecia mais densa. Na realidade, todo o espetáculo se intensificara, com as cores se tornando mais fortes; e a distância entre os santos e nós, menor, muito embora nós não tivéssemos saído do lugar.

Merrick ergueu o perfurador com a mão esquerda. Imediatamente cortou a parte interna do braço direito. O sangue escorreu para dentro do caldeirão. Ela levantou a voz acima do ruído.

— E vocês Anjos Guardiães, os primeiros a ensinar a magia à humanidade, eu os invoco agora para que me atendam, ou que venham aqueles espíritos que

respondem em seu nome.

“Ham, você, filho de Noé e pupilo dos Guardiães, eu o invoco agora para que me atenda, ou aquele espírito poderoso que responde em seu nome.

“Mestran, filho de Ham, que transmitiu todos os segredos da magia a seus filhos e a outros, eu o invoco agora para que me atenda, ou aquele espírito poderoso que responde em seu nome.”

Mais uma vez ela se retalhou com a faca; e o sangue escorreu pelo braço nu para dentro do caldeirão. Mais uma vez, veio aquele som, como se viesse da terra abaixo de nós, um ronco surdo que ouvidos mortais talvez ignorassem. Olhei indefeso para meus pés e para as imagens. Vi o leve estremecer do altar inteiro.

— Eu lhes dou meu próprio sangue quando os invoco — disse Merrick. — Ouçam minhas palavras. Eu sou Merrick, filha de Sandra Gelada, e não posso ser ignorada.

“Nebrod, filho de Mestran, e poderoso mestre da magia para aqueles que lhe vieram depois, portador da sabedoria dos Guardiães, eu o invoco para que me atenda, ou aquele poderoso espírito que responde em seu nome.

“Zoroastro, grande mestre e mago, que transmitiu os milagrosos segredos dos Guardiães, que trouxe para si mesmo das próprias estrelas o fogo que destruiu seu corpo terreno, eu o invoco, ou aquele espírito que responde em seu nome.

“Ouçam minhas palavras, todos vocês que vieram antes de mim: eu sou Merrick, filha de Sandra Gelada, não posso ser ignorada.

“Farei com que as Legiões dos Céus os declarem anátemas, caso vocês tentem opor resistência aos meus poderes. Repudiarei minha fé e retirarei minhas lisonjas caso vocês não me concedam o desejo que estou expressando. Sou Merrick, filha de Sandra Gelada; vocês trarão a mim aqueles espíritos que eu chamar.”

Mais uma vez foi erguido o perfurador. Merrick cortou a própria carne. Um longo fio brilhante de sangue escorreu para o caldo aromático. Aquele cheiro me instigava. As emanações da mistura faziam meus olhos arder.

— Sim, eu lhes ordeno — disse ela —, a todos vocês, os mais poderosos e ilustres, eu lhes ordeno para que eu possa realizar o que digo, para que eu possa fazer surgir do meio do turbilhão aquelas almas perdidas que encontrarão Claudia, filha de Agatha. Ordeno-lhes que me entreguem aquelas almas do Purgatório que, em troca das minhas preces, farão surgir o espírito de Claudia. Façam o que ordeno!

O altar de ferro diante de mim tremia. Eu conseguia ver o crânio movendo-se com o altar. Não podia descartar o que via. Não podia duvidar do que ouvia, o ronco baixo do chão sob meus pés. Folhas minúsculas desciam em remoinho, como cinzas diante de nós. Os teixos gigantescos tinham começado a balançar como se estivessem sob o efeito das brisas iniciais de uma tempestade que se aproximava.

Procurei ver Louis, mas Merrick estava entre nós. Sua voz era incessante.

— Todos vocês, os poderosos, ordenem a Mel ao Sol, espírito sem descanso da minha irmã, filha de Sandra Gelada, que traga Claudia, filha de Agatha, que a

traga para fora do turbilhão. Mel ao Sol, eu lhe ordeno. Farei com que todo o Céu se volte contra você, se não me obedecer. Cobrirei seu nome de infâmia. Sou Merrick. Não serei ignorada.

Mesmo com o sangue escorrendo da mão direita, ela a estendeu para apanhar o crânio ao lado do caldeirão fumegante e o ergueu.

— Mel ao Sol, tenho aqui seu próprio crânio da sepultura na qual você foi enterrada, e todos os seus nomes estão escritos nele com minha própria letra. Mel Isabella, filha de Sandra Gelada, você não pode me ignorar. Eu a chamo e lhe ordeno que traga Claudia, filha de Agatha, aqui agora para me atender.

Era exatamente como eu havia suspeitado. Merrick tinha cometido o terrível ato de violar os restos lamentáveis e enristecedores de Mel. Como isso era revoltante e medonho! E há quanto tempo ela mantinha esse segredo, o de possuir o crânio da própria irmã, do seu próprio sangue.

Aquilo me repugnava e no entanto eu me sentia hipnotizado. A fumaça das velas se adensava diante das imagens. Parecia que cada rosto estava em pleno movimento, com os olhos esquadrinhando a cena à sua frente. Até mesmo seus trajes pareciam vivos. O incenso ardia luminoso no círculo sobre as lajes, atizado pela brisa que crescia constante.

Merrick deixou de lado o maldito crânio e o perfurador.

Da mesa retirou o jarro dourado de mel e o derramou no cálice ornado de pedras preciosas. Este ela levantou com a mão direita ensangüentada enquanto prosseguia.

— Ah, sim, todos vocês, espíritos solitários, e você, Mel, e você, Claudia, sintam o aroma desta doce oferenda: Mel, a própria substância pela qual você com sua beleza foi chamada. — E derramou no caldeirão o líquido espesso e cintilante.

Levantou então o jarro de leite. Transferiu o leite para o cálice e ergueu o cálice, apanhando mais uma vez o perfurador com a mão esquerda.

— E também isso eu lhes ofereço, tão delicioso aos seus sentidos desesperados, venham aqui e respirem este sacrifício, bebam deste leite e deste mel, bebam pelos vapores que sobem do meu caldeirão. Aqui chega ele a vocês por meio deste cálice que um dia conteve o Sangue de Nosso Senhor. Aqui, compartilhem dele. Não me ignorem. Sou Merrick, filha de Sandra Gelada. Venha, Mel, eu lhe ordeno, e traga Claudia a mim. Não admito ser ignorada.

Louis respirou alto.

No círculo diante das imagens, algo amorfo e escuro tinha surgido. Senti meu coração falhar enquanto meus olhos se esforçavam por discernir o que era. Era a forma de Mel, a própria figura que eu havia visto muitos anos antes. Bruxuleava e oscilava no calor enquanto Merrick entoava sua cantilena.

— Venha, Mel, venha mais perto, venha me atender. Onde é que está Claudia, filha de Agatha? Traga-a aqui para Louis de Pointe du Lac, eu lhe ordeno. Não posso ser ignorada.

A figura era quase sólida! Vi o conhecido cabelo louro, tornado transparente pelas velas por trás dele, o vestido branco mais espectral que o sólido contorno do próprio corpo. Eu estava por demais estupefato para pronunciar as preces que Merrick proibira. As palavras nunca se formaram nos meus lábios.

De repente, Merrick largou o crânio. Virou-se e segurou o braço esquerdo de Louis com a mão ensanguentada.

Vi o pulso branco de Louis acima do caldeirão. Com um movimento ágil, ela lhe fez um corte no pulso. Ouvi-o arfar novamente, e vi o reluzente sangue vampiresco jorrar das suas veias para dentro da fumaça que subia. Mais uma vez, ela rasgou a carne branca e mais uma vez o sangue correu, espesso, livre e mais abundante que o sangue da própria Merrick antes.

De modo algum, Louis lhe ofereceu resistência. Calado, ele mantinha o olhar fixo na figura de Mel.

— Mel, minha irmã querida — disse Merrick —, traga Claudia. Traga Claudia para Louis de Pointe du Lac. Sou Merrick, sua irmã. Eu lhe ordeno.

Mel, mostre seu poder! — Baixou então a voz, tornando-a suave e aveludada. — Mel, demonstre sua força imensa! Traga Claudia aqui, agora. Mais uma vez, ela cortou o pulso, pois a carne sobrenatural ia se fechando tão logo era ferida, e mais uma vez fez o sangue escorrer.

— Saboreie esse sangue derramado por você, Claudia. Chamo seu nome e somente seu nome agora, Claudia. Quero tê-la aqui! — Novamente foi aberto o corte.

Mas então ela entregou o perfurador a Louis e apanhou a boneca com as duas mãos.

Passei o olhar de relance de Merrick para a sólida imagem de Mel, tão escura, tão distante, aparentemente tão desprovida de movimento humano.

— Seus pertences, minha querida Claudia — exclamou Merrick, arrancando um graveto do fogo para incendiar as roupas da boneca infeliz, que praticamente explodiu em chamas. O rostinho ficou negro no fogo. Ainda assim Merrick a segurava com as duas mãos.

A figura de Mel de repente começou a dissolver-se. Merrick deixou cair o objeto em chamas no interior do caldeirão, e então apanhou a folha do diário, enquanto continuava a falar.

— Suas palavras, minha querida Claudia, aceite esta oferta, aceite este reconhecimento, aceite esta devoção. — Ela mergulhou a folha no fogo do braseiro e a segurou no ar enquanto era consumida.

As cinzas caíram no caldeirão. Ela voltou a apanhar o perfurador. A figura de Mel permanecia apenas na forma e então pareceu ser desfeita pela brisa natural. As velas chamejavam com violência diante das imagens.

— Claudia, filha de Agatha — disse Merrick —, eu lhe ordeno, apresente-se, torne-se material, responda-me do meio do turbilhão, responda à sua serva Merrick... todos vocês, anjos e santos, e a Mãe Abençoada Eternamente Virgem, obriguem Claudia, obriguem Claudia a obedecer à minha ordem.

Eu não conseguia desviar o olhar da escuridão enfumaçada. Mel desaparecera, mas alguma outra coisa ocupava seu lugar. A própria penumbra pareceu assumir a forma de uma pequena figura, pouco nítida mas reunindo forças à medida que parecia estender os bracinhos e se aproximar da mesa atrás da qual nos encontrávamos. Estava acima do chão, aquela criaturinha, com o súbito brilho dos olhos no mesmo nível que o nosso; com os pés caminhando sobre o nada enquanto se movimentava na nossa direção; com as mãos tornando-

se perfeitamente visíveis, bem como seu reluzente cabelo dourado.

Era Claudia, era a criança do daguerreótipo. Tinha o rosto branco e delicado; os olhos, grandes e brilhantes; a pele, luminosa; os trajes brancos, soltos e ondulantes, agitados pelo vento.

Dei um passo atrás. Não pude me conter, mas a figura tinha parado. Permanecia suspensa acima do chão e seus braços pálidos estavam relaxados e em posição natural junto ao corpo. Na penumbra era tão sólida quanto Mel tinha sido tantos anos antes.

Suas feições pequenas e espantosas estavam permeadas de uma expressão de amor e de sensibilidade exaltada. Era uma criança, uma criança viva. Era inegável. Ela estava ali.

Veio dela uma voz, doce e agradável, o soprano natural de uma menina.

— Por que me chamou, Louis? — perguntou ela, com uma sinceridade arrasadora. — Por que me despertou do meu sono errante para seu próprio consolo? Por que as lembranças não bastaram?

Senti uma fraqueza, quase ao ponto de desmaiar. Os olhos da criança de repente se voltaram para Merrick. A voz veio novamente, com sua terna clareza.

— Pare agora com suas ordens e suas cantilenas. Não respondo a você, Merrick Mayfair. Venho por aquele que está à sua direita. Venho exigindo saber por que você me chamou, Louis. O que é que você agora vai querer de mim? Em vida, não lhe dei todo o meu amor?

— Claudia — murmurou Louis, com a voz torturada. — Onde é que está seu espírito? Está em sossego ou vagueia perdido? Você gostaria que eu fosse ter com você? Claudia, estou pronto para isso. Claudia, estou pronto para estar ao seu lado.

— Você? Vir ter comigo? — perguntou a criança. A vizinha tinha assumido uma coloração deliberada, sinistra. — Você, depois de todos aqueles anos de perversa tutela, acha que eu, na morte, gostaria de estar unida a você? — A voz prosseguiu, com um tom doce como se estivesse dizendo palavras de amor. — Eu o odeio, Pai maligno — confessou ela. Um riso lúgubre saiu-lhe dos lábios.

“Pai, entenda-me — murmurou ela, seu rosto impregnado de uma expressão terníssima. — Jamais consegui encontrar palavras para lhe dizer verdades quando vivia. — Houve o som de respiração, e um visível desespero pareceu envolver a criatura. — Neste lugar incomensurável de nada me servem tais maldições — disse a voz, com uma simplicidade comovente. — Que diferença faz para mim o amor imenso que você derramou sobre mim no passado, num mundo vibrante e frenético?” E prosseguiu, como se o estivesse consolando.

— Você quer de mim certezas — disse ela, com aparente assombro, o murmúrio tornando-se mais suave. — E, do coração mais frio que se possa imaginar, eu o condeno, eu o condeno por ter tirado minha vida — a voz estava exausta, derrotada —, eu o condeno por não ter tido nenhuma caridade pelo mortal que eu um dia fui, eu o condeno por ter visto em mim somente o que lhe enchia os olhos e as veias insaciáveis... eu o condeno por ter me transportado

para o Inferno animado que você e Lestat compartilhavam tão intensamente.

A figura pequena e sólida aproximou-se mais, com o rosto luminoso de bochechas gorduchas e olhos brilhantes agora bem diante do caldeirão, as mãoszinhas diminutas crispadas, mas não levantadas. Ergui minha mão. Queria tocar aquela forma, tão cheia de vida ela era. E, no entanto, queria recuar diante dela, proteger-me de algum modo dela, proteger Louis, como se algo semelhante fosse possível.

— Acabe, sim, com sua vida — disse ela, com ternura implacável, os olhos arregalados e abismados —, renuncie a ela, sim, em minha memória. Eu gostaria que você fizesse isso; que você me dedicasse seu último suspiro. Morra por mim com dor, Louis, morra com dor para que eu possa ver seu espírito através do turbilhão, lutando para se desgarrar da sua carne atormentada.

Louis estendeu a mão na sua direção, mas Merrick segurou seu pulso e o empurrou para trás.

A criança continuou, as palavras pausadas, o tom solícito enquanto prosseguia.

— Ah, como minha alma se alegrará de vê-lo sofrer! Ah, como isso me fará disparar nas minhas intermináveis peregrinações. Eu nunca iria me deter para estar com você aqui. Eu nunca desejaria isso. Eu jamais iria procurá-lo no caos.

No seu rosto estava gravada a mais pura curiosidade enquanto ela olhava para ele. Na sua expressão nada havia de ódio visível.

— Quanto orgulho — murmurou ela, com um sorriso — que você quisesse me chamar em meio à sua infelicidade costumeira. Quanto orgulho que você quisesse me trazer aqui em resposta às suas preces comuns. — E veio um risinho assustador.

“Como é imensa sua autocomiseração — disse ela —, que você não sinta medo de mim, quando eu, se tivesse o poder dessa bruxa ou de qualquer outra, acabaria com sua vida por minhas próprias mãos.” — Ela levou as mãoszinhas ao rosto como se fosse chorar e depois deixou-as novamente relaxadas junto ao corpo.

— Morra por mim, seu bobo — disse ela, com voz trêmula. — Acho que vou gostar. Vou gostar tanto quanto apreciei os sofrimentos de Lestat, dos quais quase não me lembro mais. Sim, acho que, por um curto período, poderia sentir prazer mais uma vez na sua dor. Agora, se não quer mais nada de mim, se acabou com meus brinquedos e minhas recordações, libere-me para eu poder retornar ao esquecimento. Não consigo me recordar dos termos da minha perdição. Lamento dizer que entendo a eternidade. Deixe-me ir.

Inesperadamente, ela avançou, apanhou com a pequena mão direita o perfurador de jade de cima da mesa de ferro e, com um grande salto, investiu contra Louis, enfiando-lhe o perfurador no tórax.

Ele caiu para a frente sobre o altar improvisado, com a mão direita segurando o ferimento no qual ela girou a arma de jade, com o caldeirão derramando-se sobre as lajes abaixo dela, Merrick recuando horrorizada e eu, paralisado.

O sangue saía aos borbotões do coração de Louis. Seu rosto estava crispado,

a boca aberta, os olhos fechados.

— Perdoe-me — murmurou ele, dando um grunhido baixo de dor pura e terrível.

— Volte para o Inferno! — gritou Merrick, de repente. Investiu contra a imagem flutuante, de braços abertos para alcançá-la por cima do caldeirão, mas a criança recuou com a facilidade do etéreo e, ainda segurando o perfurador de jade, ergueu a mão direita e empurrou Merrick para trás, com o rostinho gélido perfeitamente sereno o tempo todo.

Merrick caiu tropeçando na escada dos fundos da casa. Segurei seu braço e a ajudei a ficar em pé novamente.

Mais uma vez a criança voltou-se para Louis ainda segurando o perigoso perfurador nas duas mãozinhas. Na frente do vestido branco transparente havia a mancha escura dos fluidos ferventes do caldeirão. Não significava nada para ela.

O caldeirão, tombado, derramava seu conteúdo sobre as lajes.

— Você achou que eu não estivesse sofrendo, Pai? — perguntou ela, baixinho, com a mesma vozinha de menina. — Achou que a morte tivesse me livrado de toda a minha dor? — O dedinho tocou na ponta do instrumento de jade. — Foi isso o que você pensou, não foi, Pai? — Ela falava lentamente. — E que, se essa mulher fizesse sua vontade, você receberia algum precioso consolo da minha própria boca. Você acreditava que Deus lhe daria isso, não é? Parecia tão acertado depois de todos os seus anos de penitência.

Louis ainda estava segurando o ferimento, se bem que sua carne já estivesse se fechando e o sangue se infiltrasse mais devagar pela mão aberta.

— Os portões não podem estar trancados para você, Claudia — disse ele, com as lágrimas lhe subindo aos olhos. Sua voz era forte e firme. — Seria uma crueldade monstruosa demais...

— Para quem, Pai? — respondeu ela, interrompendo suas palavras. — Uma crueldade monstruosa demais para você? Eu sofro, Pai, eu sofro e eu sigo errante. Não sei nada e tudo o que um dia soube parece ilusório! Não tenho nada, Pai. Meus sentidos não são nem mesmo uma lembrança. Aqui não tenho absolutamente nada.

A voz ficou mais fraca, embora continuasse perfeitamente audível. Seu rosto delicado demonstrava um ar de descoberta.

— Você achava que eu lhe contaria histórias da carochinha sobre os anjos de Lestat? — perguntou ela, num tom baixo, amável. — Você achava que eu lhe pintaria um quadro de céus cristalinos com palácios e mansões? Achava que eu lhe cantaria alguma canção aprendida com as Estrelas d'Alva? Não, Pai, você não extrairá de mim esse tipo de consolo etéreo.

E prosseguiu, com a voz comedida.

— E, quando você vier atrás de mim, eu já estarei perdida novamente, Pai. Como posso prometer que estarei lá para testemunhar seus gritos ou lágrimas?

A imagem tinha começado a tremular. Os olhos grandes e escuros fixaram-se em Merrick e depois em mim. Olhou de novo para Louis. Ela estava perdendo a nitidez. O perfurador caiu da sua mão branca e bateu nas lajes, partindo-se em dois.

— Venha, Louis — disse ela, fraca, com o som do seu convite mesclando-

se ao leve farfalhar das árvores —, venha comigo para esse lugar desolado e deixe para trás seu conforto, sua fortuna, seus prazeres impregnados de sangue. Deixe para trás seus olhos famintos. Deixe tudo isso, meu amado, deixe-o por este reino obscuro e impalpável.

A figura estava rígida e achatada, com a luz mal realçando seu contorno indistinto. Eu quase não conseguia ver a pequena boca quando ela sorriu.

— Claudia, por favor, eu lhe imploro — disse Louis. — Merrick, não a deixe ir para as trevas incertas. Merrick, dê-lhe orientação!

Mas Merrick não se mexeu.

Louis voltou-se, frenético, de Merrick para a imagem que ia desaparecendo.

— Claudia! — gritou. Com toda a sua alma, ele queria dizer mais, mas não havia convicção nele. Tudo era desespero. Dava para eu sentir. Dava para ver no seu rosto abatido.

Merrick manteve-se afastada, olhando pela reluzente máscara de jade, com a mão esquerda parada no ar como se estivesse pronta para rechaçar o espírito se ele voltasse a atacá-la.

— Venha a mim, Pai — disse a criança, com a voz agora sem entoação, desprovida de sentimento. A imagem estava transparente, fraca.

O contorno do rostinho foi se evaporando lentamente. Somente os olhos mantinham o brilho.

— Venha a mim — murmurou ela, com a voz fraca e inexpressiva. — Venha, faça isso com uma dor profunda, como sua oferenda. Você nunca me encontrará. Venha.

Apenas uma forma escura permaneceu ali alguns momentos, e então o espaço ficou vazio; e o pátio, com seu santuário e suas árvores altas e intimidantes, aquietou-se.

Dela eu não via mais nada. As velas, o que lhes havia acontecido? Estavam todas apagadas. O incenso que ardia não passava de fuligem nas lajes. Tinha sido espalhado pela brisa. Uma extraordinária chuva de folhinhas caía preguiçosa dos galhos, e o ar se encheu de um frio sutil, porém cortante.

Somente o brilho distante dos céus nos dava alguma iluminação. O gelo terrível se demorava ao nosso redor. Penetrava pelas minhas roupas e pousava na minha pele.

Louis examinava a escuridão com um ar de dor indescritível. Começou a tremer. As lágrimas não escorriam, apenas se mantinham nos olhos atônitos.

De repente, Merrick arrancou a máscara de jade e virou as duas mesas, bem como o braseiro, deixando o conteúdo cair com violência nas lajes. A máscara, ela jogou nos arbustos junto à escada dos fundos.

Olhei horrorizado para o crânio de Mel caído na pilha de instrumentos descartados. Uma fumaça forte subia do carvão molhado. Os restos queimados da boneca eram visíveis no líquido que escorria. O cálice de pedras preciosas rolou na sua borda dourada.

Merrick segurou Louis pelos dois braços.

— Vamos entrar — disse ela. — Saia agora deste lugar horrível. Entre comigo onde possamos acender a luz. Venha para onde possamos nos sentir

aquecidos e em segurança.

— Não, agora não, minha cara — respondeu ele. — Preciso deixá-la. Ah, prometo que voltarei a vê-la. Deixe-me sozinho por enquanto. Aceite qualquer promessa que eu precise lhe fazer para tranquilizá-la. Aceite toda a gratidão que eu possa expressar do fundo do meu coração. Mas deixe-me ir.

Ele se abaixou e recuperou o pequeno retrato de Claudia dos destroços do altar. Partiu então pelo beco sombrio, afastando do caminho as jovens folhas de bananeira, com os passos se acelerando cada vez mais até desaparecer completamente, até sumir no seu próprio caminho na noite familiar e inalterada.



DEIXEI-A ENRODILHADA NA CAMA DE GRANDE NANANNE NO QUARTO DA frente.

Voltei ao jardim, recolhi os pedaços quebrados do perfurador de jade e encontrei a máscara partida ao meio. Como era frágil esse jade forte. Como tinham sido más minhas intenções! Como tinha sido terrível o resultado!

Esses objetos eu trouxe comigo para dentro de casa. Não consegui me forçar a pôr as mãos supersticiosas no crânio de Mel ao Sol.

Coloquei a coleção de fragmentos de jade no altar do quarto, em meio às velas protegidas por vidro, e então me acomodei perto dela, sentado ao seu lado e a enlacei com um braço.

Ela se virou e encostou a cabeça no meu ombro. Sua pele estava terna e febril. Senti vontade de cobri-la de beijos, mas não podia me entregar a esse impulso, da mesma forma que não podia me entregar ao impulso mais sinistro de, pelo sangue, harmonizar o ritmo do seu coração ao do meu.

Havia sangue seco por todo o seu vestido de seda branca e na parte interna do braço direito.

— Eu nunca deveria ter feito isso, nunca — disse ela, numa voz abafada e ansiosa, com os seios cedendo macios ao encostar em mim. — Foi loucura. Eu sabia o que iria acontecer. Eu sabia que o cérebro de Louis alimentaria o desastre. Eu sabia. E agora ele está perdido. Está ferido e perdido, fora do nosso alcance.

Levantei-a para poder olhar nos seus olhos. Como sempre, o brilho do seu verde me espantou e me fascinou, mas eu não podia me envolver com seus encantos agora.

— Mas você acredita mesmo que fosse Claudia? — perguntei.

— Acredito, sim — disse ela. Os olhos ainda estavam vermelhos em torno da borda por ter chorado. Eu via as lágrimas paradas ali. — Era Claudia — afirmou ela. — Ou essa coisa que agora se chama Claudia, mas as palavras que disse? Era tudo mentira.

— Como você pode saber isso?

— Do mesmo jeito que sei quando um ser humano está me mentindo. Do mesmo jeito que sei quando alguém leu o pensamento do outro e está se aproveitando da fraqueza do outro. O espírito foi hostil, uma vez chamado para nosso universo. O espírito estava confuso. Ele contou mentiras.

— Não tive a impressão de que estivesse mentindo — argumentei.

— Você não percebe? — disse ela. — O espírito tomou de Louis os piores temores e pensamentos mórbidos para usar como material. A mente de Louis estava repleta dos instrumentos verbais pelos quais ele poderia concretizar seu próprio desespero. Agora ele encontrou sua condenação. E seja lá ele o que for, ser fantástico, horror, monstro maldito, agora está perdido. Fora do nosso alcance.

— Por que o espírito não poderia estar dizendo a pura verdade? — perguntei.

— Nenhum espírito diz a pura verdade — insistiu ela. Enxugou os olhos avermelhados com as costas da mão. Dei-lhe meu lenço de cambraia. Ela o apertou contra os olhos. Depois, olhou para mim novamente.

— Não quando ele é chamado, não diz. Diz a verdade somente quando vem pela própria vontade.

Meditai sobre essa idéia. Eu a ouvira antes. Todos os membros da Talamasca a tinham ouvido. Espíritos que são chamados são traiçoeiros. Espíritos que surgem sozinhos possuem alguma vontade que os guia. Mas no fundo não se pode confiar em nenhum espírito. Tratava-se de conhecimento antigo. Não me proporcionava nem conforto nem clareza naquele exato momento.

— Quer dizer que a descrição da eternidade — disse eu — era falsa, é isso o que você está dizendo?

— É — disse ela —, é exatamente isso o que estou dizendo. — Ela limpou o nariz com o lenço. Começou a tremer. — Mas ele nunca vai admitir isso. — Ela abanou a cabeça. — As mentiras são muito parecidas com aquilo em que ele acredita piamente.

Não falei. As palavras do espírito estavam muito próximas daquilo em que eu no fundo acreditava também.

Ela encostou a cabeça no meu peito mais uma vez, com o braço frouxo em torno de mim. Eu a segurava, com os olhos fixos no altar menor diante de mim, entre as janelas da frente, fitando o rosto paciente dos vários santos.

Uma disposição de espírito tranqüila e perigosa abateu-se sobre mim, na qual eu via com bastante clareza todos os longos anos da minha vida. Um aspecto permanecia constante durante a jornada, quer eu fosse o rapaz nos templos do candomblé no Brasil, quer eu fosse o vampiro rondando as ruas de Nova York na companhia de Lestat. Esse aspecto constante era que, por mais que eu tivesse afirmado o contrário, eu suspeitava de não haver nada além desta vida terrena.

É claro que de vez em quando eu me dispunha a ter outro tipo de “crença”. Apresentava a mim mesmo argumentos com milagres aparentes — ventos de natureza espiritual e o jorro do sangue de vampiros. Mas em última análise meu temor era que não existisse nada, nada talvez além das “trevas incomensuráveis” que aquele espectro, aquele espectro perverso e encolerizado, tinha descrito.

É, estou dizendo que acredito que talvez possamos nos demorar. É claro. Demorar-se após a morte por algum tempo não é algo que esteja fora do alcance de explicação da ciência um dia — uma alma de substância definível, isolada da carne e presa em algum campo de energia que envolve o planeta. Não está além da capacidade da imaginação. Não, de modo algum. Mas não significa a imortalidade. Não significa que exista um Paraíso ou um Inferno. Não significa

justiça ou reconhecimento. Não significa êxtase ou dor interminável.

Quanto aos vampiros, eles eram um milagre vistoso, mas considerem como esse milagre é implacavelmente materialista e como é restrito.

Imaginem a noite em que um de nós foi capturado e fixado meticulosamente à mesa no laboratório, talvez alojado num tanque de plástico aeroespacial, protegido do sol, noite e dia sob a claridade oscilante de lâmpadas fluorescentes.

Ele ali permaneceria, esse indefeso espécime do Nosferatu, sangrando em seringas e provetas, enquanto médicos dariam à nossa longevidade, à nossa imutabilidade, à nossa ligação com algum espírito opressor e eterno um longo nome científico em latim.

Amel — aquele espírito antigo que os mais velhos entre nós dizem organizar nosso corpo e ligar um ao outro —, um dia ele seria classificado como alguma força muito semelhante àquela que organiza a minúscula formiga no seu vasto e complexo formigueiro, ou as maravilhosas abelhas em sua colméia delicada e de uma sofisticação impossível.

Se eu morresse, talvez não houvesse nada. Se eu morresse, talvez houvesse apego à terra. Se eu morresse, talvez nunca chegasse a saber o que aconteceria com minha alma. As luzes ao meu redor — cujo calor o espírito da criança tinha mencionado com tanto escárnio —, o calor simplesmente desapareceria.

Abaixei a cabeça. Apertei com força as têmporas com os dedos da mão esquerda, enquanto meu braço direito abraçava Merrick, que parecia tão preciosa, tão frágil.

Meu pensamento voltou acelerado ao feitiço sinistro e ao espírito luminoso da criança no seu meio. Voltou ao momento em que seu braço se ergueu, em que Merrick gritou e foi jogada para trás. Voltou aos olhos e lábios maravilhosamente realizados da criança, e a voz baixa e melodiosa que vinha dela. Voltou à aparente confirmação da própria visão.

Naturalmente, *poderia ter sido* o desespero de Louis que abasteceu sua fonte de desgraças. Poderia ter sido o meu próprio. Até que ponto eu mesmo queria acreditar nos eloqüentes anjos de Lestat ou no vislumbre que Armand teve do cristalino esplendor celestial? Até que ponto eu mesmo projetava sobre o aparente vazio minha própria consciência extinta e obviamente pranteada, esforçando-me repetidas vezes para verbalizar o amor pelo criador do vento, das marés, da Lua, das estrelas?

Eu não poderia terminar minha própria existência terrena. Tinha tanto medo quanto qualquer mortal de talvez estar abdicando para sempre da única experiência mágica que tinha tido o privilégio de conhecer. E que Louis, pudesse perecer parecia puro horror, como ver uma flor exótica e venenosa, caída do seu poleiro secreto na selva para ser pisoteada.

Eu temia por ele? Não tinha certeza. Eu o amava e o queria agora conosco neste quarto. Isso sim. Mas não tinha certeza se eu possuía a energia moral para convencê-lo a permanecer neste mundo mais vinte e quatro horas. Não tinha certeza de absolutamente nada. Eu o queria para meu companheiro, espelho das minhas emoções, testemunha do meu progresso estético, é, para tudo isso. Eu queria que ele fosse o Louis tranqüilo e delicado que eu conhecia. E, se ele

decidisse não prosseguir conosco, se de fato acabasse com a própria vida ao entrar na luz do Sol, para mim seria ainda mais difícil continuar, mesmo com meu medo.

Merrick tinha começado a tremer por inteiro. As lágrimas não paravam. Cedi ao desejo de beijá-la, de respirar a fragrância da sua carne quente.

— Pronto, pronto, querida — murmurei.

O lenço preso na sua mão direita estava pequeno e molhado.

Levantei-a quando me pus de pé. Afastei a pesada colcha branca de chenille e a dei-tei nos lençóis limpos. De que importava seu vestido sujo. Ela estava assustada e com frio. O cabelo estava emaranhado por baixo dela. Ergui um pouco sua cabeça e trouxe o cabelo para cima, sobre a roupa de cama. Vi que ela se deixava afundar nos travesseiros de pluma, e eu beijei suas pálpebras para que ela as fechasse.

— Descanse agora, minha querida — disse eu. — Você só fez o que ele pediu.

— Não me deixe por enquanto — disse ela, com a voz ferida —, a menos que você ache que pode encontrá-lo. Se você souber onde ele está, vá procurá-lo. Em caso contrário, fique aqui comigo só mais um pouquinho.

Segui pelo corredor à procura de um banheiro e o encontrei bem nos fundos da casa, um aposento espaçoso e um tanto suntuoso, com uma pequena lareira para carvão assim como uma enorme banheira com pés em forma de garra. Havia a costureira pilha de toalhas brancas felpudas que se espera encontrar em meio a tanto luxo. Umedeci a ponta de uma dessas toalhas e a levei de volta ao quarto da frente.

Merrick estava de lado, com os joelhos encolhidos, as mãos unidas. Eu ouvia um murmúrio baixo que lhe saía dos lábios.

— Olhe, deixe-me limpar seu rosto — disse eu. Passei à limpeza sem qualquer outra concessão e depois retirei o sangue coagulado da parte interna do seu braço. Os arranhões seguiam direto da palma da mão até o lado oposto ao cotovelo. Mas eram muito superficiais. Um começou a sangrar quando eu o esfregava, mas fiz um pouco de pressão e estanquei o sangue.

Apanhei a ponta limpa e seca da toalha e fui secando com ela o rosto de Merrick e depois os ferimentos, que agora já estavam totalmente limpos e fechados.

— Não posso ficar aqui desse jeito — disse Merrick. Sua cabeça ia de um lado para o outro. — Preciso tirar os ossos do pátio dos fundos. Foi uma atitude terrível a de derrubar os altares.

— Acalme-se agora — disse eu. — Vou trazê-los para dentro de casa. Isso era algo que me enchia de repugnância. Mas cumpri o prometido.

Voltei à cena do crime. O escuro pátio dos fundos estava extraordinariamente calmo. As velas apagadas diante dos santos sugeriam negligência e pareciam ser prova de graves pecados.

Do meio dos detritos caídos das mesas de ferro, recolhi o crânio de Mel ao Sol. Senti um súbito calafrio percorrer minhas mãos, mas o atribuí à minha imaginação. Apanhei o osso de costela e vi mais uma vez que os dois tinham todo tipo de escrita gravada em profundidade. Recusei-me a ler o que estava escrito.

Trouxe-os comigo para dentro de casa e até o quarto da frente.

— Deixe-os no altar — disse ela. Sentou-se, afastando as cobertas pesadas.

Vi que tinha tirado o vestido de seda branca, encharcado de sangue, e que ele estava jogado no assoalho.

Usava apenas a combinação de seda, e através dela eu podia ver os grandes mamilos rosados. Havia sangue também na combinação. Seus ombros eram muito retos, os seios altos, e os braços eram arredondados o suficiente para me parecerem deliciosos.

Fui apanhar o vestido. Eu queria deixá-la totalmente limpa. Queria que ficasse bem.

— É de uma injustiça monstruosa que você esteja tão apavorada — disse eu.

— Não, deixe o vestido — respondeu ela, estendendo-se para segurar meu pulso. — Deixe-o para lá e venha se sentar aqui, ao meu lado. Segure minha mão e converse comigo. O espírito mentiu, eu juro. Você precisa acreditar no que eu digo.

Voltei a me sentar na cama. Queria estar perto dela. Inclinei-me e beijei sua cabeça baixa. Preferia que seus seios não estivessem tão expostos, e me perguntei se vampiros mais jovens, aqueles transformados no início da idade adulta, sabiam o quanto esses detalhes carnisais ainda me perturbavam. É claro que o desejo pelo sangue se exacerbava com essa perturbação. Não era fácil amá-la com tanta intensidade e não provar da sua alma por meio do sangue.

— Por que tenho de acreditar em você? — perguntei, com delicadeza. Ela enfiou os dedos no cabelo e o puxou para trás dos ombros.

— Porque é o que precisa fazer — disse ela, com insistência, porém com calma. — Você precisa entender que eu sabia o que estava fazendo; precisa acreditar que eu posso discernir um espírito que diz a verdade de outro que mente. Foi algo de se ver, mesmo, aquele ser que fingiu ser Claudia, uma criatura muito poderosa por conseguir erguer o perfurador e enfiá-lo na carne de Louis. Aposto que era um espírito que o odiava por sua própria natureza, pelo fato de ele poder estar morto e ainda pisar na terra. Foi alguma criatura profundamente agredida pela própria existência de Louis. Mas sei que estava tirando suas falas dos próprios pensamentos dele.

— Como pode ter tanta certeza? — perguntei, dando de ombros. — Deus sabe como eu gostaria que você estivesse com a razão. Mas você mesma chamou Mel. Mel não está perdida na mesma esfera que Claudia descreveu? A presença de Mel não prova que não existe nada melhor para nenhuma das duas? Você viu a forma de Mel lá fora diante do altar...

Ela fez que sim.

— ... e então chamou Claudia dessa mesma esfera.

— Mel quer ser chamada — afirmou Merrick, olhando para mim, com os dedos enfiados no cabelo, puxando-o para trás com crueldade, afastando-o do rosto atormentado. — Mel está sempre presente. Mel está me esperando. É por isso que eu tinha certeza de que podia invocar Mel. Mas e Sandra Gelada? E Grande Nananne? E Aaron Lightner? Quando eu abri a porta, nenhum desses espíritos apareceu. Há muito tempo eles seguiram para a Luz, David. Se não

tivessem seguido, há muito tempo eles teriam se comunicado comigo. Eu os teria sentido como sinto Mel. Teria dicas deles, como Jesse Reeves teve de Claudia quando ouviu a música na Rue Royale.

Fiquei intrigado com essa última afirmação. Muito intrigado. Abanei a cabeça numa negação eloquente.

— Merrick, você está me escondendo alguma coisa — disse eu, decidido a tratar direto do assunto. — Você invocou Grande Nananne. Você acha que eu não me lembro do que aconteceu há apenas algumas noites, quando me encontrei com você no café na Rue St. Anne?

— Sim? O que houve naquela noite? — perguntou ela. — O que você está querendo dizer?

— Talvez você não saiba o que aconteceu — disse eu. — Isso é possível? Que você tenha lançado um feitiço sem que você mesma soubesse o quanto ele era forte?

— David, seja direto — respondeu ela. Os olhos estavam se desanuviando, e ela estava parando de tremer. Com isso eu estava satisfeito.

— Naquela noite — disse eu —, depois que nos encontramos e nos falamos, você me lançou um feitiço, Merrick. No caminho de volta à Rue Royale, eu não parava de ver você por toda parte, à minha direita e à minha esquerda. E depois vi Grande Nananne.

— Grande Nananne? — perguntou ela, com a voz comedida, mas num tom que não conseguia esconder sua descrença. — O que você quer dizer com ter visto Grande Nananne?

— Quando cheguei à entrada de veículos da minha casa geminada — disse eu —, vi dois espíritos por trás das barras de ferro: um, sua imagem aos dez anos de idade, como você era quando eu a conheci; e o outro, Grande Nananne de camisola, como estava no único dia em que eu jamais a vi, o dia da sua morte. Esses dois espíritos estavam parados na entrada para veículos e falavam juntos, com intimidade, num *tête à tête*, com os olhos fixos em mim. E quando me aproximei, eles desapareceram.

Por um instante, ela não disse nada. Estava com os olhos semicerrados e os lábios ligeiramente separados, como se estivesse refletindo sobre o assunto com extrema concentração.

— Grande Nananne — repetiu ela.

— Exatamente como lhe contei, Merrick — disse eu. — Devo eu agora supor que você mesma não a chamou? Você sabe o que aconteceu em seguida, não sabe? Voltei ao Windsor Court, à suíte onde eu a deixara. Encontrei-a bêbada como um gambá na cama.

— Não use uma expressão tão encantadora — murmurou ela, irritada. — Você voltou, sim, e me escreveu um bilhete.

— Mas, depois de escrever o bilhete, Merrick, vi Grande Nananne ali no hotel, parada no vão da porta do seu quarto. Ela me desafiava, Merrick. Estava me desafiando com sua simples presença e postura. Era uma aparição densa e inegável. Durou alguns instantes, instantes apavorantes, Merrick. Devo então entender que isso não fazia parte do seu feitiço?

Merrick permaneceu em silêncio por um bom tempo, com os dedos

abertos no meio do cabelo. Encolheu os joelhos e os trouxe para junto do peito. Seu olhar penetrante não se desviava de mim.

— Grande Nananne — murmurou. — Você está me contando a verdade. Claro que está. E achou que eu tinha chamado minha madrinha? Achou que eu poderia chamá-la e fazer com que aparecesse com tanta facilidade?

— Merrick, eu vi a imagem de São Pedro. Vi meu próprio lenço abaixo da imagem com as gotas de sangue nele. Vi a vela que você acendeu. Vi as oferendas. Você tinha lançado um feitiço.

— É verdade, meu querido — disse ela rapidamente, com a mão direita agarrando a minha para me acalmar. — Fiz um feitiço para atraí-lo, sim. Fiz um feiticinho para fazer você me querer, para torná-lo incapaz de pensar em qualquer coisa além de mim, para fazê-lo voltar se houvesse a mínima chance de você decidir nunca mais me ver. Só um feiticinho para atraí-lo, David, você sabe do que eu estou falando. Eu queria ver se ainda conseguiria agora que você é um vampiro. E está vendo o que aconteceu? Você não sentiu amor ou obsessão, David; em vez disso, viu imagens de mim. Sua força se manifestou, David, foi só isso o que ocorreu. E você me escreveu aquele seu bilheteinho áspero e, quando eu o li, acho até que posso ter rido.

Parou de falar, profundamente perturbada, com os olhos arregalados enquanto olhava à sua frente, talvez examinando seus próprios pensamentos.

— E Grande Nananne? — insisti. — Você não a chamou?

— Não consigo chamar minha madrinha — disse ela, com o tom sério, os olhos semicerrados ao olhar de novo para mim. — Eu rezo para minha madrinha, David; isso você não percebe, como rezo para Sandra Gelada, como rezo para OnCLE Vervain. Eles não estão mais perto de nós, nenhum deles, meus antepassados. Rezo para eles no Céu, como para os anjos e os santos.

— Estou lhe dizendo que vi uma aparição dela.

— E eu estou lhe dizendo que nunca a vi — murmurou ela. — Estou dizendo que daria qualquer coisa que possuo se ao menos conseguisse isso.

Olhou para a minha mão, a que estava segurando na sua, apertou-a então com carinho e a soltou. Voltou a levar as duas mãos às têmporas, e os dedos foram abrindo caminho pelo cabelo adentro.

— Grande Nananne está na Luz — disse ela, como se estivesse argumentando comigo, e talvez estivesse mesmo. Mas seu olhar estava fora do meu alcance. — Grande Nananne está na Luz, David — repetiu. — Estou lhe dizendo que sei que está. — Olhou para cima para a penumbra tênue e então seus olhos acabaram chegando ao altar e às velas nas longas fileiras bruxuleantes.

— Não acredito que tenha vindo — murmurou ela. — Não acredito que estejam todos em alguma “esfera insubstancial”! Não, não acredito, é o que lhe digo. — Ela pôs as mãos nos joelhos. — Não acredito em algo tão absolutamente horrível: que todas as almas dos que “partiram na fé” estejam perdidas nas trevas. Não, não posso acreditar numa coisa dessas.

— Muito bem, então — disse eu, esperando o momento apenas para consolá-la, e me lembrando com excesso de nitidez dos espíritos junto ao portão mais uma vez, a velha e a menina. — Grande Nananne veio por sua própria conta. E como você indicou mais cedo: você disse que os espíritos somente

dizem a verdade se vêm por sua própria vontade. Grande Nananne não me queria perto de você, Merrick. Grande Nananne já me disse isso. E talvez ela volte ainda uma vez se eu não corrigir de algum modo o mal que lhe fiz e se não a deixar em paz.

Ela pareceu refletir sobre tudo isso.

Seguiu-se um longo intervalo durante o qual eu a observei atentamente, e ela não me deu nenhuma pista dos seus sentimentos ou das suas intenções; e, finalmente, segurou de novo minha mão. Levou-a até os lábios e a beijou. Era de uma suavidade que doía.

— David, meu querido David — disse ela, mas seus olhos guardavam algum segredo. — Deixe-me agora.

— Não, não vou nem pensar nisso enquanto não for preciso que eu o faça.

— Não, eu quero que você vá — disse ela. — Ficarei muito bem aqui sozinha.

— Chame o zelador — disse eu. — Quero que ele esteja aqui antes que eu saia da propriedade ao amanhecer.

Ela estendeu a mão até a mesinha-de-cabeceira e apanhou um desses telefones celulares modernos que não é maior que uma carteira de homem. Teclou uma série de números. Ouvi a voz apropriada na outra ponta: “Sim, senhora, estou indo direto para aí.”

Fiquei satisfeito.

Levantei-me. Dei alguns passos até o centro do quarto, e então uma sensação de máxima desolação caiu sobre mim.

Dei meia-volta e olhei para ela, ali sentada, com os joelhos junto aos seios, a cabeça pousada nos joelhos, os braços prendendo as pernas.

— Será que eu agora estou sob o efeito de um feitiço, Merrick? — perguntei-lhe, com a voz ainda mais mansa do que eu pretendia. — Não quero deixá-la, minha querida — disse eu. — Não consigo suportar essa idéia, mas sei que teremos de nos separar um do outro, você e eu. Mais um encontro, talvez dois. Não mais que dois.

Ela olhou para mim, espantada, e sua expressão tinha um toque de medo.

— Traga-o de volta a mim, David — disse ela, implorando. — Pelo amor de Deus, você tem de fazer isso. Eu preciso ver Louis e conversar de novo com ele. — Ela esperou um momento, período durante o qual eu não lhe dei resposta. — Quanto a você e a mim, não fale como se nós simplesmente pudéssemos dizer adeus um ao outro. David, não posso suportar essa idéia neste momento. Você precisa me garantir...

— Não será abrupto — disse eu, interrompendo-a — e não vai ser sem seu conhecimento. Mas não podemos continuar, Merrick. Se tentarmos continuar, você perderá a fé em si mesma e em tudo o que é importante para você. Pode acreditar em mim, eu sei.

— Mas, meu querido, isso nunca lhe aconteceu — disse ela, com muita confiança como se tivesse pensado exaustivamente no assunto. — Você era feliz e independente quando o vampiro Lestat o transformou. Foi você quem me disse. Será que não pode me dar crédito por isso, David? Cada um de nós é diferente.

— Saiba que eu a amo, Merrick — disse eu, baixinho.

— Nem tente se despedir, David. Venha cá e me dê um beijo; e volte de novo amanhã à noite.

Fui até a cama e a tomei nos braços. Beijei-a nas bochechas. E depois, numa atitude pecaminosa e com uma determinação desgraçada, beijei seus seios complacentes, beijei-lhe os dois mamilos, e recuei, repleto do seu perfume e furioso comigo mesmo.

— Por ora, querida — disse eu.

E saí dali para voltar para casa na Rue Royale.



LOUIS ESTAVA EM CASA QUANDO CHEGUEI AO APARTAMENTO. EU PODIA sentir sua presença já enquanto subia a escada. Restavam apenas algumas horas da noite para nós dois, mas eu estava tão feliz em vê-lo que fui direto à sala de visitas da frente, onde ele estava à janela, olhando para a Rue Royale lá embaixo.

A sala estava repleta de abajures acesos, e os quadros de Matisse e Monet pareciam cantar nas paredes.

Louis havia tirado as roupas sujas de sangue e usava agora uma camisa preta de malha de algodão com a gola rente ao pescoço e calças pretas. Os sapatos estavam velhos e esfrangalhados, mas no passado tinham sido de excelente qualidade.

Ele se voltou quando entrei na sala, e eu lhe dei um abraço. Com ele, eu podia manifestar o afeto que mantinha sob controle tão ferrenho quando na presença de Merrick. Abracei-o forte e o beijei como os homens podem fazer com outros homens quando estão a sós. Beijei-lhe os cabelos negros, os olhos e depois sua boca.

Pela primeira vez no nosso convívio, senti uma grande explosão de afeto por ele, uma profunda afinidade, e no entanto alguma outra coisa de repente fez com que ele se crispasse, a contragosto.

Era a dor no peito, decorrente do ferimento.

— Eu deveria ter vindo com você — confessei. — Eu nunca deveria tê-lo deixado ir embora, mas achei que ela precisava de mim. E fiquei com ela. Era o que eu tinha de fazer.

— Claro que tinha — disse ele —, e eu não teria permitido que você a deixasse. Ela precisava de você muito mais que eu. Não se preocupe com esse ferimento. Ele já está sarando. Tenho atrás de mim uma quantidade suficiente de décadas na Estrada do Mal para fazer com que sare em algumas noites.

— Não mesmo, e você sabe disso — retruquei. — Deixe-me dar-lhe meu sangue. Meu sangue é infinitamente mais forte. Não me rejeite, homem, preste atenção ao que lhe digo. Se você não quiser bebê-lo de mim, deixe-me então derramar um pouco no ferimento.

Louis estava em profunda aflição. Sentou-se numa poltrona e pôs os cotovelos nos joelhos. Eu não conseguia ver seu rosto. Sentei-me na poltrona mais próxima e esperei.

— Vai sarar, eu lhe disse — insistiu ele, baixinho.

Deixei para lá. O que mais eu poderia fazer? No entanto, dava para eu ver que a dor do ferimento era tremenda. Isso eu podia notar pelos seus gestos mais simples — como começavam com perfeita harmonia de movimentos e de repente eram interrompidos.

— E o espírito, o que você mesmo achou dele? — perguntei. — Quero ouvir dos seus lábios antes de lhe dizer o que Merrick achou e o que eu vi.

— Eu sei o que vocês dois pensam — disse ele. Finalmente, ele levantou os olhos e se recostou hesitante na poltrona. Pela primeira vez, percebi a mancha escura do sangue na camisa. O ferimento era terrível. Eu não estava gostando daquilo. Não gostava de ver o sangue nele da mesma forma que não gostava de vê-lo em Merrick. Fiquei impressionado com o quanto eu amava os dois.

— Vocês dois acham que o espírito se aproveitou dos meus temores — disse ele, calmamente. — Eu sabia que era isso o que vocês iriam dizer mesmo antes de começarmos. Mas, veja bem, minhas lembranças dela são nítidas demais. Eu conheço seu francês, conheço sua melodia, conheço o próprio ritmo da sua fala. E era Claudia, e ela saía das trevas exatamente como contou; tinha vindo de um local terrível no qual permanece em desassossego.

— Você conhece meus argumentos — disse eu, abanando a cabeça. — O que pretende fazer agora? Qualquer que seja seu plano, você não pode prosseguir sem me dizer do que se trata.

— Eu sei, *mon ami*, tenho consciência disso — respondeu ele. — E você deve saber agora que não vou continuar com vocês por muito tempo.

— Louis, eu lhe imploro...

— David, estou exausto — disse ele — e estaria trocando uma dor por outra. Houve uma coisa que ela disse que não consigo esquecer. Ela perguntou se eu renunciaria ao meu conforto por ela? Você se lembra?

— Não, meu velho amigo, você compreendeu mal. Ela perguntou se você renunciaria ao seu conforto pela morte, mas nunca prometeu que estaria lá! Essa é a questão. Ela não estará. Meu Deus, durante quantos anos na Talamasca eu estudei a história de aparições e de suas mensagens, quantos anos passei estudando a fundo relatos de primeira mão daqueles que tinham tido contato com fantasmas e que tinham registrado sua experiência! Você pode escolher aquilo em que quiser acreditar acerca do outro mundo. Não importa. Mas, uma vez que escolha a morte, Louis, não poderá voltar a escolher a vida. Não faça essa escolha, eu lhe imploro. Fique por mim, se não for por nenhuma outra razão. Fique por mim, porque preciso de você, e fique por Lestat, porque ele precisa de você também.

É claro que minhas palavras não o surpreenderam. Ele levou a mão esquerda ao peito e fez uma leve pressão no ferimento. Por um instante, uma careta deformou-lhe o rosto.

Abanou a cabeça.

— Por você e por Lestat, sim, já pensei nisso. E o que dizer dela? E nossa adorável Merrick? O que ela precisa de mim também?

Louis aparentemente tinha muito mais a dizer, mas de repente ele se calou, suas sobrancelhas se uniram, e ele pareceu jovem e de uma inocência impossível quando virou rápido a cabeça para o lado.

— David, você está ouvindo? — perguntou ele, com uma empolgação crescente. — David, escute!

Eu não ouvia nada, além dos ruídos da cidade.

— O que é, meu amigo? — perguntei.

— David, tente escutar. Está em toda a nossa volta. — Ele se pôs de pé, com a mão esquerda ainda pressionando a dor que sentia. — David, é Claudia, é a música, é o cravo. Eu o ouço ao nosso redor. David, ela quer que eu vá. Eu sei.

Eu fiquei em pé num segundo. E o dominei.

— Você não vai fazer isso, meu amigo, não pode fazer isso sem se despedir de Merrick, sem se despedir de Lestat, e não lhe resta tempo suficiente para isso nesta noite.

Seu olhar estava perdido. Ele estava fascinado e tranquilizado. Os olhos, vidrados; e o rosto abrandado, com uma expressão desprovida de desafio.

— Conheço essa sonata. Eu me lembro dela. E é verdade, ela a adorava. Gostava dela porque Mozart a compôs quando era criança. Você não está ouvindo, está? Mas já a ouviu um dia, tente se lembrar. É tão linda, e como ela toca rápido, minha Claudia.

Deu um riso desnorreado. As lágrimas se adensaram; os olhos ficaram cobertos de sangue.

— Estou ouvindo o canto dos pássaros. Escute. Eu os estou ouvindo na gaiola. Os outros, todos os da nossa espécie que a conhecem, consideram

Claudia insensível, mas ela não era insensível. Apenas tinha consciência de coisas que só fui aprender depois da passagem de muitas décadas. Ela conhecia segredos que só o sofrimento pode ensinar...

Sua voz foi sumindo. Ele se livrou com elegância das minhas mãos e andou até o centro da sala. Deu voltas como se a música realmente o cercasse.

— Você não percebe a gentileza que ela fez? — murmurou ele. — A música continua sem parar, David, e está ficando cada vez mais rápida. Claudia, eu a estou escutando. — Parou de falar, deu mais uma volta, com os olhos passando por tudo, mas sem ver nada. — Claudia, vou estar com você em breve.

— Louis — disse eu —, está quase amanhecendo. Venha agora comigo. — Ele permaneceu imóvel, cabisbaixo. As mãos estavam caídas de cada lado do corpo. Parecia infinitamente triste e infinitamente derrotado.

— Parou? — perguntei.

— Parou — murmurou ele. Aos poucos, foi levantando o olhar, ainda meio perdido e depois voltando a se controlar. Olhou então para mim. — Duas noites não farão diferença, não é mesmo? E assim posso agradecer a Merrick. Posso dar-lhe o retrato. A Talamasca pode querer. — Ele fez um gesto na direção da mesa próxima, a pequena mesa oval que ficava diante do sofá.

Vi o daguerreótipo aberto sobre a mesa. A imagem de Claudia foi um choque para mim quando encarei seu olhar. Senti vontade de fechar o pequeno estojo, mas não importava. Eu sabia que jamais poderia permitir que o retrato caísse nas mãos da Talamasca. Nunca poderia permitir um contato desses, muito menos a posse de um objeto tão significativo por videntes tão poderosos quanto Merrick. Eu jamais poderia permitir que uma prova daquelas persistisse para que a Talamasca investigasse não importava o que todos nós tivéssemos visto naquela

noite.

Mas não disse isso.

Quanto a Louis, ele estava em pé, como antes, elegante no traje preto desbotado, um homem em devaneio, o sangue seco nos olhos, conferindo-lhe um ar horrendo, enquanto ele voltava a olhar para a distância, afastado da minha compaixão exaltada, isolando-se de qualquer consolo que eu lhe pudesse proporcionar.

— Você virá me encontrar amanhã — disse eu. Ele fez que sim.

— Os pássaros sumiram agora — sussurrou. — Não consigo sequer cantarolar a melodia em imaginação. — Parecia sofrer uma aflição insuportável.

— Tudo é silêncio no lugar que ela descreveu — disse eu, com bastante desespero. — Pense nisso, Louis. E venha me encontrar amanhã à noite.

— Virei, meu amigo, já lhe prometi — disse ele, meio atordoado. Franziu o cenho como se estivesse tentando se lembrar de alguma coisa específica. — Preciso agradecer a Merrick, e a você, é claro, a você, meu velho amigo, que fez tudo o que lhe pedi.

Saímos juntos da casa geminada.

Ele partiu para o local onde se deita durante o dia, cuja localização eu desconhecia.

Eu tinha mais tempo que ele. Como Lestat, meu poderoso criador, eu não era escorraçado para o caixão pelos primeiros sinais da madrugada. O sol teria de surgir no horizonte para eu sentir o paralisante sono dos vampiros.

De fato, eu tinha uma hora, talvez mais, embora os pássaros da manhã estivessem cantando nas poucas árvores do Quarter; e, quando cheguei à cidade alta, o céu tinha passado de um profundo azul-escuro para um crepuscular roxo-claro, que me demorei a apreciar antes de entrar no prédio empoeirado e subir a escadaria.

Nenhum movimento no antigo convento. Até mesmo os ratos tinham fugido dali. As espessas paredes de tijolos eram geladas, embora estivéssemos na primavera. Meus passos ecoavam como sempre. Permiti que isso acontecesse. Era um sinal de respeito a Lestat, assinalar minha chegada antes de penetrar nos seus domínios vastos e simples.

O grande pátio escancarado estava vazio. Os pássaros cantavam alto nas árvores exuberantes da Napoleon Avenue. Parei para olhar de relance por uma das janelas do andar superior. Desejei que fosse possível dormir durante o dia no alto dos galhos do carvalho ali próximo. Que idéia maluca, mas talvez em algum lugar, longe de toda a dor pela qual tínhamos passado ali, houvesse alguma floresta densa e desabitada onde eu pudesse construir um casulo escuro e espesso para me esconder em meio aos galhos, como um inseto maligno, inativo, antes de despertar para trazer a morte à sua presa.

Pensei em Merrick. Eu não tinha condições de saber como o dia seguinte seria para ela. Eu temia por ela. E me desprezava. E queria Merrick loucamente. Queria Louis. Queria os dois para serem meus companheiros, e isso era o mais puro egoísmo. No entanto, parecia que uma criatura não conseguiria viver sem o simples companheirismo que eu tinha em mente.

Entrei afinal na grande capela de paredes brancas. Todas as janelas de

vitral ainda estavam cobertas com sarja negra, como era agora necessário, pois não se podia mover Lestat com facilidade para local abrigado quando nascia o sol.

Não havia velas acesas diante desses santos aleatórios e imponentes. Encontrei Lestat como sempre estava, deitado sobre o lado esquerdo, um homem em descanso, os olhos cor de violeta abertos, o delicioso piano derramando-se do equipamento negro que tinha sido regulado para repetir interminavelmente a pequena gravação em CD.

A poeira de costume tinha se acumulado sobre o cabelo e os ombros de Lestat. Eu ficava horrorizado de ver a poeira, até mesmo no seu rosto. Mas eu o perturbaria se procurasse espaná-la? Eu não sabia, e minha tristeza era pesada e terrível.

Sentei-me ao seu lado.

Sentei-me onde ele me pudesse ver. E então, com audácia, desliguei a música. Com a voz apressada, uma voz muito mais impregnada de agitação do que eu jamais imaginei que estivesse, contei minha história.

Contei-lhe tudo — do meu amor por Merrick e dos seus poderes. Falei-lhe do pedido de Louis. Do espectro que viera a nós. De Louis ter ouvido a música de Claudia. Da decisão de Louis de nos deixar dentro de algumas noites.

— O que pode fazê-lo parar agora, eu não sei — disse eu. — Ele não esperará que você desperte, meu caríssimo amigo. Ele vai embora. E não há nada que eu de fato possa fazer para convencê-lo do contrário. Posso implorar que ele espere até que você esteja recuperado, mas creio que ele não quer perder de novo a coragem. Esse é o ponto crucial de tudo isso, sabe, a coragem. Ele tem a coragem para acabar com a vida. E é isso o que esteve faltando durante tanto tempo.

Repassei os detalhes. Descrevi Louis enquanto ele escutava a música que eu não ouvia. Descrevi a sessão mais uma vez. Talvez nessa hora eu tenha falado de coisas que omiti antes.

— Será que era mesmo Claudia? — perguntei. — Quem poderá dizer se era ou não era?

E então debrucei-me, dei um beijo em Lestat e falei para ele.

— Preciso tanto de você agora. Preciso de você ao menos para dizer adeus a ele.

Recuei e examinei o corpo adormecido. Não havia nenhuma mudança que eu pudesse detectar na consciência ou na postura.

— Você acordou uma vez — protestei. — Acordou quando Sybelle tocou a música para você, mas depois, levando consigo a música, você retornou ao sono egoísta. É isso o que isso é, Lestat, egoísta, porque você deixou para trás os seres que criou, Louis e eu. Você nos abandonou, e não é justo que aja desse modo. Precisa sair desse estado, meu Mestre querido. Você precisa despertar por Louis e por mim.

Nenhuma alteração na expressão no rosto tranquilo. Os grandes olhos cor de violeta estavam abertos demais para os de um morto. Mas o corpo não dava nenhum outro sinal de vida.

Abaixei-me. Colei a orelha no seu rosto frio. Embora não conseguisse ler

seus pensamentos, por ser sua cria, sem dúvida eu poderia adivinhar algo do que lhe passava pela alma.

Mas não me veio nada. Liguei novamente a música. Beijei-o e o deixei ali, seguindo então até minha toca, talvez mais disposto ao esquecimento do que nunca antes.



NA NOITE SEGUINTE, FUI PROCURAR MERRICK.

Sua casa no bairro decrépito estava escura e vazia. Somente o zelador estava na propriedade. E para mim não foi nenhum problema escalar até a janela do sobrado acima do barracão para constatar que o camarada estava satisfeito ali dentro, bebendo cerveja diante da monstruosa televisão em cores.

Fiquei terrivelmente desorientado. Minha impressão era que Merrick tinha praticamente prometido que se encontraria comigo, e em que outro lugar se não fosse na velha casa?

Eu precisava encontrá-la. Vasculhei incansável a cidade à sua procura, usando ao máximo a capacidade telepática que possuía.

Quanto a Louis, ele também estava ausente. Voltei ao apartamento na Rue Royale mais de quatro vezes durante minha busca por Merrick. E em nenhuma das vezes encontrei Louis ou a menor prova de que ele tivesse estado lá.

Finalmente, contrariando muito meu bom senso, mas em desespero, aproximei-me de Oak Haven, a casa matriz, para ver se poderia avistar Merrick lá dentro.

A descoberta foi em questão de minutos. Em pé no denso bosque de carvalhos ao norte do prédio, pude ver sua figura minúscula na biblioteca.

Na realidade, Merrick estava sentada na mesma poltrona de couro vinho que havia reivindicado para ser sua quando criança, na época em que nos conhecemos. Aninhada no couro velho e rachado, ela parecia estar dormindo; mas, quando me aproximei mais, meus refinados sentidos vampíricos confirmaram que estava bêbada. Pude discernir ao seu lado a garrafa do rum Flor de Cana e o copo. Os dois estavam vazios.

Quanto aos outros membros, um estava trabalhando no mesmo aposento, examinando as estantes em busca de algum assunto aparentemente rotineiro, e vários outros estavam em casa, no andar superior.

Não era concebível que eu me aproximasse de Merrick onde ela se encontrava. E tive a nítida percepção de que Merrick poderia ter planejado isso. E, se de fato havia planejado, talvez fosse para sua própria sanidade mental, um motivo que tinha grande aprovação minha.

Uma vez liberado daquela belezinha de espetáculo — Merrick fora de combate sem a mínima consideração pelo que os outros membros pudessem pensar —, retomei minha busca por Louis de uma ponta da cidade à outra, em vão.

As horas antes do amanhecer me encontraram andando de um lado para o outro diante da figura adormecida de Lestat na capela escura, explicando-lhe que Merrick resolvera se esconder e que Louis parecia ter sumido.

Sentei-me afinal no frio piso de mármore, como tinha feito na noite anterior.

— Eu saberia, não saberia — perguntei a meu mestre adormecido —, se Louis acabou com a própria vida, não é mesmo? Eu de algum modo sentiria, não? Se tivesse acontecido ontem ao amanhecer, eu teria sentido antes mesmo de fechar os olhos.

Lestat não deu resposta, e nem na sua postura nem na expressão facial havia a menor promessa de que um dia ele responderia.

Eu me sentia como se estivesse me dirigindo, com fervor, a uma das imagens dos santos.

Quando a segunda noite transcorreu exatamente da mesma forma, fiquei totalmente transtornado.

Eu não podia imaginar o que Merrick teria feito durante o dia, mas ela estava ainda mais uma vez bêbada na biblioteca, uma figura jogada, totalmente só agora, num dos seus esplêndidos vestidos de seda de cintura marcada, sendo esse de um vermelho vivo. Enquanto eu observava de uma distância segura, um dos membros, um velho que no passado eu conhecera e de quem gostava muito, entrou na biblioteca e cobriu Merrick com um cobertor branco de lã, que parecia ser de uma maciez perfeita.

Fugi às pressas para não ser detectado.

Quanto a Louis, enquanto rondava aquelas partes da cidade que sempre foram suas preferidas, eu me amaldiçoava por ter tido tanto respeito pela sua mente que nunca aprendi a ler seus pensamentos; tanto respeito pela sua privacidade que nunca aprendi a detectar sua presença. Amaldiçoai-me por não tê-lo feito prometer que viria se encontrar comigo no apartamento na Rue Royale a uma hora determinada.

Chegou afinal a terceira noite.

Tendo desistido da idéia de que Merrick fosse fazer outra coisa a não ser embriagar-se totalmente com rum, como era seu costume, fui direto ao apartamento na Rue Royale com o objetivo de escrever um bilhete a Louis, para a eventualidade de ele passar por lá quando eu não estivesse presente.

Eu estava dominado pela aflição. Agora parecia-me perfeitamente possível que ele tivesse deixado o sol da manhã cremá-lo exatamente como desejava, e que eu estava escrevendo no bilhete palavras que jamais seriam lidas.

Mesmo assim, sentei-me à bela escrivaninha de Lestat na sala de estar dos fundos, a escrivaninha voltada para a sala, e escrevi apressado.

“Você precisa falar comigo. Precisa me deixar conversar com você. É injusto que não permita que isso aconteça. Estou muito preocupado com você. Lembre-se, L., que eu fiz o que você me pediu. Cooperei em tudo com você. É claro que eu tinha meus motivos. Disponho-me a confessá-los abertamente. Eu sentia falta dela. Sofria do fundo do coração por ela. Mas você precisa me dizer como vão as coisas para seu lado.”

Eu mal tinha terminado de escrever a letra “D” quando olhei para cima e vi Louis parado no vão da porta do corredor.

Illeso, com o cabelo negro e encaracolado bem penteado, ele estava ali olhando para mim com ar de interrogação; e eu, agradavelmente surpreso, recostei-me e dei um grande suspiro.

— Você aí, e eu correndo de um lado para o outro como um ensandecido — disse eu. Inspicionei seu bonito terno de veludo cinza e a gravata de um roxo-escuro que usava com ele. Notei os anéis de pedras preciosas nos seus dedos.

— Por que toda essa atenção extraordinária para com sua pessoa? — perguntei. — Fale comigo, homem. Estou a ponto de perder o tino.

Ele abanou a cabeça, e fez um gesto rápido com a mão esguia e longa para que eu me calasse. Sentou-se no sofá do outro lado da sala e olhou para mim.

— Nunca o vi trajado com tanto esmero — disse eu. — Está positivamente elegante. O que aconteceu?

— Não sei o que houve — disse ele, quase com aspereza. — Você precisa me dizer. — Fez um gesto insistente. — Venha cá, David, venha para sua velha poltrona aqui, sente-se perto de mim.

Fiz o que me pediu.

Louis não estava apenas trajado com primor, também usava um leve perfume masculino.

Seus olhos faiscavam sobre mim com uma energia nervosa.

— Não consigo pensar em nada a não ser nela, David. Estou lhe dizendo, é como se eu nunca tivesse amado Claudia — confessou, com a voz embargada. — Quer dizer, é como se eu nunca tivesse sabido o que era o amor ou a dor antes de ter conhecido Merrick. É como se eu fosse o escravo de Merrick. Não importa aonde eu vá, não importa o que eu faça, penso em Merrick — afirmou. — Quando me alimento, a vítima transforma-se em Merrick nos meus próprios braços. Por favor, não diga nada enquanto eu não terminar. Penso em Merrick deitado no caixão antes que chegue a luz do Sol. Penso em Merrick quando acordo. Preciso ir ter com Merrick. E, assim que me alimentei, vou a algum lugar de onde possa vê-la. É, David, perto da casa matriz, o lugar que você muito tempo atrás proibiu que perturbássemos. Vou até lá. Eu estava lá ontem à noite quando você veio espíá-la. Eu o vi. Na noite anterior, eu estava lá também. Vivo para ela, e a visão dela através daquelas janelas altas só me incendeia, David. Eu a quero. Se ela não sair daquele lugar logo, estou lhe dizendo que vou entrar à sua procura, quer essa seja minha intenção quer não, se bem que eu não saiba dizer, eu lhe juro, o que desejo dela além de estar na sua companhia.

— Pare com isso, Louis, deixe-me explicar o que aconteceu...

— Como você poderia explicar uma coisa dessas? Deixe-me desabafar, meu amigo — disse ele. — Deixe-me confessar que tudo começou quando bati os olhos nela. Você soube. Você percebeu. Tentou me avisar. Mas eu não fazia nenhuma idéia de que os sentimentos fossem se tornar tão fortes. Eu tinha certeza de que poderia controlá-los. Meu Deus, a quantos mortais resisti ao longo desses dois séculos? Quantas vezes dei as costas a alguma criatura perdida que me atraía de modo tão doloroso que eu era forçado a chorar?

— Pare com isso, Louis, escute o que digo.

— Não vou feri-la, David, eu juro. Não quero feri-la. Não suporto a idéia de me alimentar dela como no passado fiz com Claudia. Ai, aquele erro terrível,

tremendo, a criação de Claudia. Não vou feri-la, eu juro, mas preciso vê-la. Preciso estar com ela. Preciso ouvir sua voz. David, você tem como tirá-la de Oak Haven? Você tem como fazê-la vir ao meu encontro? Você tem como fazer com que ela pare esse caso de amor com o rum e volte à sua velha casa? Disso você deve ser capaz. Ouça o que lhe digo, estou ficando louco.

Ele mal havia parado quando me intrometi, recusando-me a calar a boca.

— Ela o enfeitiçou, Louis! — afirmei. — Isso é um feitiço. Agora, você tem de ficar quieto e prestar atenção ao que eu vou dizer. Conheço os truques de Merrick. E conheço magia. E a dela é antiga como o Egito, antiga como Roma e a Grécia. Ela o amarrou, meu amigo; fez com que você se apaixonasse por ela, por meio da bruxaria. Droga, eu nunca deveria ter permitido que ela ficasse com aquele vestido manchado de sangue. Não é de admirar que ela se recusasse a me deixar tocar nele. Seu sangue estava no vestido. Ai, como fui idiota de não perceber o que ela estava fazendo. Nós chegamos a falar desses feitiços juntos. Ai, ela acabou com a minha paciência. Deixei que ela ficasse com o vestido de seda manchado de sangue, e ela o usou para lançar um feitiço antiquíssimo.

— Não, isso não é possível — disse ele, em tom cáustico. — Simplesmente não vou aceitar isso. Eu a amo, David. Você me força a usar palavras que irão feri-lo ao máximo. Eu a amo e a quero. Quero sua companhia, quero a sabedoria e a bondade que vi nela. Não se trata de nenhum feitiço.

— Mas é, meu amigo, acredite em mim — disse eu. — Conheço Merrick e conheço magia. Ela usou seu sangue. Você não percebe? Essa mulher não só acredita em magia, ela a compreende. Talvez um milhão de magos mortais tenham vivido e morrido durante o último milênio, mas quantos deles eram autênticos? Ela sabe o que está fazendo! Seu sangue, Louis, estava na trama de uma peça de vestuário dela. Merrick lançou-lhe um feitiço que eu não sei desfazer!

Ele ficou em silêncio, mas não por muito tempo.

— Não acredito em você — disse ele. — Não, não pode ser verdade. O que eu sinto é forte demais.

— Tente se lembrar, Louis, do que lhe falei sobre ela, das visões que tive dela depois do nosso primeiro contato apenas algumas noites atrás. Você se lembra, eu lhe disse que a via por toda parte...

— Não é a mesma coisa. Estou falando do meu coração, David...

— É a mesma coisa, Louis — insisti. — Eu a via em toda parte; e, depois da aparição de Claudia, Merrick admitiu para mim que aquelas minhas visões dela eram parte de um feitiço. Eu lhe falei sobre tudo isso, Louis. Eu lhe falei sobre o pequeno altar no quarto do hotel, de como ela conseguiu meu lenço com o sangue do suor na minha testa. Louis, preste atenção.

— Você a está caluniando — disse ele com a máxima delicadeza possível —, e eu não vou tolerar. Não a vejo dessa maneira. Penso nela e a desejo. Quero a mulher que vi naquela sala. O que você vai querer me dizer agora? Que Merrick não era linda? Que Merrick não era plena de uma doçura inata? Que Merrick não era a única mortal em milhares que eu poderia vir a amar?

— Louis, você confia em si mesmo na presença dela? — indaguei.

— Confio, confio em mim mesmo — respondeu ele, em tom virtuoso.

— Acha que eu lhe faria mal?

— Acho que você aprendeu o significado da palavra “desejo”.

— O desejo é de estar na sua companhia, David. De estar perto dela. De falar com ela sobre o que vi. É... — Sua voz foi sumindo. Ele fechou os olhos com força por um instante. — E insuportável, essa necessidade dela, esse anseio por ela. E ela se esconde naquela casa enorme no campo, e eu não posso me aproximar dela sem prejudicar a Talamasca, sem romper a delicada privacidade da qual nossa própria existência depende.

— Ainda bem que você tem pelo menos algum juízo — disse eu, com veemência. — Estou lhe dizendo que se trata de um feitiço. E, se você confia em si mesmo, assim que ela deixar aquela casa, iremos juntos perguntar a ela! Vamos exigir dela a verdade. Exigir que ela diga se isso é ou não é nada mais que um feitiço.

— Nada — ele repetiu a palavra com desdém —, você diz *nada mais que um feitiço*? — Ele olhou no fundo dos meus olhos, com ar de acusação. Nunca eu o havia visto tão hostil. Na realidade, eu nunca o havia visto hostil, ponto final. — Você não quer que eu a ame, quer? É só isso.

— Não, não é. Sinceramente, não é. Mas digamos, por exemplo, que você esteja com a razão, que não haja nenhum feitiço, e que só seu coração está se expressando, será que eu quero que esse seu amor por ela cresça dentro de você? Não, decididamente não. Nós fizemos um voto, você e eu, de que essa mulher não seria ferida por nós, que não destruiríamos seu frágil mundo mortal com nossos desejos! Cumpra esse voto se você a ama tanto assim, Louis. E isso o que o amor significa, você percebe? Significa deixá-la em paz.

— Isso eu não posso fazer — murmurou ele. E abanou a cabeça. — Ela merece saber o que meu coração está me dizendo. Ela merece essa verdade. Não vai dar em nada, não pode dar em nada, mas ela deveria saber. Deveria saber que a adoro, que ela conseguiu suplantar em mim uma dor que poderia ter me destruído, que ainda pode me destruir.

— Isso é intolerável — disse eu. Como eu estava furioso com Merrick.

— Proponho que nos aproximemos de Oak Haven. Mas você deverá permitir que eu comande nossa atuação lá. Se for possível, chegarei perto da janela e tentarei despertá-la. É possível que, de madrugada, ela esteja só no andar principal. Talvez eu até conseguisse entrar. Há algumas noites, eu teria considerado uma idéia dessas inconcebível. Lembre-se, porém, de que você deverá deixar que eu tome essa atitude. Ele fez que sim.

— Quero estar perto dela. Mas preciso me alimentar primeiro. Não posso estar sedento quando a vir. Seria tolice. Venha comigo caçar. E então, depois da meia-noite, bem depois da meia-noite, vamos nos aproximar.

Não demorou muito para que encontrássemos nossas vítimas.

Eram duas da manhã quando chegamos às proximidades de Oak Haven. E, como eu esperava, a casa estava totalmente às escuras. Ninguém estava acordado. Demorei alguns instantes para examinar a biblioteca.

Merrick não estava lá. Seu rum e seu copo também não estavam lá. E, quando percorri as varandas do andar superior, com o máximo silêncio possível, não a encontrei no quarto.

Voltei a Louis, que esperava no denso bosque de carvalhos.

— Ela não está em Oak Haven. Creio que nos enganamos. Ela deve estar em casa, em Nova Orleans. É provável que esteja lá esperando, esperando que seu feitiço surta efeito.

— Você não pode continuar a desprezá-la por tudo isso — disse Louis, irado. — David, pelo amor de Deus, deixe-me ir vê-la sozinho.

— Nem pense nisso — respondi. Seguimos na direção da cidade.

— Você não pode se aproximar dela com todo esse desdém — disse Louis. — Deixe-me conversar com ela. Você não pode impedir. Não tem nenhum direito.

— Estarei presente quando você falar com ela — disse eu, com frieza. E eu pretendia cumprir minha palavra.

Quando chegamos à velha casa em Nova Orleans, eu soube imediatamente que Merrick estava lá.

Pedindo a Louis que esperasse, dei a volta na propriedade, como tinha feito algumas noites antes. Certifiquei-me de que o zelador tinha sido dispensado, o que na realidade acontecera, e então voltei a Louis, dizendo que podíamos nos dirigir à porta.

Quanto a Merrick, eu sabia que ela estava no quarto da frente. A sala de visitas não tinha grande significado para ela. Era o quarto de Grande Nananne que ela adorava.

— Quero entrar sozinho — disse Louis. — Você pode esperar aqui se quiser.

Antes que eu me mexesse, ele já estava na varanda da frente, mas consegui alcançá-lo rapidamente. Ele abriu a porta destrancada, com os vitrais coruscando à luz.

Uma vez dentro da casa, ele entrou no espaçoso quarto da frente. Entrei logo atrás.

Vi Merrick, linda como sempre num vestido vermelho de seda, levantar-se da cadeira de balanço e voar para os braços de Louis.

Cada partícula do meu ser estava alerta para o perigo, e a cena me partia o coração. O quarto tinha um ar sonhador e ameno, com suas velas vigilantes.

E os dois se amavam, aqueles dois seres, Louis e Merrick. Não havia como negar isso. Fiquei observando calado enquanto Louis a beijava inúmeras vezes, enquanto passava os dedos brancos pelos seus cabelos. Fiquei olhando enquanto ele lhe beijava o pescoço esguio.

Ele recuou e deu um longo suspiro.

— Um feitiço, não é? — perguntou ele a Merrick, mas a pergunta era de fato dirigida a mim. — O fato de eu não conseguir pensar em nada a não ser em você, não importa aonde eu vá ou o que faça? De em cada vítima que faço só encontrar você? Ah, sim, pense nisso, Merrick, pense no que faço para sobreviver. Por favor, não viva em sonhos. Pense no terrível preço por este poder. Pense no Purgatório em que vivo.

— E eu estou com você nesse Purgatório? — perguntou Merrick. — Eu lhe dou algum conforto no meio das próprias chamas? Meus dias e noites sem você foram um Purgatório. Entendo seu sofrimento. Já entendia antes que olhássemos

um nos olhos do outro.

— Diga-lhe a verdade, Merrick — recomendei. Eu estava em pé, um pouco afastado deles, perto da porta. — Seja sincera, Merrick. Ele saberá se você mentiu. Foi um feitiço que você lançou sobre ele? Não minta para mim tampouco, Merrick.

Ela se afastou dele por um instante. E olhou para mim.

— O que eu lhe dei com meu feitiço, David? — disse ela. — O que foi, além de visões aleatórias? Você sentiu desejo? — Voltou a olhar para Louis. — O que você quer de mim, Louis? Ouvir que minha alma é sua escrava exatamente como a sua é minha? Se isso for um feitiço, nós o lançamos um sobre o outro, Louis. David sabe que estou dizendo a verdade.

Por mais que eu tentasse, não consegui descobrir falsidade nela. O que descobri eram segredos. E esses eu não conseguia decifrar. Seus pensamentos estavam muitíssimo bem protegidos.

— Isso tudo é um jogo — disse eu. — O que você quer?

— Não, David, você não pode falar com ela dessa maneira — disse Louis. — Isso não vou tolerar. Vá agora e deixe-me conversar com ela. Merrick está mais segura comigo do que Cláudia ou qualquer outro mortal que eu um dia toquei jamais esteve. Vá agora, David. Deixe-me a sós com ela. Ou eu juro, meu amigo, haverá uma batalha entre nós.

— David, por favor — disse Merrick. — Conceda-me algumas horas com ele. Depois, o resto será como você quiser. Quero Louis aqui comigo. Quero conversar com ele. Quero lhe dizer que o espírito mentia. Isso eu preciso fazer sem pressa. Preciso de uma atmosfera de intimidade e confiança.

Ela veio na minha direção, com a seda vermelha farfalhando com seus passos. Senti seu perfume. Ela me abraçou, e eu senti o calor dos seus seios por baixo do tecido fino.

— Vá agora, David, por favor — disse ela, com a voz impregnada de uma emoção delicada, o rosto cheio de compaixão enquanto ela me encarava nos olhos.

Nunca em todos os anos em que a conheci, em que a desejei, em que senti sua falta, nada me magoara tanto quanto esse simples pedido.

— Vá? — repeti a palavra, com a voz sumida. — Deixar vocês dois juntos? Quer que eu me vá?

Olhei nos seus olhos por um bom tempo. Como parecia sofrer, como parecia me implorar. Voltei-me então para Louis, que observava com uma expressão ansiosa e inocente, como se seu destino estivesse nas minhas mãos.

— Faça-lhe algum mal, Louis, e eu lhe juro que seu desejo pela morte será concedido. — Minha voz era baixa e rancorosa. — Digo-lhe que tenho força suficiente para destruí-lo exatamente da forma que você teme.

Vi a terrível consternação na sua expressão.

— Será pelo fogo — disse eu — e será devagar, se você lhe fizer algum mal. — Fiz uma pausa. — Dou-lhe minha palavra.

Vi que ele engoliu em seco e fez que sim. Parecia que tinha muito a me dizer, e seus olhos estavam tristes e eloquentes na expressão de uma dor mais profunda. Afinal, murmurou em resposta.

— Confie em mim, meu irmão. Você não precisa fazer ameaças tão terríveis a um ente querido; e eu não preciso ouvi-las, não quando nós dois amamos tanto essa mortal.

Voltei-me para ela. Seu olhos estavam em Louis. Nesses momentos, ela estava distante de mim como nunca antes. Beije-a com ternura. Ela mal olhou para mim, retribuindo meus beijos como se fosse uma obrigação lembrar-se disso, tão apaixonada estava por Louis quanto ele por ela.

— Adeus por enquanto, caríssima — murmurei e saí da casa.

Por um instante, cogitei permanecer escondido nos arbustos, espiando os dois enquanto conversavam no quarto da frente. Parecia a atitude prudente, ficar por perto para proteção de Merrick. E parecia exatamente o que ela detestaria.

Ela saberia que eu estava ali com mais certeza do que Louis jamais poderia ter — saberia da mesma forma que tinha sabido naquela noite em que cheguei à sua janela em Oak Haven, saberia com a sensibilidade de bruxa, que era mais forte que os poderes vampíricos de Louis. Saberia e me condenaria totalmente pelo que eu estava tentando fazer.

Quando pensei na possibilidade de ela sair para me denunciar; quando pensei na humilhação à qual poderia me arriscar com uma escolha dessas, deixei a casa para trás e segui veloz, sozinho, na direção dos bairros residenciais.

Mais uma vez, na capela desolada do orfanato de St. Elizabeth, Lestat foi meu confidente.

E mais uma vez, tive certeza de que nenhum espírito habitava seu corpo. À minha aflição, ele não dava ouvidos.

Somente rezei para que Merrick estivesse em segurança, para que Louis não incorresse na minha ira, e para que a alma de Lestat retornasse ao seu corpo, porque eu precisava dele. Eu precisava desesperadamente dele. Sentia-me só, com todos os meus anos de vida e todas as minhas lições, com todas as minhas experiências e toda a minha dor.

O céu estava clareando perigosamente quando deixei Lestat e me encaminhei ao meu esconderijo secreto, no subsolo de um prédio abandonado, onde ficava guardado o caixão de ferro no qual me deito.

Não se trata de uma configuração incomum entre os da nossa espécie: o edifício triste e velho, de minha propriedade, ou o subsolo isolado do mundo lá em cima por portas de aço que nenhum mortal conseguiria tentar levantar por si só.

Eu já estava deitado na escuridão gelada, com a tampa do ataúde no lugar, quando de repente fui dominado por um pânico estranhíssimo. Era como se alguém estivesse falando comigo, exigindo que eu escutasse com atenção, procurando me dizer que eu cometera um erro terrível e que pagaria por ele com minha consciência, que eu agira com vaidade e insensatez.

Era tarde demais para eu reagir a essa enérgica associação de emoções. A manhã já me invadia, roubando-me todo o calor e a vida. E o último pensamento de que me lembro foi que eu havia deixado aqueles dois a sós por vaidade, apenas porque eles me haviam excluído. Comportei-me com a infantilidade de um garoto por pura vaidade, e pagaria por isso.

Indefectivelmente à alvorada seguiu-se o pôr-do-sol. E, depois de um sono sem medida, acordei para a nova noite, de olhos abertos, as mãos estendidas de

pronto para abrir a tampa do caixão e depois recuando para cair ao lado do corpo.

Algo me impedia por enquanto de abrir o caixão. Muito embora detestasse a atmosfera sufocante, permaneci ali, nas únicas trevas verdadeiras um dia concedidas aos meus poderosos olhos de vampiro.

Fiquei ali porque o pânico da noite passada voltara a mim, aquela nítida consciência de que eu tinha sido de um orgulho insensato ao deixar Merrick e Louis a sós. Parecia que alguma turbulência no próprio ar me cercava, na realidade penetrava pelo ferro do caixão, de tal modo que eu a inspirava para o interior dos pulmões.

Algo tinha dado muito errado, e no entanto tinha sido inevitável, pensei entristecido. E permaneci imóvel como se estivesse paralisado por um dos cruéis feitiços de Merrick. Mas não se tratava de obra de Merrick. Era dor e remorso — um remorso terrível e excruciante.

Eu a perdera para Louis. É claro que a encontraria incólume pois nada neste mundo poderia fazer Louis lhe dar o Sangue Negro, ponderei, nada, nem mesmo os pedidos insistentes da própria Merrick. Quanto a Merrick, ela nunca faria esse pedido, nunca seria tola o suficiente para renunciar à sua alma brilhante e singular. Não, minha dor era causada pelo amor entre aqueles dois, por ter sido eu quem os unira e porque agora eles teriam tudo o que poderia ter pertencido a Merrick e a mim.

Bem, eu não podia chorar pelo ocorrido. O que estava feito estava feito; e eu precisava ir encontrá-los agora, concluí. Precisava ir encontrá-los juntos. Ver como olhavam um para o outro, extrair mais promessas deles, o que não passava de um meio de eu me interpor entre eles. E então precisaria aceitar que Louis tinha se tornado para Merrick o astro deslumbrante à luz do qual eu não mais brilhava.

Só depois de muito tempo abri o caixão, com a tampa dando um rangido forte, saí dele e comecei a subir pela escada do velho e úmido subsolo, na direção dos lúgubres aposentos acima.

Afinal, parei num enorme salão sem uso, com paredes de alvenaria, que um dia, muitos anos atrás, servira como loja de departamentos. Nada restava agora da sua glória passada além de alguns mostruários sujos e prateleiras quebradas, bem como uma espessa camada de terra acumulada sobre o velho piso irregular de madeira.

Fiquei parado naquele calor de primavera, na poeira suave, respirando o cheiro do mofo e dos tijolos vermelhos ao meu redor, e olhando na direção das vitrines imundas, do outro lado das quais a rua, agora muito descuidada, lançava suas luzes persistentes e entristecidas. Por que eu estava parado ali?

Por que eu não tinha saído direto para encontrar Louis e Merrick? Por que não tinha ido me alimentar, se era sangue o que eu queria? E na realidade estava mesmo sedento, disso eu tinha certeza. Por que eu permanecia sozinho nas sombras, à espera como se quisesse que minha dor se duplicasse, que minha solidão se acentuasse, para que eu sáísse à caça com os sentidos aguçados de uma fera?

Então, aos poucos, fui sendo dominado pela conscientização que me isolou

totalmente do ambiente em que estava, de tal modo que comecei a formar em cada célula do meu ser quando meus olhos viram o que minha mente tentava negar em desespero.

Merrick estava diante de mim, na mesma seda vermelha, do nosso breve encontro da noite anterior, e toda a sua fisionomia estava transformada pelo Dom das Trevas.

A pele macia estava quase luminosa com os poderes vampíricos. Os olhos verdes haviam adquirido o aspecto iridescente tão comum a Lestat, Armand, Marius, sim, sei, e a todos os outros. Sua longa cabeleira castanha tinha o resplendor profano; e os belos lábios, o brilho sobrenatural, indefectível, eterno e perfeito.

— David — exclamou, com até mesmo a voz inconfundível afetada pelo sangue nas suas veias. E correu para meus braços.

— Ai, meu Deus do céu, como pude permitir que isso acontecesse! — Eu não conseguia tocá-la. Minhas mãos pairavam acima dos seus ombros; e de repente dei-me por vencido e a abracei com toda a paixão. — Que Deus me perdoe! Que Deus me perdoe! — gritei mesmo apertando-a com força suficiente para machucá-la, segurando-a junto ao meu corpo como se ninguém jamais pudesse arrancá-la de mim. Não me importava se algum mortal me ouvisse. Não me importava se todo o mundo soubesse.

— Não, David, espere — implorou ela, quando eu começava a falar novamente. — Você não sabe o que aconteceu. Ele se foi, David, ele se expôs ao sol. Foi ao amanhecer, depois que ele me levou para me esconder; depois de me ensinar tudo o que pôde e de me prometer que me encontraria hoje à noite. Ele se foi, David. Foi embora, e dele não sobrou nada que não esteja negro como carvão.

As lágrimas terríveis escorrendo pelo rosto dela cintilavam com o sangue malsão.

— David, você não pode fazer nada para salvá-lo? Você não pode trazê-lo de volta? Foi por culpa só minha, que isso aconteceu. David, eu sabia o que estava fazendo. Eu o induzi. Consegui manobrá-lo com tanta habilidade. Usei, sim, o sangue dele e a seda do meu vestido. Usei todo o poder natural e sobrenatural. Tenho mais a confessar quando tivermos tempo. Não lhe esconderei nada. É minha a culpa de ele ter ido, eu juro, mas você não pode trazê-lo de volta?



LOUIS TINHA SIDO EXTREMAMENTE METICULOSO.

Tinha levado o caixão, uma relíquia de idade e lustre veneráveis, até o pátio dos fundos da casa na Rue Royale, um local extremamente isolado e de muros altos.

Deixou sua última carta na escrivaninha no andar superior, uma escrivaninha que todos nós — eu, Lestat e Louis — tínhamos usado em alguma ocasião para redigir textos importantes para nós. Então, tinha descido ao pátio, retirado a tampa do caixão e se deitado ali dentro para receber o sol da manhã.

Tinha dirigido a mim sua despedida cheia de franqueza.

Se eu estiver certo, serei cremado pela luz do sol. Não tenho idade suficiente para continuar como um ser gravemente queimado, ou jovem o suficiente para deixar carne sangrenta para que quem vier possa levar o que restar. Serei cinzas, como Claudia um dia foi cinzas; e você, meu querido David, deverá espalhar essas cinzas por mim.

Não tenho dúvida de que será você quem coordenará minha liberação final pois, na hora em que se deparar com o que restar de mim, já terá visto Merrick e terá conhecido as dimensões da minha traição e as dimensões do meu amor.

Sim, eu alego amor na questão do que fiz ao transformar Merrick em vampiro. Não posso lhe mentir a esse respeito. Mas, se tem alguma importância, permita-me assegurar-lhe que imaginei pretender apenas assustá-la, levá-la tão perto da morte ao ponto de dissuadi-la, forçá-la a me implorar pela salvação.

No entanto, uma vez começado, o processo foi concluído por mim rapidamente, com a mais pura ambição e o mais puro anseio que jamais conheci. E agora, sendo eu o louco romântico que sempre fui, sendo eu o paladino de atos questionáveis e de pouca tolerância, sendo eu totalmente incapaz como sempre de conviver com o preço da minha vontade e dos meus desejos, deixo-lhe de herança, essa linda cria, Merrick, que eu sei que você há de amar com um coração experiente.

Não importa o quanto você me odeie, peço-lhe que dê a Merrick as poucas jóias e antiguidades que possuo. Peço-lhe que também dê a ela todos aqueles quadros que fui colecionando de forma tão aleatória ao longo dos séculos, quadros que se tornaram obras-primas aos meus olhos e aos olhos do mundo. Qualquer objeto de valor deverá ser dela se você estiver de acordo.

Quanto ao meu doce Mestre, Lestat, quando ele acordar, diga-lhe que parti para as trevas sem esperanças de encontrar seus anjos aterrorizantes, que entrei nas trevas, esperando encontrar apenas o turbilhão ou o nada, duas perspectivas que ele descreveu tantas vezes com suas próprias palavras. Peça-lhe que me perdoe não ter

podido esperar para me despedir dele.

O que me traz agora a você, meu amigo. Não tenho esperança de merecer seu perdão. Na realidade, nem mesmo o peço.

Acredito que você não seja capaz de me trazer de volta das cinzas para me atormentar; mas, se achar que é capaz, e conseguir realizar isso, que seja feita a sua vontade. Não resta a menor dúvida de que trai sua confiança. Nada que Merrick diga acerca de seus poderosos feitiços pode servir de desculpa para meus atos, embora com efeito ela alegue que recorreu à magia que não consigo entender para me atrair a ela.

O que compreendo é que eu a amo e não consigo pensar na existência sem ela. A existência é, no entanto, algo que não posso mais contemplar de modo algum.

Parto agora para aquilo que considero uma certeza, a forma de morte que levou minha Claudia — implacável, inevitável, absoluta.

Essa era a carta, escrita com sua letra arcaica em papel pergaminho novo, as letras altas mas gravadas com força.

E o corpo?

Ele teria acertado na suposição e estaria reduzido a cinzas como a criança que perdera para um destino cruel tanto tempo atrás?

Para resumir, não.

No caixão sem tampa, aberto ao ar da noite, jazia uma réplica carbonizada do ser que eu conhecera como Louis, aparentemente tão sólido quanto qualquer múmia antiga, depois de arrancadas as faixas, com a carne bem presa a todos os ossos visíveis. As roupas estavam seriamente chamuscadas, porém intactas. O caixão, enegrecido em torno da figura medonha. O rosto e as mãos, na realidade, a forma inteira não estava tocada pelo vento e mantinha os mínimos detalhes.

E ali, ao seu lado, ajoelhada no frio calçamento de pedras, estava Merrick, contemplando o corpo carbonizado, com as mãos unidas em dor profunda.

Devagar, muitíssimo devagar, ela estendeu a mão e, com o indicador tocou de leve o dorso da mão queimada de Louis. Recuou, de imediato, horrorizada. Não vi nenhuma impressão na carne enegrecida.

— Está duro como carvão, David — exclamou. — Como poderá o vento espalhar seus restos, a não ser que você os retire do caixão e os pisoteie? Isso você não pode fazer, David. Diga-me que não pode.

— Não, não posso! — declarei, começando a andar de um lado para o outro, nervosíssimo. — Ai, que herança infeliz e ingrata — murmurei. — Louis, como eu preferia enterrá-lo como você era.

— Essa poderia ser a pior crueldade — disse ela, em tom de súplica. — David, será que ele pode ainda estar vivo nessa forma? David, você conhece as histórias dos vampiros melhor que eu. Será que ele ainda está vivo nessa forma?

Eu passava por ela, de um lado para o outro, sem lhe dar resposta. Passava pela efígie sem vida nos seus trajes torrados e olhava sem ânimo, infeliz, para as estrelas distantes.

Atrás de mim, eu a ouvia chorando baixinho, dando plena expressão às emoções que agora a assolavam com um novo vigor, paixões que a devastariam tão completamente que nenhum ser humano poderia avaliar o que ela sentia.

— David — chamou Merrick. Eu ouvia seu choro. Lentamente, virei-me para olhar para ela, ali embaixo, ajoelhada ao lado de Louis, recorrendo a mim

como se eu fosse um dos seus santos.

— David, se você cortar seu pulso, se deixar seu sangue escorrer para cima dele, o que vai acontecer? Será que ele vai voltar?

— Essa é a questão, minha querida. Eu não sei. Sei apenas que ele fez o que queria fazer, e que me disse o que queria que eu fizesse.

— Mas você não pode deixá-lo ir embora assim sem luta — protestou ela. — David, por favor... — Inconsolável, sua voz foi sumindo.

Uma leve movimentação do ar passou pelas bananeiras. Voltei-me e olhei aterrorizado para o corpo. Todo o jardim ao nosso redor sussurrava e suspirava de encontro aos muros de alvenaria. Mas o corpo permanecia intacto, imóvel, seguro no seu santuário queimado.

Viria, porém, mais uma brisa, algo mais forte. Talvez até mesmo viesse a chuva, como costumava cair nessas noites quentes de primavera, e ela faria desaparecer o rosto, com os olhos fechados, que ainda era tão visível.

Eu não conseguia encontrar palavras para fazê-la parar de chorar. Não encontrava palavras para confessar o que passava pelo meu coração. Ele já se fora, ou ainda estava por aqui? E o que ele ia querer que eu fizesse agora, não na noite passada, quando na segurança da penumbra da madrugada havia escrito sua carta cheia de coragem; mas agora, agora, se estivesse preso naquela forma no caixão queimado de madeira?

Quais tinham sido seus pensamentos quando o sol nasceu, quando senti a fraqueza fatal e depois o fogo inevitável? Ele não tinha a força dos grandes para sair do caixão e se enterrar sob a terra fresca. Teria ele se arrependido dos seus atos? Teria sentido uma dor intolerável? Será que eu não poderia descobrir alguma coisa apenas a partir de um exame do rosto queimado e imóvel ou das suas mãos?

Voltei para o lado do caixão. Vi que sua cabeça estava disposta corretamente como a de qualquer corpo a ser enterrado de modo formal. Vi que suas mãos estavam unidas, descontraindo sobre o tórax, como se um encarregado de funerária as tivesse disposto naquela posição. Ele não as levantara para proteger os olhos. Não tentara dar as costas à morte.

Mas o que realmente significavam esses aspectos da questão?

Talvez ele não tivesse tido forças para tomar essas atitudes nos momentos finais. Talvez tivesse ficado entorpecido com a chegada da luz até ela tomar conta dos seus olhos e fazer com que ele os fechasse. Será que eu ousaria tocar na carne frágil e enegrecida? Eu ousaria ver se seus olhos ainda estavam no lugar?

Eu estava perdido nesses pensamentos medonhos, perdido e querendo somente ouvir algum outro som que não fossem as lágrimas delicadas de Merrick.

Fui até a escadaria de ferro, que descia em curva da sacada do sobrado. E me sentei no degrau que me proporcionava o melhor descanso. Escondi o rosto nas mãos.

— Espalhar os restos — murmurei. — Se ao menos os outros estivessem aqui. — De imediato, como em resposta à minha prece comovente, ouvi o rangido do portão da entrada de veículos. Ouvi o lamento grave das velhas

dobradiças enquanto ele era aberto, e depois o estalido quando voltou a ser fechado, ferro contra ferro.

Nenhum cheiro de um mortal indicava que se tratasse de um intruso. Na realidade, eu conhecia o passo de quem se aproximava. Já o ouvira tantas vezes na minha vida tanto mortal quanto sobrenatural. Mesmo assim, eu não ousava acreditar numa salvação semelhante que me tirasse daquela desgraça, até aparecer no pátio a figura que não se fez anunciar, com o paletó de veludo empoeirado, os cabelos louros desgrehados, os olhos cor de violeta voltados de imediato para o rosto sinistro e estarrecedor de Louis.

Era Lestat.

Com um passo desajeitado, como se seu corpo, sem uso havia tanto tempo, estivesse se revoltando contra ele, Lestat aproximou-se de Merrick, que voltou para ele o rosto manchado de lágrimas como se ela também estivesse vendo um Salvador chegar em resposta às suas preces aleatórias.

Ela se recostou, suspirando baixinho.

— Quer dizer que acabou nisso? — perguntou Lestat. Sua voz estava rouca, como estivera quando ele foi despertado pela música de Sybelle, exatamente da última vez que ele abandonara o sono interminável.

Voltou-se e me encarou, com o rosto sereno desprovido de calor ou expressão, a luz fraca da rua distante iluminando seus olhos ferozes enquanto ele direcionava o olhar de volta para o corpo no caixão sobre as pedras. Creio que seus olhos estremeçeram. Creio que seu corpo inteiro tremeu muito de leve como se os movimentos mais simples o estivessem deixando exausto, como se ansiasse por esfregar a parte de trás dos próprios braços e bater rapidamente em retirada.

Mas ele não iria nos abandonar.

— Venha cá, David — disse ele, recorrendo a mim com delicadeza no mesmo murmúrio rouco. — Venha e escute. Não consigo ouvi-lo. Ele é minha cria. Escute e me diga se ele está aí.

Obedeci. Postei-me ao seu lado.

— Ele parece de carvão, Lestat — respondi logo. — Não tive coragem de tocá-lo. Será que deveríamos?

Sem pressa, lânguido, Lestat voltou-se para contemplar de novo a imagem lamentável.

— Posso lhe dizer que a pele está firme — disse Merrick, rapidamente. Pôs-se de pé e se afastou do caixão, convidando Lestat a ocupar seu lugar. — Teste você mesmo, Lestat. Vamos, toque nele. — Sua voz estava impregnada de dor reprimida.

— E você? — perguntou Lestat, estendendo-se até ela e segurando seu ombro com a mão direita. — O que você ouve, *chérie*? — perguntou, com aquele seu sussurro embargado.

Ela abanou a cabeça.

— O silêncio — disse ela, com os lábios trêmulos, as lágrimas de sangue tendo deixado marcas no seu rosto pálido. — Mas na realidade foi ele quem me transformou. Eu lhe lancei um feitiço. Eu o seduzi. Ele não tinha a menor chance diante do meu plano. E agora isso, isso por minha interferência, isso. E consigo

ouvir o murmúrio dos mortais nas casas por perto, mas não ouço nada que venha dele.

— Merrick — insistiu Lestat. — Escute, como você sempre foi capaz de escutar. Seja a bruxa agora, ainda, se não consegue ser o vampiro. Ê, eu sei, foi ele quem a fez. Mas você era bruxa antes disso. — Passou os olhos de um de nós para o outro, com pouca emoção visível brotando nele. — Diga-me se ele quer voltar.

As lágrimas voltaram aos olhos de Merrick. Chorosa, transtornada, ela olhou para o que parecia ser um cadáver.

— Ele poderia estar pedindo a vida aos gritos — disse ela —, mas não estou ouvindo nada. A bruxa em mim não ouve nada a não ser o silêncio. E o ser humano em mim só sente o remorso. Lestat, dê-lhe seu sangue. Traga-o de volta.

Lestat voltou-se então para mim.

Ela estendeu a mão para pegar seu braço e o forçou a olhar de novo para ela.

— Faça sua magia — disse ela, num tom grave, acalorado e insistente. — Faça sua magia, acreditando nela, como eu fiz a minha.

Lestat assentiu, cobrindo-lhe a mão com delicadeza, como se quisesse tranquilizá-la, com toda a certeza para tranquilizá-la.

— Diga-me, David — pediu ele, com sua voz áspera. — O que *ele quer*, David? Ele fez isso por ter criado Merrick, e por achar que deveria pagar com a própria vida?

Como eu poderia responder? Como eu poderia ser fiel agora a tudo o que meu companheiro me havia confiado ao longo de tantas noites?

— Não ouço nada — disse eu. — Mas na realidade é um velho hábito, o de não espionar seus pensamentos, não devastar sua alma. É um velho hábito o de deixá-lo fazer o que deseja, só de vez em quando lhe oferecendo o sangue forte, nunca desafiando suas fraquezas. Não ouço nada. Não ouço nada, mas qual é o significado de eu não ouvir nada? Caminho pelos cemitérios desta cidade à noite e não ouço nada. Caminho em meio a mortais e às vezes não ouço nada. Ando sozinho e não ouço nada, como se eu mesmo não tivesse nenhuma voz interior.

Voltei a olhar para seu rosto enegrecido. Dava para ver o perfeito desenho da sua boca ali. E agora eu me dava conta de que até mesmo o cabelo na sua cabeça permanecia intacto.

— Não ouço nada — disse eu — e no entanto eu vejo espíritos. Já vi aparições muitas vezes. Será que existe um espírito escondido aí nesses restos mortais? Não sei.

Lestat pareceu cambalear, como se estivesse com alguma fraqueza física, mas então se forçou a permanecer em pé. Senti vergonha quando vi a poeira cinza que encobria o veludo das suas mangas compridas. Senti vergonha quando vi os nós e a sujeira na cabeleira densa e ondulada. Mas essas coisas não faziam diferença para ele.

Nada fazia diferença para ele a não ser a figura no caixão. E enquanto Merrick chorava, ele estendeu o braço direito, quase distraído, e a enlaçou, trazendo-a para junto do seu corpo poderoso, e murmurando com a voz rouca.

— Pronto, pronto, *chérie*. Ele fez o que queria.

— Mas deu errado! — respondeu ela, sem conter as palavras. — Ele é muito velho para que só um dia de fogo acabe com sua vida. E pode ser que esteja preso no interior desse cadáver carbonizado, com medo do que esteja por vir. Como um moribundo, ele poderia estar nos ouvindo no seu estupor final, sem conseguir reagir. — Ela gemia, chorosa, enquanto continuava a falar. — Pode ser que esteja gritando para que o socorramos; e nós, aqui parados, discutindo e rezando.

— E, se eu derramar meu sangue nesse caixão agora — perguntou Lestat a ela —, o que você acha que vai ressurgir? Você acha que vai ser o nosso Louis que se erguerá desses farrapos queimados? E se não for, *chérie*, e se for algum ressurgido dos mortos, cheio de mágoa que nós precisemos destruir?

— Escolha a vida, Lestat — disse ela, voltando-se para ele, soltando-se do seu abraço e lhe implorando. — Escolha a vida não importa em que forma. Escolha a vida e traga Louis de volta. Se ele quiser morrer, será possível fazer isso mais tarde.

— Meu sangue agora é forte demais, *chérie* — disse Lestat. Ele pigarreou e limpou a poeira das próprias pálpebras. Passou a mão pelo cabelo e o afastou com força do rosto. — Meu sangue fará um monstro do que está aí.

— Então faça o monstro! — disse ela. — E se ele quiser morrer, se ele pedir a morte novamente, então eu serei sua auxiliar nessa sua provação, eu lhe prometo. — Como sua voz, seus olhos eram sedutores. — Farei um caldo que ele possa engolir, com venenos no sangue de animais, no sangue de criaturas selvagens. Eu lhe darei essa poção de modo que ele adormeça assim que o Sol nascer. — Seu tom de voz foi ficando mais cheio de paixão. — Ele dormirá. E, caso ainda esteja vivo ao pôr-do-sol, eu serei sua guardiã a noite inteira até que o Sol volte a nascer.

Por muito tempo, os brilhantes olhos cor de violeta de Lestat ficaram fixos nela, como se estivesse refletindo sobre sua vontade, seu plano, seu próprio compromisso, e então devagar ele voltou os olhos para mim.

— E você, meu querido? O que você quer que eu faça? — perguntou ele. Seu rosto agora tinha um aspecto mais animado, apesar de toda a sua tristeza.

— Não posso lhe dizer — disse eu, abanando a cabeça. — Você veio, e a decisão é sua, sua de direito, porque você é o mais velho, e eu estou grato por você estar aqui. — Em seguida, descobri-me presa das considerações mais terríveis e tenebrosas. Olhei novamente para a figura escura ali embaixo e depois, mais uma vez, para Lestat.

— Se eu tivesse tentado e fracassado — disse eu —, ia ter vontade de voltar. — O que foi que me fez verbalizar um sentimento desses? Foi o medo? Eu não saberia dizer. Mas era um sentimento verdadeiro, e eu sabia, como se meus lábios tivessem procurado instruir meu coração.

— É, se eu tivesse visto o nascer do sol — disse eu — e tivesse sobrevivido a ele, eu bem poderia ter perdido a coragem, e de coragem ele era muito necessitado,

Lestat parecia estar considerando esses argumentos. Como poderia ignorá-los? No passado, ele próprio tinha se exposto à luz do sol num local distante e deserto e, tendo sido queimado repetidamente, sem trégua, ele voltou. Sua pele

ainda era dourada em decorrência desse doloroso e terrível malogro. Ele carregaria a marca do poder do sol por muitos anos ainda.

De imediato, ele passou à frente de Merrick e, enquanto nós dois observávamos, ajoelhou-se ao lado do caixão, aproximando-se muito do corpo, para então recuar. Com os dedos, exatamente com a mesma delicadeza de Merrick, Lestat tocou as mãos enegrecidas e não deixou nenhuma marca. Devagar, de leve, tocou a testa e, mais uma vez, não deixou marcas.

Endireitou-se ainda ajoelhado e, levando a mão direita à boca, rasgou o pulso com os próprios dentes antes que Merrick ou eu soubéssemos o que ele pretendia fazer.

Imediatamente, um espesso jorro de sangue derramou-se sobre o rosto perfeitamente modelado da figura no caixão; e, enquanto a veia começava a se fechar sozinha, Lestat novamente a rasgou e deixou o sangue correr.

— Ajude-me, Merrick. Ajude-me, David! — gritou ele. — Pagarei pelo que comeci, mas não deixem que não dê certo. Preciso de vocês agora.

De pronto, fui me juntar a ele, arregaçando o punho desajeitado de algodão e rasgando a carne do pulso com meus caninos. Merrick estava ajoelhada bem aos pés do caixão; e, do seu delicado pulso de cria nova, o sangue tinha começado a correr.

Uma fumaça penetrante subia dos restos mortais diante de nós. O sangue parecia infiltrar-se em cada poro da figura. As roupas queimadas estavam encharcadas. E, afastando esse tecido, Lestat deu mais um jorro de sangue à sua obra frenética.

A fumaça formava agora uma espessa camada acima dos restos sangrentos diante de nós. Eu não conseguia ver através dela. Mas conseguia ouvir um leve murmúrio, um gemido em terrível agonia. E eu não parava de deixar meu sangue correr, com minha pele sobrenatural procurando fechar-se e interromper a operação enquanto meus dentes vinham em meu socorro a toda hora.

De repente, um grito de Merrick. Vi diante de mim em meio à névoa a figura de Louis sentando-se no caixão, seu rosto um monte de rugas e linhas minúsculas. Vi Lestat estender as mãos até ele, segurar-lhe a cabeça e pressioná-la junto ao seu pescoço.

— Beba agora, Louis — ordenou.

— Não pare, David — disse Merrick. — O sangue, é disso que ele precisa. Todas as partes do seu corpo estão se embebendo com ele.

Obedeci, só então percebendo que estava ficando cada vez mais fraco, que não conseguia continuar em pé, e que a própria Merrick estava caindo para a frente, embora ainda estivesse determinada a prosseguir.

Vi abaixo de mim um pé descalço, depois o contorno da perna de um homem e então, perfeitamente visível na penumbra, os músculos fortes do tórax de um homem.

— Mais, isso, sugue mais — era a ordem baixa e insistente de Lestat. Ele agora falava em francês. — Sugue mais, mais. Sugue tudo o que eu tenho a dar.

Minha visão estava totalmente comprometida. Parecia que o pátio inteiro estava permeado de um vapor penetrante; e as duas formas — de Louis e de Lestat — tremeluziram por um instante antes que eu me sentisse cair deitado nas

pedras frescas e bem-vindas, antes que eu sentisse o corpo macio de Merrick se aconchegar ao lado do meu, antes que eu sentisse o perfume doce e delicado do cabelo de Merrick. Minha cabeça rolou nas pedras quando tentei erguer minhas mãos, mas não consegui.

Fechei os olhos. Não via nada, e então, quando os abri, Louis estava ali, nu e refeito, olhando para mim, com o corpo recoberto por uma fina película de sangue, como se fosse um recém-nascido, e vi o verde dos seus olhos e o branco dos seus dentes.

Ouvi a voz rouca de Lestat novamente.

— Mais, Louis — disse ele. — Tome mais.

— Mas e David e Merrick? — perguntou Louis. E Lestat respondeu:

— Está tudo bem com David e Merrick.



NÓS LHE DEMOS UM BANHO E O VESTIMOS, TODOS JUNTOS, NOS APOSENTOS do sobrado.

Sua pele tinha agora um brilho branco, graças ao sangue quase onipotente de Lestat que o havia restaurado de forma tão notável; e ficou claro, quando o estávamos ajudando com as menores peças de vestuário, que ele não era o mesmo Louis de quem tantas vezes nos acostumáramos a sentir pena com base no nosso amor.

Afinal, quando ele estava vestido confortavelmente numa camisa preta de malha de gola alta, solta do corpo, e calças de algodão, com os sapatos amarrados e a basta cabeleira negra penteada, Louis sentou-se conosco na sala de estar dos fundos — aquele local de reunião que tinha testemunhado tantas conversas agradáveis na minha breve vida sobrenatural.

Seus olhos agora teriam de ser protegidos por óculos de sol, pois tinham adquirido aquela qualidade iridescente que sempre fora um embaraço para Lestat. Mas e o ser interior? O que tinha ele a nos dizer enquanto olhávamos para ele, enquanto nós todos esperávamos que ele compartilhasse conosco seus pensamentos?

Ele se acomodou mais fundo na poltrona de veludo escuro e olhou ao redor como se fosse um monstro recém-nascido, lançado na vida pronto e inteiro, por mito ou lenda. E só aos poucos seus penetrantes olhos verdes se voltaram para nós.

Aquela altura Lestat já tinha espanado de si a desagradável cobertura de poeira e tinha apanhado no seu próprio guarda-roupa um paletó novo de veludo marrom-escuro e camisa limpa, de modo que estava usando sua costureira renda antiga, pesada e ligeiramente desbotada. Tinha arejado e penteado o cabelo, e calçara botas novas.

Em suma, formávamos um belo quadro, nós quatro, se bem que Merrick, no seu habitual vestido de seda de cintura marcada, tivesse algumas leves manchas de sangue. O vestido era vermelho, porém, e revelava pouquíssimo ou nada a quem olhasse. E, naturalmente, em torno do pescoço usava, como tinha usado a noite inteira, meu presente de tantos anos antes, o colar de pérolas de três voltas.

Suponho que eu tenha encontrado algum lenitivo nesses detalhes, e por isso os registro. Mas o detalhe que teve o efeito mais benéfico em mim foi a calma expressão de assombro no rosto de Louis.

Devo acrescentar que Merrick foi tremendamente enfraquecida pelo sangue que doou ao nosso esforço comum, e eu podia ver que ela logo precisaria sair para ser o vampiro nas ruas mais escuras e perigosas da cidade. E era meu voto solene que eu estaria ao seu lado.

Em pensamento, eu tinha ensaiado até bem demais o que poderia significar ter Merrick conosco, para agora alegar algum conflito moral rígido. Quanto à sua beleza, o sangue delicado de Louis de noites atrás a havia aprimorado em muito, e seus olhos verdes eram ainda mais intensos, muito embora ela ainda pudesse passar por humana com relativa facilidade.

A ressurreição de Louis parecia ter esgotado toda a reserva do seu coração, e ela estava acomodada no sofá ao lado da bela figura de Lestat, como se não pudesse querer mais nada na vida além de ir dormir.

Como escondia bem a sede que devia estar sentindo, pensei, só para vê-la erguer a cabeça e olhar de relance. Merrick tinha lido meu pensamento.

— Só um vislumbre — disse ela. — Não quero saber mais do que isso. — Fiz um esforço consciente para ocultar o que eu pudesse estar sentindo, considerando que seria melhor para todos nós seguir uma norma semelhante, como Louis, Lestat e eu tínhamos seguido no passado.

Afinal, foi Lestat quem rompeu o silêncio.

— Não está terminado — disse ele, com um olhar penetrante na direção de Louis. — E preciso mais sangue. — Sua voz estava forte agora e me soava maravilhosamente familiar. Lestat estava falando no seu habitual inglês norte-americano. — E preciso que você beba de mim, Louis, e que eu devolva o sangue. E preciso nada menos que isso para lhe dar toda a força que tenho para dar e não para perder. Quero que você aceite isso agora sem discussão, tanto pelo meu bem, talvez, quanto pelo seu.

Por apenas um instante, o rosto de Lestat pareceu novamente fatigado como se ele fosse o sonâmbulo que tinha sido na última vez em que se levantou. Mas num átimo sua vitalidade se recuperou, e ele prosseguiu, dirigindo-se a mim.

— E você, David, leve Merrick e saia agora para se alimentar e repor o que tiverem perdido. Ensine-lhe, David, o que ela precisa aprender, embora eu creia que ela já esteja bem familiarizada com tudo. Acho que Louis, no pouco tempo que teve na noite de ontem, a instruiu muito bem. Eu tinha certeza de que Louis se ergueria do seu silêncio solene para protestar contra a atitude dominadora de Lestat, mas ele não fez nada que se assemelhasse. Com efeito, detectei nele uma autoconfiança visível que não possuía no passado.

— E, faça isso, dê-me tudo o que puder — disse ele num tom grave e vigoroso. — E Merrick? Você vai querer dar seu sangue poderoso também a ela?

Lestat ficou até mesmo surpreso com uma vitória tão fácil. Levantou-se. Eu peguei Merrick pela mão e me preparei para sair.

— Vou — respondeu Lestat, afastando o cabelo louro do rosto. — Vou dar meu sangue a Merrick, se Merrick quiser. Merrick, é isso o que eu quero mais que qualquer outra coisa, eu lhe garanto. Mas a escolha é sua se vai aceitar ou não o Dom das Trevas de mim mais uma vez. Uma vez que você beba do meu sangue, passará a ser tão forte quanto David e Louis. Uma vez que você beba de mim, nós todos estaremos à altura uns dos outros. E é esse exatamente meu

desejo.

— E, e eu vou querer — respondeu ela. — Mas preciso caçar primeiro, não é mesmo? — Ele fez que sim e, com um gesto discreto e eloquente, indicou que deveríamos sair para deixá-lo a sós com Louis.

Rapidamente levei-a comigo pela escada de ferro abaixo, saímos e nos afastamos do Quarter.

Caminhávamos em silêncio a não ser pelo estalido sedutor dos saltos altos na calçada. Logo chegamos ao bairro depauperado e aviltado onde ficava sua antiga casa.

No entanto, não fomos para sua casa. Seguimos adiante.

Finalmente, uma risada agradável escapou dos seus lábios, e ela me fez parar tempo suficiente para me dar um beijo no rosto. Merrick tinha algo a dizer, mas foi interrompida.

Um grande automóvel americano vinha se aproximando de nós lentamente, e podíamos ouvir por trás das janelas de vidro espesso o baixo profundo do rádio e as palavras antipáticas de uma música cheia de ódio. Lembrava grande parte da música moderna, uma barulhada destinada a enlouquecer seres humanos.

O automóvel parou apenas alguns metros adiante, e nós continuamos a andar. Eu sabia que os dois mortais no veículo pretendiam nos ferir. Entoei seu canto fúnebre. Talvez eu tenha sorrido. É sinistro, mas acho que sorri.

O que eu não esperava era o súbito estalo de uma arma e a trajetória luminosa de uma bala diante dos meus olhos. O riso de Merrick soou novamente, pois ela também tinha visto o arco brilhante à nossa frente.

Abriu-se a porta do carro, e uma forma escura saiu na direção de Merrick. Ela se voltou, estendendo os braços finos para acolhê-lo, e apanhou a vítima ainda em movimento. Vi o homem ficar paralisado quando ela fincou os dentes. Vi-o perder as forças. Vi que os braços dela sustentavam o peso do homem com facilidade. Senti o cheiro do sangue, e eu não era nada a não ser o vampiro.

O motorista desceu do carro, abandonando o motor ligado e indignado com o malogro do esqueminha de estupro ou assalto. Mais uma vez, o forte disparo da arma, mas a bala se perdeu na escuridão.

Corri para o assaltante e o apanhei com a mesma simplicidade com que ela apanhara sua presa. Meus dentes foram rápidos; e o sabor do sangue, magnífico. Nunca bebi com tanta voracidade, com tanta pressão. Nunca me demorei, nadando em busca de momentos elásticos nos sonhos e lembranças desesperadas desse indivíduo infeliz antes de em silêncio lançar seu corpo para longe de mim, para onde não fosse visto, no meio do capim alto de um terreno baldio.

Ligeira, Merrick depositou sua vítima moribunda no mesmo trecho coberto de mato alto.

— Você curou as marcas das picadas? — indaguei. — E o fez de um modo que não deixasse vestígios de como ele morreu?

— Claro que sim — respondeu ela.

— Por que você não o matou? — perguntei. — Deveria tê-lo deixado morto.

— Depois que eu beber de Lestat, vou poder matá-los — respondeu ela. — Além do mais, ele não tem como sobreviver. Já estará morto quando nós dois chegarmos ao apartamento.

Voltamos para casa.

Ela caminhava ao meu lado. Eu me perguntava se ela sabia o que eu estava sentindo. Sentia que a havia traído e destruído. Achava que lhe havia feito todo mal concebível que jurara evitar. Quando examinei em retrospectiva nosso plano de que ela invocasse um espírito para mim e para Louis, vi ali a origem de tudo o que acabara ocorrendo. Eu estava alquebrado, um homem humilhado pelo seu próprio fracasso e entregue a ele com a fria submissão de um vampiro, que consegue coexistir de modo tão terrível com a dor humana.

Quis lhe dizer como eu lamentava que ela não tivesse vivido a plena medida da sua vida mortal. Quis lhe dizer que o destino a designara para grandes realizações, talvez, e que eu tinha interrompido esse destino com meu egoísmo imprudente, com um ego que não pôde ser refreado.

Mas por que eu iria estragar aqueles momentos preciosos para ela? Por que encobrir com uma mortalha todo o esplendor que ela via ao redor, seus olhos de vampiro banqueteados com tudo o que víamos, da mesma forma que ela mesma se havia banqueteados? Por que privá-la das poucas noites de virgindade nas quais a força e a ameaça pareceriam sagradas e justas? Por que tentar mudar aquilo com tristeza e dor? Em breve chegaria a vez delas.

Talvez ela tenha lido meus pensamentos. Eu sem dúvida nada fiz para impedi-la. Mas, quando falou, nas suas palavras não havia sinal disso.

— A vida inteira — disse ela, com uma voz terna, de confidências — senti medo como a criança e a mulher devem sentir. Naturalmente, eu mentia a respeito. Eu me imaginava uma bruxa e caminhava pelas ruas escuras para me punir por essas dúvidas. Mas eu sabia o que significava sentir medo.

“E agora, nesta escuridão, não temo nada. Se você me deixasse aqui, eu não sentiria nada. Caminharia como estou caminhando agora. Como homem, você não pode saber o que estou querendo dizer com essas palavras. Não tem como conhecer a vulnerabilidade de uma mulher. Não tem como avaliar a sensação do poder que agora me pertence.”

— Acho que tenho uma noção disso — respondi em tom conciliador. — Eu fui velho, você deve se lembrar. E, quando eu era velho, conheci um medo que nunca tinha sentido quando jovem.

— É, então você talvez entenda mesmo a desconfiança que a mulher sempre traz no coração. Então, você conhece mesmo a força que me parece tão maravilhosa agora.

Passi meu braço em torno dela. Fiz com que se virasse delicadamente para me beijar e senti nos meus lábios sua fria pele sobrenatural. Seu perfume agora parecia algo estranho a ela, que no fundo não lhe pertencia, embora ainda fosse doce e permeasse as longas madeixas escuras que eu afagava com tanto carinho, com as duas mãos.

— Saiba que a amo — disse eu, e na minha voz eu ouvia o terrível remorso, a terrível súplica por uma penitência.

— Você não entende que vou estar ao seu lado para sempre? — perguntou

ela. — Por que qualquer um de nós haveria de se separar dos outros?

— Acontece. Com o tempo, acontece — respondi. — Não me pergunte o porquê.

Aos poucos, nossas perambulações nos levaram à casa de Merrick.

Ela entrou sozinha, pedindo-me que esperasse com paciência; e saiu carregando sua velha e conhecida bolsa de lona. Meus sentidos aguçados detectaram um cheiro estranho que provinha da bolsa, algo acre e químico, algo completamente diferente de tudo o que eu conhecia.

Esse cheiro realmente não me importava. E, enquanto nós dois continuávamos a andar, eu me esqueci dele, me acostumei a ele ou simplesmente parei de percebê-lo. Não me interessavam mistérios menores. Minha aflição e minha felicidade eram por demais imensas.

Quando voltamos ao apartamento, encontramos Louis ainda mais uma vez dramaticamente transformado.

Sentado novamente tranqüilo na sala de estar dos fundos, com Lestat ao seu lado, ele agora estava tão descorado e esculpido pelo aumento de sangue que parecia, como seu criador, um objeto de mármore, não de carne e osso. Seria obrigado a pulverizar cinzas nas palmas das mãos se quisesse frequentar locais iluminados.

Seus olhos tinham um brilho ainda maior do que o que eu tinha observado antes. Mas e sua alma? O que ele teria a nos dizer? Será que ele era o mesmo ser no íntimo?

Apanhei uma cadeira, como fez Merrick, deixando a bolsa de lona junto aos pés. E acho que nós dois concordamos em esperar que Louis falasse.

Depois de um bom tempo, ainda estávamos juntos, ainda esperando. Os olhos de Lestat a toda hora voltando a Merrick, com uma fascinação compreensível. E então Louis finalmente começou a falar.

— Do fundo do coração agradeço a todos vocês terem me trazido de volta. — Era a velha cadência, a velha sinceridade. Talvez houvesse um pouco da velha timidez também. — Em toda a minha longa vida entre os mortos-vivos, procurei por algo que cheguei a acreditar que nunca viria a possuir. Há mais de um século, fui ao Velho Mundo, em busca disso. E depois de uma década eu me encontrava em Paris, ainda procurando.

Ele prosseguiu, com o tom da voz imbuído de sentimento.

— O que eu procurava era um lugar, algum lugar em que eu fizesse parte de algo maior do que eu. Tratava-se de ser diferente de um perfeito proscrito. Tratava-se de estar com outros que me incluíssem num grupo ao qual eu realmente pertencesse. Mas em parte alguma encontrei isso, até agora.

Ele lançou para mim um olhar expressivo, e depois para Merrick; e eu vi o amor subir aquecendo-lhe o rosto.

— Agora sou tão forte quanto você, David. E logo Merrick também será. — Ele voltou os olhos firmes para Lestat. — Estou quase tão forte quanto você, meu querido Criador. Para o que der e vier, sinto que agora sou um de vocês.

Do seu rosto de um branco reluzente, veio então um longo suspiro, que era bem característico dele e sempre tinha sido.

— Pensamentos — disse ele —, eu os ouço. Música ao longe, eu ouço. O ir

e vir das pessoas nas ruas lá fora, eu ouço. Capto seu cheiro, e ele é agradável e bem-vindo. Olho para a noite lá fora, e vejo longe.

Um enorme alívio, cheio de assombro, me dominou. Esforcei-me por expressá-lo nos meus gestos e na expressão amorosa no meu rosto.

Senti que Merrick compartilhava dele. Seu amor por Louis era palpável. Era infinitamente mais agressivo e exigente que o amor que ela sentia por mim.

Lestat, talvez um pouco enfraquecido por tudo o que havia suportado, pelo longo jejum dos meses anteriores, apenas fez que sim diante dessas palavras.

Olhou na direção de Merrick como se tivesse uma tarefa a cumprir, e eu mesmo esperava ansioso que ela se realizasse. Seria difícil ver Lestat tomar Merrick nos braços. Talvez fosse em particular, como tinha sido a troca de sangue com Louis. Eu estava pronto para ser despachado de novo a passear, entregue apenas aos meus pensamentos, pela noite afora.

Mas percebi que nosso pequeno grupo não estava de modo algum pronto para se dispersar.

Merrick inclinou-se para a frente na sua poltrona. Deixou bem claro que pretendia se dirigir a todos nós.

— Tenho algo que precisa ser dito — começou ela, com os olhos em mim em respeitosa hesitação por um bom tempo antes de olhar para os outros dois. — Louis e David estão se sentindo muito culpados por eu agora ser uma de vocês. E talvez também na sua mente, Lestat, haja algumas perguntas.

“Ouçam o que tenho a dizer, portanto, pelo bem de todos vocês, e decidam quais sentimentos desejam ter depois de conhecer as partes principais da história. Estou aqui porque assim resolvi há muito tempo.

“Faz anos que David Talbot, nosso amado superior geral, desapareceu do abraço protetor da Talamasca, e eu de modo algum fui apaziguada por mentiras sobre como ele teria chegado ao final de sua vida mortal.

“Como David sabe, descobri os segredos da troca de corpos que tirara David do seu corpo idoso, no qual eu sempre o amara de todo o coração. Mas eu não precisava de uma narrativa secreta escrita pelo meu amigo Aaron Lightner para me dizer o que havia acontecido com a alma de David.

“Eu soube a verdade quando tomei um voo até Londres, após a morte daquele corpo idoso, aquele corpo que chamávamos de David Talbot, para prestar minha última homenagem, sozinha com o corpo no caixão antes que ele fosse lacrado para sempre. No momento em que toquei o corpo, eu soube que David não tinha morrido nele, e naquele instante singular minhas ambições tiveram início.

“Pouquíssimo tempo depois, encontrei os documentos de Aaron Lightner, que deixavam claro que David de fato tinha sido a feliz vítima de uma Troca Faustiana; e que algo imperdoável aos olhos de Aaron levava David, no corpo jovem, para fora deste mundo.

“E claro que eu sabia que tinham sido os vampiros. Não precisava de lendas populares que mascaram os fatos para imaginar como Lestat afinal impusera sua vontade a David.

“Mas, na ocasião em que li aquelas páginas curiosas, com todos os seus eufemismos e iniciais, eu já tinha lançado um feitiço poderoso e antiquíssimo. E o

fizera para trazer David Talbot, fosse ele o que fosse — rapaz, vampiro, até mesmo fantasma — de volta a mim, de volta ao carinho do meu afeto, de volta ao seu antigo senso de responsabilidade por mim, de volta ao amor que um dia havíamos compartilhado.”

Ela parou de falar, enfiou a mão na bolsa e extraiu dela um pequeno embrulho envolto em tecido. Veio então novamente o cheiro acre, que eu não conseguia identificar; e ela abriu o pano para revelar o que parecia ser uma mão humana amarelada e algo embolorada.

Não se tratava daquela velha mão enegrecida que eu mais de uma vez tinha visto no seu altar. Era algo sem dúvida de morte mais recente, e eu me dei conta daquilo que minhas narinas não tinham conseguido me dizer. Antes de ser decepada, a mão tinha sido embalsamada. Era o fluido que causava o leve odor fétido. Mas o fluido já havia muito tempo tinha secado, deixando a mão como estava, sólida, encolhida e encarquilhada.

— Você a reconhece, David? — perguntou-me ela, em tom grave. Senti um calafrio enquanto olhava fixamente para ela.

— Retirei-a do seu corpo, David — disse ela. — Retirei-a porque não queria deixá-lo ir embora.

Lestat deu um risinho terno e cheio de prazer descontraído. Acho que Louis estava estupefato demais para falar.

Quanto a mim, eu não podia dizer nada. Só olhava fixamente para a mão.

Na palma estava inscrita toda uma série de pequenas palavras. Eu sabia que o idioma era o copta, que eu não sabia ler.

— É um antigo feitiço, David. Ele o obriga a voltar para mim e obriga os espíritos que me dão ouvidos a trazê-lo na minha direção. Eles são forçados a encher seus sonhos e suas horas despertas com pensamentos sobre mim. À medida que o feitiço vai se fortalecendo, ele expulsa todas as outras considerações, restando finalmente uma única obsessão, a de vir a mim, e nada mais interessa.

Agora era a vez de Louis virar-se para um pequeno sorriso de reconhecimento. Lestat recostou-se, apenas contemplando o extraordinário objeto com uma sobrecancelha erguida e um sorriso pesaroso.

Abanei a cabeça.

— Isso eu não aceito! — murmurei.

— Você não tinha a menor chance contra o feitiço, David — insisti ela. — Você não tem culpa, nenhuma culpa, da mesma forma que Louis não tem culpa pelo que acabou me acontecendo.

— Não, Merrick — disse Louis, com delicadeza. — Conheci muito amor genuíno na minha vida para duvidar do que sinto por você.

— E o que dizem essas garatujas? — perguntei, zangado.

— O que dizem é um trecho do que recitei inúmeras vezes enquanto invocava meus espíritos, os próprios espíritos que invoquei para você e para Louis no outro dia. O que dizem é:

“Eu lhes ordeno que lhes inundem a alma, a mente, o coração, com desejo por mim; que assolem seus dias e suas noites com um anseio implacável e torturante por mim; que invadam seus sonhos com imagens de mim; que façam

com que nada que ele coma ou beba o satisfaça enquanto ele pensar em mim, até que ele retorne a mim, até que esteja na minha presença, até que eu possa usar nele todos os poderes de que disponho quando estivermos falando um com o outro. Que nem por um momento ele fique tranqüilo, que nem por um momento ele se volte em outra direção.”

— Não foi assim — insisti.

Ela prosseguiu, com a voz mais baixa, mais gentil.

— Que ele seja um escravo para mim; que ele seja o servo fiel dos meus desígnios; que ele não tenha nenhum poder para renegar o que confiei a vocês, meus espíritos poderosos e fiéis. Que ele realize o destino que eu escolho por minha própria vontade.

Ela deixou o silêncio encher de novo a sala. Eu não ouvia nada por enquanto, a não ser um riso baixo e discreto de Lestat.

Mas não era de zombaria, esse riso. Era uma simples manifestação de espanto; e depois Lestat falou.

— Quer dizer que vocês estão absolvidos, cavalheiros — disse ele. — Por que não aceitam isso? Não aceitam esse fato como um presente perfeitamente inestimável que Merrick tem o direito de dar?

— Nada jamais poderá me absolver — disse Louis.

— Que a escolha seja sua, então, de vocês dois — respondeu Merrick — se quiserem acreditar que são responsáveis. E isto aqui, este resto do seu corpo, David, vou devolver à terra. Mas, antes de encerrar o assunto, para o coração de vocês dois, permitam-me dizer que o futuro foi previsto.

— Por quem? Como? — perguntei.

— Por um velho — disse ela, dirigindo-se a mim especificamente — que costumava ficar sentado na sala de jantar da minha casa, escutando a missa de domingo pelo rádio, um velho com um relógio de bolso de ouro, que eu cobiçava, um relógio que ele me disse simplesmente não estar batendo para mim.

Estremeci.

— Oncle Vervain — murmurei.

— Essas foram as únicas palavras dele a esse respeito — disse ela, com uma doce humildade. — Mas ele me mandou para as selvas da América Central para encontrar a máscara que eu usaria para despertar Claudia. Antes ele me enviara, com minha mãe e minha irmã, para encontrar o perfurador com o qual eu rasgaria o pulso de Louis para obter seu sangue, não só para eu despertar um espírito, mas para o feitiço com o qual eu traria Louis a mim.

Os outros nada disseram. Mas Louis e Lestat a compreenderam. E foi o desenho, o desenho emaranhado que me convenceu a aceitá-la totalmente, em vez de mantê-la à distância, a comprovação da minha terrível culpa.

Agora estava quase amanhecendo. Restavam-nos apenas umas duas horas. Lestat queria esse tempo para transmitir seu poder a Merrick.

Mas, antes de nos dispersarmos, Lestat voltou-se para Louis e fez uma pergunta que interessava a todos nós.

— Quando o sol nasceu — disse ele —, quando você o viu, quando ele o queimou, antes de perder a consciência, o que você viu?

Louis olhou para Lestat por alguns minutos, com o rosto sem expressão,

como sempre fica quando está num estado de emoção exacerbada; e então suas feições se suavizaram, as sobrancelhas se uniram e vieram as temidas lágrimas aos olhos.

— Nada — disse ele. Baixou a cabeça, mas voltou a olhar para cima, em desamparo. — Nada. Não vi nada e senti que não havia nada. Foi o que senti: vazio, incolor, atemporal. Nada. Parecia irreal que eu um dia tivesse vivido sob qualquer forma que fosse. — Seus olhos estavam bem fechados, e ele ergueu a mão para esconder o rosto de nós. Estava chorando. — Nada — repetiu. — Absolutamente nada.



NENHUMA QUANTIDADE DE SANGUE DE LESTAT PODERIA TORNAR MERRICK sua igual. Nenhuma quantidade poderia tornar qualquer um de nós seu igual. Mas, pela implacável troca de sangue, Merrick foi imensamente beneficiada.

E assim formamos um novo Conciliábulo, animados e felizes com a companhia uns dos outros, e perdoando-nos mutuamente todos os pecados anteriores. A cada hora que passava, Lestat voltava cada vez mais a ser a criatura de ação e impulso de outrora que eu havia amado por tanto tempo.

E eu acredito que Merrick me atraiu para si com um feitiço? Não. Não acredito que minha razão seja assim tão suscetível, mas como posso entender os desígnios de Oncle Vervain?

Com total determinação, afastei do meu pensamento essas questões e me dediquei a Merrick com a mesma sinceridade de sempre, muito embora precisasse suportar a visão do seu fascínio por Louis, e do fascínio que ele sentia por ela.

Eu tinha Lestat novamente, não é mesmo?

Foi duas noites depois — noites sem acontecimentos ou realizações notáveis, à exceção da experiência cada vez maior de Merrick — que eu fiz a Lestat a pergunta que tanto me havia perturbado durante seu longo sono.

Foi na sala de visitas da frente na Rue Royale, com sua decoração primorosa. Ele estava maravilhoso no paletó de veludo negro de corte impecável, com botões de camafêu, nada menos, e seu belo cabelo louro reluzia como deveria à luz familiar dos numerosos abajures.

— Seu longo sono me assustou — confessei. — Houve horas em que eu poderia ter jurado que você não estava mais no corpo. É claro que estou falando de uma forma de audição que me é vedada por ser sua cria. Mas falo de um instinto humano em mim que ainda é bem forte.

Passei ao relato de como fiquei totalmente perturbado de vê-lo desse jeito, de não conseguir despertá-lo, e de temer que sua alma tivesse se habituado a vagar e pudesse não retornar.

Ele permaneceu em silêncio por alguns instantes, e por um átimo acreditei ter visto uma sombra lhe encobrir o rosto. E então ele me deu um sorriso caloroso e fez um gesto para eu não me preocupar mais.

— Talvez uma noite dessas eu lhe fale a respeito disso, David. Por enquanto, devo dizer que há alguma verdade nas suas conjecturas. Nem sempre

eu estava ali. — Calou-se, pensando, até mesmo murmurando algo que eu não conseguia ouvir. Depois, prosseguiu. — Quanto ao lugar onde eu estava, não posso explicar agora. Mas, da mesma forma, talvez uma noite dessas, a você, mais do que a todos os outros, eu tente explicar.

Minha curiosidade foi terrivelmente atçada, e por um instante ele me deixou transtornado mas, quando começou a rir de mim, eu permaneci em silêncio.

— Não vou voltar ao meu sono — disse ele, por fim. Seu ar era perfeitamente sóbrio e convincente. — Quero que vocês todos tenham certeza disso. Já se passaram anos desde que Memnoch me procurou. Pode-se dizer que gastei toda a minha reserva para enfrentar aquela provação terrível. Quanto à ocasião em que fui despertado antes pela música de Sybelle, eu estava mais próximo de todos vocês ali do que vim a estar algum tempo depois.

— Você está me provocando com sugestões de que algo lhe aconteceu, Lestat.

— Talvez tenha acontecido — respondeu ele, com suas hesitações e seu tom brincalhão me deixando furioso. — Talvez não. David, como posso saber? Tenha paciência. Agora temos um ao outro novamente, e Louis deixou de ser o símbolo da nossa insatisfação. Acredite em mim, isso me deixa feliz.

Sorri e assenti, mas a simples recordação de Louis me trazia à mente a imagem horrenda dos seus restos carbonizados no caixão. Aquela era a prova inquestionável de que a tranqüila e onipotente glória do sol de todos os dias nunca mais voltaria a brilhar sobre mim. Era a prova cabal de que podemos perecer com tanta facilidade, de que todo o mundo mortal é um inimigo letal durante as horas entre o amanhecer e o entardecer.

— Perdi muito tempo — observou Lestat, no seu costumeiro estilo vigoroso, com os olhos percorrendo a sala. — São muitos os livros que pretendo ler e as coisas que pretendo ver. O mundo está novamente ao meu redor. Estou agora no meu chão.

Imagino que poderíamos ter passado uma noite tranqüila depois disso, nós dois lendo, nós dois apreciando o consolo daqueles quadros impressionistas exuberantemente domésticos, se Merrick e Louis não tivessem subido pela escadaria de ferro e chegado pelo corredor à sala da frente de modo tão súbito.

Merrick não tinha abdicado da sua queda por vestidos de cintura marcada e estava esplêndida numa seda verde-escura. Vinha na frente, com Louis, mais discreto, atrás dela. Os dois se sentaram no sofá de brocado em frente a nós, e de pronto Lestat perguntou.

— O que houve?

— A Talamasca — disse Merrick. — Acho prudente sairmos de Nova Orleans. Creio que deveríamos fazer isso imediatamente.

— Isso não faz o menor sentido — retrucou Lestat, direto. — Não quero saber disso. — No mesmo instante, seu rosto estava corado e expressivo. — Nunca tive medo de mortais na minha vida. Não tenho medo da Talamasca.

— Talvez devesse ter — disse Louis. — Você precisa ouvir a carta que Merrick recebeu.

— O que você quer dizer com “recebeu”? — perguntou Lestat, irritado. —

Merrick, você não voltou para a casa matriz! Sem dúvida você sabia que não se pode fazer uma coisa dessas.

— É claro que não voltei, e minha lealdade a vocês todos é total. Não a questione — retrucou ela. — Mas deixaram esta carta na minha velha casa em Nova Orleans. Encontrei-a esta noite, não gostei dela e acho que é hora de reconsiderarmos tudo, muito embora vocês possam atribuir a culpa a mim.

— Não vou reconsiderar nada — disse Lestat. — Pode ler.

Assim que ela a tirou da bolsa de lona, vi que era uma missiva dos Anciãos, entregue em mão. Fora escrita em pergaminho verdadeiro destinado a sobreviver a séculos, muito embora uma máquina decerto a imprimira, pois quando foi que os Anciãos escreveram alguma coisa de próprio punho?

“Merrick,

Soubemos com grande consternação das suas recentes experiências na velha casa em que nasceu. Ordenamos que deixe Nova Orleans com a máxima rapidez possível. Não troque mais palavras com seus companheiros na Talamasca, nem com essa companhia exclusiva e perigosa que obviamente a seduziu, e venha direto a nós em Amsterdã.

Seu quarto já está arrumado para você na casa matriz, e esperamos que você obedeça a essas instruções.

Por favor, compreenda que, como sempre, queremos aprender com você acerca das suas recentes e imprudentes experiências, mas não pode haver nenhum equívoco quanto a nossas advertências. Você deverá romper relações com aqueles que nunca poderão ter nossa sanção e deverá vir nos procurar imediatamente.”

Ela pôs a carta no colo.

— Traz o sinete dos Anciãos — disse ela. Pude ver nitidamente o lacre de cera.

— Por que vamos nos importar com o fato de ter seu sinete? — perguntou Lestat. — Ou o sinete de qualquer outra pessoa? Eles não podem forçá-la a ir a Amsterdã. Por que você sequer cogita uma idéia dessas?

— Tenha paciência comigo — respondeu ela, de pronto. — Não estou cogitando nada semelhante. O que estou dizendo é que estivemos sendo observados meticulosamente.

Lestat abanou a cabeça.

— Nós sempre fomos meticulosamente vigiados. Eu me disfarcei como um dos meus próprios personagens por mais de uma década. De que me importa se sou vigiado? Desafio qualquer um a me atacar. Ao meu estilo, sempre desafiei. E raramente... raramente... me enganei.

— Mas, Lestat — disse Louis, inclinando-se para a frente e o encarando nos olhos. — Isso significa que a Talamasca acredita ter obtido uma visão de nós, de David e de mim, na casa de Merrick. E isso é perigoso, perigoso porque pode criar inimigos para nós entre aqueles que realmente acreditam no que somos.

— Eles não acreditam — declarou Lestat. — Ninguém acredita. É isso o que sempre nos protege. Ninguém, além de nós mesmos, acredita no que somos.

— Você está enganado — disse Merrick antes que eu pudesse me manifestar. — Eles realmente acreditam em você.

— E assim “eles observam e estão sempre presentes” — disse Lestat,

zombando do velho lema da Ordem, o próprio lema impresso nos cartões de visita que eu portava no passado quando caminhava pela terra como um homem normal.

— Mesmo assim — disse eu, rápido —, deveríamos partir por enquanto. Não podemos voltar à casa de Merrick, nenhum de nós. E aqui na Rue Royale, não podemos permanecer.

— Eu me recuso a ceder a eles — disse Lestat. — Eles não vão me dar ordens nesta cidade que me pertence. Durante o dia, dormimos escondidos. Pelo menos, vocês três preferem dormir escondidos, mas a noite e a cidade nos pertencem.

— Como assim, a cidade nos pertence? — perguntou Louis com uma inocência quase comovente.

Lestat o interrompeu com um gesto de desdém.

— Há duzentos anos eu moro aqui — disse ele, numa voz baixa, eloquente. — Não vou embora por causa de uma Ordem de estudiosos. David, quantos anos faz que eu fui visitá-lo na casa matriz em Londres? Nunca tive medo de você. E o desafiei com minhas perguntas. Exigi que você criasse uma pasta separada para mim nos seus arquivos volumosos.

— É, Lestat, mas acho que agora as coisas podem ser diferentes. — Eu olhava atentamente para Merrick. — Querida, você nos contou tudo? — perguntei.

— Conte — disse ela, olhando para a frente como se estivesse examinando as entranhas do problema. — Já lhes disse tudo, mas a verdade é que isso foi escrito há alguns dias. E agora tudo mudou. — Ela olhou finalmente para mim. — Se estamos sendo vigiados, como suspeito que estamos, então eles já sabem o quanto tudo mudou.

Lestat pôs-se de pé,

— Não tenho medo da Talamasca — afirmou ele, com forte ênfase. — Não tenho medo de ninguém. Se a Talamasca me quisesse, poderia ter vindo me apanhar durante todos os anos em que dormi na poeira no convento de St. Elizabeth.

— Mas, veja bem, é essa a questão — disse Merrick. — Eles não queriam você. Queriam observá-lo. Queriam estar por perto, como sempre, a par de conhecimentos que ninguém mais possuía, mas não queriam tocá-lo. Não queriam atrair seus poderes consideráveis, Lestat, contra eles mesmos.

— Ah, belas palavras — disse ele. — Disso eu gostei. Meus poderes consideráveis. Seria bom que eles pensassem nisso.

— Por favor, eu lhe imploro — disse eu. — Não ameace a Talamasca.

— E por que não ameacá-los? — perguntou-me ele.

— Você não pode estar pensando a sério em fazer algum mal a membros da Talamasca — disse eu, num tom um pouco áspero, de tanta preocupação. — Você não pode fazer isso por respeito a Merrick e a mim.

— Vocês estão sendo ameaçados, não estão? — perguntou Lestat. — Todos nós estamos sendo ameaçados.

— Mas você não entende — disse Merrick. — É perigoso demais você fazer algo contra a Talamasca. Eles são uma organização enorme, uma

organização antiga...

— Não me importo — disse Lestat.

— ... e realmente sabem o que você é — retrucou ela.

— Lestat, sente-se de novo, por favor — disse Louis. — Você não está vendo o ponto principal? Não se trata apenas da considerável idade e poder deles. Não se trata simplesmente dos seus recursos. Trata-se de quem eles realmente são. Eles têm conhecimento de nós, podem resolver interferir nos nossos assuntos. Podem resolver nos causar um mal enorme aonde quer que possamos ir, em qualquer parte do mundo.

— Você está sonhando, meu belo amigo — disse Lestat. — Pense no sangue que compartilhei com você. Pense nisso, Merrick. E pensem na Talamasca e nos seus métodos pesados. O que a Ordem fez quando perdeu Jesse Reeves? Não houve ameaças naquela época.

— Eu penso mesmo nos métodos deles, Lestat — disse Merrick, com veemência. — E creio que deveríamos sair daqui. Deveríamos levar conosco todas as provas que seriam úteis para as investigações dele. Deveríamos ir.

Lestat olhou com raiva para cada um de nós e depois saiu furioso do apartamento.

Ao longo de toda aquela noite, não soubemos onde ele estava. Conhecíamos seus sentimentos, sim. Nós os entendíamos e os respeitávamos; e de algum modo resolvemos tacitamente fazer o que ele dissesse. Se tínhamos um líder, era Lestat. À medida que o amanhecer se aproximou, tomamos extremo cuidado para chegar aos nossos esconderijos. Compartilhávamos o sentimento de que não estávamos mais ocultos no meio da multidão.

Após o pôr-do-sol, na noite seguinte, Lestat voltou ao apartamento na Rue Royale.

Merrick tinha descido para receber mais uma carta de uma entrega especial, uma carta que eu temia. E Lestat apareceu na sala da frente do apartamento pouco antes de Merrick voltar.

Lestat estava despenteado, impetuoso e irritado, e caminhava com passos ruidosos, um pouco como se fosse um arcanjo à procura de uma espada perdida.

— Por favor, controle-se — disse-lhe eu, categórico. Ele me encarou, encolerizado, mas sentou-se numa poltrona e, olhando furioso de mim para Louis, esperou que Merrick entrasse na sala.

Final, Merrick apareceu, com o envelope aberto e o papel pergaminho na mão. Só posso descrever a expressão no seu rosto como perplexidade, e ela me procurou antes de olhar de relance para os outros e então voltou a procurar meus olhos.

Paciente, com um gesto para que Lestat se mantivesse quieto, observei-a tomar assento no sofá de damasco, ao lado de Louis. Não pude deixar de perceber que ele não tentou de modo algum ler a carta por cima do seu ombro. Apenas esperou, mas estava tão ansioso quanto eu.

— É tão extraordinário — disse ela, hesitante. — Nunca ouvi dizer que os Anciãos tomassem uma atitude dessas.' Nunca soube de ninguém na nossa Ordem que fosse tão explícito. Conheço os estudos aprofundados. Conheço a observação. Conheço inúmeros relatos sobre fantasmas, bruxaria, vampiros, é,

até mesmo vampiros. Mas nunca vi nada semelhante.

Ela abriu a página única e, com uma expressão atordoada, leu em voz alta.

“Sabemos o que vocês fizeram a Merrick Mayfair. Recomendamos agora que Merrick Mayfair nos seja devolvida. Não aceitaremos explicações, pretextos, nem desculpas. Não pretendemos ter entendimentos quanto a este assunto. Merrick Mayfair deve voltar, e não aceitaremos nada que não seja sua volta.”

Lestat riu baixinho.

— O que eles acham que você é, *chérie*, para virem nos dizer que devemos entregá-la a eles? Acham que você é uma pedra preciosa? Ora essa, esses estudiosos antiquados são uns misóginos. Eu mesmo nunca fui tão grosseiro.

— O que mais ela diz? — perguntei, rápido. — Você não leu tudo. — Ela pareceu despertar do atordoamento, e olhou novamente para o papel.

“Estamos dispostos a abandonar nossa postura passiva de séculos no que diz respeito à sua existência. Estamos dispostos a declará-los um inimigo que deve ser exterminado a qualquer preço. Estamos dispostos a usar nossos consideráveis recursos e poder para garantir que vocês sejam destruídos.

Atendam nosso pedido, e nós toleraremos sua presença em Nova Orleans e nas cercanias. Retornaremos a nossas observações inócuas. Porém, se Merrick Mayfair não voltar imediatamente à casa matriz chamada Oak Haven, tomaremos medidas para torná-los alvo de perseguição em qualquer parte do mundo aonde possam ir.”

Só agora o rosto de Lestat perdia a expressão de raiva e desdém. Só agora ele se acalmava, pensativo, o que não interpretei de modo algum como um bom sinal.

— Muito interessante mesmo — disse ele, erguendo as sobrancelhas. — No fundo, muitíssimo interessante.

Um longo silêncio dominou Merrick, e nesse meio tempo creio que Louis fez alguma pergunta sobre a idade dos Anciãos, sua identidade, tocando em pontos dos quais eu nada sabia e sobre os quais tinha sérias dúvidas. Creio que consegui lhe transmitir que ninguém dentro da Ordem sabia quem eram os Anciãos. Houve épocas em que a própria comunicação com eles havia sido fraudada, mas em geral eles comandavam a Ordem. Era um sistema autoritário e sempre havia sido desde suas origens nebulosas, sobre as quais sabíamos pouquíssimo, mesmo aqueles de nós que tinham passado a vida entre os muros da Ordem.

Finalmente Merrick falou.

— Você não percebe o que aconteceu? — disse ela. — Com todo o meu planejamento egoísta, acabei desafiando os Anciãos.

— Não foi você sozinha, minha querida — acrescentei, ligeiro.

— Não, claro que não — disse ela, ainda com a expressão de pasmo —, mas só na medida em que fui responsável pelos feitiços. Só que nestas últimas noites, avançamos tanto que eles não podem mais nos ignorar. Há muito tempo, foi Jesse. Depois, David, e agora é Merrick. Vocês não estão vendo? Sua longa atenção intelectual dedicada aos vampiros levou a tragédias, e agora eles se sentem desafiados a fazer alguma coisa que, ao que nos seja dado saber, nunca

fizeram antes.

— Não vai dar em nada — disse Lestat. — Podem escrever o que digo.

— E os outros vampiros? — perguntou Merrick, baixinho, olhando para ele enquanto falava. — O que nossos próprios anciãos dirão quando descobrirem o que foi feito aqui? Romances com capa bonita, filmes de vampiros, música assustadora, nada disso desperta um inimigo humano. Na realidade, eles proporcionam um disfarce flexível e reconfortante. Mas o que fizemos aqui incitou a Talamasca, e ela não está declarando guerra somente contra nós; está declarando guerra contra nossa espécie, e isso significa outros vampiros, será que você não entende?

Lestat parecia enfurecido e encurralado. Eu quase conseguia ver as pequenas engrenagens em funcionamento no seu cérebro. Sua expressão foi devagar adquirindo um ar totalmente hostil e malévolo, que eu sem dúvida tinha visto em anos passados.

— É claro que, se eu for até eles — disse Merrick —, se eu me entregar...

— Isso é inconcebível — disse Louis. — Até mesmo eles devem saber.

— Seria a pior atitude que você poderia tomar — aparteei.

— Colocar-se nas mãos deles? — perguntou Lestat, com sarcasmo. — Nestes nossos tempos de uma tecnologia que poderia provavelmente reproduzir suas células no seu próprio sangue num laboratório? Não. Inconcebível é a palavra.

— Não quero estar nas mãos deles — disse Merrick. — Não quero estar cercada por aqueles que levam uma vida que perdi totalmente. Isso nunca, nunca fez parte do meu plano.

— E isso não vai acontecer — disse Louis. — Você estará conosco, e nós vamos embora daqui. Deveríamos estar nos preparando, destruindo toda e qualquer prova que lhes permita defender seus desígnios junto aos subordinados.

— Será que os mais velhos vão entender por que eu não os procurei — perguntou ela —, quando descobrirem sua paz e solidão invadidas por um novo tipo de estudioso? Vocês não vêem o que está implícito?

— Você está subestimando a todos nós — disse eu, com calma. — Mas creio que estamos passando nossa última noite neste apartamento. E de todos esses objetos que nos proporcionaram tanto conforto estou me despedindo, como todos deveríamos nos despedir.

Olhamos para Lestat, cada um de nós, examinando seu rosto contraído, irado. Finalmente, ele falou.

— Você se dá conta, não é mesmo — perguntou-me, direto —, de que posso facilmente eliminar os próprios membros que fizeram as observações que agora nos estão ameaçando?

De imediato, Merrick protestou, e eu também. Era só uma questão de gestos desesperados, e então eu me permiti uma rápida súplica.

— Não faça isso, Lestat. Vamos embora daqui. Vamos matar-lhes a fê, não a eles. Como um pequeno exército em retirada, vamos incinerar todas as provas que poderiam se transformar em troféus para eles. Não posso suportar a idéia de me voltar contra a Talamasca. Não posso. O que mais posso dizer?

Merrick fez que sim, embora permanecesse calada.

Finalmente, Lestat manifestou-se.

— Muito bem — disse ele, com uma determinação vingativa. — Cedo diante de vocês todos porque os amo. Vamos embora. Vamos deixar esta casa que foi meu lar por tantos anos. Vamos deixar esta cidade que todos adoramos. Vamos deixar tudo isso e encontrar algum lugar onde ninguém consiga nos detectar no meio da multidão. Vamos fazer isso, mas eu lhes digo que essa decisão não me agrada, e que para mim os membros da Ordem, com essas mesmas comunicações perderam qualquer escudo protetor especial que um dia possam ter possuído.

Estava resolvido.

Começamos a trabalhar, velozes, em silêncio, certificando-nos de que nada restasse que pudesse conter o poderoso sangue que a Talamasca procuraria examinar assim que possível.

Logo o apartamento estava limpo de tudo o que pudesse ter sido usado como prova; e então nós quatro fomos à casa de Merrick para realizar a mesma limpeza meticulosa, queimando o vestido branco de seda da terrível sessão e destruindo também seus altares.

Precisei então voltar ao meu antigo escritório no convento de St. Elizabeth para queimar o conteúdo dos meus numerosos diários e ensaios, tarefa para a qual eu não tinha a menor disposição.

Foi cansativo, foi uma derrota, foi desmoralizante. Mas foi feito.

E assim, na noite seguinte, saímos de Nova Orleans. E muito antes do amanhecer, os três — Louis, Merrick e Lestat — foram na frente.

Fiquei na Rue Royale, na escrivaninha da sala dos fundos, para escrever uma carta àqueles em que no passado eu tanto confiara, aqueles que no passado eu amara com tanto carinho.

De próprio punho eu a escrevi, para que eles pudessem reconhecer que escrevê-la havia tido um significado especial para mim, se não para ninguém mais.

A meus queridos Anciãos, quem quer que realmente sejam,

Não foi uma atitude prudente sua enviar-nos cartas tão cáusticas e belicosas, e temo que uma noite dessas vocês possam — alguns de vocês

— ter de pagar caro pelo que fizeram.

Por favor, entendam, não se trata de um desafio. Estou partindo daqui. E, quando vocês tiverem obtido esta carta por meio dos seus procedimentos questionáveis, já estarei fora do seu alcance.

Mas saibam o seguinte. Suas ameaças instigaram tremendamente o orgulho suscetível do mais forte de nós, aquele que já há algum tempo os considerava seres fora do alcance da sua sofreguidão.

Com suas ameaças e palavras infelizes, vocês perderam o direito ao admirável santuário em que eram venerados. Agora, como qualquer outro mortal, homem ou mulher, vocês passam a ser terrivelmente vulneráveis diante daqueles que pretendiam aterrorizar.

Na realidade, vocês cometeram mais um erro deplorável, e eu os aconselho a refletir muito a respeito, antes de planejar qualquer ação futura no tocante aos segredos que compartilhamos.

Vocês se transformaram num interessante adversário para alguém que adora desafios, e será necessário que eu recorra a toda a minha considerável influência para protegê-los, individual e coletivamente, do desejo voraz que despertaram com tanta insensatez.

Reli tudo com atenção e estava apondo minha assinatura quando senti a mão fria de Lestat no meu ombro, apertando minha carne com firmeza.

Ele repetiu as palavras “um interessante adversário” e deu um risinho matreiro.

— Não lhes faça mal, por favor — murmurei.

— Ora, David — disse ele, cheio de confiança —, está na hora de ir embora daqui. Venha. Faça-me relatar meus passeios etéreos, ou quem sabe lhe contar alguma outra história.

Debrucei-me sobre o papel, terminando minha assinatura com cuidado, e me ocorreu que era incontável a quantidade de documentos que eu tinha escrito para a Talamasca, e dentro dela; e que mais uma vez, num documento desses, um documento que seria guardado nos seus arquivos, eu punha meu nome.

— Certo, amigo, estou pronto — disse eu. — Mas quero que me dê sua palavra. — Seguimos juntos pelo longo corredor até os fundos do apartamento, sua mão pesada mas bem-vinda no meu ombro, seus trajas e seu cabelo cheirando a vento.

— Temos histórias a escrever, David — disse ele. — Você não vai nos privar disso, não é mesmo? Sem dúvida, podemos prosseguir com nossas confissões e manter nosso novo esconderijo também.

— Ah, sim — respondi. — Isso se pode fazer. A palavra escrita nos pertence, Lestat. Isso não basta?

— Vou lhe dizer uma coisa, meu amigo — disse ele, parando na sacada dos fundos e lançando um olhar de relance pelo apartamento que tanto amara. — Vamos deixar nas mãos da Talamasca, está bem? Por você, vou me tornar a própria encarnação da paciência, prometo, a menos que eles se comprometam ainda mais. Não é justo?

— Bastante justo — respondi.

E assim encerro este relato de como Merrick Mayfair veio a ser uma de nós. Assim encerro o relato de como deixamos Nova Orleans e fomos nos perder no mundo lá fora.

E para vocês, meus irmãos e irmãs na Talamasca, bem como para uma multidão de outras pessoas, redigi esta narrativa.

16:30
domingo
25 de julho de 1999

ANNE RICE nasceu em Nova Orleans, cenário principal de suas obras, onde vive atualmente em uma casa centenária no Garden District, próxima ao cemitério Lafayette com seu marido, o poeta Stan Rice e seu filho, o também escritor Christopher. Formada em Artes e Criação Literária por Berkeley, publicou seu primeiro livro, o clássico *Entrevista com o vampiro*, em 1976. Escreve também sob os pseudônimos de Anne Rampling e A. N. Roquelaure. Da autora, a Rocco publicou *Entrevista com o vampiro*, *O vampiro Lestat*, *A rainha dos condenados*, *A história do ladrão de corpos*, *Memnoch*, *O vampiro Armand*, *Pandora*, *Vittorio*, *A hora das bruxas*, *Lasher*, *Taltos*, *A múmia*, *Chore para o céu* e *O servo dos ossos*.